

ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

ESTUDOS

SOBRE

GUERRA DA CAL

Incluem-se as comunicações
expostas durante o *Colóquio Guerra Da Cal*
com motivo do centenário do seu nascimento
Compostela, outubro de 2011

© José-Martinho Montero Santalha pelas “Palavras de abertura do Colóquio” [e deste livro].

© Joel Gomes pela conferência “Falou Ernesto Guerra Da Cal... e por “Produção bibliográfica de e sobre Ernesto Guerra Da Cal”.

© Carlos Durão pela conferência “Guerra Da Cal entre nós”, pelos “Apontamentos para uma biografia do Prof. Guerra a Cal”, pela “Breve antologia poética de Guerra Da Cal” e por “Algumas notícias”.

© Enric Ucelay-Dacal pela conferência “Uma lembrança em três episódios”.

© Xosé Luís Franco Grande pela conferência “A poesia de Guerra Da Cal”.

© José Luís Do Pico Orjais pela conferência “Ernesto Guerra Da Cal e a Música”.

© Regina Pires de Brito pelo artigo “Guerra Da Cal, Galiza e a Lusofonia”.

© Beatriz Weigert pelo artigo “Ernesto Guerra Da Cal, a Sagração da Palavra”.

© António Gil Hernández pela “Breve antologia de textos em prosa do Prof. Guerra Da Cal”.

© ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA pelo volume completo.

Cartaz de anúncio do *Colóquio Guerra Da Cal*.

Fotografias do ato por José-Martinho Montero Santalha.

ANEXO III ao *Boletim da AGLP*

ISBN

D.L.

CAPAS:

DIAGRAMAÇÃO: Do editor do livro.

IMPRESSÃO:

Guerra da Cal

Compostela, 11 e 12 de outubro de 2011

COLÓQUIO Guerra da Cal

III Seminário de Lexicologia

Joel Gomes | Carlos Durão | Emília Uzelhay De Cal
M^o do Carmo Henriques Sobrinho | Nuno Luís Franco Girão
José Luís de Pina | José Mourinho Monteiro Sampaio
Evanildo Becham | João Maluca Carneiro | Ângela Brás
Ernesto V. Souza | Vítor Lourenço | Celso Alvares Cícero
Inacê Alonso Entrambáizte | Antóniro Gil Hernández



Organização



PROGRAMA DO COLÓQUIO

3.ª feira, 11 de outubro.

Fundacion Caixa Galicia. Rúa do Vilar, 19, Compostela

1.ª SESSÃO

10:30.- Abertura do Colóquio: JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA, Presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa

10:30-11:15.- JOEL GOMES: Falou Ernesto Guerra Da Cal (1985)! A construção de um novo discurso sobre os *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca

11:15.- Debate

11:30-12:15.- CARLOS DURÃO: Guerra Da Cal entre nós

12:15.- Debate

12:30.- Pausa para café

13:00-13:45.- ENRIC UCELAY-DACAL: Uma lembrança em três episódios

13:45.- Debate

14:30.- Pausa para jantar

2.ª SESSÃO

17:00-17:45.- M.ª DO CARMO HENRIQUES: Ernesto Guerra Da Cal ao longe

17:45 Debate

18:00-18:45.- XOSÉ LUÍS FRANCO GRANDE: A poesia de Guerra Da Cal

18:45.- Debate

19:00-19:45.- JOSÉ LUÍS DO PICO ORJAIS: Ernesto Guerra Da Cal e a Música

19:45.- Debate

20:00.- ENCERRAMENTO

COORDENAÇÃO: Joám Evans Pim e José Tubio Rodrigues

COLABORADORES: Celso Álvarez Caccamo, Alexandre Banhos Campo, Santiago Cortegoso, Carlos Durão Rodrigues, António Gil Hernández, Joel R. Gómez, Vítor Lourenço, Iolanda Mato Creo

RESPONSABILIDADE: Academia Galega da Língua Portuguesa

ENTIDADES APOIANTES

Agrupação Cultural O Facho

Associação de Amizade Galiza-Portugal (AAG-P)

Associação Civil de Amigos do Idioma Galego, Buenos Aires

Associação Docentes de Português na Galiza

Associação de Escritores em Língua Galega (AELG)

Associação Galega de Mães e Pais - Agarimar

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL)

Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (AC Pró AGLP)

Associação Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa (AS-PGP)

Associação Galega da Língua (AGAL)

Centro Social A Esmorga

Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa (F-AGLP)

Fundação Artábria

Fundação Galiza Sempre

Fundação Meendinho

Fundação Via Galego

Instituto Cultural Brasil-Galiza

Instituto Galego de Estudos Célticos (IGEC)

Instituto Galego de Estudos Internacionais e da Paz (IGEIP)

A Mesa pola Normalización Lingüística (MNL)

Movimento Defesa da Língua (MDL)

Nova Escola Galega (NEG)

Sociedade de Geografia de Lisboa

Universidade Aberta, Lisboa

Viveiro e Observatório das Galescolas

ÍNDICE DO VOLUME

PAG.	COLÓQUIO GUERRA DA CAL
11	JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA, Presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa: Palavras de abertura
CONFERÊNCIAS	
17	JOEL GOMES: Falou Ernesto Guerra Da Cal (1985)! A construção de um novo discurso sobre os <i>Seis Poemas Galegos</i> de Federico García Lorca
18	A participação de Pérez Guerra / Guerra Da Cal
19	As atuações de Blanco Amor / Guerra Da Cal
21	Os autógrafos: polémica e centralidade de Da Cal
27	O estabelecimento de um novo discurso
30	Bibliografia citada
35	CARLOS DURÃO: Guerra Da Cal entre nós
36	Esboço biográfico
39	A sua participação no <i>Acordo Ortográfico</i>
43	Derradeiros anos
44	Opiniões sobre o Reintegracionismo
47	ENRIC UCELAY-DACAL: E. Guerra Da Cal: Uma lembrança em três episódios
48	[Início]
51	Pós-Comunismo
56	As cartas de Ultimato
62	Conclusão
65	XOSÉ LUÍS FRANCO GRANDE: Mínima introdução à poesia de E. Guerra Da Cal
66	Poeta, mas amigo
66	<i>Lua de Além-Mar</i> , novidade na poesia galega
66	Neotrovadorismo?
68	“Culto à forma”
69	<i>Rio de sonho e tempo</i>
70	Livros de madureza
70	<i>Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas</i>
71	Fundura lírica e ainda mais
73	Para concluir
73	Nota autobiográfica de Xosé Luís Franco Grande – Livros publicados

77	JOSÉ LUÍS DO PICO ORJAIS: Ernesto Guerra Da Cal e a Música
78	[Início]
79	1.- Ernesto Guerra Da Cal músico
83	2.- A música na obra de Ernesto Guerra Da Cal
84	3.- Os poemas musicados de Ernesto Guerra Da Cal
86	Conclusões

ARTIGOS

91	REGINA PIRES DE BRITO: Guerra Da Cal: Galiza e Lusofonia
92	1.- Para iniciar
93	2.- <i>A gaita / é para mim...</i>
95	3.- <i>Amo-te / sobretudo...</i>
97	Referências bibliográficas
99	BEATRIZ WEIGERT: Ernesto Guerra Da Cal, A Sagração da Palavra
100	... <i>verbo ancestral / sacrossanto / da nossa Mater-Alma</i>
105	Referências

107	ADDENDUM I: Algumas notícias
109	Homenagem a Guerra da Cal (Domingo, 01 de janeiro 2012)
111	Guerra Da Cal homenageado pela ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA
112	Resenha do Prof. Carlos Durão no site <i>A Viagem dos Argonautas</i>

ADDENDUM II

117	CARLOS DURÃO: Apontamentos para uma biografia do Prof. Guerra Da Cal
119	[Início]
125	A sua amizade e colaboração com F. García Lorca

ADDENDUM III

129	JOEL GOMES: Produção bibliográfica de e sobre Ernesto Guerra Da Cal
130	Critérios
131	I.- Produção de Ernesto Guerra Da Cal
131	I.1.- Produção científica
131	I.1.1.- Da Cal, Ernesto Guerra

135	I.1.2.- Editada póstuma
135	I.1.3.- De colaboração
135	I.1.4.- Textos editados de outros autores
135	I.1.4.1.- De Eça de Queiroz
136	I.1.4.2.- De Federico García Lorca
136	I.1.4.3.- De Afonso X
136	I.1.4.4.- De Rosalia de Castro
136	I.1.5.- Produtos traduzidos publicados
136	I.1.6.- Produtos adaptados publicados
137	I.2.- Produção literária
137	I.2.1.- Pérez Guerra, Ernesto
137	I.2.2.- Da Cal, Ernesto Guerra
140	I.2.3.- Produção literária editada póstuma
141	I.2.4.- Produtos de colaboração editados
141	I.2.5.- Produtos sob outras assinaturas
142	I.3.- Produção jornalística
142	I.3.1.- Produção jornalística para estações de rádio
142	I.1.3.1.1.- Para a <i>Voice of America</i>
142	I.1.3.1.2.- Para <i>Radio Nacional de España</i>
142	I.1.3.2.- Programas emitidos na <i>Voice of America</i> reproduzidos em jornais...
143	I.4.- Outra produção de Ernesto Guerra Da Cal
143	I.4.1.- Epistolário publicado de Ernesto Guerra Da Cal
143	I.4.2.- Epistolário editado póstumo
145	I.5.- Produção inédita de Ernesto Guerra Da Cal
145	II.- Bibliografia comentada sobre Ernesto Guerra Da Cal. Repositórios
145	II.1.- Em vida de Ernesto Guerra Da Cal
145	II.1.1.- Da Cal (1981, <i>Língua e Estilo de Eça de Queirós</i>)
145	II.1.2.- Da Cal (1975-1984), <i>Lengua y Estilo de Eça de Queiroz</i>
146	II.1.3.- Fontenla, José Luís (1989), <i>Homenagem a Ernesto Guerra Da Cal</i>
148	II.1.4.- Da Cal, Ernesto Guerra (1991), <i>Lua de Além-Mar...</i>
148	II.2.- Produtos póstumos
148	II.2.1.- Henríquez Salido, M. ^a do Carmo (1994), <i>Homenagem a E. Guerra Da Cal</i>
149	II.2.2.- Fontenla, José Luís (1995), ... <i>Homenagem a Ernesto Guerra Da Cal</i>
150	II.2.3.- Reis, C.-Castro, A. Pinto de (1998), <i>Homenagem a E. Guerra Da Cal</i>
151	II.2.4.- Mera, Luís e outros (2002), <i>Ernesto Guerra da Cal ...</i>
153	II.2.5.- Gómez, Joel (2002), <i>Fazer(-se) um nome...</i>
154	II.2.6.- Gómez, Joel (2009), <i>A trajetória de Ernesto Guerra Da Cal...</i>
156	II.2.7.- Gómez, Joel (2015), <i>E. Guerra Da Cal. Do Exílio a Galego Universal</i>

ADDENDUM IV

CARLOS DURÃO: Breve Antologia Poética de Guerra Da Cal.

- 159
- 160 Conteúdos
- 161 Apresentação
- 162 Nota do Editor
- 163 *Lua de além-mar*
- 165 *Rio de sonho e tempo*
- 170 *Futuro imemorial*
- 180 *Deus, tempo, morte, amor e outras bagatelas*
- 183 *Espelho cego*
- 184 *Caracol ao pôr-do-sol*
- 188 *Coisas e loisas .*
- 189 *De Ramalhete de poemas carnais .*
- 190 *Inédito*

ADDENDUM V

- 193 ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ.- Breve Antologia da prosa de Ernesto Guerra Da Cal
- 194 [Advertência]
- 195 *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*
- 199 *Entrevista com Guerra Da Cal no JL*
- 205 Prólogo a *Rosalía de Castro. Antologia poética. Cancioneiro rosaliano*
- 211 Antelóquio indispensável a *Futuro Imemorial*
- 215 *Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos*

José-Martinho Montero Santalha

Presidente da ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Palavras de abertura do Colóquio

Reúnem-se neste volume estudos e materiais diversos sobre Ernesto Guerra da Cal, figura sobranceira da cultura e da literatura galega (e, portanto, da cultura e da literatura em língua portuguesa) do século XX.

Como núcleo fundamental e germe inicial deste livro há que colocar o *Colóquio Guerra da Cal* que a ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA organizou em Santiago de Compostela no dia 11 de outubro de 2011. Nele participaram alguns dos estudiosos mais conspícuos no conhecimento da pessoa ou da obra de Guerra da Cal¹.

No ato de apresentação de aquele *Colóquio* fiz alusão à presença de Santiago, apóstolo e cidade, na poesia de Guerra da Cal.

Num poema intitulado “Sina” diz-se nascido sob a estrela de Santiago, que ele crê assinalar todo o seu caminhar vital:

SINA

Eu fui na Galiza nado,
reino que tem por orago
o irmão de Cristo, Santiago,
apóstolo padroeiro
de todos os viajeiros
e romeiros,
e divino
peregrino
da sua própria Compostela,
nas terras do Finisterra
magno evangelizador.

E nasci sob essa estrela.
Por isso vou caminhando,
coa minha roda rodando,

¹ A AGLP editou um DVD intitulado *Colóquio Homenagem a Ernesto Guerra da Cal - III Seminário de Lexicologia, 11 e 12 de outubro de 2011*, com entrevistas a alguns dos participantes no *Colóquio* e vídeo-resumo das intervenções. Também no sítio web da AGLP estão acessíveis em vídeo os momentos mais importantes do *Colóquio*.

na gaitinha assobiando
e afiando
facas, tesouras, cutelos
de sonhos e pesadelos
à roda do mundo toda,
vagamundo amolador².

Noutro poema, intitulado “Peregrinação final” vê a sua alma peregrinando a Compostela na derradeira viagem:

PEREGRINAGEM FINAL

A Eduardo Portella,
que leva a Galiza no sangue.

Na noite de lua cheia
em que me visite a Morte
irei para Compostela.

Ultreya!

Sobre o mar e sobre a terra,
por um vheiro astral de leite,
arribarei na outra ourela.

Et sus eja!

E a sombra da minha alma
vagará pela cidade,
peregrina aluarada,

ultreya!

errabunda e silandeira,
procurando o seu acougo
pela alta noite sidérea,

et sus eja!

até encontrar numa estrela,
baixo o sorrir de Santiago,
moradia jacobea.

Ultreya!

Para Compostela irei
quando a morte me visite
numa noite que eu já sei!³

Para completar ou enriquecer a compreensão da figura de Guerra da Cal, a

² De *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora 1985, pág. 17.

³ Do poemário *Lua de Além-Mar*, na 2ª edição, da AGAL, 1991, o poema acha-se na página 130.

esses trabalhos procedentes do Colóquio acrescentaram-se neste volume outros estudos ou materiais informativos. Assim, o conjunto oferece-nos uma boa perspectiva da rica personalidade de Ernesto, que para todo o movimento reintegracionista galego possui um significado especial.

A todos os autores, assim como aos organizadores e colaboradores tanto do Colóquio como do volume, quero deixar aqui constância do agradecimento da AGLP.



José-Martinho Montero Santalha, presidente da AGLP

OPHELHO CEGA

ERNESTO GUERRA DA CAL



LAZA DE 35 LA MARIP

Conferências



Conferência do Dr. Joel Gomes.
Acompanham-no na mesa Concha Rousia e José-Martinho Montero

Falou Ernesto Guerra Da Cal (1985)!
A construção de um novo discurso
sobre os *Seis Poemas Galegos*
de Federico García Lorca

Joel R. Gómez

RESUMO: O conhecimento dos autógrafos de cinco dos *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca, guardados por Eduardo Blanco Amor entre 1935 e 1979, modificou o discurso sobre esse poemário no Campo dos Estudos Literários. Ernesto Guerra Da Cal, ausente nas notícias e críticas iniciais, converteu-se em figura central para a sua gênese e estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Campo dos Estudos Literários, Federico García Lorca, Seis Poemas Galegos, Eduardo Blanco Amor, Ernesto Guerra Da Cal.

ABSTRACT: The discovery of five autographs out of the Six Galician Poems by Federico García Lorca, which had been kept by Eduardo Blanco Amor from 1935 to 1979, changed the discourse on this poetry book in the Field of Literary Studies. Ernesto Guerra Da Cal, absent in all the initial news or reviews, became a central figure about their genesis and study.

KEY WORDS: Field of Literary Studies, Federico García Lorca, Six Galician Poems, Eduardo Blanco Amor, Ernesto Guerra Da Cal.

Os *Seis Poemas Galegos* (SPG) de Federico García Lorca, editados em dezembro de 1935, tiveram enorme atrativo entre o coletivo galeguista e uma recepção afortunada na Galiza desde que se conheceu a sua existência. A publicação gerou expectativa, e A. Villar Ponte, Angel Fole, Álvaro Cunqueiro, Roberto Blanco Torres, Luís Manteiga ou Augusto Maria Casas, destacados agentes da intelectualidade galega na altura, e outros anónimos⁴, receberam-nos em 1935 e 1936 com elogiosas notícias e recensões na comunicação social. Frisavam a importância de que um escritor espanhol muito prestigiado internacionalmente utilizasse o idioma galego, secundarizado e periférico, longe de um uso normal nos campos institucionais ou no do ensino.

Aqueles trabalhos iniciais indigitavam três nomes que se tinham envolvido para que prosperasse o produto: Lorca, como assinante do livro; Ánxel Casal, editor do mesmo; e Eduardo Blanco Amor, por ter redigido o prólogo da edição príncipe, em que frisava que Lorca lhe entregou aqueles poemas, e onde se conclui que estavam elaborados em galego e ele tinha feito algumas emendas.

A PARTICIPAÇÃO DE PÉREZ GÜERRA/ GUERRA DA CAL

García Lorca e Ánxel Casal morreram fuzilados em agosto de 1936, na Guerra da Espanha iniciada o mês anterior. Mas os SPG suscitam novo interesse, que se acrescenta a par do processo de canonicidade de Lorca. Em 1938 reimprimem-se, na primeira coleção das *Obras Completas* lorquianas, em Buenos Aires. E daí por diante sucedem-se as reedições, traduções, presença em antologias, versões para música, pintura, audiovisuais, Internet, e outras possibilidades, até chegar a ser o produto literário do século XX, editado na Galiza e na própria língua do país, de maior sucesso.

Ao ser a única produção de Lorca numa língua diferente da castelhana, no Campo dos Estudos Literários duvidava-se que redigisse aquelas seis composições diretamente. Assinalavam-se outras possibilidades, como que as tivesse elaborado originalmente em castelhano e fossem traduzidas, ou que contasse com ajuda.

Nessa polémica, Carlos Martínez Barbeito, intelectual galego que tratou Lorca, indigitou Ernesto Pérez Güerra, seu companheiro de estudos na Universidade Central de Madrid. Afirma (Martínez Barbeito, 24-III-1945):

Nunca creí que Lorca fuese capaz de escribirlos directamente en gallego, pues me consta que sus conocimientos de esta lengua eran muy rudimentarios. [...] será preciso pensar que sus poemas sufrieron una reelaboración, más importante de lo que pudiera creerse, tal vez una verdadera traducción – por cierto muy afortunada – por mano del prologuista del libro, Eduardo Blanco Amor o de Ernesto Pérez Güerra, cuya intervención me confesó, siendo él y yo estudiantes de Filosofía y Letras en la Universidad Central, el mismo año de la publicación.

Ernesto Pérez Güerra (ou Guerra) tinha travado amizade com García Lorca na primeira metade da década de 1930. Na imprensa madrilena documenta-se esse relacionamento v. gr. em projetos do grupo teatral Anfistora, como ator do mesmo e sendo dirigido pelo próprio Lorca. Pérez Guerra aderiu à legalidade da República espanhola, lutou para defendê-la, e em 1939 exilou-se em Nova Iorque, onde na altura estava deslocado em missão oficial. Perdedor da Guerra de Espanha de 1936, o seu passaporte

⁴ No livro preparado e editado por Xesús Alonso Montero e Miro Villar (1998) encontram-se esses trabalhos, e outros de interesse para o estudo dos SPG.

ficou sem validade e, como refugiado político, solicitou a nacionalidade dos EUA, ao tempo que começava uma carreira universitária em Nova Iorque, de professor de línguas e literaturas ibéricas. Assim adaptou e oficializou o seu nome ao sistema onomástico do país de acolhida como Ernesto Guerra Da Cal.

O conhecimento da conexão de Ernesto Da Cal com os SPG acrescenta-se em 1948, quando Blanco Amor frisa a sua participação, num jornal do Chile. Afirma que das seis composições lorquianas, quatro delas (Blanco Amor, 5-XII-1948) “se las dictó – algunas de ellas a mi vista – a su gran amigo Ernesto Pérez Guerra”. Reitera (como no “Prólogo”) que fez modificações nos originais, que conservava, segundo revela.

Blanco Amor sentia-se prejudicado porque na reedição dos SPG em Buenos Aires (García Lorca, 1941 e seguintes) não se incluía o seu prefácio. Em 1949, numa carta hoje extraviada, comenta a situação com Ernesto Da Cal.

Na resposta, que Blanco Amor conservou, esclarece Da Cal (15-XII-1949):

Sobre los poemas de Federico –los gallegos se entiende– mi intervención fue servirle de diccionario viviente, y –si me es permitido el decirlo– poético y discriminativo. Él me decía un verso en castellano y yo lo traducía libremente al gallego, buscando, como es natural las palabras que a él más pudieran impresionarle por color, sonido, y evocación mágica. Si no le gustaba alguna –pura y simplemente en un juicio poético, inmediato– yo le daba otras en opción, y él, augustamente, elegía la que le salía de los cojones líricos. Este es el caso de todas –menos la que compuso en Galicia “Chove en Sant-Iago” –. Ahora, yo no sé si después él cambió palabras por otras que halló en tu obra poética. Eso dímelo tu y cuéntame cual fue tu colaboración. Yo escribía los primeros originales que él después copiaba. Algunos los corregí yo luego. Por eso quizás en los que tu tienes hay cosas en mi letra.

Cuéntame, desmenuzadamente en sus detalles eso que tu llamas la “tenue intriga literaria” que se ha tejido alrededor de esto. [...] Estoy dispuesto a oponer a esa tenebrosa intriga un sólido frente único contigo y Federico.

No final da década de 1940, Blanco Amor e Da Cal, amigos de Lorca, ficavam como principais testemunhas dos SPG: Eduardo como autor do prólogo e responsável da edição; e Ernesto como participante na elaboração, indigitado em trabalhos publicados por Martínez Barbeito e o próprio Blanco Amor; e por ele admitido nessa epístola (mas não publicamente).

AS ATUAÇÕES DE BLANCO AMOR / GUERRA DA CAL

Da Cal, como especialista em Literatura Espanhola, contribui nas décadas seguintes para o processo de canonicidade de Lorca em livros de texto como *Literatura del siglo XX* (1955, 1968, de parceria com a sua esposa, também especialista em Literatura Espanhola, Margarita Ucelay Da Cal) ou trabalhos em repositórios de referência (Da Cal, 1956, 1969), para além de recensões e conferências em tribunas universitárias (v. gr. Wolkstein, 29-X-1963; ou Wolf, 24-XI-1964). Nunca falou em público, nem nas publicações, da sua participação nos SPG. Quando se referiu a eles (v. gr. Da Cal I/IV-1945; ou 1956, no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira*) defendeu a autoria de Lorca, sem qualquer alusão ao seu possível contributo.

Porém, para Blanco Amor esse foi tema principal e em numerosas ocasiões fez depoimentos do teor do “Prólogo”, do já citado no Chile e/ou semelhantes. Em trabalhos (Blanco Amor, VII/VIII-1959 e 1-X-1978) e entrevistas (Ruiz de Ojeda, 1994⁵) ocu-

⁵ Este volume seleciona depoimentos de Blanco Amor em entrevistas. Dedicou um capítulo a García Lorca, com vários trechos de diálogos com Carlos Casares, Víctor Fernández Freixanes e outros.

pou-se do assunto, para além de proferir várias conferências centradas nos SPG (v. gr., Anônimo, 26-III-1963), em que ofereceu versões não sempre coincidentes, misturadas com dados não exatos (v. gr., os que facilita de Da Cal no artigo de 1-X-1978, apesar de ele conhecer bem as informações certas). Também arvorou em alguma dessas atuações públicas os originais dos SPG, todos eles (v. gr. Palmás, 1995⁶) ou algum parceladamente (o trecho da “Danza da lua en Santiago” redigido por Lorca, no trabalho de 1-X-1978), mas não fez outra edição dos mesmos, e para os seus interesses funcionava bem a de dezembro de 1935.

Eduardo Blanco Amor morre em dezembro de 1979. Nessa altura a díspar atuação a respeito dos SPG podia sintetizar-se entre o silêncio público de Da Cal (apesar de lhe terem solicitado que se manifestasse, e mesmo ele ter anunciado a intenção de escrever um trabalho sobre o tema, segundo se deduz do seu epistolário⁷), e os vários depoimentos de Blanco Amor.

Após a morte de Blanco Amor incrementam-se as vozes que solicitam que Ernesto Da Cal se manifeste sobre os SPG. Xesús Alonso Montero, professor que levava anos reivindicando a importância do produto lorquiano para a Literatura Galega, em *Triunfo*, revista madrilena de referência no final do franquismo e na posterior transição política espanhola, escreve (Alonso Montero, 12-IV-1980):

Aunque aparezcan los manuscritos, hasta hace meses en poder de Blanco-Amor, los investigadores necesitan una pormenorizada declaración de Guerra Da Cal. Si no aparecen, su declaración sería aún más valiosa, pues aclararía, con más o menos precisión, la intervención real de Blanco-Amor en este pleito textual. [...] Sea o no así, Ernesto Guerra Da Cal, pieza clave en este proceso textual, debería renunciar a su mutismo.

Estes parágrafos encontram-se também no verbete sobre Lorca que (Alonso Montero, 1980: 183-190) realizou para a *Gran Enciclopedia Gallega*⁸.

OS AUTÓGRAFOS: POLÉMICA E CENTRALIDADE DE DA CAL

No entanto, os autógrafos foram topados nesse mesmo ano (Anônimo, 1980⁹): deu com eles a professora Maria do Carmo Henríquez Salido, segundo ela própria revelou anos mais tarde (Anônimo, Inverno 1998: 492), quando se ordenavam e classificavam os materiais da biblioteca de Blanco Amor, com o intuito de que os comprasse a Deputação Provincial de Ourense, como assim acontecerá (Anônimo, 8-V-1983). Porém, não são conhecidos pelos especialistas, que em edições dos SPG como a realizada por Mario Hernández sublinha a colaboração de outros produtores no primeiro dos poe-

⁶ Num livro coordenado por Xosé Neira Vilas (1995) este destacado membro da coletividade galega em Buenos Aires refere-se aos SPG destarte (Palmás: 18): “Poemas –de tan ensarillada historia—sobre os que Blanco-Amor daría unha conferencia na Sala Castelao, em 1959 ou 1960, na que describiu os manuscritos, que pola primeira vez mostrou en público”.

⁷ Em carta para Machado da Rosa (Da Cal, 1-IV-1959, reproduzida em parte em Gómez, 2009: 176-177) anuncia a intenção de escrever um artigo sobre o tema para *Seara Nova*: avança o título “Lorca, poeta galego” a acrescenta que “há de ter algum interesse biográfico (do poeta) pois eu fui o seu dicionário poético vivente – os originais desses poemas estão da minha mão em Buenos Aires, segundo me disse o Eduardo Blanco Amor”. Ramón Piñeiro solicita-lhe colaboração sobre o tema para *Grial* em carta que lhe encaminha aos 12-X-1963, e haverá outras dele e de Del Riego com o mesmo propósito em anos posteriores (ver Gómez, 2009. pp. 251n e passim). Mas não fez.

⁸ Salienta aí Alonso Montero (1980: 187) “talvez se supere el centenar [de ediciones de SPG]. Docenas de veces apareció este poemario en boletines y revistas de la Galicia emigrante en los años en que no era fácil publicarlos en la Galicia interior”, frisando também as traduções.

⁹ No cartaz da “Semana-Homenaxe a Eduardo Blanco Amor” patrocinada pela Deputación Provincial de Ourense, no primeiro aniversário da sua morte, afirma-se que “Probablemente da sua amizade co escritor de Granada surxan os ‘Seis poemas galegos’, cuxos manuscritos se conservan hoxe em día na casa de Eduardo Blanco Amor”.

mas, defendendo (Hernández, 1981: 47) “La labor de Da Cal habría sido, como la de L. Manteiga y F. Lamas, de asesoramiento y discusión de variantes. [...] El poeta granadino partía, por consiguiente, de un conocimiento real de la lengua elegida”.

Mantêm assim o discurso de que Lorca os teria redigido em galego diretamente¹⁰.

Em março de 1985 noticiou-se da disponibilidade dos manuscritos, o que faz em trabalho publicado na imprensa o bibliotecário da Deputación ourensana (Espino Do-marco, 22-III-1985).

Isso acrescentou o interesse dos estudiosos galegos, e não só, pois a Fundação Federico García Lorca enviou na altura dois pesquisadores a Ourense para se interessarem por esses autógrafos (Alvarado, 24-III-1985).

Evidencia-se como, para a impressão dos SPG, Lorca tinha dado a Blanco Amor um recorte de *El Pueblo Gallego*, com o “Madrigal a la ciudad de Santiago¹¹”, com uma emenda; e dos outros cinco, quatro estavam redigidos com letra de Ernesto Da Cal e um a ele dedicado, e o outro tinha os primeiros versos com letra de Da Cal e os restantes com a de Lorca.

Os manuscritos continham a maiores emendas realizadas por Blanco Amor, que atingiam títulos e diversos elementos do conteúdo.

A presença da letra de Da Cal, confirmada por um calígrafo a que consultou Landeira Yrago¹², afixava e reforçava a sua centralidade para este produto, e acrescentava o seu interesse para os especialistas no produtor andaluz.

Vários estudiosos contactaram-no. Entre eles Ian Gibson, na primavera de aquele ano, através da mediação de Xosé Luís Franco Grande, amigo comum. Em carta para Franco Grande, comunica Da Cal (18-V-1985)¹³:

Perante a evidência dos meus próprios autógrafos – que o Blanco Amor sempre ocultou, terei que romper o meu longo silêncio. Coisa essa nada aliciante, porque me verei forçado a denunciar a trapallice insidiosa de um morto, o dito Eduardo –que Deus haja! Terei agora que assumir –que remédio!– a parte que me coube na origem, na génese e na elaboração dos *Seis Poemas*. Confesso que teria preferido que o Blanco Amor tivesse destruído esses manuscritos, como era natural, visto o papel que ele se atribuiu nesse assunto, no que não teve arte nem parte. Minto, teve a parte de os dar à estampa praticamente à revelia do autor putativo. Eu caí durante todos estes anos, porque ou tinha que mentir ou tinha que aparecer em público tentando arrimar a minha pobre sardinha lírica à brasa deslumbrante do prestígio lírico do grande granadino universal. Mas a vida é assim! e o que começou como brincadeira é hoje assunto sério de repercussão mundial. Falarei quando der remate ao livro da Homenagem à nossa Rosalia –que Deo volente e adjuvante sairá no outono.

Mas será já nesse livro rosaliano (Da Cal, XII-1985, ver *infra*) onde ofereça a sua versão. Os autógrafos dos SPG publicou-os José Landeira Yrago no “Cuaderno de Cultura” do jornal *La Voz de Galicia*, em 6-VI-1985, e mais no volume de *Grial* correspondente ao segundo trimestre do ano.

¹⁰ Hernández (1981: 86-87) introduz a dedicatória da “Can iga do neno da tenda” para Ernesto P. Guerra.

¹¹ Este primeiro poema publicou-se em dezembro de 1932 nas revistas *Yunque e Resol*, de Lugo e Santiago de Compostela. Depois reproduziu-se em várias publicações, entre elas este jornal viguês.

¹² Em carta que encaminha para Da Cal, assim o reconhece o próprio Landeira Yrago (17-V-1985): “transcurrido medio siglo, la letra de Guerra da Cal trasciende de los pliegos cantores. Sometí la caligrafía de la dedicatória del *Homage*... a parangón, ‘e dá certo’”. Esse *Homage*... é uma plaquette de Da Cal (1984), que lhe tinha enviado, dedicada.

¹³ Uns dias antes, Alonso Montero (10 e 11-V-1985) escreve dois artigos, em que ressalta a importância dos SPG, mas sem qualquer alusão aos autógrafos, que talvez na altura desconhecesse.

Afirma (Landeira Yrago, 6-VI-1985): “el lector gallego se encuentra ante la novedad cultural del año, y todos los rosalianos del país sentirán en el centenario de Rosalía –si su pasión no es de nómina ni de conveniencia–, cómo les sube una luz al corazón al reparar en los renglones manuscritos de la ‘Canzón de cuna’.” Landeira informa de como Andrew Anderson, professor da Universidade de Michigan (EUA), trabalhava numa edição crítica dos SPG (ver *infra*), para a qual contactou epistolarmente (ver Gómez, 2009: 582 e passim) com Da Cal.

Nos últimos meses do ano surgirá uma polémica, em que Da Cal será indigitado e se tentará esclarecer a sua participação. Afiançar-se-á a sua centralidade, ao difundir-se por diferentes vias a sua intervenção directa, o que supõe também um resgate e socialização da sua figura na Galiza, ultrapassando os âmbitos mais restritos do reintegracionismo, em que participava ativamente na altura.

Eis os principais episódios:

1.- Datada aos 6-VI-1985, Da Cal enviou uma carta a um escritor galego, em que fala do seu projeto de dedicar um livro a Rosalía de Castro, ao se comemorar aquele ano a efeméride do centenário da morte do poeta. Anuncia que “Nele vai ser revelado –com base nos autógrafos (da minha mão) a ‘colaboração’ Lorca-Da Cal nos *Seis Poemas Galegos* –sobre a qual até hoje eu guardei silêncio”.

2.- Na segunda quinzena de Outubro, *Galicia Viva* destaca na capa que “Os ‘Seis poemas galegos’ de Lorca son de Guerra Da Cal”; e no interior publica o artigo “Guerra Da Cal compuxo con Lorca os ‘Seis poemas galegos’”, assinado por S. Corral.

Refere-se à carta de Da Cal de 6-VI-1985 e informa do seu conteúdo, em que se alicerça para as suas revelações. Afirma: “Consta que os escritores [Lorca, Da Cal e Blanco Amor] mantiveron unha boa amizade, pese a diferençia de idade entre eles, pretendendo-se-lles suliñar aos tres a condición de homosexuais”, e atribui palabras recentes de Da Cal — “nun texto escrito o dia 6 de xuño”, assinala.

3.- Manuel de la Fuente (3-XI-1985) escreve o artigo “Aviso de Guerra Da Cal desde Estoril”, em que comenta o artigo de S. Corral. Admite a possibilidade de Lorca não ter redigido os SPG em galego “como siempre se creyó”, mas em castelhano; e que fossem traduzidos para galego por Da Cal.

Questiona se Blanco Amor conheceu “el tejemaneje”, e insiste em que “Lo cierto fue que García Lorca ha pasado por ser el autor directo de ‘Seis poemas galegos’, como si de la noche a la mañana se pudiera escribir en una lengua a la que, seguro, nunca tuvo el autor andaluz sino un acceso superficial”. Conclui que segundo o artigo de S. Corral, Da Cal “ha colocado una bomba de relojería. Esperemos a conocer sus efectos”.

4.- Alonso Montero (6-XI-1985) contesta S. Corral, em *Faro de Vigo*, que lhe oferece destaque na capa. Cita trechos de cartas que Da Cal lhe tinha encaminhado em 1982 e 1984, em que insistia em não fazer revelações sobre os SPG.

Frisa a que entende contradição entre o publicado no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Galega e Brasileira* (Da Cal, 1956), e o que informava “a persoa que eu trato tódolos días que [...] eran, para o autor, ‘unha brincadeira’”. Insiste em que, em todo o caso, no primeiro poema (García Lorca, 1932) Da Cal não interveio. Tenta questionar o papel de Da Cal, defendendo a hipótese que tinha arvorado (Alonso Montero, 9-I-1981) sobre essa composição, que defendia a intervenção de Luís

Manteiga e Francisco Lamas em Lugo para que Lorca a redigisse em galego.

5.- *Faro de Vigo* (8-XI-1985) destaca na capa que “García Lorca non sabía unha palabra de galego. O dos Seis Poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra Da Cal”, afirmação que atribui a Franco Grande, quem chegou a essa conclusão “a resultas de las largas conversaciones que sostuvo con Guerra Da Cal, en su casa de Estoril, los días 20 y 23 de agosto último”.

Segundo Franco Grande “o dos seis poemas foi debido única e exclusivamente a Guerra Da Cal. Ninguén mais tuvo arte nin parte neste parto. Nin Blanco Amor, nin Manteiga, nin outro algún” e justifica não revelar detalhes do diálogo com Da Cal porque ele o tinha previsto fazer. Assinala a influência de Amado Carballo nos SPG. Reitera que Da Cal interveio nos seis, no de 1932 e nos outros que “son de 1934 [...] tan só Guerra Da Cal, pois, tuvo arte e parte no polémico poemario”¹⁴.

6.- Em XI-1985, *Galicia Viva* destaca na capa: “Miguel Sande publica la carta de Guerra Da Cal confirmando la autoría de los ‘Seis poemas de Lorca’”. Dedicar uma página ao tema (Sande, XI-1985).

Reproduz facsimilarmente a carta de Da Cal de 6-VI-1985, sem indicar o destinatário. Sande contesta o artigo de Alonso Montero (6-XI-1985), e reconhece ser ele o autor do assinado como S. Corral. Valoriza o trabalho e o interesse de Alonso Montero neste produto de Lorca, e afirma que “duvidei moito – mais, despois de ler o artigo do señor Franco Grande [refere-se ao de 8-XI-1985] – se debía de dedicar unhas liñas aínda a este tema”. Destaca que a carta que ele reproduz “é de data posterior ás que vostede publicou” e reafirma-se na tese do artigo anterior.

7.- Em 26-XI-1985, Fernández del Riego inaugura em Vigo um ciclo sobre os SPG. Nas actividades participavam diferentes especialistas, entre eles Xesús Alonso Montero, de quem se anunciava palestra (Anónimo, 26, 27 e 28-XI-1985) sobre os SPG, sendo esta “a máis agardada”. *Faro de Vigo* dedica a última página ao ciclo (Anónimo, 26-XI-1985), com um artigo de Alonso Montero sobre o relacionamento de Lorca com Galiza.

Este trabalho (Alonso Montero, 26-XI-1985), em forma de roteiro para uma conferência ou para um trabalho académico, inclui epígrafe intitulada “4.1 A amizade con Eduardo Blanco-Amor”, mas não há referências a Da Cal. Também se ocupa do ciclo *La Voz de Galicia* (Anónimo, 27-XI-1985), que frisa o carácter de “polémicos” dos SPG.

8.- *Faro del Lunes* destaca na capa em 2-XII-1985 um trabalho de Franco Grande, em que anuncia as primeiras revelações de Da Cal sobre os SPG¹⁵. Franco Grande frisa a sua amizade de mais de 20 anos com Da Cal, e indica ter recebido por carta o contributo sobre Lorca que ia aparecer na *Antología* sobre Rosalia de Castro (Da Cal, 1985).

¹⁴ Franco Grande alude ao sucesso de Da Cal com as mulheres naqueles anos, que “facía estragos entre as rapazas do ‘Club Anfístora’, impenitente don Juan, xa daquela como despois... como sempre!”, afirmação que contrasta com quem se referiam à suposta homossexualidade.

¹⁵ Da Cal tinha-o informado em carta datada aos 12-XI-1985. Outra posterior, de 19-XI-1985, defende que, apesar da sua intervenção “não transfere a autoria de García Lorca para Guerra da Cal”. Refere uma carta do diretor de *A Nosa Terra* para convidá-lo a dar a versão sobre os SPG e lamenta que Alonso Montero publicasse, sem autorização, cartas privadas dele (as do artigo de 6-XI-1985) embora lha teria dado. De novo comenta que não entraria na polémica dos SPG de não aparecerem os autógrafos, e que a sua primeira versão dos mesmos será na *Antología* rosaliana; e com mais pormenor numa posterior monografia “com un cancionero lorquiano de poetas lusíadas (incluo os galegos neste termo)”.

Afirma que nesse trabalho “despeça calquera dúbida, se algunha coubera despois da aparición dos apógrafos, sobre a imposibilidade de que Lorca os escribira directamente en galego”. Valoriza que terem-se encontrado os manuscritos de Da Cal “deixa moi mal parado a Blanco Amor — que para ironías conservóunos medio século no seu poder! — pois evidencia que, nisto como en tantas cousas, deu mostras da sua afición a novelar a realidade”. Franco Grande exerce como valedor de Da Cal e principia a gi-zar um novo discurso sobre o produto lorquiano.

9.- Manuel de la Fuente (3-XII-1985: 18) medeia na polémica, e valoriza:

No definitivo será saber si Guerra Da Cal *se prestó* a hacer de *negro* de FGL, si sólo vertió al gallego lo que FGL escribió en castellano y por qué ha tardado medio siglo en revelar su *coautoría*.

Este mesmo jornalista dedica novo artigo ao tema dois dias mais tarde, em que de-fende que Lorca quis evidenciar com os SPG (De la Fuente, 5-XII-1985) “como le **im-pactó** [negrito(s) no original] Galicia, y sobre como quiso que Galicia quedase peren-nizada en su obra”. Afirma que as revelações de Da Cal puseram “en **interdicto**” esse produto lorquiano, ao confirmar a sua participação. A respeito da palestra de Alonso Montero no encerramento da homenagem celebrada em Vigo acrescenta:

No soslayó el conferenciante tan espinoso problema: **autoría, triautoría** o **poliau-toría** de esos textos – sobre lo que mucho se hablará todavía, incluso cuando Guerra Da Cal se manifieste **por si mismo** y no como hasta ahora lo ha hecho,

coincidindo com a valoração de Alonso Montero de que, em todo o caso “son poemas importantísimos y bellísimos”. Que De la Fuente insista em ocupar-se deste assunto evidencia até que ponto atingira centralidade e ultrapassava o âmbito dos especialistas, e como também persistiam as dúvidas a respeito de Da Cal.

10.- *Faro de Vigo* continua a polémica e, na contracapa, Filgueira Valverde (3-XII-1985) escreve uma “lembianza” do seu relacionamento com Lorca. Da autoria dos SPG defende: “Penso que a feitura propia non quita que os sometera ós íntimos galegos Guerra Da Cal, Blanco Amor...”, e destaca o trabalho de Alonso Montero.

Partilha a página com Filgueira o próprio Alonso Montero, com um trabalho que avança ser um (Alonso Montero, 3-XII-1985:40) “Capítulo, en esquema, de un libro inédito”. Refere-se ao possível conteúdo e estruturação desse volume, sem referências a Da Cal.

11.- *A Nosa Terra* publica em 5-XII-1985 carta de Da Cal (datada em 16-XI-1985), em que afirma: “Nem de longe me passou pela cabeça entrar nessa polémica [dos SPG], até por precaução higiénica, pois já se registou nela alguma emissão de baba-gem purulenta”.

Acrescenta que fará esclarecimentos na *Antologia* rosaliana. Esta carta responde à que tinha recebido do diretor do jornal e evidencia o interesse do nacionalismo galego no assunto, e como ele defende o direito a gerir aquela informação.

12.- Da Cal (XII-1985: 193-199) publica em Portugal a *Antologia Poética. Can-cioneiro Rosaliano*, em que, com efeito, inclui versão sobre os SPG. Defende ter sido esse produto

resultado duma colaboração linguístico-literária entre Lorca — nessa altura já no apo-geu dum renome de âmbito internacional — e quem isto escreve, então estudante e iné-dito aprendiz de poeta.

Afirma ter Lorca pouco conhecimento do idioma, que escutara nas visitas à Galiza e a “dois amigos galegos que habitualmente o falavam”, ele próprio e mais Serafin Ferrero. Era também “precário” o seu contacto com a literatura galega, acrescenta, que lhe provinha da leitura de Rosalia e de outros poetas medievais e modernos “alguns lidos em antologias que eu lhe emprestei”, assinalando que sabia “de cor” um número considerável de letras de canções galegas, embora fosse “um tanto quanto infielmente, visto o facto, por ele reconhecido, da sua acentuada falta de aptidão para línguas”.

Blanco-Amor, acrescenta, “conheceu Lorca pelo nosso intermédio” e apossou-se “não sem resistência por parte dele” dos originais manuscritos de cinco dos seis poemas para os imprimir. Informa serem quatro desses cinco originais completos e duas estrofes do outro “do meu punho e letra” e o resto deste último “da mão de Federico”, explicando isto por ter ele sofrido “um acidente de esquí”. Após a publicação de Compostela os autógrafos ficaram na posse de Blanco Amor, “facto este ao que ele nunca fez a mais leve referência pública”. Isso evidencia (Da Cal, 1985:194) “conduta explicável, visto repetidamente ter-se atribuído uma participação implícita que nunca neles teve”, embora deturpasse os originais, acrescenta, como o intitulado “Velha cantiga”, atribuindo a Blanco Amor a frase entre parênteses “Canción de cuna para Rosalia de Castro, morta”, que Da Cal julga duplamente infeliz: por conter o castelhanismo “cuna” e por lembrar um título da dramaturga Martínez Sierra “que era para o Federico dramaturgo uma *bête noire*”; para além de conter “graves erros de leitura” e infidelidades “à clara lição do autógrafo”, maltratos também presentes nos outros poemas.

A respeito dos seus “silêncios” sobre os SPG “hoje objecto de interesse crítico internacional” afirma que, a descoberta dos autógrafos, e ao serem publicados por Landeira Yrago “fazem com que a natural reserva por mim até hoje guardada neste assunto já não se justifique”. Indica ser esta nota um lugar não idóneo, pois “o esclarecimento circunstanciado e pormenorizado, agora imperativo, da minha parte” não “teria cabimento” nela, pelo que finaliza com esta afirmação: “Essa é coisa que fica para ser feita, como é devido, num futuro próximo”. Inclui a seguir o texto de “Velha cantiga”, e reivindica este título (em lugar de “Canzón de cuna...”), adaptado para português (Da Cal, 1985: 197; como fez com o resto dos poemas de produtores galegos incluídos no volume), e reproduz (Da Cal, 1985:198-199) o autógrafo.

13.- Antonio Odriozola (7-XII-1985) afirma que

No entro en divergencia de opiniónes sobre la elaboración de los textos en gallego pues el propio Alonso Montero reconocía en diversos sitios la importancia de la intervención de Guerra Da Cal e insta a éste a que dé a luz los textos elaborados por él.

Odriozola precisa melhor a cronologia do produto. Nessa página reproduz-se parte do artigo de Álvaro Cunqueiro (9-II-1936) sobre os SPG, a que se tinha referido Alonso Montero dias antes.

14.- Aos 11-XII-1985 mais uma vez *Faro de Vigo* dedica a contracapa à polémica dos SPG, esta vez com um artigo de Franco Grande que contesta alguns argumentos de Filgueira Valverde e de Odriozola a respeito da textualidade lorquiana.

15.- Alonso Montero (14-XII-1985) escreve o artigo “Guerra Da Cal e Lorca”, em que tenta demonstrar posições contraditórias entre o afirmado sobre os SPG por Da Cal (1956) e as afirmações sobre a sua participação que difundia Franco Grande. Afirma que, aquando a publicação dos SPG, Luís Manteiga e Cunqueiro davam por feito

que eram da autoria de Lorca. Depois, acrescenta, sou bo-se da intervención de Blanco Amor e de Da Cal. E valoriza (Alonso Montero, 14-XII-1985: 45):

3.- Un certo asesoramento lingüístico houbo, tivo que habelo, pero ese asesoramento non invalida que, no esencial, os poemas, como discurso literario, sexan de Lorca. [...] 5-Que agora, medio século despois da aparición do famoso e fermoso poemario, se suxira ou se dea a entender que os poemas teñen outro autor, está a sus citar inque-danzas moi graves. 6-O que menos se entende da extraña controversia de hoxe, suscitada, en realidade, por Guerra Da Cal, é que este non faga, el, as re velacións ad hoc. A importancia do tema, o retraso (cincuenta anos) en desvelar este misterio literario e o ri-gor filolóxico esixen prescindir de portavoces. Debería falar coa súa voz”.

Alonso Montero desconhecía portanto na altura a *Antología* rosaliana de Da Cal. No día seguinte ocupa-se de novo de García Lorca propondo a edición de uma (Alonso Montero, 15-XII-1985) “coroa poética” galega de homenagem ao produtor andaluz, indigitando Da Cal entre os poetas galegos com direito a ser incluído nela¹⁶.

16.- Iglesias Viqueira (15-XII-1985) refere-se à polémica pela autoria dos SPG¹⁷. Embora não indigite Da Cal, este criador de opinião interpela-o claramente para esclarecer a questão.

17.- Francisco F. del Riego (21-XII-1985) afirma que “non hai dúbida” que o poeta andaluz teve “colaboradores” ou “asesores lingüísticos” para a elaboração dos SPG. Indigita Da Cal e Blanco Amor a quem assinala, junto com Martínez Barbeito, como os “mellores amigos galegos” de Lorca.

18.- Franco Grande (28-XII-1985) publica “O ‘galego’ de García Lorca”, em que tenta documentar que o produtor granadino não dispunha de conhecimentos suficientes para escrever em galego os SPG. Afirma:

Todos aqueles que conoceron personalmente a García Lorca, os que foron os seus amigos de moitos anos e que, ademais, son xente da máxima solvencia intelectual – Dá-maso Alonso, Martínez Barbeito ou Guerra Da Cal–, deixaron moi claro nos seus escritos, ben conocidos, que o granadino non sabía galego. Só agora, despois de máis de cincuenta anos, a ousadía de algúns empúxaos a emitir ‘xuicios’ como estes: ‘Un certo asesoramento lingüístico tivo que habelo’, ou que este consistiu en ‘correxir algún léxico, suxerindo algunha alteración ou rectificando algunha impropiedade’. Por suposto, xentes tan ben informadas nin conoceron a Lorca, nin teñen a menor solvencia intelectual, nin fixeron a máis elemental investigación sobre o caso. Pero iso non importa: teñen as suas vísceras e abonda.

Refere-se aos autógrafos divulgados aquele ano, dos quais, assinala,

apoderouse Blanco Amor contra a vontade de Lorca, e nin respetou siquiera a dedicatória a Ernesto Pérez Guerra do poema ‘Cantiga do neno na tenda’. Había que eliminar rastros e fixoo; había que crear misterios e fantasías e logrouno; había que ensari-llar a verdade e conseguíuno. Pero o azar xogoulle unha boa trasnada: os autógrafos de Guerra Da Cal apareceron á morte do bo do Eduardo. E aí están como proba contundente da man de Guerra Da Cal na súa elaboración.

Compara Franco Grande os versos de “Danza da lúa” atribuídos a Da Cal e a Lorca: frisa que Lorca não dispunha de conhecimentos suficientes de galego para escrever o poema, pois não se justificam erros graves na parte que ele redigiu, que analisa com pormenor e julga inexplicáveis. Rebate a versão de Alonso Montero sobre o primeiro

¹⁶ Fará anos mais tarde este trabalho (Alonso Montero, 1998) e incluirá, com efeito, Da Cal.

¹⁷ *Faro de Vigo* publica este trabalho no seu suplemento dominical, que esse día dedica o tema principal a um poema inédito de García Lorca, de que se ocupa Franco Grande (15-XII-1985).

dos SPG, e conclui Franco Grande:

Que os poemas son de Lorca é evidente. Penso que isto nunca o negou ninguén, con um mínimo de credibilidade. Pero hai outra custión que, hoxe, só Guerra Da Cal pode aclarar: en qué medida éste necesitou colaborar na adaptación do texto ó galego, aínda introducindo versos enteiros. No completo traballo que prepara sobre isto daranos cumprida resposta [...]. Agardemos, pois, o traballo de Guerra Da Cal, xa que, como tódo los seus, vai ser esclarecedor. E mentras non chega, certos plumitivos mellor farían en arrombar as suas peñolas e sachos de escribir. Que boa falta fai.

Um trabalho de Da Cal que julga de “indispensable” para chegar a uma devida leitura dos textos, deturpados por Blanco Amor.

A polémica, portanto, levou a Da Cal para a primeira linha da atualidade, e reforçou a sua centralidade neste produto. A forte luta lingüística que se dava na altura por causa da normativa ortográfica do idioma galego relegava para posições periféricas nas instituições e na comunicação social as pessoas que defendiam a aproximação do galego com o português¹⁸, após ter-se imposto o seu referente de oposição, arvorado na normativa ortográfica ILG-RAG; mas ele ultrapassa os entraves que aquilo representava e alcança uma presença que outras pessoas de aquele movimento não conseguiam.

O ESTABELECIMENTO DE UM NOVO DISCURSO

Na biografia de Federico García Lorca de Ian Gibson (1987) recolhe-se o depoimento de Da Cal respeitante à sua intervenção nos SPG, em todos eles, e contribui para o estabelecimento de um novo discurso sobre esse produto.

Assim, as sugestões de mesmo uma possível “coautoria” García Lorca-Da Cal, que se principiava a aventurar em 1985 após conhecerem-se os primeiros depoimentos de Da Cal, foi defendida nos anos seguintes por críticos, na Galiza e no exterior, entre eles o atual presidente da Real Academia Galega, quem afirma a respeito dos SPG (Méndez Ferrín, 11-V-87: 2): “Non habería iso se non houbera Guerra Da Cal. Se cada, algún día levaremos à imprenta unha nova edición que rece así, en portada: ‘GARCÍA LORCA/ GUERRA DA CAL, ‘Seis Poemas Galegos’. E non pasa nada.” Eduardo Blanco Amor nem é citado, como sim tinha feito Ferrín em ocasião anterior para questionar a sua versão¹⁹. A autoridade legitimadora de Ferrín, como figura central nos campos literário e dos estudos literários da Galiza desde o último quartel do século XX, colabora para colocá-lo num lugar referencial a respeito deste produto.

A edição crítica de Andrew Anderson defende que Da Cal (Anderson, 1988: 32) “intervino de uma maneira esencial en la concepción, composición y elaboración de los poemas”. A participação de Da Cal reconhecer-se-á maioritariamente, embora persistirão dúvidas, pela intensidade da versão dos anos do seu silêncio.

Da Cal morre em Lisboa, aos 28 de julho de 1994, sem ter publicado o anunciado

¹⁸ Nessa altura, a Associação Galega da Língua, de que Da Cal era “Membro de Honra”, crescia em presença social e número de associados, dinamizando a produção científica e publicações; e o grupo das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal promoviam a Comissão para a Integração da Galiza no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de que escolherão presidente a Da Cal.

¹⁹ Tinha afirmado (Méndez Ferrín13-X-1986): “De dar creto ao meu defunto amigo Eduardo Blanco Amor, que non poucas veces edificaba con primor torres de trolas, nunha excursión en automóvel a Galicia, desde Madrid, Guerra da Cal, moi noviño daquela, por pouco afoga nunha praia do norte, o que daría pé ao poema galego de Lorca sobre o ‘adolescente afogado’. Digan o que queiran, parece que non hai dúbida ningunha de que Guerra da Cal e Lorca estiveron unidos por unha boa amizade e de que o profesor galego é principal responsable dos sete [sic] poemas do granadino aparecidos no noso idioma”.

estudo para esclarecer a sua participação nos SPG.

Em nova edição da *Obra Completa* (García Lorca, 1996) referenda-se a intervenção de Da Cal ao afirmar-se que, apesar da versão amparada nos depoimentos de Blanco Amor, nos SPG (García Posada, 1996): “Hay que hacer justicia a un nombre: Ernesto Da Cal”, acrescentando que “intervino de manera decisiva” nesse produto.

Alonso Montero continuou a promover os SPG e mesmo defendeu proposta na Real Academia de dedicar a García Lorca o *Dia das Letras Galegas de 1998*²⁰, com ensejo do centenário do nascimento do produtor granadino. Assumiu também a versão de Da Cal a respeito dos SPG, embora questionasse (Alonso Montero, 1997:33²¹) que escrevesse o livro anunciado em 1985 para esclarecer a sua participação nos SPG. No entanto, desse volume encontram-se provas num recente trabalho académico (Gómez, 2009, sobretudo Vol. II) em que mesmo se adiantam, em reprodução facsimilar, algumas páginas do mesmo, sendo do maior interesse as explicações sobre o primeiro desses poemas, “Madrigal a la ciudad de Santiago”, a respeito do qual se exprimiram mais dúvidas sobre o seu possível contributo, por não se ter encontrado vestígios da sua letra. Em concreto, afirma ter sido ele quem fez a sugestão de que o redigisse em galego, oferecendo a sua colaboração, e acrescenta Da Cal (in Gómez, 2009, Vol. II):

Ele [García Lorca], ‘homo ludicus’, achou divertidíssimo, quando eu lhe propus que dissesse que os tinha feito ele directamente. Concordou e pusemo-nos de acordo, para pôr mãos à obra. Daí a poucos dias, na sua casa, fizemos a tradução simultânea, talvez único [sic] na história da poesia.

O conhecimento da versão íntegra desse trabalho suporá porventura ainda um maior reforço da centralidade de Da Cal.

Os SPG mantêm o seu atrativo e atualidade. Uma exposição que se celebra desde maio de 2011 no centro de ensino secundário Rosalia de Castro de Santiago de Compostela salienta a presença de García Lorca como conferencista, em 7 de maio de 1932, no edifício agora a sede do centro, facto assinalado com uma placa comemorativa (Gomez, 7-V-2011), que ressalta que teria sido aquela deslocação à cidade o gérmen das seis composições galegas. A mostra dedica generosos espaços a Da Cal e a Blanco Amor, e os SPG revivem com trabalhos do alunado de secundária. Outros projetos estão a ser arvorados, alguns (Gomez, 11-VIII-2011, que recolhe nova valorização dos SPG de Méndez Ferrín) anunciados em público.

A morte de Eduardo Blanco Amor e o ter-se encontrado os manuscritos dos SPG, e outros elementos, como a carta de Ernesto Da Cal de 15-XII-1949, contribuíram para um novo discurso no Campo dos Estudos Literários sobre esse produto literário, que começou a arvorar-se desde a comunicação social galega. Alicerçou-se ao se conhecer a existência dos manuscritos em Ourense (Anônimo, 1980), divulgada num cartaz e no jornal *La Región* (Espino Domarco, 22-III-1985 e Alvarado, 24-III-1985), o que favoreceu a publicação dos mesmos por Landeira Yrago em *La Voz de Galicia* e em *Grial*, em junho de 1985; e uma polémica sobre a autoria iniciada pelo jornalista Miguel Sande em *Galicia Viva*, com continuidade nessa mesma publicação e em *Faro de Vigo*, *La Voz de Galicia*, *A Nosa Terra* e *Faro del Lunes* no último trimestre do ano.

A posterior intervenção de especialistas de referência no estudo de Federico García

²⁰ Neste ano, juntamente com Miro Villar, organizou na USC um congresso internacional sobre os SPG, em que se editou um volume (Alonso Montero e Villar, 1998) com materiais muito valiosos.

²¹ Refere-se ao anúncio por parte de Da Cal “dun libro sobre os Seis poemas que non chegou a publicar e que, quizais, nunca escribiu”.

Lorca, nomeadamente Ian Gibson, Andrew A. Anderson e Miguel García Posada, para além de críticos galegos como Franco Grande e Méndez Ferrín, resultou decisiva para a aceitação desse novo discurso, que hoje se assume: os *Seis Poemas Galegos* devem-se à vontade de Lorca de escrevê-los, contou com a colaboração de Da Cal para redigi-los em galego, e publicaram-se em 1935 pela insistência de Blanco Amor para consegui-los, e pela disponibilidade do editor Ánxel Casal.

Após a edição príncipe, e a morte de García Lorca e Ánxel Casal, foi preciso mais de meio século para esclarecer essas circunstâncias, depois de aparecerem e publicarem-se os autógrafos guardados por Blanco Amor, e que se decidiu a falar Ernesto Guerra Da Cal: a sua palavra, a última das proferidas pelos atores principais que intervieram nessa produção de Federico García Lorca, foi afinal a melhor.



Capa do livro de Joel Gomes (2015),
Ernesto Guerra Da Cal, do exílio a galego universal.

BIBLIOGRAFIA CITADA.

TRABALHOS ASSINADOS

Alonso Montero, Xesús (12-IV-1980), “Los poemas gallegos de García Lorca y una incógnita”, *Triunfo*, nº 898, p. 492

---(s/d, 1980), “García Lorca, Federico”, *Gran Enciclopedia Gallega*, Gijón, Silverio Cañada, Vol. XV, pp. 183-190.

--- (9-I-1981), “Encontro en Madrid con García Lorca e Francisco Lamas”, *Faro de Vigo*, pp. 22-23

--- (6-XI-1985), “Sobre os ‘autores’ dos ‘Seis poemas galegos’ de Federico García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 58.

--- (26-XI-1985), “Lorca en Galicia – Lorca e Galicia”, *Faro de Vigo*, p. 48 (última).

--- (3-XII-1985), “A xestación dos ‘Seis Poemas Galegos’ (1935)”, *Faro de Vigo*, p. 40 (última).

--- (14-XII-1985), “Guerra Da Cal e Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 45.

--- (5-XII-1985), “Coroa poética para o poeta García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 48 (última).

--- (1997), “Blanco Amor e García Lorca”, in *Xornadas Eduardo Blanco Amor*,

Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, pp. 27-40.

--- (1998, org), *Os Poetas de Galicia cantan a García Lorca*, Santiago de Compostela, Concello de Santiago.

Alonso Montero, Xesús-Villar, Miro (1998, eds.), *Textos e documentos para o congreso sobre García Lorca en Galicia. García Lorca, poeta en lingua galega*, Santiago de Compostela, Dirección Xeral de Política Lingüística-Universidade de Santiago.

Alvarado [Segundo] (24-III-1985), “‘Federico García Lorca tuvo em Blanco Amor al corrector de sus textos en gallego’. Dos universitarios madrileños intentan recuperar toda la obra del poeta granadino”, *La Región*, 24-III-1985, pp. 20 e 21.

Anderson, Andrew A. (1988), “Introducción crítica” e “Estudio textual y bibliográfico” in García Lorca (1988, op. Cit.).

Blanco Amor, Eduardo (1935), “Prólogo” (in García Lorca, 1935, op. Cit.)

--- (5-XII-1948), “Sobre los poemas gallegos de García Lorca”, *La Hora de Chile*.

--- (VII/VIII-1959), “Los poemas gallegos de Federico García Lorca”, *Ínsula*, nº 152-153, p. 9.

--- (1-X-1978), “Federico, otra vez, la misma vez”, Madrid, *El País* (suplemento “Arte y Pensamiento”, pp. I, VI e VII).

Coelho, Jacinto do Prado (1956-1960, dir.), *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Porto, Figueirinhas

Corral, S. (X-1985), “Os ‘Seis poemas galegos’ de Lorca son de Guerra Da Cal” e “Guerra Da Cal compuxo con Lorca os ‘Seis poemas galegos’”, *Galicia Viva* (Ourense), pp. 1 e 26.

Cunqueiro, Álvaro (9-II-1936 [7-XII-1985]), “Troba oxe Federico García Lorca na nosa lingua anerga”, *Faro de Vigo*, p. 52 (última).

Da Cal, Ernesto Guerra (I/IV-1945), “*Presença de Garcia Lorca. Florilégio*. São Paulo, Letras Editora Continental Ltda”, in *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XI, Nº 1 y 2, p. 62.

--- (15-XII-1949), “Carta a Eduardo Blanco Amor”, Ourense, Biblioteca da Deputação Provincial.

--- (1956), “Bilinguismo na Literatura Galega (Escritores não Galegos que Escreveram em Galego)”, in Coelho, Jacinto do Prado (1956-1960, dir., op. cit), pp. 95-96.

--- (1-IV-1959), “Carta a Alberto Machado da Rosa”, Évora, Espólio Machado da Rosa conservado pela viúva Aldegice Machado da Rosa (carta inédita, reproduzida parceladamente in Gómez, 2009, op. cit., pp. 176-177).

- (1969), “Federico García Lorca”, *The Encyclopedia Americana*, Nova Iorque, Vol. XII, pp. 680-681, 9ª ed.
- (II-1984), “Pavana ritual para um Poeta Assassinado. Granada 1936”, in Warnest, D. C., *Homage to Federico García Lorca*, Friendlyville, Nova Iorque, The Crotchety Cricket Press (reproduzido in: Alonso Montero [1998, op. cit], pp.160-166).
- (18-V-1985, 12 e 19-XI-1985), “Cartas a Xosé Luís Franco Grande”, Vigo, Fundação Francisco Fernández del Riego (inéditas, reproduzidas parcelarmente in Gómez, 2009, op. cit., pp. 543 e passim).
- (8-VI-1985) “Carta” (ver XI-1985).
- (16-XI-1985), Ver 5-XII-1985.
- (XI-1985), “Carta datada em 6-VI-1985 [sem especificação de destinatário]”, *Galicia Viva*, p. 26 (reprod. facsimilar. Ver Sande, Miguel).
- (5-XII-1985), “Carta de Ernesto Guerra Da Cal [datada em 16-XI-1985]”, *A Nosa Terra*, p. 2.
- (XII-1985), *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimaraães.
- (2009), “Os ‘Seis Poemas Galegos’ de Federico García Lorca”, in Gómez (2009), op. Cit., Vol. II.
- Da Cal, Ernesto Guerra-Da Cal, Margarita Ucelay, (1955), *Literatura del siglo XX*, Nova Iorque, The Dryden Press (2ª ed. revista e aumentada em 1968, Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston).
- De la Fuente, Manuel (3-XI-1985), “Aviso de Guerra Da Cal desde Estoril”, *Faro de Vigo*, p. 20.
- (3-XII-1985), “Hoy, a las ocho de la tarde, a las ocho en punto de la tarde...”, *Faro de Vigo*, p. 18.
- (5-XII-1985), “Brillante final de un homenaje”, *Faro de Vigo*, p. 2.
- Espino Domarco, F. J. (22-III-1985), “‘Seis Poemas Gallegos [sic]’ de Lorca, en la biblioteca de la Diputación”, *La Región*, p. 19.
- Filgueira Valverde, Xosé (3-XII-1985), “Lembranza de Federico García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 40 (última).
- Franco Grande, Xosé Luís (8-XI-1985), “García Lorca non sabía unha palabra de galego” e “Nin mistérios nin segredos. O galego de García Lorca-Guerra Da Cal”, *Faro de Vigo*, pp. 1 e 52 (última).
- (2-XII-1985), “Sobre os Seis Poemas Galegos. Primeira revelación de Guerra Da Cal”, *Faro del Lunes*, pp. 1 e 40 (última).
- (11-XII-1985), “Tres precisións a Filgueira Valverde e a Antonio Odriozola”, *Faro de Vigo*, p. 44 (última).
- (15-XII-1985), “Poema inédito de García Lorca”, *Faro de Vigo*, capa e Suplemento do Domingo pp. I, X e XI.
- (28-XII-1985), “O ‘galego’ de García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 44 (última).
- García Lorca, Federico (1932), “Madrigal a la ciudad de Santiago”, *Yunque* (Lugo) e *Resol* (Santiago de Compostela). Publicado posteriormente como “Madrigal à cibdá de Santiago”.
- (1935), *Seis Poemas Galegos*, Santiago de Compostela, Nós.
- (1938 [7-X]), *Obras Completas*, Buenos Aires, Losada (recopiladas por Guillermo de Torre; Vol. II: *Libro de Poemas, Primeras Canciones, Canciones, Seis Poemas Galegos*).
- (1941) *Poemas Gallegos*, Buenos Aires, Inter Nos (apresentação e trad. para espanhol de Alberto Muzzio).
- (1981), *Primeras Canciones, Seis Poemas Galegos, Poemas Suelos, Canciones Populares*, Madrid, Alianza Editorial (ed. de Mario Hernández).
- (1988), *Diván del Tamarit, Seis Poemas Galegos, Llanto por Ignacio Sánchez Mejías*, Madrid, Espasa Calpe (ed. crítica de Andrew A. Anderson).
- (1996) *Obras Completas I. Poesía*, Miguel García-Posada (ed), Barcelona, Galaxia Gu-

tenberg-Círculo de Lectores

García-Posada, Miguel (1996), “Seis Poemas Galegos”, in García Lorca, Federico, (1996), pp. 958-960.

Gibson, Ian (1987), *Federico García Lorca. Vol. II: De Nueva York a Fuente Grande (1929-1936)*, Madrid, Grijalbo.

Gómez, Joel R. (2009), *A trajetória de Ernesto Guerra Da Cal nos campos científico e literário*, Tese de Doutoramento, orientada pelo Professor Doutor Elias Torres Feijó, Santiago de Compostela, USC (ISBN: 978-84-9887-257-6), 2 vol.

--- (7-V-2011), “Una placa en el Rosalía recuerda la presencia de Lorca en Santiago”, *La Voz de Galicia* (ed. Santiago), p. 2.

-- (11-VIII-2011), “El Lorca gallego crece y seduce”, *La Voz de Galicia*, Culturas, p. 11.

Hernández, Mario (1981), “Introducción”, in García Lorca, Federico (1981, op. cit.), pp. 11-47.

Iglesias Viqueira (15-XII-1985), “Federico, aclárate axiña”, *Faro de Vigo*, Dominical, p. II.

Landeira Yrago, José (17-V-1985), “Carta a Ernesto Guerra Da Cal”, Lisboa, Espólio Ernesto Da Cal conservado pela viúva Elsie Allen Da Cal (inédita).

--- (6-VI-1985), “Los Poemas Galegos al margen de Federico García Lorca”, *La Voz de Galicia* (Caderno de Cultura), p. 1.

--- (IV-VI-1985), “Os manuscritos de cinco poemas de García Lorca”, *Grial*, nº 88, pp. 229-242.

Martínez-Barbeito, Carlos (24-III-1945), “García Lorca, poeta gallego. Un viaje a Galicia del cantor de Andalucía”, Madrid, *El Español* (reproducido in *Grial*, nº 43, I/III-1974, pp. 90-98).

Méndez Ferrín, Xosé Luís (13-X-1986), “O perfume escusado de Anfistora”, *Faro del Lunes*, p. 2.

--- (11-V-1987), “Outra vez García Lorca”, *Faro del Lunes*, p. 2.

Neira Vilas, Xosé (1995), *Eduardo Blanco-Amor dende Buenos Aires*, O Castro-Sada (Crunha), Ed. do Castro.

Odriozola, Antonio (7-XII-1985), “Sobre los Seis Poemas Galegos de García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 52 (última).

Palmás, Ricardo, (1995), “Eduardo Blanco-Amor e mais xente ao lonxe”, in Neira Vilas, Xosé (1995) op. cit., pp. 15-34.

Piñeiro, Ramón (12-X-1963), “Carta a Ernesto Da Cal”, Nova Iorque, Arquivo de The Hispanic Society of America (carta inédita, reproducida parcelarmente em Gómez, 2009, op. cit, p. 251)

Ruiz de Ojeda, Victoria A. (1994, ed.), *Entrevistas con Blanco Amor*, Vigo, Nigra.

Sande, Miguel (XI-1985), “Miguel Sande publica la carta de Guerra Da Cal confirmando la autoría de los ‘Seis poemas de Lorca’. Acreditando a colaboración Lorca-Da Cal nos ‘Seis Poemas Galegos’. Palabras para o profesor Alonso Montero”, *Galicia Viva*, pp. 1 e 26.

Wolf, Bill (24-XI-1964), “Da Cal Views Amigo Lorca”, *Phoenix* (Queens College-New York).

Wolkstein, Diane (29-X-1963), “Studio Theatre Play Cast Against Type”, Northampton, *The Hampshire Gazette*.

TRABALHOS ANÓNIMOS

(26-III-1963), “Blanco Amor hablará hoy sobre ‘García Lorca y los poemas gallegos’”, *Faro de Vigo*, p. 4.

(XI-1980), Cartaz anunciador da “Semana-Homenaxe a Eduardo Blanco Amor”, patrocinada pela Deputación Provincial de Ourense.

(8-V-1983), “Pleno provincial. Acordada la adquisición de la biblioteca de Blanco Amor”, *La Región*, p. 5.

(26-XI-1985), “Homenaxe de Galicia, en Vigo, a Federico García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 48 (última).

(27-XI-1985), “Comenzó en Vigo un ciclo cultural en torno a los polémicos poemas gallegos de Lorca”, *La Voz de Galicia*, p. 19.

(28-XI-1985), “Cincoentenario dos Seis Poemas Galegos. Comezou o homenaxe a García Lorca no Centro Cultural da Caixa”, *Faro de Vigo*, p. 24.

(5-XII-1985), “Homenaxe de Galicia, en Vigo, a Federico García Lorca”, *Faro de Vigo*, p. 48 (última).

(Inverno 1998), “No centenário do nascimento de Federico Garcia Lorca – Três Poetas”, *Agália*, nº 56, pp. 492-495.

Joel R. Gómez é doutor em Filologia pela Universidade de Santiago de Compostela, e pertence ao Grupo de Pesquisa nos Sistemas Culturais Galego, Luso, Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa (Grupo Galabra-USC) dessa instituição. Entre as suas publicações destacam *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra Da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX* (Ed. do Castro, 2002) e *A trajetória de Ernesto Guerra Da Cal nos campos científico e literário* (USC, 2009) e *Ernesto Guerra Da Cal, do exílio a galego universal* (Através, 2015). Editou, juntamente com o Professor Doutor Elias Torres Feijó, *Rosalía de Castro. A Mulher e o Poeta* (Laivento, 2005), a primeira Tese de Doutoramento em português defendida nos EUA, na Universidade de Wisconsin.



Carlos Durão durante a sua conferência.
Acompanha-o na mesa António Gil Hdez.

Guerra Da Cal entre nós

Carlos Durão

RESUMO: O autor faz um percorrido pela biografia deste vulto fulcral da literatura galega contemporânea e do reintegracionismo, a sua poesia, como também a sua atividade cívica durante e depois da chamada guerra civil espanhola, a sua intervenção na redação dos “Seis poemas galegos” de F. García Lorca, a sua obra académica nos EUA, nomeadamente sobre Eça de Queiroz, e enfim a sua projeção transcontinental da nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, literatura galega, reintegracionismo, guerra civil espanhola, García Lorca, Eça de Queiroz

ABSTRACT: The author covers the biography of this fundamental personality of contemporary Galician literature and of reintegrationism, his poetry, as well as his civic activity during and after the so-called Spanish Civil War, his part in the drafting of F. García Lorca’s “Seis poemas galegos”, his academic work in the USA, particularly on Eça de Queiroz, and finally his transcontinental projection of our culture.

KEYWORDS: Galician literature, reintegrationism, Spanish Civil War, García Lorca, Eça de Queiroz

Foi a filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio quem num congresso da AGAL (Associação Galega da Língua) se referiu a Ernesto Guerra Da Cal como “homem de três corações”, unindo assim num jogo de palavras uma cidade brasileira com a firme dedicação de Guerra Da Cal à tríplice Lusofonia da Galiza, Portugal e o Brasil.

Foi o nosso Ernesto poeta, o primeiro poeta galego moderno que tratou temas universais, no espaço e no tempo, desde “dentro” e desde “fora”; com certeza, o poeta galego que mais eco teve dentro e fora da Galiza, como testemunha a abundante bibliografia transnacional e transcontinental a que deu origem a sua obra; contudo, na sua pátria sempre proscrito, e até maldito.

E foi, em fim, o professor e cientista galego de todos os tempos com maior projeção e prestígio internacionais, sobretudo pelo seu trabalho pioneiro nos estudos de Eça de Queirós²². Afinal uma das principais figuras da história da Galiza.

Mas para a Galiza ele deixou ainda um legado fundamental no reintegracionismo linguístico, com o seu trabalho, com o seu exemplo, e com o seu prestigioso relacionamento académico no mundo lusófono.

ESBOÇO BIOGRÁFICO

Embora ele nascesse no Ferrol atlântico, a sua identificação anímica foi sempre com o luguês Vale de Quiroga, onde tinha família, e com o rio Sil, amiúde lembrado na sua poesia. Madri foi onde cursou os seus estudos, de bacharelato e de Letras, e onde madurou politicamente, com outros vultos do galeguismo cultural e político como Ramom Otero Pedraio, Ramom Soares Picalho, Antão Vilar Ponte, Ramom Cabanilhas, Eduardo Blanco Amor, Serafim Ferro, e mais tarde Afonso Rodrigues Castelhão²³. Com eles falava exclusivamente galego.

Também em Madri fez amizade com os professores espanhóis Américo Castro e Navarro Tomás, conheceu os poetas Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Luis Cernuda e Juan Ramón Jiménez, colaborou com o cineasta Luis Buñuel, e teve com Federico García Lorca uma íntima relação que culminou na publicação dos famosos *Seis poemas galegos* lorquianos (vide *infra*).

Foi detido e encarcerado pela sua militância no movimento grevista estudantil que desafiou a ditadura de Primo de Rivera e, ao se produzir o golpe militar-fascista no 1936, interveio no assalto ao Cuartel de la Montaña; alista-se depois nas Milícias Galegas, combatendo na frente de Toledo, e chegando a ser capitão do Exército Popular; colabora na revista antifascista *Nova Galiza*, destinada aos soldados galegos e promovida pela Oficina Galega do Comissariat de Propaganda da Generalitat de Catalunya; é enviado a Nova Iorque, em missão oficial da Seção do Exterior do SIM (Serviço de Investigação Militar) do Ministério da Guerra espanhol²⁴; surpreende-o ali a derrota republicana, ficando então nos Estados Unidos e voltando a entrar em contacto com

²² Dentre as diversas edições que teve desde 1954 a sua monumental *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, a definitiva é a portuguesa da sua esposa Elsie Allen da Cal, Livraria Almedina, Coimbra, 1981

²³ Também conheceu Emilio Gonçalves Lopes e, nas suas tempadas na Galiza, Ângelo Fole, Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carvalho Calero, Luís Pimentel, Evaristo Correa Calderón, Jesus Bal e Gay, Artur Souto, Álvaro das Casas e Artur Quadrado.

²⁴ A missão era verificar “informes” sobre malversações de fundos arrecadados com destino à causa republicana

Castelão e com os antifascistas galegos no exílio, como Emilio Gonçalves Lopes.

Instalado definitivamente o regime fascista em Madri, e com fracas possibilidades de voltar com vida à Galiza²⁵, Guerra Da Cal fica nos EUA com o estatuto de exilado e posteriormente nacionaliza-se norte-americano, completa os seus estudos universitários na Columbia University, e chega a ser catedrático na New York University. Ali realiza os trabalhos de pesquisa que culminam no seu *magnum opus*, a primeira tese defendida numa universidade americana sobre literatura portuguesa: a *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, pelo que é justamente reconhecido e louvado internacionalmente, e condecorado em Portugal.

A sua atividade é intensa naqueles anos. Pronuncia conferências, realiza seminários, edita publicações, colabora em trabalhos de investigação para universidades do Brasil e de Portugal, reclamando, em todo o mundo lusófono, o reconhecimento da Galiza como pertencente a esse mundo, e em toda a parte dizendo sempre abertamente que ele era galego.

Assim o fez, por exemplo, no Brasil, aonde se deslocou para participar, com Manuel Rodrigues Lapa, e “como galego”, em reuniões preparatórias a respeito do *Acordo ortográfico de 1945*; também participou no *Congresso Internacional de Estudos Portugueses e Brasileiros*, na Baía, em agosto de 1959, como no *I Simpósio Lusobrasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea* na Universidade de Coimbra em 1967.

A relação de Guerra Da Cal com o Brasil patenteou-se ainda na acolhida dos estudos brasileiros na sua cadeira nova-iorquina, e no seu projeto, reiteradamente afirmado, de dedicar à obra de Machado de Assis um estudo do fôlego do que lhe dedicara a Eça; foi anunciado com ocasião do 150 aniversário do seu nascimento, mas o projeto não vigorou.

Em 1960 é chamado a participar como convidado de honra, junto com Jean Paul Sartre, no *Congresso de Crítica Literária do Brasil*; à morte do literato francês André Malraux, abriu-se o debate na *Academia Brasileira de Letras* sobre quem deveria cobrir essa vacante como sócio correspondente, e o nome de Guerra Da Cal foi baralhado junto como o de Sartre²⁶.

Continua a desempenhar diferentes cargos e responsabilidades administrativas, universitárias e de sociedades científicas e profissionais. Em 1959 é distinguido como Doutor Honoris Causa pela Universidade da Baía, e em 1989 recebeu o Doutorado Honoris Causa da Universidade de Coimbra.

Apesar do seu intenso labor académico, desenvolvido ao longo da sua brilhante carreira universitária (na que recebeu as mais altas condecorações e reconhecimentos dos EUA, do Brasil e de Portugal), não por isso deixa de participar na vida cultural da Casa de Galiza (“Unity Gallega”) de Nova Iorque²⁷, sempre colaborando com a coletividade dos exilados e os emigrantes galegos de Nova Iorque e doutros lugares²⁸.

²⁵ Evidentemente no Estado Espanhol ele era, por dizê-lo diplomaticamente, *persona non grata*. Ele próprio nos lembra que um io-avô seu, Inocêncio, “foi assassinado pelos franquistas em Vigo”

²⁶ Vide: Rangel, Maria Lucia, “En el té de la Academia de Letras, la mayoría, supersticiosa, prefiere café”. *Revista de Cultura Brasileña*, no 44 - junio 1977, Embajada de Brasil, Madrid, p. 109.

Online: <http://hemeroteca.fundacionhispanobrasilena.es/hemeroteca/ver/954>

²⁷ Em cuja *Memória Anual* publicou alguns poemas mais tarde coligidos em *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo*.

²⁸ Cabe mencionar a este respeito as suas emissões semanais na estação de rádio *Voice of America* (“US Information Service”), em espanhol e português

E sempre, por toda a parte, em todas as suas intervenções académicas, internacionais e intercontinentais, propagou e sustentou a causa da emancipação da sua pátria galega oprimida, e defendeu a dignificação da sua língua — a variante mais antiga da expressão lusíada — contra a sua dialetalização organizada.

Em 1954, a Universidade de Coimbra publica o primeiro volume da sua *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, nas *Acta Universitatis Conimbrigensis*, ao que seguiram outros cinco tomos, em edição espanhola por imperativo do seu trabalho académico, o qual, dito seja, favoreceu a sua receção entre os hispanistas; o grande reconhecimento internacional é então testemunhado pelas cerca de 50 recensões e resenhas, em sete línguas e em onze países. E valeu-lhe o “Prémio Dom Manuel II de Bibliografia” da *Fundação da Casa de Bragança*.

Em 1955, Jacinto do Prado Coelho pede-lhe a colaboração no seu *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, para o qual redigiu artigos sobre temas e autores galegos e portugueses.

Continua a publicar, na década de 50, em diferentes revistas de coletividades de emigrantes galegos, e nos anos 1959 e 1963 publica os seus seminais poemários *Lua de Além-Mar*²⁹ e *Rio de Sonho e Tempo*, na editora de Vigo Galaxia³⁰.

No 1964, e com José Rubia Barcia, exilado também ferrolano, propicia e prologa o poemário *Voz Fuxitiva* da escritora norte-americana Anne Marie Morris, publicado pela Galaxia.

Continua, na década de 70, a publicar o seu *magnum opus*, a merecidamente qualificada como monumental *Bibliografia Queirosiana, Apêndice* da sua tese de doutoramento.

Essa edição demorou até 1984 e consta de seis tomos, com mais de 3.000 páginas e 14.000 verbetes. Foi considerada contributo pioneiro pela crítica literária, não existindo, na altura, trabalho semelhante para qualquer outro autor. Ainda hoje é obra de obrigada consulta, e citada pelos estudiosos de Eça de Queiroz.

Em 1971, no Brasil, Estados Unidos, Portugal, Angola e Moçambique, profere a palestra "A Relíquia, romance picaresco e cervantesco", trabalho de crítica literária que consolida um novo discurso sobre Eça.

É impossível resumir aqui toda a sua brilhante trajetória académica; digamos só que por ela recebeu numerosas distinções de instituições académicas e governos, no Brasil, nos Estados Unidos e em Portugal.

Reformado no 1977 da sua cátedra na universidade americana, como *professor emeritus*, Guerra Da Cal muda a sua residência para Portugal, no Estoril³¹, e posteriormente, por enfermidade da esposa, a Londres.

Em 1984 publicou *Homage to Federico Garcia Lorca on the 30th Anniversary of his Death*, parte da sua produção inglesa como D. C. Warnest.

Em 1985, com ocasião do centenário da morte de Rosalia de Castro, publicou em Lisboa *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (que inclui *A Tragic Celtic Rose*, a ela dedicado pelo Warnest); e também *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para*

²⁹ O primeiro livro no que um autor aposta pelo reintegracionismo linguístico após o chamado *Rexurdimento*.

³⁰ Com prólogos de Jacinto do Prado Coelho e Ramon Otero Pedraio, respetivamente, Ed. Galaxia, Vigo (como foi dito acima, alguns poemas de *Lua de Além-Mar* foram publicados antes na *Memória Anual* da Casa Galicia de Nova Iorque); ed. definitiva da AGAL em 1991.

³¹ Que ele chamava *Melrose*.

Principiantes), precedido de um "Antelóquio indispensável", um texto combativo que não deixa lugar a dúvidas sobre o seu firme posicionamento na questão do Reintegracionismo.

De 1987 data outro dos seus poemários, igualmente publicado em Lisboa, *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*.

Em 1988: *6 Poemas a Rosalia de Castro*. Em 1989, em Málaga³² edita *Espelho Cego*, e também ali publica *Coisas e Loisas*, em 1992.

Nesse mesmo ano, a Universidade de Coimbra publica um ensaio seu sobre a génese do queirosiano "Testamento de Mecenas".

Já nos anos 90, a AGAL reedita num volume os seus *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, realmente uma nova edição, de 1991, com estudos e abundante material gráfico³³.

A SUA PARTICIPAÇÃO NO ACORDO ORTOGRÁFICO

Foi nesses anos quando mais impulsionou o movimento reintegracionista desde o exílio, como Carvalho Calero faria no interior.

E foi graças aos contactos com os seus colegas em universidades lusófonas, à sua acessibilidade para a mocidade reintegracionista, e com o seu respaldo académico, que a Galiza conseguiu um posto de observador nas várias negociações dos *Acordos Ortográficos*.

Com efeito, a participação galega nas negociações do atual *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* tem os seus antecedentes nas iniciativas do professor Manuel Rodrigues Lapa nos anos 30 do século passado³⁴, que tiveram eco nos membros do *Seminário de Estudos Galegos*, das *Irmandades da Fala* (históricas) e da *Geração Nós*³⁵, mas ficaram goradas pela guerra da Espanha. Nos anos 50 passa então o protagonismo a Guerra Da Cal (justamente considerado iniciador do reintegracionismo contemporâneo). Lembremos que ele já participara "como galego", por convite português, numa comissão preparatória do *Acordo Ortográfico de 1945*, no Rio de Janeiro³⁶.

Não sendo conseguido então o acordo, e chegados os anos 80, são convocadas para os dias 6-12 de maio de 1986, por convite do Brasil, sessões de debate e negociação dum novo *Acordo Ortográfico da Ortografia Simplificada*, na *Academia Bra-*

³² Pela sua estreita amizade com os poetas María Victoria Atencia e Rafael León.

³³ Depósito Legal do 1992; nova edição, revista e anotada pelo autor, num só volume, com apresentação de M.^a do Carmo Henriques Salido, introdução de Carlos Durão, esboço biográfico de Elsie Allen da Cal, e capa de José M. Aldeia e Ragner Caldas, com reproduções fotostáticas, glossário de galaicismos e abundante bibliografia; contém, em apêndice, as partituras de várias peças musicais, compostas sobre poemas seus (José M.^a Evangelista, Vicente Asencio e Matilde Salvador, com as correspondentes partituras, para canto e piano), e estreadas no *VII Festival da Canção Galega*, no Salão Nobre do Paço da Deputação de Ponte Vedra, no 12 de julho de 1966; e uma *Tábula Gratulatória* com que os seus amigos o presenteavam.

³⁴ "Para esta indispensável aproximação é necessário em primeiro lugar reformar a ortografia galega no sen ido da nossa ortografia oficial, sempre que isso seja possível, que quase sempre o é" (*Diário da Noite*, Lisboa, 24 agosto 1932; recolhido em *Estudos galego-portugueses*, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1979, p. 20)

"O acordo filológico entre as duas regiões seria coisa fácilima, não precisando sequer da intervenção oficial: bastava um entendimento entre o *Centro de Estudos Filológicos* e o *Seminário de Estudos Galegos*" (*Sea-ra Nova*, no 425, 1935, pp. 261-262; depois em "António Sérgio e o problema da língua literária", *Estudos galego-portugueses*, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1979, p. 121)

³⁵ Incluída a revista.

³⁶ "Pensa ele [Guerra da Cal], e muito bem, que devíamos fazer uma reunião entre portugueses, brasileiros e galegos, para lançar as bases de uma reforma ortográfica" (*Carta do Rio*, de Rodrigues Lapa, na altura exilado no Brasil, a F. Fernández del Riego, 15 novembro 1958: em *Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega*, de Manuel Rodrigues Lapa, 2001, Ed. Galaxia, Vigo).

sileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Nessa perspectiva, membros das *Irmandades da Fala* (modernas)³⁷ deslocaram-se a Lisboa em setembro de 1984 para realizar gestões, junto de Guerra Da Cal, e nas embaixadas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e do Brasil, como também na *Academia das Ciências de Lisboa*, onde foi Guerra Da Cal quem os apresentou a Jacinto Nunes (Presidente da Academia das Ciências), Lindley Cintra (porta-voz oficial de Portugal no encontro do *Acordo do Rio*), Malaca Casteleiro (porta-voz no segundo encontro de Lisboa do *Acordo*), e quem contactou com Antônio Houaiss (secretário da ABL) para que os atendessem³⁸.

Foi a seguir convocado, em Ponte Vedra³⁹, o *IV Encontro Internacional da Língua Galaico-Portuguesa*, de 6 a 7 de dezembro de 1985, sob a presidência do prof. Dr Fernando Alves Cristóvão (presidente do *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, ICALP), o prof. Dr Carvalho Calero e o prof. Dr Luís A. Polanah, do que saiu um acordo pelo que se decidia:

que fiquem autorizados os representantes das entidades convocantes do *IV Encontro Internacional da Língua Galaico-Portuguesa* para promover a constituição de uma *Comissão*, cuja finalidade seja a de iniciar relações com a *Academia das Ciências de Lisboa* e a *Academia Brasileira de Letras* de Rio de Janeiro, para a intervenção na revisão do *Acordo Ortográfico*⁴⁰.

Era Presidente dessa Comissão Ernesto Guerra Da Cal, vice-presidentes Jenaro Marinhos e Valentim Paz-Andrade⁴¹.

Ao aceitar presidir a *Comissão*, Guerra Da Cal advertiu:

Quero esclarecer de antemão que a minha posição no problema em causa é a de que a normativa luso-brasileira, existente ou futura, é a única que, por razões óbvias, deve ser pura e simplesmente aceite por todos aqueles que estejam interessados em salvar a nossa modalidade da anarquia presente e da extinção completa num porvir menos distante do que se poderia julgar. Ou a nossa língua literária é o português ou teremos, com qualquer grafia, a tal “frágil língua-dialecto”, pronta para naufragar e ser engolida e digerida pelo Leviatão espanhol. Como mirandês ou crioulo não poderemos sobreviver nem sequer a curto prazo⁴².

³⁷ José Luís Fontenla e Carlos Durão.

³⁸ Posteriormente eles pediram a A. Houaiss, pessoalmente e em nome da *Comissão Galega*, que convidasse os PALOP para aquelas sessões.

³⁹ Pelas Irmandades da *Fala da Galiza e Portugal*, a Associação de Amizade Galiza-Portugal e a Associação Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa, além de pessoas doutras entidades. Os Encontros Internacionais da Língua vinham-se realizando desde março de 1982 em diversas localidades da Galiza: Santiago, Crunha, Ponte Vedra.

⁴⁰ “Breve história do conflito linguístico na Galiza”, J.L. Fontenla, *Temas de O Ensino*, nos 6/10, Vol. II, 1986, p. 68, nota 36. Foram secretários de atas do *Encontro* I. A. Estraviz e A. Gil Hernandez; criara-se um grupo de trabalho presidido por J. J. Santa Maria Conde e J.-M. Montero Santalha; participou também J. Paz.

⁴¹ Tratava-se da *Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro* (eram secretários Ângelo Brea e António Gil Hernandez; vice-secretários J. L. Fontenla e I. A. Estraviz; membros C. Durão, T. Feliz, A. Figueroa, J.-M. Montero Santalha, J. Paz, J. J. Santamaria, X. Vilhar Trilho; assessores Herculano de Carvalho, Amadeu Torres, Rosa Sil Monteiro, Orlanda Marina Correia, F. Soares, Pires Laranjeira, Cris ina Mello); foi depois *Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Simplificada* (no 1986 incorporaram-se como membros J. R. Rodrigues Fernandes e J. Torres Santomé); ainda depois foi *Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada* (1990), e posteriormente *Comissão Galega do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, legalizada em ambos Estados ibéricos.

⁴² Em *Circular Informativa* núm. 1, NÓS, *Revista galaico-portuguesa de cultura das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal*, núm. 1, Ponte Vedra-Braga, janeiro 1986, p. 55.

Era, naturalmente, uma convicção que partilhava com Rodrigues Lapa, cuja saúde já não lhe permitia liderar tão ativamente o movimento reintegracionista; escreve ele:

Foi devido à minha incapacidade física que deleguei no amigo Guerra Da Cal a liderança do movimento reintegracionista aqui em Portugal. Fica muito bem entregue a um homem que é poeta e foi capitão antifranquista na Guerra Civil⁴³.

Antônio Houaiss, secretário da ABL, convidou então Ernesto Guerra Da Cal, como Presidente da Comissão Galega, para participar como observador pela Galiza no *Encontro Internacional de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa* do Rio de Janeiro.

Na impossibilidade de se deslocar ao Rio, por razões familiares, Guerra Da Cal decidiu delegar as suas atribuições numa delegação de observadores da Galiza⁴⁴, que entregou um texto escrito de compromisso prévio sobre o *Acordo*⁴⁵ e participou em todas as sessões de trabalho, as quais eram abertas ao público.

As delegações dos PALOP apoiaram a presença galega, e a própria presença dos PALOP foi facilitada pelos bons ofícios da delegação galega junto da ACL e a ABL, como fica dito; as suas delegações eram muito sensíveis a tudo o que lhes pudesse lembrar o passado colonial, ainda recente, enquanto a relação com a delegação galega era sempre cordial e de apoio, até consultando com ela pontos de redação que iam muito além do estatuto de observadores⁴⁶.

A presença galega ficou consignada num dos comunicados das delegações, por iniciativa dos países africanos, e dizia assim:

As delegações de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Brasil ao *Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa*, realizado no Rio de Janeiro, na *Academia Brasileira de Letras*, de 6 a 12 de maio de 1986, agradecem o assíduo comparecimento às suas sessões dos observadores da Galiza, escritor José Luís Fontenla, professora Adela Figueroa e professor Isaac Alonso Estravís, em representação do professor Ernesto Guerra

⁴³ Em carta particular de 15 abril 1983 a A. Gil Hernandez; e ainda:

O artigo que hoje lhe mando sobre a "Reintegração linguística galego-portuguesa" pode ser considerado como o meu testamento. Já não tenho mais nada a dizer sobre o problema do galego. Cabe agora à Juventude galega levá-lo até às últimas consequências, o que ela fará sem dúvida, pois não tem outra opção.

⁴⁴ Integrada por Isaac Alonso Estraviz, José Luís Fontenla e Adela Figueroa; a delegação de funções por Guerra da Cal foi feita a I. A. Estraviz (pode ver-se a reprodução fac-similar da carta em: I. A. Estraviz, *Estudos filológicos galegoportugueses*, Alhena, Madrid, 1987, entre as pp. 80 e 81. Vide também online <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.195919860452386.51634.100001031212338&saved>).

Estava previsto irem às sessões V. Paz-Andrade e C. Durão, mas, por razões familiares, não se puderam deslocar ao Rio; o grupo galego estava em contato telefónico com Guerra da Cal.

⁴⁵ O texto, concordado com E. Guerra da Cal, foi também entregue à representação diplomática espanhola no Rio, conforme a estatuto jurídico; o governo espanhol conhecia o convite de A. Houaiss por via do Ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol (do *Ministerio de Asuntos Exteriores*) Francisco Fernández Ordóñez, quem já fora informado das diligências na embaixada espanhola em Lisboa.

⁴⁶ Vide online <http://www.lusografia.org/ao/Doc1.pdf>, do "*Relatório sobre o Protocolo de Unificação Ortográfica da Língua do Rio de Janeiro da delegação da Galiza interveniente no Encontro de Unificação Ortográfica da Língua*, p. 124:

O Encontro Internacional de Unificação Ortográfica era inicialmente promovido pelo Brasil e Portugal, embora em reuniões idas pela *Comissão da Galiza* em Lisboa com anterioridade, no *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Academia das Ciências* com o prof. Guerra da Cal, Lindley Cintra, Malaca Casteleiro, Celso Cunha, Jacinto Nunes, [...] se fizera por parte galega a proposta de que fossem convidados todos os países lusófonos, os países africanos incluídos, o [...] Presidente das *Irmandades da Fala* Dr J. L. Fontenla [...] e o Dr Carlos Durão negociaram a intervenção da Galiza em todas as Embaixadas dos países africanos, do Brasil e com Portugal.

Da Cal, bem como do observador da União Latina, professora Rogéria Cruz.

Rio de Janeiro, 12 de maio de 1986⁴⁷.

Como é sabido, aquele *Acordo do Rio*, que atingia uma altíssima percentagem de unificação ortográfica, abolindo quase totalmente os acentos, não vigorou nos países signatários, e só foi aplicado por algumas entidades doutros países⁴⁸.

Contudo, não se perdeu aquele trabalho nos anos seguintes, e foi retomada a iniciativa para um novo *Acordo* pela ACL, que elaborou em 1990 um *Projecto de Unificação Ortográfica*, e convocou uma nova reunião.

Em 1 de outubro de 1990, o Prof. Dr Manuel Jacinto Nunes, Presidente da ACL, envia uma carta, para o Presidente Guerra Da Cal, ao então Vice-Presidente da *Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada* (33)⁴⁹, convidando os representantes galegos com estas palavras⁵⁰:

solicitamos, pois, a presença de dois representantes galegos, para tomarem parte, como observadores, na mencionada reunião em Lisboa, de 8 a 12 de Outubro de 1990.

A delegação galega de observadores (novamente em representação de Guerra Da Cal), participou nas reuniões de trabalho e em todas as reuniões, deliberações e debates (que não eram abertos ao público), colaborando na redação do texto definitivo do *Acordo Ortográfico*, e nele incluindo os “galeguismos” *brêtema* e *lôstrego* entre 19 exemplos de proparoxítonas com vogal tónica fechada (*Base XI 2.º a*) do AO)⁵¹.

⁴⁷ Assinavam, por Angola, a professora Maria Luísa Dolbeth Costa, por Cabo Verde o embaixador Corsino Fortes, por Moçambique o professor Luís Filipe Pereira, por Portugal o professor Manuel Jacinto Nunes, por São Tomé e Príncipe o professor Albertino Homem dos Santos Sequeira Bragança, e pelo Brasil o académico Austregásilo de Athayde. Pode ver-se a reprodução facsimilar na p. 127 de “O Acordo Ortográfico e a Lusofonia”, Vol. III de *Linguística, Sociolinguística e Literatura Galaicolusobrasileira e Africana de Expressão Portuguesa*, Fundação Europeia Viqueira, Instituto de Estudos Lusogalaicos, *Temas de O Ensino*, nos 11-13, Ponte Vedra / Braga, 1987. O

Vide online:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=194229323954773&set=a_194229277288111_50956_100001031212338&type=1&theater

Também online: <http://www.lusografia.org/ao/fotos-acordo-86.html>;

Em *O Ensino* (nos 14-17, 1986, pp. 278-279) figura o documento de “Adesão da Comissão da Galiza” ao Acordo. Vide online:

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=204852386225800&set=a_204852356225803_55291_100001031212338&type=1&theater

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=204853622892343&set=a_204853599559012_55292_100001031212338&type=1&theater;

Também online:

<http://www.lusografia.org/ao/Doc5.pdf>, de “Índice biobibliográfico”, p. 174, *NÓS, Revista internacional galaicoportuguesa de cultura*, núms. 4-6, Ponte Vedra-Braga, 1987.

Informação complementar em: <http://www.lusografia.org/ao/Doc5.pdf>, de “Índice biobibliográfico”, p. 174, *NÓS, Revista internacional galaicoportuguesa de cultura*, núms. 4-6, Ponte Vedra-Braga, 1987.

⁴⁸ P. ex. do Japão; entre elas as próprias *Irmandades da Fala da Galiza e Portugal*, nas suas publicações; e elas foram as que primeiro aplicaram também o Acordo Ortográfico de 1990, muito antes de este vigorar nos países signatários.

⁴⁹ José Luís Fontenla; vide núm. 8 Também online

<http://www.lusografia.org/CGAOLP/index.htm> e <http://www.lusografia.org/ao/>

Na altura, Guerra da Cal morava em Londres, onde C. Durão “ia ter todas as semanas com o professor Guerra da Cal na sua casa em Londres, para explicar a nossa posição e a ivida de negociadora em matéria ortográfica, com portugueses, brasileiros e africanos lusófonos” in “*Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literaturas Lusófonas* [Homenagem ao Professor Ernesto Guerra da Cal], Vol. VII-IX, *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura*, Ponte Vedra-Braga, nos 27-38, 1991-1994, p. 69.

⁵⁰ Cf J. L. Fontenla, “O Acordo Ortográfico 1990 - Crónica de uma semana de 5 dias”, *II Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas, NÓS, Revista da Lusofonia*, Ponte Vedra-Braga, 1994, nos 35-40, p. 136

⁵¹ Tirados do *Prontuário Ortográfico das Irmandades da Fala* (especial núms. 2/3 de *Temas de O Ensino*, Ponte Vedra-Braga, 1984); este contributo foi feito na sessão de manhã do dia 11. A delegação galega de observadores era integrada por J. L. Fontenla e A. Gil Hernandez.

O texto final foi acordado em 12 de outubro, na Sala de Reuniões Internacionais da Academia das Ciências de Lisboa, ao que aderiu a delegação galega. O comunicado que, em nome dos Estados lusófonos, anunciava o *Acordo da Ortografia Unificada* de 1990, dizia assim:

As delegações de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Portugal **COM A PARTICIPAÇÃO DE UMA DELEGAÇÃO DE OBSERVADORES DA GALIZA**, reunidas em Lisboa...⁵².

Foi assim que Guerra Da Cal prestou, desde o exílio, este alto serviço à sua pátria, que vai muito além do âmbito puramente académico para entrar no francamente diplomático.

DERRADEIROS ANOS

Tendo-se recusado a pisar a Terra galega enquanto perdurasse a ditadura de Franco, Guerra Da Cal mantinha o contacto com o galeguismo em geral, e em Portugal recebia as visitas de p.ex. Ramón Piñeiro, F. Fernández del Riego, R. Carvalho Calero, X. L. Franco Grande, e membros da AGAL e das *Irmandades da Fala*.

Na Galiza foi designado *Membro de Honra* da *Associação Galega da Língua*, e nos *I e II congressos internacionais da AGAL*, de 1984 e 1987, respetivamente, ocupou a Presidência de Honra.

Em 1989, com o ensejo de receber o *Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Coimbra*, as *Irmandades da Fala da Galiza e Portugal* dedicaram-lhe um volume de homenagem da revista *Nós*, núms. 13-18.

Em 1994, a revista *Agália* (vol. 38) publicou o seu derradeiro trabalho, "Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos", por ele datado poucos dias antes da sua morte; e esta revista da AGAL dedicou-lhe em homenagem o vol. 39, como fizeram as *Irmandades da Fala* em 1995.

No ano 2000, dentro das atividades oficiais comemorativas do Centenário da Morte de Eça de Queirós, o Governo de Portugal patrocinou o prémio internacional de investigação *Professor Ernesto Guerra Da Cal*.

No 2001, a AGAL editou o seu *Caracol ao Pôr-do-Sol*, poemário póstumo que em parte antologiza produção sua anterior, com um prólogo do Professor Carlos Reis⁵³.

Pouco antes do seu passamento, estava preparando uma biografia do navegador galego João da Nova (ou João Galego) que, como Capitão-Mor da 3.^a Armada da Índia, descobriu as ilhas de Santa Helena e da Conceição, além de realizar outras

⁵² Assinavam, por Angola, Filipe Silvano de Pina Zau, pelo Brasil Antônio Houaiss e Nélida Piñon, por Cabo Verde Manuel Veiga, pela Guiné-Bissau António Lopes Júnior, por Moçambique Maria Eugénia Paiva Cruz, por São Tomé e Príncipe João Hermónio da Silva Pontífice, e por Portugal Manuel Jacinto Nunes; em: *I Congresso Internacional de Literaturas Lusófonas, Nós, revista da lusofonia*, Ponte Vedra-Braga, 1990/91, noúms.9-28, pp.. 470-473. Online

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=194229340621438&set=a.194229277288111.50956.100001031212338&type=1&theater>

Também no *Diário da República* [portuguesa]– I Série-A, núm. 193, 23-8-1991, p. 4370, publica-se a Resolução da Assembleia da República no 26/91, aprovando o Acordo para ratificação, e mais uma vez mencionando: "com a adesão da delegação de observadores da Galiza", *ibid*. Online:

<http://dre.pt/pdf1sdipl/1991/08/193A00/43704388.pdf>

Foi oferecido aos delegados galegos assinarem o texto junto dos representantes dos outros países lusófonos presentes, mas os galegos decidiram não assinar, para evitar possíveis conflitos diplomáticos.

⁵³ O depósito legal é do 2001, mas na primeira página diz: Lisboa 1991; contém também uma Tábula Gratulatória.

façanhas.

Acrescentemos que no ano 2008 se fundou a *Academia Galega da Língua Portuguesa*, entidade prevista e desejada por ele (como também pelos seus colegas Ricardo Carvalho Calero e Manuel Rodrigues Lapa). A AGLP dedicou-lhe já várias atividades de homenagem e publicações diversas⁵⁴.

Nos anos em que Guerra Da Cal residiu em Londres, por sorte para mim, pude renovar a relação epistolar com ele, que se tornou aberta amizade e troca mútua de opiniões e dados em gostosas conversas bastante frequentes no seu lar de 32 Gordon Mansions.

Entre os inúmeros temas tratados, estava o da sua relação com o poeta andaluz Federico García Lorca, que foi e é objeto de especulação; mas é um tema para o que nos falta aqui o espaço, e aliás já tratado neste Colóquio pelo nosso colega Joel Gomes.

Mas quisera mencionar que Guerra Da Cal tinha preparado um livro sobre a génese dos poemas lorquianos. Com efeito, pouco tempo depois de mudar a sua residência, mais uma vez, para Nova Iorque, escrevia-me dali:

[...] e sobre a nova especulação, com esse motivo, em relação à verdadeira autoria do [sic] POEMAS GALEGOS, de Lorca, repito-te o que já me ouviste dizer mais de uma vez em Londres. Isto é, que se eu relatasse com veracidade como nasceu a ideia dessas composições e como elas foram elaboradas, seria inevitável — e mais sendo eu poeta, como sou pelos meus pecados — que houvesse pessoas que pensassem que eu estava a fazer pavoneio com plumas alheias, de alta ornitologia. Eu tenho um livro completo, até com capa pronta, ilustrado com abundantes fotografias inéditas de grande interesse histórico, que se publicará quando eu deixar o mundo dos vivos. Entretanto, deixa os especuladores especular! [...]⁵⁵.

Tampouco temos tempo agora para tratar da sua poesia, da que aqui nos falará X.L. Franco Grande, e que foi saudada como “metafísica” pelos seus primeiros críticos, poesia arquitetada, como que feita pelas mãos do artesão que ele era, pois ao longo da sua vida construiu com palavras e com cantaria, criou com versos e com carpintaria, forjou com erudição e com ourivesaria: como testemunham as suas obras impressas e as suas obras pronunciadas, debuxadas, talhadas, armadas; os móveis e as casas que construiu nos seus exílios de três países e dous continentes.

OPINIÕES SOBRE O REINTEGRACIONISMO

Chegados aqui, é hora de citar algumas das suas firmes convicções sobre o reintegracionismo, a cultura galega e a Lusofonia.

Na edição de Galaxia de *Lua de Além-Mar*, diz o autor (cito pela edição definitiva):

Consideramos, pois, iniludível a nossa reintegração no perímetro e nas correntes

⁵⁴ Assim p.ex.:

os atos de homenagem em Compostela no *Dia das Letras Galegas* do ano 2011,

o site Guerra da Cal na Rede (<http://guerradacal.academiagalega.org/>),

a publicação duma *Breve Antologia Poética* (<http://www.academiagalega.org/outras-publicacoes/guerra-da-cal-breveantologia-poetica.html>), incluída neste volume,

ou as atividades comemorativas do seu centenário este ano, como este próprio *Colóquio*.

⁵⁵ A Carta tem data de 1 de junho de 1993. Que eu saiba, não se publicou o livro a que ele se referia. Temos que supor que a sua viúva terá disposto ao respeito.

universais do ‘mundo que o português criou’ aquém e além-mar. O verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro — e quanto antes reconhecemos esta verdade, antes se abrirão à nossa antiga voz recuperada as possibilidades de ecoar fora dos restritos confines comarcais nos que nos estamos fechando, cegos às vastas perspectivas que temos diante dos olhos

[...] é um facto que a língua irmã contém, no seu nível rústico, quase todo o galego. Há que fazer — e isso é tão fácil! — que o galego contenha, no seu nível culto, o português.

Reitera a sua posição em publicações posteriores:

No “Antelóquio indispensável” do seu *Futuro imemorial* (42)⁵⁶:

Eu, sem pejo nenhum, afirmo aqui o meu orgulho de ter sido o primeiro escritor galego, desde o Ressurgimento, a levar a vias de facto essa tão repetidamente desejada aproximação da nossa língua escrita ao português [...] Em 1959 fui de facto “iniciador dessa reintegração” no meu poemário *Lua de Alén-Mar*, com o que abri fogo nessa batalha [...] Esse apelo não caiu em saco roto. Nele teve princípio a corrente “reintegracionista” contemporânea — na que hoje enfileira o melhor e mais capacitado da nossa mocidade. [...] os que neste momento detêm o poder autonómico — clientes e agentes do Estado Central [...] Esse é o bando da “Xunta de Galicia” [sic], que, de colaboração com algumas entidades “isolacionistas” esclerosadas, engenhou e “oficializou”, de maneira maleficamente subreptícia, umas aberrantes *Normas* cujo evidente propósito é condenar o galego ao languescimento como dialecto — do espanhol [...]

eu tenho a convicção de que a única defesa do galego contra a política linguicida dos “espanholizantes” descansa na progressiva adopção do padrão luso-brasileiro que os “reintegracionistas” perfilham.

Da “Nota Prévia” à *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, op. cit.:

Portugal era o desenvolvimento cultural, pleno, da minha Galiza natal. Era o que a Galiza deveria ter sido se as vicissitudes e os caprichos da História não a tivessem transviado do seu destino natural, deturpando a sua fisionomia espiritual, quebrando a sua tradição, impondo-lhe formas de cultura alheias, estranhas ao seu carácter.

Da “Entrevista com Ernesto Guerra Da Cal”, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, núm. 56, 12 de abril de 1983:

A Galiza é um país semconquistado e eu não posso conviver com uma Galiza mediatizada pelo Estado Central. Estou aqui numa Galiza livre, onde falo a minha língua e só tenho que ouvir de vez em quando um turista falando castelhano. Mas se for à Galiza tenho que estar a ouvir os galegos a preferirem, muitos deles, serem espanhóis de quarta classe que galegos de primeira.

De “Antelóquio indispensável”, do citado *Futuro imemorial*:

Fui pioneiro do “reintegracionismo” e hoje dou um novo passo à frente como primeiro escritor galego a abraçar o “lusismo integral”; sem ter para isso, já se vê, que abjurar da minha identidade galaica. Bem ao contrário, é assim que eu completo a minha integração individual no mundo lusíada — que é a última etapa da minha ‘peregrinatio’ íntima. E posso respirar bem fundo. Porque a língua portuguesa é o meu lar perdido e reencontrado.

E uma derradeira citação, por força poética, do seu “Preito mítico a Dom Pedro Pardo de Cela”, tirado igualmente de *Futuro imemorial*:

Ainda hoje a Galiza chora

⁵⁶ *Futuro imemorial* (*Manual de velhice para principiantes*), Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985, pp. 9-11; recolhido em Vol. II, 1986, de *Temas de O Ensino*, nos 6/10, “Linguística, sociolinguística e literatura galaico-luso-brasileira-africana de expressão portuguesa”.

Estremecida
o martírio
daquele bravo entre os bravos
paladino
do nosso Reino de outrora
ancestral
e genuíno
E sente a pungente dor
da sempre aberta ferida
da Liberdade perdida
duma Nação soberana
sem estrangeiro senhor
de que ele foi defensor [...]

Afinal, o seu corpo ficou no exílio, e jaz no *Jardim das Cinzas*, do *Cemitério Alto de São João*, de Lisboa. Mas o seu espírito está e ficará sempre entre nós, por fim retornado à sua pátria na sua poesia, no seu trabalho científico, no seu impulso ao reintegrationismo e ao *Acordo Ortográfico*, em fim ele próprio reintegrado ao lar da Lusofonia. O seu pecado foi o de Prometeu. E também a sua glória.

Outubro 2011

Carlos Durão é membro numerário da *Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP)*. Estudou em Vigo (bacharelato), Santiago (começo de estudos universitários) e Madrid (licenciatura de Filosofia e Letras, ramo de germânicas), donde partiu para Londres, em regime de intercâmbio universitário por dous anos, e em situação de exílio até à morte do general Franco. Foi professor de idiomas em colégios ingleses, redator radiofónico no *Serviço Espanhol e Português* da BBC, e tradutor técnico em organismos britânicos e do sistema da ONU.

Ernesto Guerra Da Cal: Uma Lembrança em três Episódios

Enric Ucelay-Da Cal

Resumo: o autor, do seu vantajoso ponto de vista como filho de Ernesto, deita nova e pouco lisonjeira luz sobre o seu famoso pai, sem poupar questões de reputação política, realização académica ou estilo literário; examina a educação de Ernesto, a sua atividade política durante a Guerra Civil espanhola, e as suas influências literárias na América; também examina as tensões no lar de Ernesto, culminando no divórcio da sua primeira mulher, as suas segundas núpcias, e o estranhamento entre pai e filho; contudo, o vívido retrato que emerge de nenhuma maneira detrai o seu posto pioneiro no moderno movimento da reintegração da língua da Galiza com a sua expressão internacional como português.

Palavras-chave: reintegracionismo, Guerra Civil, comunismo, exílio, poetas norte-americanos, Eça de Queirós, García Lorca, *Institución Libre de Enseñanza*.

Abstract: the author, from his vantage point as Ernesto's son, casts a new and unflattering light on his famous father, not sparing questions of political reputation, scholarly achievement or literary style; he surveys Ernesto's upbringing, his political activity during the Spanish Civil War, and his literary influences in America; also discussed are the tensions in Ernesto's household, culminating in his divorce from his first wife, his subsequent remarriage, and the estrangement between father and son; yet, the vivid portrait that emerges in no way detracts from Ernesto's pioneering place in the modern movement of reintegration of Galiza's language with its international expression as Portuguese.

Keywords: reintegrationism, Civil War, communism, exile, American poets, Eça de Queirós, García Lorca, *Institución Libre de Enseñanza*.

“‘The familiar man makes the hero artificial,’ Wallace Stevens said.”
Anatole Broyard (1920-1990), *Kafka Was The Rage. A Greenwich Village Memoir* [1993],
New York, Vintage Books, 1997, p. 33.

No que é provavelmente o seu poema mais conhecido, “Broadway, very late...”,
meu pai interrogava-se:

E
Vagueando
vou pensando
Que diabos faço eu aqui?

É uma boa pergunta, aplicada a mim mesmo, hoje e aqui. O que é que eu faço aqui? Na prática, apesar de visitas e viagens, não conheço a Galiza. Eu não falo português. E, quando abro a boca em idioma luso, é para imitar, ou brincar. Pensei fazer uma comunicação simples, em frases declarativas e breves, para usar um programa de tradução e apresentar-me em "português (brasileiro)", por ser o ritmo austral fluido e não gutural como o peninsular, mais aproximado ao que aprendi, por pouco tempo, em criança. Mas eu, espontaneamente, não sou sucinto; antes pelo contrário, gosto da complexidade, dos matizes. Porém, tal afã de subtileza perde-se, evaporado, no idioma alheio, adaptativo. Pior ainda, sem estilo. Nada. O meu inconsciente levou a melhor. Finalmente, para a *primeira versão* tenho contado com uma tradução profissional, por Miranda das Neves. Os erros do texto final são meus.

Então, o que é que eu faço aqui? Porque devo falar de questões, que eu considero íntimas, perante um auditório? Porque devo satisfazer a morbidez alheia? Eu já sou velho. O homem por quem se interessam e por quem me perguntam pertence a uma parte já muito longínqua da minha vida. Rompemos em 1967, e não voltei a olhar para trás. Nunca mais trocamos uma palavra de viva voz. Quando meu pai morreu, em 1994, eu soube por terceiros, por um gesto de caridade de alguém que pensou que era uma informação que eu devia saber.

Há, seguramente, aqui presentes hoje, pessoas que o conheceram até ao final da sua vida, que o estimaram, que lamentaram a sua perda. A mim, a notícia chegou-me na tarde de um dia de verão e deixou-me, não indiferente, mas sim reflexivo sobre a distância. Era algo que acontecia a alguém de outra vida, outro país, outro tempo.

A situação em que me encontro, perante vós, faz-me recordar uma das muitas conversas entre os meus pais, que, como criança, eu não devia escutar. Era pequeno, mas também filho único, pelo que estava sempre presente, ia onde me levavam, como um "loro português", como se dizia, faz tempo, em castelhano, por causa de uma antiga piada espanhola oitocentista do que nunca percebi. Os meus pais foram com uns amigos catalães a um espetáculo de *striptease*. Naquela época longínqua, o *burlesque* mais explícito era proibido na cidade de Nova Iorque e, para o ver, era preciso atravessar o rio Hudson e ir a algum antro nas cidades portuárias do estado vizinho de Nova Jersey, mais ou menos em frente de Manhattan. Lá foram, e ambos os casais esperavam ver raparigas jovens, bonitas e bem-feitas. Foi enorme a sua surpresa quando se encontraram entre o público de umas mulheres de meia-idade, com seios caídos e ba-

rriga flácida, que tiravam a roupa de qualquer maneira e se meneavam sem ritmo nem garbo ao som da música, sem qualquer galhardia e com caras de profundo tédio.

Há algo semelhante aqui, hoje, pela parte que me toca. Mostro-vos as minhas artes privadas como quem não quer a coisa. É como o *striptease* de Nova Jersey: converteu-se numa paródia de uma paródia, conceito gongorista que bem cedo aprendi de meu pai, pois, mesmo sendo eu ainda pequeno, ele gostava de me criticar, e a sua mais amável crítica, ao ver-me brincar com as suas ferramentas (ele, enquanto nos demos, era um maníaco da bricolagem), repetia-me que eu era como Baudelaire, que usava tudo como símbolo de outra coisa. Acabei por ler o poeta francês, mas isso já é outra história.

Assim, para seu deleite, um meneio: ofereço-vos a minha apreciação de meu pai, numa exibição que combina recordações com a minha experiência como historiador profissional.

DUALISMO

Dous rapazes, não sei onde,
bem não me posso lembrar, [...]

Eduardo González Pondal Abente (1835-1917),
Poema XXV de *Queixumes dos Pinhos* (1886)

Acho que quem quer que traceje um retrato de meu pai dará de imediato com uma ausência, com uma fotografia desfocada: o seu pai, Román Pérez, natural de Ferrol, sempre presente no luto eterno da minha avó e sua mãe, Dona Laura. No relato oficial, recolhido pela sua segunda mulher, supõe-se que Don Román, que acabou o curso de medicina, fazia parte da turma de Castelão com outros jovens prometedores. Muito bom médico não deve ter sido, no entanto, pois fez-lhe dois filhos, um atrás do outro, com pouco tempo de intervalo, e desapareceu num vômito de sangue. Foi cruel e machista deixar uma mulher jovem com duas cargas, dois filhos, mas pouco mais: o mais novo, um bebé de peito (meu pai) e outro já desmamado (o seu irmão mais velho, Fernando), já suficientemente crescidinho para vestir o clássico fatinho de marinheiro. Assim aparecem os três numa fotografia, já desaparecida há décadas das minhas mãos, mas não da minha memória, onde se pode ver, num cemitério (acho eu) a jovem viúva com os seus dois pequenitos.

No entanto, Laura Güerra (apelido veneziano), com a sua teimosia característica, candidatou-se ao concurso para professores primários a nível nacional e teve sorte, pois calhou-lhe Madrid, ainda que no bairro operário de Las Delicias. Para lá foi com o seu predileto, o irmão mais velho Fernando Pérez Güerra. Para trás ficou Ernesto, o mais pequeno, em Quiroga, ao amoroso cuidado da sua tia solteira. Eu acho que, pela primeira vez na vida, meu pai se sentiu pleno: amado sem reservas, neto de cacique diante de quem todos os camponeses tiravam o barrete, rodeado pela sua quadrilha de malandretes de aldeia que brincavam num mosteiro de Silabando abandonado desde a desapropriação de Mendizábal, em 1837, e, no entanto, setenta e cinco anos depois, com a biblioteca e o arquivo intactos.

Porém o "menino", aos dez anos, foi reclamado pela mãe e posto no comboio para Madrid, a chorar, até amanhecer no dia seguinte na *Villa y Corte*. Aí herdava as peças de roupa que iam ficando pequenas ao irmão, frente a uns alunos da mãe que os odiavam pela sua situação "privilegiada": nas pelejas no recreio, os ressentidos metiam as mãos nos bolsos dos casacos "burgueses" de tais filhos do privilégio para os rasgar de

cima abaixo. Ao fim de um tempo, apareceu na capital do Estado a sinistra avó, a mãe de Laura, com o filho, Carlos, o irmão mais novo da professora, para quem se ambi-
cionava uma carreira militar. Era um ambiente carregado.

No aspecto físico, Ernesto e Fernando sempre foram como variações sobre o mes-
mo tema, um bonito e bem sucedido, enquanto o outro era igual, mas feio e fracassa-
do. É provável, pela descrição que meu pai fazia, que, ao chegar aos vinte e poucos
anos, Fernando tivesse esquizofrenia. Um caso *borderline*, como se diz em psicologia:
mal, mas não de internar. Se o vínculo dos dois irmãos foi de amor-ódio, muito cari-
nho mas também muitos ciúmes (um pela sua popularidade entre as raparigas e a sua
capacidade de desembaraço, o outro pelo absoluto domínio da vontade materna), a re-
lação com "o tio Carlos", pouco mais velho mas presunçoso e com uma mãe de trans-
bordante egoísmo, que esperava que Laura os mantivesse a todos enquanto o princi-
pezinho conseguia os seus galões.

Para resumir, Ernesto Pérez Güerra tinha a alma partida, pois sentia que existia ele
e a sua sombra. A guerra civil de 1936 tirou Carlos de cena: tanto esforço e poupança,
e a carreira militar acabou-se na revolta do quartel madrileno de *La Montaña*, que du-
rou de 19 a 20 de julho de 1936, onde ele, com um par de oficiais de atitude análoga,
se fecharam num quartito e não saíram até os revoltosos terem sido mortos, pelo que
nem uns nem outros quiseram confiar nele, nem então nem chegada a "libertação".
Devo acrescentar que Ernesto esteve presente durante o assalto ao quartel, segundo
me relatou uma vez, mas não participou na ação.

Mas, no ano 1951 (ou foi 1952?), Fernando morreu atropelado por um elétrico
(talvez fosse um carro) e meu pai ficou sem a sua sombra. Foi um suicídio (um con-
vencimento da minha mãe)? Laura publicou os versos em castelhano de seu primeiro
filho Fernando numa pequena recompilação não venal, de que tive um exemplar, per-
dido há já muitas décadas⁵⁷. No primeiro poema impresso, de finais dos anos vinte,
disse o jovem:

...[sic] inquieto voy rodando por todas partes, como si
no tuviese patria,
Tengo el corazón de um loco,
¡tan resuelto y tan sombrío!

Meu pai não deu grandes sinais da sua ambição de poeta — excetuando um poema
de *agitprop* publicado em plena contenda numa revista de pré-exílio galaico em Bar-
celona — até anos mais tarde.

Por tudo isto — o pai inexistente, o tio insuportável, o irmão cada vez mais esqui-
sito — Ernesto, pelo menos nos anos cinquenta e sessenta, sofreu de um angustioso so-
nho recorrente. No pesadelo, ele chegava normalmente, entrava, ia ao escritório e
ali... já lá estava ele próprio, sentado à máquina de escrever. O eu, surpreendido, olha-
va o intruso — que era quem sonhava, que era o protagonista — sacava de uma gran-
de faca e lançava-se para matar o Eu que acabava de chegar. A este enfrentamento sur-
preendente seguia-se uma interminável perseguição e um despertar suado e sobressal-
tado.

⁵⁷ Fernando Pérez Guerra, *Inicua rueda*, Madrid, s.e., 1955, com um prólogo de Guillermo Díaz-Plaja
(parente afastado pelo casamento) e um epílogo de Federico Muelas. Consegui um exemplar graças ao labor e
à generosidade de Joel R. Gómez, biógrafo de meu pai. Cito a continuação o início do poema sem título da p.
17.

Fernando Pérez, pois, foi o heterónimo, tipo Fernando Pessoa, de meu pai⁵⁸. Fernando e Fernando: por isso possivelmente não falava nem mostrava interesse (na minha experiência não o mencionou uma só vez) por a destacada figura literária de Pessoa (somente tratado numa antologia de 45 poetas traduzidos por ele ao inglês). Teve mais curiosidade pelos poetas norte-americanos da década da sua adaptação a Estados Unidos. Eram autores como Archibald MacLeish (1892-1982), William Carlos Williams (1883-1963; lembro o seu exemplar do poemário *Paterson*, obra aparecida em 1963), pode que até o mais velho Robert Frost (1874-1963), figuras que já eram mais que conhecidas, *mainstream*. Que eu saiba, não chegou a compartilhar a minha curiosidade pelos *Beats* dos anos cinquenta. Ernesto ficou fora de tempo, uma atemporalidade que acabou por aparecer em sua poesia dentro de seu chamado *neo-trovadorismo*, que se for o caso nasceu — creio eu — de vários encargos do grupo *New York Pró Música*, dedicados às *Cantigas do rei Afonso X O Sábio*. Mas tudo isto era literatura, que brotou com o irmão morto.

Ele não tinha lugar senão para ele próprio. Quando escutei pela primeira vez o álbum *Infidels* de Bob Dylan (1983) e sua canção *I and I*, pensei imediatamente no sonho de meu pai. *I and I/In creation where one neither honors nor forgives/ I and I/One says to the other; no man sees my face and lives*. Disso tratava.

Penso, não sei, se o título do livro em castelhano de seu irmão Fernando, *Inicua rueda*, não era uma elíptica alusão a Ernesto, já que um “cal” em galego, como em “Da Cal”, (em castelhano, um “*caz*”), a corrente de água a um moinho. A capa do livro tem desenhada uma nória, a roda injusta que passava por cima de tudo, a partir do olhar do “Pérez” que foi deixado para trás.

Por outras palavras, meu pai era ele e a sua circunstância, esta bastante mais hostil, mas eu, seu filho, era também circunstância, e sempre me olhou com cautela. Muito pequenino, achava-me engraçado, mas, quando cresci, gordito e mau aluno, a decepção foi evidente e a sua rejeição tornou-se uma reafirmação patente com surpreendentes irrupções de ternura.

PÓS-COMUNISMO

The popularity of Soviet Russia stood high in those days,
and soldiers and civilians flocked to the Spanish Communist Party,
without having the faintest idea what Communism really meant.

Alexander [sic] Orlov (1895-1973), *The March of Time. Reminiscences*,
Londres, St. Ermin's Press, 2004, p. 298.

Ernesto viveu a contenda de 1936 como um comunista estalinista. Tinha cartão pelo menos desde a mudança da direção Adame-Bullejos-Trujillo pela equipa dos andaluzes de José Díaz (“Pepe” para os amigos) e dos bascos da Dolores Ibárruri (a famosa “Passionária”), ou seja, por volta de 1932. Mas pode ter a sua militância reconhecida anos antes, nos tempos do bacharelato, nos tempos da “Ditadura” do general Miguel Primo de Rivera (1923-1930) ou sob a “Ditabranda” do general Berenguer, em 1930-1931. Eram poucos os “chineses” (a alcunha depreciativa de então para os “moscovitas”) e todos se conheciam. Em todo o caso, manteve a sua dimensão política à margem da noiva, a minha mãe.

⁵⁸ Fernando Pessoa, *A Ficção dos heterónimos em Obra em prosa de Fernando Pessoa*, ed. António Quadros, Lisboa, Europa América, [1987?], pp. 171-247.

É verdade que, no tórrido verão de 1936 esteve nas *Milícias Populares Galegas* de Madrid, nas fileiras formadas no mesmo julho pelo comunista Santiago Álvarez Gómez, mais dois anos jovem que ele, nascido numa diminuta paróquia ourensana em 1913. Promoveram de imediato os estudantes universitários a oficiais, porque sabiam ler e escrever. Esteve na frente de Toledo, com experiências que hoje seriam consideradas próprias de stress pós-traumático. Demonstrou ser um responsável competente, pois foi encarregado do comando de um comboio de Madrid a Valência, nos primeiros dias de novembro de 1936, e foi então que, sem grande entusiasmo do meu avô materno (seu futuro sogro), levou a minha mãe e casaram-se numa multitudinária boda de milicianos, mais ou menos ao chegar à capital do Túrria. Sobre esta boda, terei ocasião de falar mais adiante.

Em Valência, Ernesto esteve em estreita interação com a missão soviética liderada pelo general Aleksandr Orlov da NKVD, o Commissariado do povo para assuntos internos, o Ministério do Interior da URSS. Orlov (originalmente “Leiba Lázarevich Felbing”, judeu bielorrusso nascido em 1895) foi enlace soviético com o *Ministerio Republicano de Gobernación* na Espanha, o que o levou a fazer parte do *Serviço de Investigação Militar*, ou SIM (não confundir com o *Servicio de Información Militar* dos franquistas). O Servicio Republicano foi criado em princípios de agosto de 1937, e mais conhecido pela sigla. Como todos sabem, o SIM foi acusado de ser “as garras de Estaline em Espanha” pelos setores revolucionários, digamos, descendentes, desde a sua plenitude no caótico verão de 1936. Orlov é diretamente responsabilizado pelo assassinato do comunista dissidente, e dirigente do POUM (Partido Operário de Unificação Marxista), Andreu Nin, depois dos *Acontecimentos de maio* de 1937 em Barcelona.

Apesar de tudo, da adoção dos métodos soviéticos pelo SIM, diz-se que, graças às lições de Orlov, houve muita hipocrisia. Os que criaram *chekas* e deram o amém a *passeios* realizados por *incontrolados* quando as circunstâncias lhes tinham sido favoráveis no verão e outono de 1936, agora — com a ascensão comunista no verão de 1937 — envolveram-se na pura toga da justiça ofendida e denunciaram as prisões do SIM como a antessala de uma segunda tirania comunista depois da URSS no muito improvável caso de os republicanos terem ganhado a contenda. Evidentemente, mesmo assim o bando nacional, com uma pauta repressiva nada desdenhável, escandalizou-se perante as cruéis malfeitorias atribuídas ao SIM. Igualmente, em Barcelona, os catalães estavam convencidos de que *os do SIM* viviam, e sobretudo comiam, banquetes opíparos, quando os meus pais e os seus amigos — que viviam numa espécie de comuna — tinham chagas por malnutrição (como quase toda a gente na capital catalã, naquela época), e o seu jantar consistia em contemplar, com desejos irrealizáveis, uma fotografia a cores, arrancada de uma revista norte-americana, de um grande fiambre assado no forno. Mas estou-me a adiantar à história.

Meu pai esteve, depois da sua convivência, ou coordenação, com a segurança soviética em Valência, numa posição de jogo ambíguo. Segundo a minha mãe, ardente defensora da reputação do meu progenitor em tais assuntos (mas, ao mesmo tempo, politicamente ingénua), Ernesto dedicou-se, com alguns amigos de facção, a resgatar pessoas “detidas” em Madrid em “chekas” (ou prisões privadas, de partido ou sindicato) em julho e agosto de 1936, antes de ir para Toledo. Em 1937, uma vez no SIM, foi dado ao meu pai o cargo envenenado de investigar as execuções de não-comunistas na frente, nas Brigadas Internacionais. Era um assunto de dimensões mundiais, que concedeu ao dirigente comunista francês André Marty, um catalão do Rossilhão, respon-

sável político dos "interbrigadistas", nada mais, nada menos, do que a alcunha de "O carniceiro de Albacete", por ser esta cidade manchega a sede destas famosas unidades de choque. Depois de várias peripécias e equívocos dos "amigos soviéticos", os dados recolhidos levaram o "camarada Ernesto" a entregar um relatório negativo (quer dizer, que confirmava o facto das execuções, operações muito simples formadas por uma pequena unidade de dissidentes; enviavam-se para a terra de ninguém, para lá das fileiras de arame farpado diante das trincheiras, e então eram metralhados, com a explicação de que eram "espiões fascistas" resolvidos a passarem-se para o inimigo). O seu critério, tão pouco disciplinado, indisps os soviéticos contra ele, e Orlov ameaçou-o pessoalmente com um "acidente" se entregasse a denúncia, o que ele mesmo assim fez, apesar das advertências. Os soviéticos insistiram e levaram o assunto da desobediência ao Politburo do Partido espanhol, e – segundo a persistente tradição familiar – este organismo decidiu contra o parecer dos assessores russos, o que seria – se se pudesse demonstrar – um caso extraordinário e completamente fora do normal de autoafirmação da "Secção Espanhola da Internacional Comunista" perante a voz do dono no "centro" de Moscovo. O meu pai, perante a minha teimosa insistência, apenas me contou a história completa uma vez, quando eu teria uns 16 anos. Confesso que a única coisa que realmente gostaria de ter herdado seria a dita narração bem apresentada, ou, pelo menos, gravada.

Em todo o caso, na sua versão, depois de ter sido pessoalmente avalizado em toda esta história por Pepe Díaz, passou a trabalhar, em Barcelona, na Seção de Passaportes do mesmo SIM, sob as ordens diretas de Antonio Ramos. De facto, todo um grupo de universitários formava este departamento do SIM que, apesar do seu nome inócuo, era na realidade o órgão de combate contra a chamada "Quinta Coluna" e o "Socorro Blanco".

E aqui vem a minha experiência, que definiria como típica, no seu sentido essencialista, do século XX. Evidentemente, há abundantes testemunhos de torturas e execuções por parte do SIM. Eu sempre soube que meu pai, por muito irrepreensível que me assegurassem que a sua conduta tinha sido, teve forçosamente, como hoje em dia se diz vulgarmente, de se "enxovalhar". Numa tarde de 1981 entrei numa grande livraria de Barcelona, hoje desaparecida, e, sendo eu especializado (entre outras coisas) em *História Contemporânea da Catalunha*, reparei que acabavam de ser publicadas as memórias do advogado Maurici Serrahima, que foi prócer dos democratas-cristãos catalanistas, no partido União Democrática da Catalunha. Abri o livro ao acaso, e vi como descrevia o seu primeiro interrogatório pelos agentes do SIM Antonio Ramos e Pérez Güerra em março de 1938. Li um pouco mais, fechei o livro e voltei a colocá-lo cuidadosamente no seu lugar na estante. Saí da livraria e sofri uma amnésia radical. O que acabava de ler apagou-se completamente da minha mente.

Uns anos mais tarde, ao ler o livro sobre repressão e mortos na Catalunha durante a Guerra Civil, pelos historiadores nacionalistas Josep Maria Solà i Sabaté e Joan Villarroya, dei com a descrição do interrogatório, apresentado como amostra da maldade castelhana do SIM na Catalunha⁵⁹. Voltou-me de repente todo o incidente relatado, saí e encomendei o livro – ainda disponível — e li, agora muito atentamente, toda a sequência de interrogatórios que Serrahima aí descreve⁶⁰. Eu entrevistei muitos nacionalistas, mas não, por acaso, Serrahima, que morreu em 1979.

⁵⁹ Josep Maria Solà i Sabaté e Joan Villarroya, *La Repressió a la rera guarda de Catalunya, 1936-1939*, publicado em dous volumes entre 1989 e 1990, Vol. I, p. 260.

⁶⁰ M. Serrahima, *Memories de la guerra i l'exili*, Vol. II, 1938-1940, Barcelona, Edicions 62, 1981, pp. 46-90.

Serrahima resulta um bom observador, ainda que comete erros. Entendeu de imediato que Ernesto (de quem não recordava seu nome, somente seu apelido) era galego, mas pensou que Ramos era asturiano quando, na realidade, era de Múrcia. Diz que ambos eram advogados de carreira fiscal, e "socialistas" de filiação, tudo errôneo (mas compreensível num interrogado). Sua valoração: "Tinham o ar e o modo de falar de homens cultos. Quero dizer, no mínimo, homens com estudos". A verdade é que, embora, evidentemente, o dirigente da União Democrática estivesse muito assustado, ninguém lhe levantou a mão nem foi ameaçado, e foi tratado, dentro do possível, de um modo decente. Finalmente, Ramos e meu pai soltaram o advogado – que, durante a detenção pôde redigir a sua famosa biografia de síntese do poeta catalão Joan Maragall, para além de lhe explicarem com cuidadoso detalhe exatamente quem (um bom amigo seu) o tinha denunciado. Dei-lhe a ler as páginas de Serrahima à minha mãe, e ela ficou satisfeita: "Vês, deixa-o bem visto", sentenciou. Eu sou mais cético.

Neste caso, sim... mas, noutros? Em casa, em Nova Iorque, a execução do dirigente comunista madrileno Julián Grimau García em abril de 1962 desencadeou o pânico. Grimau tinha estado no SIM em Barcelona, tinha-se destacado pela sua atuação contra a "Quinta Coluna", com numerosas detenções e consequentes fuzilamentos. Por isso (com certas irregularidades) foi julgado, condenado e justificado, apesar da grande campanha a seu favor, à qual até o Papa João XXIII juntou a sua voz. Curiosamente, tal como meu pai, Grimau tinha nascido em 1911.

No balanço final de Serrahima, "a atuação do Serviço de Informação Militar, isto é, o SIM" funcionou mal, pois "[q]uem o formavam ignoravam-no tudo de Barcelona e Catalunha: não conheciam a ninguém nem sabiam de onde sacar as referências. O resultado foi que repartiam paus de cego sem olhar detidamente e ainda mais quando isso se dobrou com a intervenção, a cada vez mais aguda e posta em mãos bem pouco seguras, dos tribunais especiais chamados de 'Espionagem e Alta Traição'." E acrescenta: "Mas a eficácia que tinham de mostrar dependia da maneira na qual se realizava seu labor e de até que ponto conservassem as características de um 'serviço de investigação' e de uns 'tribunais' sérios. Iniciados pelo governo socialista, parece que foram passando pouco a pouco a mãos dos comunistas. Fosse como fosse, a 'informação' referente a Catalunha resultou sempre muito defeituosa: diria que era realizada muito 'a olho'... Para o final e sobretudo no segundo semestre de 1938, o jogo do SIM e daqueles tribunais tinha chegado a dar a impressão de considerável arbitrariedade [...] que mais bem dava, em Barcelona, certas armas à propaganda dos adversários."⁶¹

Meu pai conseguiu sair de toda esta situação desesperada e instalar-se em Nova Iorque antes da queda de Barcelona. A missão de meu pai em Nova Iorque, entre finais de 1938 e princípios de 1939, de acordo com a memória confusa de minha mãe, com dinheiro supostamente destinado à *Casa de Galicia* da dita cidade (Para levar a quem? Para que fim?), sempre me pareceu, pelo menos, misteriosa, no sentido de insubstancial. Na versão de Ernesto, citada extensivamente pela historiadora María Ángeles Ordaz Romay, ele era apresentado para investigar o fim de fundos de apoio gerado às coletas de entidades stalinistas (ou simpatizantes) que não chegaram às autoridades republicanas espanholas em contraste com os esforços de algumas das entidades em Nova Iorque. A historiadora diz extensa de jogo e por isso a carta de meu pai; ela considera que mostrava "macartismo", quando ele havia estado comunista e do SIM. Se soubesse o medo a casa que levou o senador Joe McCarthy *mais de dez anos de*

⁶¹ Maurici Serrahima, *Memòries de la guerra i l'exili*, Vol. II, p. 24.

pois de 1939, quando eu era um bebé. Em síntese, há, portanto, uma explicação coerente, pelo menos, embora pouco poderia ter então investigado meu pai sem falar Inglês, que aprendeu (e muito bem) de acordo com os acontecimentos.⁶²

Previdente, como ele mesmo podia preencher o documento por estar na secção de passaportes, desapareceu "Pérez Güerra" e nasceu "Guerra Da Cal". Deixar a mulher em Barcelona era, evidentemente, parte normal do trato: um refém era a garantia de que quem ia ao estrangeiro regressava. Mas as tropas franquistas entraram na capital catalã da República em 26 de janeiro, e a minha mãe saiu, dificilmente e como pôde, com a irmã e a sua filha recém nascida, juntamente com outras 500.000 pessoas, em tropel para Figueres e depois para a fronteira francesa. Quando a minha mãe se conseguiu reunir a ele em Nova Iorque, a sua identidade como "Da Cal", em maiúsculo (um ponto no qual ele sempre insistiu) estava selada.

Os diários relativos ao ano de 1939 publicados de Zenobia Camprubí, a esposa de Juan Ramón Jiménez, demonstram-no, ao falar dos "Da Cal" ou antes "os Dacal"⁶³.

Anos depois, minha mãe assegurava que tinha sido denunciada perante as pertinentes autoridades persecutórias franquistas (ao fim e ao cabo, tinha servido chá a Orlov e ao seu sequaz) e assegurou que "outras raparigas" que tinham trabalhado como dactilógrafas para "os russos" tinham sofrido o garrote vil. Devo apontar que a madri-lena Teresa Suvich, a mulher de Antonio Ramos e quem o acompanhou no seu exílio a México, tinha feito o labor de taquígrafa e mecanógrafa de seu interrogatório final, segundo Serrahima⁶⁴. Os primeiros anos da minha vida passei-os em boa medida em México, com os Ramos, já que lá Antonio se reinventou como um importante empresário, chefe de uma farmacêutica suíça para as Américas.

Em todo o caso, minha mãe não pisou solo espanhol até 1953, blindada (ainda que insegura) pelo seu passaporte norte-americano. Meu pai nunca voltou, e eu pergunto-me se a sua firmeza não escondia certo temor, não já ao castigo (o seu passado era conhecido, e Salazar proibiu pessoalmente à consulesa portuguesa em Nova Iorque de impor o colar da Ordem de Santiago a meu pai por "espanhol vermelho" e recorreu-se ao subterfúgio, muito luso, de lho fazer chegar por correio registado), mas de encontros com gentes da oposição, como, nomeadamente, Serrahima. Em todo o caso, quando já não nos falávamos, chegaram-me todo o tipo de rumores acerca do seu "safari académico" em Angola e Moçambique, assim como da sua amizade com o também professor Marcelo Caetano, tão académico como o seu antecessor, o Dr. Salazar. Foi uma reviravolta significativa, que já anunciava a sua postura pró-portuguesa contra a invasão das possessões portuguesas da Índia por Nehru, em 1961, assim como sua escassa simpatia pela revolta de Holden Roberto no norte de Angola desse mesmo ano.

A sua politização e seu posterior abandono da política em prol do ceticismo significou um sucesso pessoal: converteu-se em seu próprio heterónimo. Sem Fernando.

⁶² María Ángeles Ordaz Romay, "Las Sociedades Hispanas Confederadas em archivos del F.B.I. (Emigración y exilio español de 1936 a 1975 em EE.UU.)", *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 32, 2006, ps. 227-247 (carta e comentário, p. 241).

⁶³ Zenobia Camprubí — tradução para inglês por Graciela Palau de Nemes —, *Diario*, Vol 2, Estados Unidos (1939-1950), Madrid, Alianza Editorial/ Universidad de Puerto Rico, 1991, pp. 100, 114-115, 118, 167, 172-173.

⁶⁴ M. Serrahima, *op. cit.*, Vol. II, pp. 79, 85.

AS CARTAS DE ULTIMATO

Pobre Galiza, não deves
chamar-te nunca espanhola,
que Espanha de ti se olvida,
quando és tu, ai!, tão formosa

Rosalia de Castro (1837-1885), “A Gaita galega.
Resposta ao eminente poeta D. Vicente Ruiz de Aguilera”,
publicado em *Cantares gallegos* (1863)

Quem quer que tenha tido qualquer relação com meu pai conhecerá as suas cartas de rutura, direta ou indiretamente, pela sua contundente fama. A violência destas missivas elevou-as a um género literário por si só, ainda que poucas tenham ficado para a posteridade. Dada a ambiguidade dos seus sentimentos em relação a mim, desde que tive idade suficiente para entender o seu sentido, eu sabia que tarde ou cedo seria receptor de um dos seus textos, como aqui lhes chamo, de ultimato. Somente não sabia quando.

Como se sabe, um ultimato é uma resolução definitiva que marca um período concreto para que se cumpram umas exigências determinadas e que acrescenta uma advertência do castigo que será imposto em caso que o requerimento não receba satisfação adequada. Para quem impõe um ultimato, costuma-se entender como o final de um processo que esgotou a sua paciência, mas pode tomar por surpresa ao ameaçado.

Não faz sentido falar aqui em pormenor dos sentimentos de meu pai, da sua vontade sedutora em todos os sentidos da palavra, da sua capacidade de rejeição sem limites, da sua vontade de ridicularizar ou humilhar quem tinha caído em desgraça perante ele, e, ao mesmo tempo, da sua surpreendente generosidade quando menos se esperava. Muito absorvi de tal formação psicológica, e por isso muito cedo tomei a decisão de não ter filhos, para não fazer ninguém passar por algo semelhante à educação sentimental que eu sofri. Mas eu não posso avaliar nem julgar a obra literária ou crítica de meu pai sem o marco de referência específico da minha relação individual com ele, para além do seu vínculo com a minha mãe, o desgaste desse laço e o seu divórcio. A minha relação com ele aguentou um ano e meio para além do divórcio, e desfez-se abruptamente, nem podia ser de outro modo, por uma das suas cartas de ultimato.

Para que me entendam bem: eu não admiro meu pai, não já como pessoa, mas como criador e crítico. Com a exceção, muito relativa, de alguma peça isolada, a sua poesia não é do meu agrado. A sua imensa obra crítica resulta – no meu juízo como académico – muito estreitamente focalizada na figura de Eça de Queirós, sem dúvida um grande romancista não adequadamente valorizado fora do mundo lusófono, e também com frequência um brilhante ensaísta, dotado de uma visão ampla do mundo, sem dúvida pelo seu labor diplomático. Ernesto teve a enorme boa fortuna de gozar do sucesso profissional num campo pequeno com um grande livro⁶⁵. Tal reconhecimento é algo que os universitários costumamos olhar com uma combinação de desconfiança e inveja. Costuma-se repetir que julgaremos definitivamente o triunfador temporão por seu segundo livro. E o segundo volume de meu pai sobre Eça, a metade não escrita de sua tese, nunca saiu de sua máquina de escrever. A outra parte do seu reconhecimento obteve-o com lucros administrativos — os *Junior Years Abroad* para estudantes

⁶⁵ Joel R. Gómez, *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Crunha, Edições do Castro, 2002.

norte-americanos em seu terceiro ano universitário, organizado primeiro na Universidade de Madrid, depois nas de São Paulo e Bahia — um tipo de êxito que também faz franzir desdenhosamente as sobrancelhas dos pesquisadores mais dedicados.

Para abreviar, os seus triunfos foram lusófonos e nacionalistas. Mas eu penso em inglês, não em português — e, para que não seja mal interpretado, acrescento que o espanhol, ou castelhano, faz parte da minha parte mais primitiva, do cérebro reptiliano, que aparece com emoções como a fúria ou a raiva e não se veicula, exceto com um esforço muito considerável, às funções mentais superiores. Em inglês, a obra de meu pai reduz-se a uma curiosidade vinculada a dois meios culturais nem sempre interligados — o nacionalista português, ou panlusitano, e o galeguista — em rivalidade com as sempre ocas pretensões imperiais da espanholidade "à castelhana", ou "à madrilena". A minha perspetiva é inquestionavelmente ácida, porquanto sou *apolitikos* e *ateknos*, sem pátria, nem filiação cívica, nem descendência, a situação mais alienada e desprezível que um antigo heleno podia imaginar, para lá da vileza das mulheres, da sordidez dos escravos e da irrelevância dos "bárbaros" estrangeiros. A minha deontologia profissional como historiador, assim o assumi de modo explícito nos meus ensaios metodológicos e mais batalhas que me causou e cicatrizes me deixou.

Estou aqui para falar de meu pai, não de mim. Assim, devo assinalar, para começar, que a sua afinidade, não já galeguista, mas galaica, era absolutamente mágica, porque exclusiva, ainda mais, excludente⁶⁶. Nem uma vez na vida pisei a *Casa de Galicia* de Nova Iorque: nunca se lembrou de me levar. Era o seu mundo, onde só ele tinha entrada.

Manteve a sua relação com a família à distância e, com a sua frialdade perante qualquer proposta contrária, negou qualquer contacto meu com outros que não fossem os "madrilenos", a sua mãe — que a mim, como pessoa, me caiu, desde os meus cinco aninhos, bastante mal, e o seu odiado tio Carlos, que quis ser amável quando eu era pequeno e a quem a amabilidade para nada lhe serviu, se com isso quis obter — para procurar sanar inimizades de juventude? — nem que fosse uma saudação [eshttp://www.lavozdegalicia.es/noticia/santiago/padron/2016/08/27/span-langglem-presario-padron-ingresou-veran-na-spanacademia-das-cincias-lisboaspan-langgl-lin-gua-pode-abrir-mais-negocios-cos-paises-falan-portugues-spanspan-langglacademi-cospanspan-langglreconecemento-span/0003_201608S27C8995.htm](http://www.lavozdegalicia.es/noticia/santiago/padron/2016/08/27/span-langglem-presario-padron-ingresou-veran-na-spanacademia-das-cincias-lisboaspan-langgl-lin-gua-pode-abrir-mais-negocios-cos-paises-falan-portugues-spanspan-langglacademi-cospanspan-langglreconecemento-span/0003_201608S27C8995.htm)rita de meu pai. Em 1963, quando, com quinze anos, viajei eu e minha mãe um pouco pela Galiza com meus tios maternos — Matilde Ucelay, a primeira mulher arquiteta de Espanha, e o marido, José Ruiz-Castillo y Basala, editor e boa pessoa — impus uma excursão muito pesada, por más estradas, até ao Quiroga infantil de meu pai e, com uma máquina fotográfica recém-oferecida por outro familiar, quis levar-lhe umas vistas de uma aldeia ainda por desenvolver, provavelmente muito próximas das recordações dele, ele recusou as fotografias com dureza. Simplesmente, não as quis ver. O seu passado era seu, encerrado, mitológico, e barrou-me o passo.

Aconteceu o mesmo com o lusismo. Quando, com uns 12 anos, lhe mostrei a minha curiosidade em aprender português, lançou-me um livrinho escolar que tinha, do segundo ano, como se aquilo chegasse e sobrasse. Abri-o, olhei para os desenhos das camisas verdes salazaristas (seriam "lusitos", entusiastas da *Mocidade Portuguesa*) e fiquei pasmado. Teria apenas 12 anos, mas criei-me e vivia em Nova Iorque, que, pe-

⁶⁶ Nancy Pérez Rey, "Panorama do exílio galego republicano en Nova York", em Xosé Manoel Núñez Seixas e Pilar Cagiao Vila, eds., *O exílio galego de 1936: política, sociedade, itinerarios*, Corunha, Edicións do Castro, 2006, pp. 189-198.

los seus emigrantes, de antes e depois da Segunda Guerra Mundial, facilmente seria a cidade mais espontaneamente antifascista do mundo. Com aquele livro escolar e sem apoio paterno não ia a lado nenhum. O mesmo aconteceu quando lhe ofereci no ano seguinte, pelo seu aniversário, um disco de Amália Rodrigues. Não lhe interessou; olhou-o com desdém e nunca o ouviu.

Se explico estas ninharias de miúdo desconcertado, não é por outra razão senão que, num encontro dedicado a apreciar a obra de meu pai, me parece importante o seu conceito de fronteira e participação. Ganhou, evidentemente, o seu renome vendendo estudos portugueses a estudantes norte-americanos (por isso o governo brasileiro de Juscelino Kubitschek lhe concedeu o Cruzeiro do Sul e as autoridades do estado do Rio de Janeiro lhe outorgaram a medalha do Padre Anchieta), mas isso era dirigido a um *eles*, não ao *nós* autêntico. Por alguma coisa ele foi produto do final da *Geração Nós*.

A sua ideia de ser inclusivo teve uma única manifestação, que eu recordo com certo mal-estar: dotado de boa voz e um fácil dom de acordes na guitarra, decidiu que aprenderia a tocar gaita galega. Os seus esforços foram tenazes, mas infrutuosos. Esteve dois anos nesse labor sem produzir com feliz sonoridade mais do que o zumbido do fole. O ruído não foi apreciado lá em casa, e o nosso desagrado – o meu (tinha 6-7 anos, acho eu) e o da minha mãe – perante o infernal ruído monótono (*uuuuuuuuuu...*) feriu-o profundamente, como manifestou ao não responder às naturais zombarias familiares. (Devo admitir que a intervenção no encontro a respeito de “Ernesto Guerra Da Cal e a Música” suavizou algo a aspereza do meu critério; mas surpreendeu-me a atenção dedicada ao musicólogo Carleton Sprague-Smith, colega de meu pai na New York University e a quem em privado Ernesto desprezava como arrivista e considerava um bobó.)

O falhanço com a gaita trouxe consequências graves. A partir de então tudo se tornou mais azedo, e as discussões conjugais expressavam-se – numa gritaria que ia subindo de tom com o passar do tempo – com um vocabulário ideológico reiterativo. Chegava-se sempre a um ponto em que meu pai acusava a esposa de “fazer comigo o que os Reis Católicos fizeram com a nobreza galega”, estribilho que a mim sempre me deixou pasmado, por mais vezes que o ouvisse.

Acho que a minha mãe – para além da sua crescente irritação pelos muitos amores incessantes do marido – nunca percebeu o que se passava. O marido, por quem esteve sempre loucamente apaixonada, evolucionou por um caminho diverso ao do sítio linguístico onde começaram o noivado e matrimónio. Eu conheço bem o tema dos *Poemas galegos de García Lorca* e o facto de os meus pais se terem conhecido no Anfístora, o grupo teatral que a minha avó materna, Pura Maortua de Ucelay, dirigia juntamente com o famoso poeta granadino. Mas meu pai contava as coisas de modo retrospectivo de maneiras convenientes e nem sempre verdadeiras, a julgar pelas muitas críticas e comentários que, ao longo dos anos, ouvi a minha mãe fazer – falo de bem passado o divórcio. Não há que acreditar na versão da minha mãe, mas serve para lembrar que há mais que uma fonte com aspiração a fidedigna. Em todo o caso, meu pai (na versão da minha mãe) descobriu o lusismo por volta de 1940 pela mão do seu orientador de tese, o patriarcal e autoritário professor Federico de Onís da Columbia University, que lhe disse, muito claramente e com algum palavrão, como era o seu estilo, que a literatura portuguesa era um campo aberto para alguém como ele nos Estados Unidos. Daí a querer viver no Estoril e ser lá enterrado (ou em Lisboa) vai um pu-

linho, que ela não entendeu e em que não o podia seguir. Logo, os seus dias estavam contados, na medida em que meu pai evolucionava, cada vez com mais êxito, para um mercado académico e literário lusófono.

O casamento de meus pais deve ter começado a desagregar-se verdadeiramente depois da triunfal viagem ao Brasil que ele fez (e na qual o acompanhamos) em 1959. As conquistas amorosas naquelas cálidas terras (especialmente uma menina de tez escura em Recife, encantadora, até mesmo para a minha mãe, a quem se cuidou de agasalhar) deram-lhe um gosto especial pelo sexo assim mesmo, lusófono, e as americanas cada vez o atraíam menos (incluindo a minha adorada ama de infância, uma loira espampante, a belíssima Alice S., aluna de minha mãe e apaixonada por ele, como entendi mais tarde). Quando eu li as memórias de Bertrand Russell, nas quais o filósofo mulhengo explica como decidiu um dia que sua primeira esposa era insuportável, acho que o processo foi bastante semelhante. Para ele, como para meu pai, resultou um acordar fácil, uma epifania⁶⁷.

Claro está, deduzo todos estes movimentos telúricos à distância, pelos seus efeitos noutros âmbitos e, portanto, com considerável insegurança cronológica. Eu acho que a rutura psicológica com o mundo hispânico veio em 1961 com a morte do Ángel del Río. Foi o melhor amigo académico de meu pai, líder espiritual do departamento de espanhol na *Columbia University* e o herdeiro de Federico de Onís. Meu pai tinha muitos laços com a sua família. Quando recebeu a notícia do seu desaparecimento foi a única vez que vi meu pai chorar, uma explosão em lágrimas que corriam no seu rosto, durante muito tempo, com soluços. Algo se tinha rompido dentro dele. Converteu-se lentamente numa pessoa diferente, para mim imprevisível e até perigosa.

E nisto apareceu a figura de Elsie Allen, uma anglo-portuguesa que para mim era ignota, embora não nos tremores que provocou na minha vida quotidiana. Deveu ser muito oportuna. Ela tinha um pequeno apartamento na rua Bleeker em Greenwich Village, da boa vontade para Ernesto Guerra Da Cal um “ninho de amor”. No verão dos meus 13 anos, ou seja, em 1961, o casamento desfez-se, meu pai deixou o leito conjugal e a mesa de refeições, aparecia quando o considerava conveniente, em horas estranhas ou intempestivas. Dissolveu-se formalmente em setembro de 1965, quatro anos depois, no fim-de-semana antes de eu ir para a universidade (o *college*, entenda-se) fora da cidade. Meu pai divorciou-se no México, e casou-se imediatamente com Elsie. Ao longo dos anos, para os amigos e admiradores, tornou-se em “no monómio Ernestelsie”, especialmente para os lusos e os galegos de nova amizade, da sua nova vida, e não para os antigos novaiorquinos.⁶⁸

Em muitos sentidos, foi um alívio. Se a minha avaliação é correta, até que se estabilizou com Elsie, o jogo de manipulação, com alternância imprevisível de encanto e crueldade, foi permanente. Explico alguma triste sordidez para ser melhor entendido. Por seu lado, segundo minha mãe, Elsie aproveitava a sonolência pós-coito do seu homem para telefonar a minha mãe e explicar-lhe que o seu querido marido dormia placidamente a seu lado, que tinham copulado tantas vezes, que ele sentia especial prazer em apagar cigarros na sua pele (ou era ao contrário?). Transtornada, minha mãe carregou-me com mais peso do que eu acho que me correspondia, com a justificação de que não tinha mais ninguém a quem recorrer, pois “ele dormiu com todas as minhas

⁶⁷ B. Russell, *The Autobiography of Bertrand Russell*, 1872-1914, Boston, Atlantic-Little Brown, 1967, pp. 237-243 e *passim*.

⁶⁸ Xosé Luis Franco Grande, “Ernesto Guerra Da Cal”, *A ilusión da esperanza (de Cabanillas a Baixeras)*, Vilaboa (Pontevedra), Edicións do Cumio, 1991, p. 45.

amigas". O resultado foi que com negligência, me chamara de “Ernesto” em vez de “Enrique”, com cansada reiteração inconsciente.

Nada surpreenderá se eu explicar que, desde que apareceu como uma sombra na minha vida, Elsie me caiu mal, embora, de facto, apenas a tivesse visto uma ou duas vezes. Ainda menos surpreendente é o facto de eu ter caído ainda pior a Elsie, se isso fosse possível. Perante esta tensão, meu pai teve uma obsessão – na verdade um tema existencial de toda a minha vida – que era enfatizar que os filhos são ingratos para com os pais, e isso quando ele era ainda uma figura inquestionável para mim. Quando as coisas se tornaram realmente antipáticas, indicou-me que lesse *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Assim fiz, e captei a mensagem, como se diz agora, no subtexto.

Tal ambiente caseiro não foi nada positivo para reforçar a relação entre pai e filho. Em especial no nefasto verão de 1965, quando ele aparecia de vez em quando pela casa de campo que meus pais compraram juntos por volta de 1960, a minha atitude era abertamente hostil e, numa memorável ocasião, chegámos a vias de facto e ele deu-me uma tarefa moderada. Mas não posso esquecer o olhar trocista dos seus olhos, e do seu sorriso, enquanto se livrava dos meus inúteis assaltos à palmada.

Com o divórcio, a sua atitude para comigo mudou de modo abrupto. Procurou a minha companhia numerosas vezes quando eu descia à cidade durante o primeiro ano da universidade. Mas depressa se aborreceu: telefonou-me em tom urgente, para dizer que sentia a minha falta e que precisava de me ver. A minha mãe estava em casa? Não. Dali a escassos minutos estava à porta do apartamento (lembrem-se de que falamos de quando os telemóveis ainda eram ficção científica). Entrou, fez meia dúzia de comentários rápidos, entrou no quarto da minha mãe e pegou num livro de iluminuras, belíssimo embora moderno, que uma milionária lhe tinha oferecido e que ele tinha entregado a minha mãe. Pegou no pequeno volume, meteu-o no bolso do casaco, disse-me que tinha muita pressa e saiu por onde tinha entrado. Dentro de mim desfez-se toda e qualquer ligação emotiva com ele.

Desde aí, passou um ano até que ele rompesse comigo. Em janeiro de 1967, por uma razão pontual determinada, meu pai escreveu-me uma "carta de ultimato", provavelmente impulsionado pela segunda mulher. Não percebi o que ele pretendia e não lhe respondi a missiva, pelo que ele me telefonou e, nessa conversa, eu cortei com ele. Suprimo aqui os pormenores (embora eu os tivesse escrito numa primeira versão deste texto), pois levam a que fale tanto de mim próprio como de meu pai, o que aqui não interessa. Não aceitei seu ultimato. Em resumo, ele me deserdou (ato inteiramente factível na lei americana). Igualmente, mais adiante eu respondi a meu modo. Quase um ano depois, quando eu me encontrava a estudar em Madrid e ferido num acidente de viação (como Fernando?), ele escreveu-me, agora num tom radicalmente oposto, afetuoso mas lamechas, sentimentalóide, com um carinho que não correspondia nem à nossa história nem à situação. Não lhe respondi exceto por implicação, ao aceder ver a sua mãe, a minha avó. Nada nestes assuntos me faz ficar bem, nem a ele. Suponho que, à sua maneira, quis colmatar uma brecha que entendemos de maneiras diferentes e que era impossível sarar. Em sua biografia oficial, escrita por Elsie, conquanto se menciona muito de passagem a minha mãe, suprime-se a minha mesma existência⁶⁹.

Encontro-me forçado a comentar assuntos que para mim são pessoais, íntimos, ou

⁶⁹ E. Allen da Cal, “Esboço biográfico de Guerra da Cal, extratado do seu *curriculum vitae*” em Ernesto Guerra da Cal (1992), *Lua de além-mar/ Rio de sonho e tempo*, Crunha, Associação Galega da Língua, 1992, pp. 29-39.

que podia utilizar como “contos” para conversa, com certa forçada frivolidade. Mas a voracidade do nosso tempo impõe-se, com a sua exigência para saber tudo a respeito de todos. Primeiro, esteve a pertinaz investigação de Joel R. Gómez (veja-se a sua tese de doutoramento na Universidade de Santiago de Compostela no ano 2009, intitulada *A trajetória de Ernesto Guerra Da Cal nos campos científico e literário*). Mas há mais. Um historiador catalão, Ángel Duarte, um amigo travesso, utilizou os meus comentários sobre meus pais e seu divórcio como exemplo perfeito do rompimento no exílio anti-Franco da aliança entre nacionalistas (catalães, vascos e galegos) e republicanos espanhóis da tradição madrilena da Institución Libre de Enseñanza.⁷⁰

Para mim, a pergunta que força estes trabalhos sobre meu pai e que o atinge se fixa em outra personagem, tão esquecido que nem sequer tem uma biografia, nem um triste “stub” em Wikipedia. Pode-se comparar Ernesto com o poeta e estudioso da literatura Giuseppe Valentini⁷¹. Valentini teve uma vida em muitos sentidos comparável à de Ernesto. Nascido em 1907 em Ascoli Piceno, na região das Marcas, cedo fez-se uma reputação como poeta dialettale em romagnolo, mais concretamente “nel dialetto ravennate di San Zaccaria”⁷². Fascista jovem, participou com escassamente quinze anos na *Marcha sobre Roma* de 1922. Ativo colaborador nos periódicos, foi ajudante da cátedra de História Contemporânea na Universidade de Roma. Mais adiante – como exilado? — Valentini foi diretor de Língua e Literatura Italiana na Universidade de Lisboa e morreu em Belo Horizonte em 1969. Um lusófilo, portanto. Para além do argumento de Joel Gómez sobre o sucesso de meu pai mediante sua tese sobre Eça de Queirós, que lhe faz diferente do poeta-professor da Romanha, hoje de todo esquecido?

A resposta evidente foi o papel de Ernesto como profeta do que depois chamou “reintegracionismo” lusogalaico. Teve um critério calculado, ao mesmo tempo político e cultural⁷³. Depois, está a coincidência de meu pai com a figura do também ferrolano Ricardo Carvalho Calero, nascido em 1910, então um ano mais ou menos velho que ele e que morreu, depois de uma carreira na Universidade compostelana, em 1990⁷⁴. Conheceram-se? Trataram-se? Não faço ideia.

Passaram uns quinze anos sem mais contacto de nenhuma das partes, durante os quais fiz a minha tese sobre o nacionalismo radical catalão na *Columbia University* e aceitei um posto na *Universitat Autònoma de Barcelona*, por estar esgotado o mercado para historiadores no mundo académico estado-unidense. Porém, em 1983, sem ter podido voltar a um lugar de docente na América do Norte, o novo Governo Socialista na Espanha ofereceu por lei converter os professores interinos ou doutores contratados em “numerários”, quer dizer, funcionários de carreira. Sem muito entusiasmo, vi-me levado a explorar as vias para me tornar legalmente cidadão espanhol, para assim me candidatar. E, para tão feliz objetivo, dado que a lei espanhola então não reconhecia a

⁷⁰ A. Duarte, *El otoño de un ideal. El republicanismo histórico español y su declive en el exilio de 1939*, Madrid, Alianza editorial, 2009, pp. 187-189.

⁷¹ Francesco Piga *Poesia dialettale del Novecento*, em A. Balduino, curador, *Storia letteraria d'Italia - Il Novecento*, Pádua, PICCIN, 1991, p. 53.

⁷² Francesco Piga (1991), *Poesia dialettale del Novecento*, em A. Balduino, curador (1991), *Storia letteraria d'Italia - Il Novecento*, Pádua, PICCIN, p. 53.

⁷³ Joel R. Gómez, “O pensamento de Ernesto Guerra da Cal sobre a lusofonia: umha estratégia para a internacionalização da língua e a cultura da Galiza” em AA.VV. (2009), *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro. Actas do I Congresso Internacional, Lisboa, Universidade católica Portuguesa / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, Vol. III*, pp. 403-427.

⁷⁴ José-Martinho Montero Santalha (1993), *Carvalho Calero e a sua obra*, Santiago, Laiovento; T. López e Francisco Salinas, curadores, *Actas do Simposio Ricardo Carvalho Calero. Memoria do Século*, Crunha, Asociación Socio-Pedagógica Galega / Universidade da Coruña/Deputación da Coruña, sem data.

transmissão de nacionalidade por fêmeas mas apenas machos, pois fui mais ou menos obrigado a escrever a meu pai. O engraçado era que, contra toda a previsão racional, se conseguiu localizar o certificado de matrimónio de um tal "Pérez Guerra", mas o original, ou o copista, tinha trocado o nome para "Evaristo", o que era um salto – argumentar-se-á legalmente o que se quiser – para o auto-intitulado "Ernesto Guerra Da Cal". Assim (dados os talentos misteriosos da minha mulher, conseguiram o endereço de meu pai no Estoril), dirigi-me a ele por carta, para lhe explicar o meu dilema. Não encabecei a carta com mais do que "Ernesto", pois não era querido: já sei que não é mais do que uma convenção, mas não podia com a hipocrisia.

Meu pai deve ter pensado que era uma das suas cartas, quando a minha intenção era apenas facilitar a minha consolidação como professor universitário. Expliquei-lhe que precisava de uma determinada documentação em fotocópia certificada, ou seja, reconhecida como documento legal pelo Consulado Espanhol de Lisboa. Salientei-lhe que sem essa diligência, bastante chata, não me servia para nada uma reprodução dos papéis, e que, se não me queria ajudar, compreendia perfeitamente. Fosse como for, a minha carta, ele aborreceu-se muito. Primeiro, enviou-me umas fotocópias simplesmente recortadas, perfeitamente inúteis, e uma notinha devastadora; dizia qualquer coisa como: "Excelentíssimo senhor: Envio-lhe o que me solicitou. Não prevejo mais nenhuma correspondência acerca deste assunto ou qualquer outro. Atentamente, Ernesto Guerra Da Cal".

Admito que a deitei para o lixo. Como sempre, ele ganhava-me em qualquer conflito; ele conseguia ser mais duro do que eu.

A sua ira foi tal que, a seguir, escreveu para o *Rexistro* do Concelho de Ferrol para exigir que lhe dessem de baixa da listagem de nascimentos e fosse reconhecido como não espanhol. Uma fanfarronada, que a burocracia deve ter arquivado, como costuma acontecer.

Faltava a última tortuosidade dos ultimatoss paternos. Um dia, no comboio a caminho da Universitat Autònoma de Barcelona, o crítico Claudio Guillén, filho do poeta Jorge, que se considerava amigo de meu pai, declarou em conversa que podia resolver a conexão negativa entre progenitor e filho. Confiado, suponho, na sua bonomia andaluza, Claudio escreveu, ou telefonou, a meu pai. Para agradecer a sua intervenção (embora eu não estivesse muito otimista), convidei-o a ele e à mulher para jantar: apenas faltava concretizar data e hora. Duas semanas mais tarde, dirigi-me a ele para combinar o jantar, sem outra coisa em mente. Viu-me, e literalmente fugiu a correr. E assim até à sua morte em 2007. Tal era o poder contundente das cartas de ultimato de meu pai.

CONCLUSÃO

‘Tell them I came’, and no one answered,
‘That I kept my word,’ he said.
Never the least stir made the listeners,
Though every word he spake

Fell echoing through the shadowiness of the still house [...]

Walter John de la Mare (1873 –1956), "The Listeners" (1912).

Bom, já entediei todos suficientemente com as narcisistas recordações de um velho. Mas devo assinalar que foram vocês que quiseram que eu viesse falar de um

homem que não vi e com quem não falei depois dos dezoito anos. Quando ele morreu eu já tinha feito 46; agora — no ano 2014 — tenho 66. Morreram quase todos os do meu relato: minha avó, meu pai, a sua segunda mulher, também minha mãe, até o pobre Claudio Guillén. Apenas resto eu nesta história, uma recordação em três episódios. Vocês dirão se valeu a pena lê-la.

Não faz graça ver o *striptease* dum velho. Não interessam os conflitos dum filho com seu pai, um tema bem conhecido e cansativo. Tenho apenas a olhar, como uma amostra, as memórias de Camilo José Cela Conde, cerca de dois anos mais de mim, referindo-se ao seu pai, romancista e *Prêmio Nobel de Literatura*, galego de Padrão, nascido ali em 1916 e morto em Madrid em 2002⁷⁵. O seu tom e ritmo é idêntico ao meu, no presente texto, ou pelo menos assim mo parece.

Sou um deserddado, marcado pela inimizade íntima com meu pai. Uma banalidade comum. Respeito à indubitável herança de Ernesto Guerra Da Cal, há que entender-se que não sou equânime, ainda que tente o ser. Toda a pessoa sensata sabe que não serve a vingança. Não é melhor rir o último, quando somente ficam cinzas. É melhor desfrutar o riso em comum, saber perdoar e ser perdoado. Não pôde ser.

A minha dança é mais.

Enric Ucelay-Da Cal nasceu em Nova Iorque, filho de Ernesto Guerra Da Cal e Margarita Ucelay, e estudou nos Estados Unidos; em 1969 obteve a licenciatura do Bard College (hoje Bard University) e no 1979 recebeu o doutoramento pela Columbia University. Foi muitos anos catedrático da Universitat Autònoma de Barcelona, antes de passar à Universitat Pompeu Fabra; foi "visiting professor" na Duke University e na Venice International University. Tem publicado mais de 300 artigos académicos em revistas profissionais e livros em catalão, castelhano, inglês, francês e italiano. Os seus livros mais importantes são: *La Catalunya populista: Imatge, cultura i política en l'etapa republicana, 1931-1939*, Barcelona: La Magrana, 1982; e *El imperialismo catalán. Prat de la Riba, Cambó, D'Ors y la conquista moral de España*, Barcelona: Edhasa, 2003; dirigiu *La Joventut a Catalunya al segle XX. Materials per a una Història*, Barcelona: Diputació de Barcelona, 1987, 2 vols. (vid. tb http://es.wikipedia.org/wiki/Enric_Ucelay-Da_Cal)

⁷⁵ Camilo José Cela Conde, *Cela mi padre*, Madrid, Temas de Hoy, 2002.



O Dr. Enric Ucelay-Da Cal durante a sua conferência.
Acompanha-o na mesa o Dr. Joel Gomes.

Mínima introdução à poesia de Ernesto Guerra Da Cal

Xosé Luís Franco Grande

Resumo: O autor define-se como fiel leitor, além de amigo de longa data, de Guerra Da Cal, a quem associa inicialmente com o neotrovadorismo, assinalando-lhe o culto à forma, mas também à poesia metafísica, já desde *Lua de Além-Mar*, e ainda os grandes temas de Deus, tempo, morte, amor, madurando para mais introspetiva e existencial em *Rio de Sonho e Tempo* e poemários posteriores, sempre com o seu poder de síntese, e a infância no fundo.

Palavras-chave: neotrovadorismo, culto à forma, poesia metafísica, poder de síntese.

Abstract: the author defines himself as a faithful reader, as well as longstanding friend, of Guerra Da Cal, whom he associates initially with neotroubadourism, pointing out its cult of form, but also the metaphysical poetics, already in *Lua de Além-Mar*, and then the great themes of God, time, death, love, maturing into the more introspective and existential in *Rio de Sonho e Tempo* and later collections of poems, always with his power of synthesis, and childhood in the background.

Keywords: neotroubadourism, cult of form, metaphysical poetics, power of synthesis.

POETA, MAS AMIGO

Quisera deixar muito claro desde já que, pelo que se refere à poesia de Ernesto Guerra Da Cal, não sou neutral:

1.- Fui amigo seu ao longo de muitos anos, mais de meio século. Em 1959 recebi a sua primeira carta e, desde então até ao seu falecimento, a nossa correspondência foi frequente: na Fundação Penzol, em Vigo, estão depositadas as suas cartas a mim dirigidas. E, já jubilado, a nossa relação pessoal foi muito frequente e as nossas conferências telefónicas somaram muitas horas;

2.- Que não sou nem de longe um crítico literário e nada farei por parecê-lo, e

3.- Que sou, desde velho, um devoto leitor da sua poesia. Celebrei sempre de palavra e por escrito a poesia de Ernesto, tanto em 1960, com ocasião de ter publicado *Lua de Além-Mar*, como no dia de hoje. Depois de mais de meio século continuo a ser fiel leitor da sua poesia. E continuo pensando (vá já por diante o que devera ser conclusão final) que é um muito estimável poeta.

LUA DE ALÉM-MAR, NOVIDADE NA POESIA GALEGA

Justo em 1960, num artigo meu que já nem lembrava, mas que Joel Gomes (doutor em matéria Guerra Da Cal) resgatou para mim, com grande surpresa, vejo que em linhas gerais estou de acordo (cousa que quase nunca me ocorre) com o que escrevi há tantos anos sobre *Lua de Além-Mar*, sendo ainda estudante em Santiago. Porque hoje, como então, penso que a poesia deste primeiro livro de Guerra Da Cal (que vê a luz quando o autor tem já 48 anos) era uma novidade na poesia galega daquele momento⁷⁶.

Desde 1936 até 1959, data da publicação de *Lua de Além-Mar*, passaram vinte e três anos (que são os que compreende essa coletânea) e, por isso, poderia tratar-se de poemas muito diferentes ou, pelo menos, que respondessem a distintos critérios estéticos, ou, singelamente, que eles mesmos tornassem manifestas as diferentes épocas de criação; mas — dizia eu então — “sempre dentro duma linha muito pessoal, definida e, sobretudo, que segue uma consciente trajetória”, expressão esta com a que fazia menção à unidade que via em todo o conteúdo do livro, por mais que os temas, as formas e os tratamentos construtivos dos poemas sejam diversos, segundo requeiram ou exijam as necessidades expressivas de cada um deles. O que não deixa de ser surpreendente por se tratar duma coletânea que compreende, como já disse, mais de vinte anos.

NEOTROVADORISMO?

Sublinhava também uma característica mais discutível (porque ele não estava de acordo com essa apreciação sinalada por mim e também anos depois por Méndez Ferrín) como a de encaixar essa poesia, em parte, na linha do neotrovadorismo, que tanto êxito teve na Galiza depois da publicação de *Nao Senlleira*, de Bouza-Brey, e do livro de Álvaro Cunqueiro *Cantiga nova que se chama riveira*, poeta também nascido em 1911, como Da Cal.

⁷⁶ “El poeta de Nueva York”, *La Noche*, 26.02.1960.

Bem sei que Da Cal refugava essa conceituação da sua poesia como *neotrovadoresca* ou emparentada com a poesia dos velhos cancioneiros galego-portugueses.

Numa ocasião, no Estoril, refugou essa característica da sua poesia, assegurou-me que Méndez Ferrín não estava no certo (com o que também me englobava a mim, que o disse muitos anos antes, mas que, quase seguro que por delicadeza, não me apôs a mim a cita por se não me parecia bem) e que, ao cabo, o que sim admitia era a influência da moderna poesia americana, aspeito que desconheço, mas que, ao parecer, tem muito fundamento pelo que me informam gentes muito achegadas que conheciam as suas leituras e as suas preferências. Mas, como digo, de momento não estou em condições de valorar tão sugestivo tema.

Mas há um feito, penso eu, que a estes fins fala a favor de Méndez Ferrín e de mim mesmo e em contra de Ernesto: avonda com colher *Lua de Além-Mar* para nos toparmos nas suas páginas com poemas como “A volta”, que justamente leva um lema de Paio Gomes Charinho (*Sobre o mar vem / quem flores de amor tem / Mirarei, madre / as torres de Geen*), que começa assim:

Eu Flores de amor tinha
Também!
As Flores que eu trazia
Pr’as Torres do meu bem
Murcharam no caminho
De volta do Além
No Mar de Não – se – Sabe
Na Barca de Ninguém.

E o mesmo podemos dizer, entre outros muitos exemplos ilustrativos, do poema titulado “Adivinha”:

A rapariga
Que colhia as flores
Teria amores?

Neste caso, o lema que se põe por cabeceira do poema são uns versos de Gil Vicente, feito que nos demonstra mais uma vez que a sensibilidade do nosso autor se parece emparentada ou muito próxima a umas caracterizadas e antigas maneiras do dizer poético.

Ninguém poderá negar, pensamos, que o ritmo desses poemas é cancioneril, que há neles formas rítmicas dos nossos velhos cancioneiros e, também, temas tratados e desenvolvidos naqueles compêndios da nossa velha lírica.

Como já sinalávamos nesse antigo texto, esta poesia do nosso autor, se bem se melha agochar-se numa forma conhecida e antiga, tal cousa não lhe impede pechar nela os mais variados e eternos temas. Pois, engadíamos, em Guerra Da Cal conjugam-se felizmente as condições de estudioso, de investigador e conhecedor com o pulo criador do poeta que sabe arrancar do mais conhecido uma febra oculta que só ele soube enxergar.

Penso que tem razão Méndez Ferrín quando escreve que os seus poemas “de variada e habelenciosa complexidade rítmica” são — às vezes — dum esteticismo “que vem convergir com os nossos neotrovadoristas”. Como a tem o prologuista do livro, Jacinto do Prado Coelho, quando escreve que Da Cal

deliberadamente regressa (com que delicadeza de genuíno artista!) ao clima de sábia ingenuidade das cantigas de amigo; inspira-se em Gomes Charinho, em Airas Nunes, em Gil Vicente; assimila os velhos ritmos, a graça insistente do refrão; transfunde em modernidade os valores tradicionais.

Em qualquer caso, tenha razão Da Cal ou tenhamos-la Jacinto do Prado Coelho, Méndez Ferrín e mais eu, esse feito — neotrovadorismo ou não — não o julgo de muita importância para a valoração da poesia do ferrolano. É uma questão académica e, para mim, de escassa entidade. Pois os valores estéticos que agocha a poesia de Da Cal estão muito por cima de semelhante questão, ainda que os veja inseparáveis dela.

Parece-me que não me é possível esquecer a forte impressão que nos causou *Lua de Além-Mar* naquela facarenha Galiza do início da década dos sessenta. Penso que isso era o que eu queria sublinhar no meu artigo quando escrevia que o mesmo clima de “frescura auroral que respiramos nos *Cancioneiros* nos nimba e rodeia em *Lua de Além-Mar*”, se bem não se me ocultava que “Guerra — como Cunqueiro ou Novoneyra — não é um arcaizante [...], pois “o cancioneril é neles mero pretexto ou singela apoiatura, um modo expressivo porque não sempre é fonte de inspiração”. Texto no que queria sinalar que se tratava dum recurso expressivo, duma maneira de ontem que podia pôr-se ao dia, duma estética aclimatada ao nosso tempo.

“CULTO À FORMA”

A poesia de Guerra Da Cal não se explica sem um notável culto à forma, culto que é nota comum a todos os poetas do neotrovadorismo, culto que em muitos deles (agás os casos sobranceiros de Bouza Brey e Cunqueiro) é simples técnica rítmica e mimética colhendo dos *Cancioneiros* o mais doado e tópico. Da Cal está muito longe, felizmente, duma eiva semelhante, pois o seu culto à forma é só um recurso estético entre outros muitos, mas nunca um fim em si mesmo. Pois mentres nalguns desses poetas a sua poesia se reduz ao formal, à maneira do dizer dos *Cancioneiros*, sem verdadeiras achegas de conteúdo poético, em Da Cal ocorre felizmente o contrário e consegue um verdadeiro equilíbrio entre forma do poema e conteúdo deste, de maneira que aquela, a forma, é um recurso expressivo que ajuda a patentizar o conteúdo do poema. E este xorde, aflora e mostra-se-nos — faz-se-nos patente, que diria Heidegger — ajudado, mas só ajudado, pola forma. Dito doutra maneira, aqueles poetas quedaram-se singelamente nos recursos formais, mas a poesia não souberam apreijá-la... porque, na realidade, não eram poetas.

Este culto à forma mantém-se ainda em poemas de mui assinalado carácter transcendente, como “Janela na noite”, a mim dedicado, que penso vai quedar como um dos mais formosos poemas transcendentais — metafísicos, na realidade — das nossas letras.

Uma profunda vivência da soidade individual, expressada com agilidade e ritmo de cancionero, constitui a nervura essencial do poema, até sentir-se “sem ninguém na noite”. Subscreevo por inteiro o que disse naquele velho artigo de fevereiro de 1960: “Trata-se, singelamente, dum poema que nada tem que invejar aos melhores poemas metafísicos de Rilke, de Rosalia ou Hölderlin”.

Penso que isto tem a sua importância. Porque toda a poesia posterior de Guerra Da Cal está, em certa maneira, implícita em *Lua de Além-Mar*. Foi evoluindo nos seguintes livros, como é lógico. Mas trata-se duma evolução muito serena, sem altos e baixos, sem quebras, muito pousada, de maneira que os mesmos temas desse primeiro

livro vão aparecer também nos seguintes, por mais que neles predominem os grandes temas da morte, de Deus, do sentido da vida, e demais bagatelas, que ele dizia.

Lembro muito bem que Ramón Piñeiro me leu numa ocasião uma carta de Da Cal na que este respondia a outra anterior de aquele na que lhe teria sugerido que havia na sua poesia um excessivo culto à forma. E lembro também que a resposta de Ernes fora que sim, que podia ser certa a observação que Piñeiro lhe fazia e que em diante a teria em conta. Entre os milhares de cartas recebidas por Piñeiro que se conservam na Fundação Penzol, seguro que está essa, que, ao meu ver, tem muita importância, sempre que, como eu sustenho, a poesia de Da Cal foi fazendo-se desde então mais introspectiva, mais funda, de raiz mais existencial. Mas isto, que é muito sugestivo, quedará para outra ocasião.

RIO DE SONHO E TEMPO

Rio de Sonho e Tempo segue a mesma linha de *Lua de Além-Mar*. Mas penso que há uma nota que o caracteriza mais assinaladamente: a muito sutil lembrança dum mundo afastado — a sua infância no Sil, que o assinaria para sempre —, um mundo quase placentário, como me disse mais duma vez. “Ernesto do Sil” adoitava dizer-lhe García Lorca polas suas teimosas referências ao Sil e a Quiroga do Sil. A sua vida toda alimentou-se em todo momento da sua remota e afastada infância, rica e feliz, numa Galiza que só existiu como criação sua ao longo dos anos e vivendo sempre longe dela.

Como já escrevi noutra parte⁷⁷,

é a sua uma Galiza lonjana, a da sua infância no Sil. Ou seja, uma Galiza inexistente. Criada e recreada por ele no seu caletre, ao longo de muito tempo e sempre na lonjania. E, por isso mesmo, uma Galiza necessária para ele. Não importa que não exista na realidade. O que importa é que essa realidade está viva no Ernesto [...] Isto, como é natural, leva-o a um drama total: convencido de que esta Galiza nossa já não existe, porque nada tem que ver com ela, o Ernesto nega-se em cheio à assimilação castelhana e converte-se em português — que para ele é ser galego atual. O que deveríamos ter sido e que a história nos negou.

Eu compreendo que refugasse vir à Galiza: ele sabia que se veria assolagado numa realidade — a atual — que nada tinha que ver com a que ele vivia na sua imaginação, que retinha nas suas lembranças e que criava e recreava cada dia sem outro contacto que o passado. Por isso eu entendi-o muito bem quando um dia, recriminando-lhe um pouco não vir à Galiza com uma certa frequência para estar em contacto com a Galiza real de agora, respondeu-me que para ele era um drama atravessar a fronteira de Tui para o Porrinho. “Que terá que ver — disse-me — todo isso com a minha Galiza”.

E tinha toda a razão: a sua Galiza não podia topá-la nenhures porque só existia, por ele recriada, na sua imaginação. Era uma criação sua. Um muito formoso poema seu, de *Rio de Sonho e Tempo* diz-no-lo duma maneira tão lírica como verdadeira:

Nunca voltes do exílio
Em procura de aromas
Do remoto jardim dos tempos idos
— o teu retorno os tornará perdidos
E
Já mais nunca os poderás lembrar

⁷⁷ *A ilusión da esperanza*, p. 48.

E duma maneira ainda muito mais explícita no poema “Pátria”⁷⁸.

Não deixa de chamar a nossa atenção o feito de levar esse poema por lema um verso de Miguel Ángel Asturias, que diz: “Porque volvió, sin regresar, Ulises”, ideia muito semelhante à que encerra aquele poema de Da Cal.

Penso que este é o espírito que lateja nesse tão formoso livro que é *Rio de Sonho e Tempo*. E que só se pode compreender com plenitude se temos muito em conta esta realidade biográfica.

LIVROS DE MADUREZA

Mas o tempo passa e trabalha-nos mentres passa (ou mentres nós passamos polo tempo). O tempo foi deixando o seu calco na poesia de Ernesto, como não podia ser doutra maneira, mas, como já dissemos, a evolução da sua poesia é muito vagarosa, sem quebras, sem sobressaltos. E assim chegamos aos seus livros de madureza *Futuro Imemorial*, *Deus*, *Tempo*, *Morte*, *Amor e outras bagatelas*, *Caracol ao pôr do sol*, *Coisas e Loisas*, e ainda algumas *plaquettes* e algum poema em inglês, todo o qual integra uma obra poética de certa consideração, na sua maior parte — para mim a de máximo interesse — composta, ou pelo menos publicada depois de 1977, logo da sua jubilação académica.

Como já fiz constar noutra parte⁷⁹, esta evolução não é senão um ir-se topando a si mesmo: as notas essenciais da sua poesia estão já nesses dous primeiros livros (virtuosismo formal, amplitude temática ou mui diversos registros, sabedoria técnica de professor afeito aos recursos da estilística, finíssimo lirismo ingel, e ainda também a nota que nos últimos livros desenvolveu com mais atenção, como o mundo transcendente dos velhos temas, sempre novos, aos que o ser humano de todos os tempos procurou uma resposta, segundo muito expressivamente vemos já no título do seu livro de 1987, *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*.

DEUS, TEMPO, MORTE, AMOR E OUTRAS BAGATELAS

Aqui é onde eu vejo mais caminho andado desde *Lua de Alem-Mar*. Apenas havia neste livro, e no que lhe seguiu, perguntas sobre o sentido da vida e da morte, da velhez ou do amor, de Deus e do Nada. Temas que, às vezes, diante da inutilidade de qualquer pergunta, são resoltos com saídas irónicas, de mui fina ironia culta e de grande acerto expressivo ou de comunicação ao leitor. Não há mostras de desespero por não haver resposta — ou por não termos dado com ela —; há a saída irónica de quem está de volta porque as cousas são assim e sabe por adiantado da inutilidade da pergunta.

Pode que ajude a entrar na poesia de Guerra Da Cal ter uma ideia da riqueza temática que nela se bota de ver, às vezes bem surpreendente, como pode ser o tema religioso tratado por quem se define como “descrente desolado” ou “devoto sem Deus”.

Já deixei anotado nesse trabalho ao que me referi que não sei “se se pode falar de poesia religiosa em Guerra Da Cal, mas sim de temática religiosa como elemento estético a ter em conta, umas vezes como ambiente geral do poema e outras como referências que ajudam a conferir-lhe umas notas muito concretas, bem de nostalgia, bem de vagas lembranças da infância, de recolhimento diante da figura de Maria, etc., nos que

⁷⁸ Em *Futuro Imemorial*, p. 129.

⁷⁹ L. de Mera; F. Bores; X. M.^a Dobarro (editores) (2002), *Ferrol en tempos de historia.*, Concelho de Ferrol.

os elementos religiosos se misturam com a melancolia duma infância já mui afastada, sem esquecer também uma reiterada alusão a Maria em vários poemas nos que predomina a nota de Maria-Mãe, e alguma vez a da fecundidade.

Galiza e Rosalia, como já tenho indicado noutra parte, são dous temas recorrentes na poesia de Da Cal. Pode que ele seja o único poeta que compusesse nada menos que seis poemas consagrados a Rosalia.

E muitos outros, desde a sua infância no Sil até à poesia metafísica dos seus últimos livros, passando polos temas patrióticos, antigos e modernos, e ainda o esoterismo (ou polo menos, um esoterismo estético).

A poesia de Da Cal, posterior aos dous livros antes ditos, *Lua e Rio*, continua mantendo em boa parte o virtuosismo formalista, essencial ainda quando se move dentro de matérias que podemos ter como mais transcendentais. Virtuosismo formal — cumprir não esquecê-lo — que muitas vezes vem imposto ou exigido pola dinâmica interna do próprio poema e, em tal caso, nada tem que ver com o virtuosismo da nossa poesia antiga.

E algo semelhante cabe dizer da mesma disposição tipográfica dos poemas e dos versos dentro destes, umas vezes para impor um câmbio de ritmo, outras para sublinhar uma rima, ou uma palavra chave, ou também para conferir agilidade ao desenvolvimento do poema. É, ademais, uma poesia que deve entrar polos olhos.

FUNDURA LÍRICA E AINDA MAIS

Mas essa realidade não deve ocultar-nos a fundura da sua lírica, a modernidade da sua mensagem — do seu dizer — e, por riba de todo, os seus acertos expressivos, aos que chega polo domínio dos recursos próprios da expressão poética, pola sua eficácia comunicativa, polo seu guloso manejo da palavra poética. Reparei senão, a título ilustrativo, no imenso poema “Obscuro Mito”⁸⁰, que bem podemos tomar como exemplo do que estamos dizendo.

É uma gozada o guloso emprego das palavras para nos comunicar a imagem da Vénus de ébano que no poema se menciona, esplêndida e arrogante, assim como o vigor das imagens que se entrecem nele, ou a caída do seu remate onde se expressa o baleiro que a súpeta desapareição de tanta beleza depara no assombrado ânimo do poeta. Língua cheia de felizes expressões que apreijam frescura, lançal beleza pagã, poderosa força natural de juventude briça e altiva.

A Vénus preta da Baía, que ele vê como afro-helénica na sua tropical pagania, faz dizer ao poeta:

De entre os coqueiros
eu via
a tua figura triunfal
que das espumas surgia
na sua perfeita escultura
de mistura
afro-helénica
de tropical pagania.

⁸⁰ *Futuro Imemorial*, p. 86.

O poeta recreia-se na fastuosidade mesmo luxuriosa das escolhidas palavras:

Depois
num leito de areia
tua oceânica negrura
de escorregadia sereia
nupcial
a minha carne envolvia
duma tórrida ventura
numa cópula ultra-humana
mitológica
e ritual.

Língua, imagem e vivências que em nada se assemelham às que se agocham, por exemplo, no poema “Ambiguidade”⁸¹, que bem poderia semelhar doutro poeta bem distante. Se no anterior se nos mostrava o Da Cal sensual, de olhada comprazida na figura da Vénus negra, ilusionado gozador da vida, como se nos apresenta em tantos outros poemas, neste topamo-nos com o poeta metafísico, introvertido, transcendente. A linguagem é outra e outras são as imagens. Há agora menos exuberância destas; porém, mais íntimo e profundo lirismo. O poeta não se enfrenta agora com o mundo dos sentidos, senão com um mundo mais incerto, intuitivo, esvaradio e polissémico. Por isso a expressão é mais austera, a linguagem mais singela, as imagens menos atrevidas. Poema mesmo desacougante, no que a impossibilidade de conhecimento do mundo (TUDO é milagre, tanto o que ocorre como o que ainda não sucedeu) se traslada a Deus mesmo, quem

Com a a sua sempiterna
refalsada ironia paternal
— que é o seu natural modo —
desde o cume
da sua imensidade
astral e eterna
sorri
com majestade terna
do nada
e do
TODO.

Mais o nosso entusiasmo por esta poesia não nos oculta aquilo que tão felizmente expressou o mestre Jacinto Prado Coelho: que Da Cal é um poeta “muito artista”. E assim é. Só quem é “muito artista, muito lúcido, muito moderno” pode compor poemas, entre outros muitos, como o titulado “Conselho”, já aludido, ou “Rosário” (por sinalar dous entre muitos outros), poemas nos que a poesia galega atingiu os mais altos tetos da expressão lírica.

Virtuosismo formal, fundura mesmo metafísica, guloso emprego da palavra, mais também poder de síntese nuns poemas breves, ágeis e luminosos que, como já adiantei noutra ocasião, lembram os poemas breves de Antonio Machado sob a rubrica de “Proverbios y cantares” ou “Apuntes”, entre outros, nos que de quando em vez xor de

⁸¹ *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*, p. 56.

também alguma nota de humor, ou antes de fina ironia, como também ocorre na poesia de Machado, poemas que chamam a atenção polo seu poder de síntese, pola sua condensação, pola sua difícil simplicidade. Velaí un exemplo:

Eu posso contar de mim
coisas que eu próprio não sei
A poesia é assim.

PARA CONCLUIR

Chegou-nos em mal momento esta lírica tão refinada, de finura tão sutil, reveladora duma arte elevada e superior. Eram os tempos infelizes da chamada *poesia social*, que tanto barulho produziu e que tão pouco proveito nos deixou.

Maus tempos para a lírica, desde logo. Mas, por maus que fossem os de ontem, sem que os de hoje sejam muito melhores, eu sinto como um dever intelectual (e ainda por higiene mental) reivindicar a figura do poeta Ernesto Guerra Da Cal. Penso que têm contribuído a escurecer a sua figura como poeta diversos factores, como o já sinalado dessa moda passada — a moda é o que passa de moda —, ou também o andaço que lhe seguiu duma poesia críptica que semelha saída duma coqueteleira onde as palavras se remexeram para logo saírem à toa, um tanto loucas, ou ainda também, e pode que muito especialmente, a enorme relevância da sua figura de estudioso da literatura, como se o seu fulgor nos cegasse e nos impedisse ver o excelente poeta que é. Um bom poeta, que resiste muito bem a dura, mas exata, sentença de Capmany y Montpaulau, quando escreveu que, neste género, no género poesia, “lo que no es excelente es despreciable”.

NOTA AUTOBIOGRÁFICA DE XOSÉ LUÍS FRANCO GRANDE

A miña infancia e primeira xuventude transcurriron en Tebra, no Baixo Miño, onde os meus pais eran mestres de primeiro ensino. Estudiei o bacharelato en Vigo e Dereito en Santiago. Exerzo en Vigo a profesión de avogado e fun, ata a miña xubilación en xuño de 2001, Asesor Xurídico da Caixa de Aforros de Vigo. En 1978 fun nomeado académico de número da Real Academia Galega. Lin discurso de ingreso en 1998. Procurei sempre escribir na prensa na medida que mo permitiron as miñas ocupacións, como maneira de seguir mantendo relación cos lectores e dicirlles que un aínda está vivo.

LIBROS PUBLICADOS:

Vieiro Chóido (1957) Galaxia; *Entre o si e o non* (1967) Galaxia; *Diccionario Galego Castelán* (1968), Galaxia; *Obra Completa de Leiras Pulpeiro* (1970) Fundación Penzol; *Vocabulario Galego Castelán* (1972) Galaxia; *Os anos escuros I* (1985) Edicións Xerais de Galicia; *Herdo de Memoria e Tempo* (1987) Edicións Xerais de Galicia; *A ilusión da esperanza* (1991) Edicións do Cumio; *Francisco F. Del Riego* (2001), Ir Indo; *Os anos escuros*, Galaxia, 2005; *Cando o futuro comezaba* (2009) Galaxia.



O escritor e poeta Xosé Luís Franco Grande, entrevistado durante o *Colóquio Guerra Da Cal*.



A Dr.^a Maria do Carmo Henriques e o Exm.^o José Posada
durante a sua conferência (cujo texto não dispomos)
Acompanha-os na mesa o Dr. José- Martinho Montero Santalha



O Prof. José Luís Do Pico Orjais durante a sua conferência.
Acompanha-o na mesa a Prof.ª Isabel Rei Samartim

Ernesto Guerra Da Cal e a música

José Luís Do Pico Orjais

Resumo: Breve análise da importância que a música teve na poesia de Ernesto Guerra Da Cal, tanto como elemento estrutural do seu discurso poético, como porque poemas seus foram musicados por compositores de grande prestígio internacional.

Palavras chave: Ernesto Guerra Da Cal, Mozart Camargo Guarnieri, Matilde Salvador, Vicente Asencio, José Evangelista, Gaita, Guitarra.

Abstract: A brief analysis of the importance of music in Ernesto Guerra Da Cal's poetry, both as a structural element in his poetical discourse and because some of his poems were put to music by composers of great international prestige.

Keywords: Ernesto Guerra Da Cal, Mozart Camargo Guarnieri, Matilde Salvador, Vicente Asencio, José Evangelista, Bagpipe, Guitar.

Segundo me foi referido pelo Dr. Joel Gómez, Ernesto Guerra Da Cal [em diante GdC] sentiu sempre uma grande afeição pela música, o que o levou a experimentar com dois instrumentos de características bem diferenciadas: a guitarra e a gaita de fo-les.

Este dado oferecia-me um fio a seguir ante a hipótese de desenvolver uma palestra no quadro do *Colóquio Guerra Da Cal* a realizar em Compostela em outubro de 2011.

Começou assim uma feliz viagem através da vida e da obra do poeta ferrolano, a qual me conduziu ao conhecimento exaustivo não apenas de um autor com referências musicais nos seus escritos, senão, antes, o de um comportamento artístico integral, algo muito frequente nos homens e mulheres da sua geração.

Em 1954, Eduardo Blanco Amor, escrevia o seguinte:

En la generación de Emilio González López, los eruditos son, al mismo tiempo, ar-
tistas, ensayistas, novelistas, poetas: Eugenio Montes, Filgueira Valverde, Bouza Brey,
los filósofos y sociólogos escriben páginas literarias admirables en la rescatada y enri-
quecida lengua vernácula: Viqueira, Quintanilla, Noguero, Losada Diéguez; los geógra-
fos e historiadores trazan novelas y cuentos de singular valor intrínseco: Vicente Risco,
Otero Pedrayo; los dibujantes y pintores plastifican la política o el ámbito social en las

líneas y colores o dis-
curren teóricamente so-
bre las finalidades de
su oficio: Castela, Díaz
Valiño, Soane, Maside... E incluyendo
la anécdota, ejemplar
aun dentro de su pinto-
resquismo, Alejandro
Bóveda, que estudia a
fondo nuestros proble-
mas económicos, suma
anónimamente su bella
voz de tenor orensano a
la masa de la estupenda
Coral Polifónica, de
Pontevedra que, por
cierto, había sido crea-
da no por un músico
sino por un filósofo y
un pintor.



© Orjais, 2012

Nesta relação de nomes, todos eles vultos da nossa cultura, não está GdC, mas poderia estar de pleno direito. Nos últimos anos, a profesora Isabel Rei e eu próprio, vimos falando da importância que a música tem na arquitetura intelectual das grandes personalidades da nossa cultura que não foram recordadas, precisamente, pelos seus dotes musicais. Um breve repasso dá para refletir: foram

violinistas Marcial Valladares, Pintos, Viqueira ou Granell; pianista Rafael Dieste; Castelão e Avelina Valladares guitarristas; Bóveda cantor... e assim um longo etcétera.

Portanto poderíamos analisar a figura de GdC em relação à música desde três planos diferentes: como músico, observando a influência que a música tem na sua obra e inventariando a poesia docaliana musicada até o dia de hoje.

1.- ERNESTO GUERRA DA CAL MÚSICO

a.- A Gaita:

Quando o Dr. Joel Gómez me comentou que o GdC tivera uma gaita, veio-me imediatamente à cabeça um fragmento duma carta que em 1921 escrevera o poeta Manuel António ao seu amigo, o pintor Álvaro Cebreiro:

N-o tempo que pasei [sic] eiquí voume adicar á música. Un rapaz, veciño meu ensina-me a tocar-a gaita. Un meu curmán dará-me leuciões de solfeo y-eu n-a casa andarei ás voltas c'o violín.

Nessa mesma carta fala-se de Alfonso de Cal Fernández, advogado e presidente da câmara de Valdovinho, fuzilado o 9 de novembro do 1937 na Ponta do Martelo do Arsenal, em Ferrol, trás ser condenado por rebelião. Desconheço se entre o político e o poeta há alguma relação maior que o idêntico cognome e comum lugar de nascimento.

Outra casualidade que relaciona Manuel António com GdC (as casualidades são os milagres dos ateus) é que os dois escolheram formosos topónimos literários para se referir às suas vilas de referência: *Vila do Mar/Rianjo*; *Vila Verdemar/S. Martinho do Porto*. Trago aqui a figura de Manuel António porque considero que não é inocente que um intelectual se interesse por um instrumento como a gaita, sem o academicismo e *pedigree* do violino ou do piano, mas carregado de valores tais como o de simbolizar em si próprio a essência mesma da nossa cultura.

O filho de GdC, o Dr. Enric Ucelay-Da Cal, confirmou-me em conversa privada como seu pai experimentara a tocar a gaita de foles sem demasiado sucesso; aquele artefacto obrigava os seus pulmões a um excessivo esforço. Da paixão do poeta pelo instrumento-icone dá cumprida mostra o poema *Esquema da Gaita*, do livro *Lua de Alem-Mar*.

Define-se a palavra “esquema” como

figura que representa, não a forma verdadeira dos objetos, mas as suas relações e funções.

Em consequência, o poema deve ser interpretado não como uma descrição do instrumento, mas como evidência das *relações* e *funções* que o instrumento exerce no quadro da cultura que simbolicamente representa.

Passo a transcrever o texto, acompanhado, em itálico, de uma pequena glosa do que para mim, que sou gaiteiro, quis dizer o poeta, aspirante, por sua vez, a sê-lo.

Alvorada:

Formosíssima definição da gaita: ledice de alvor. Não é gaiteiro quem nunca fez uma alvorada. No levantar do dia, a gaita rompe o silêncio, sendo anúncio e convite a participar da festa.

É lediça de alvor
no rincho primigénio
sem antes
do primeiro cavalo
que o bom deus inventou
p'ra correr
na primeira manhã do paraíso.

Madeira e fole:

Os dois elementos principais com os quais se constrói uma gaita são a madeira, tradicionalmente de buxo, madeira do sonho, e o fole. Este último costumava a fazer-se de cabrito, mas existe a crença de que também os havia de cão, espírito dos cães.

É celme vegetal
selvagem
da madeira do sonho
a pingar vozes dondas
redondas
enfiadas
no espírito dos cães
mortos de amor canino
na tarde infinda da melancolia.

Antiguidade:

Na adoção da gaita como instrumento nacional da Galiza há dois aspetos fundamentais: o diferenciador, a gaita, nossa-celta-enxebre, fronte à guitarra, deles-árabe-es-trangeira, é nessa mesma lógica, a da antiguidade maior.

É flor de senhardade
e espuma de salaio babion
de luas velhas
morrendo de velhice
astral e vagarosa
na noite mel-e-leite
da alma adormecida.

Galanura:

Sempre pela vila entrava, com aquele de senhorio que diria Rosalia de Castro. Mais uma vez o mito da gaita-falo e do gaiteiro sedutor.

É cor repinicada
galo galã
de sempre
das pitas musicais

do arco-da-velha
empoleirado no descobrimento
infinito e terno
da fêmea natural.

Conclusão:

A mais bela forma de exprimir o que sentimos tanto gaiteiros como gaitófilos.

É — Deus nos salve! —
o mais puro fluir
do vício tolo
quase injustificável
de nascer galego.

b.- A Guitarra

O Dr. Joel Gómez dissera-me que GdC doara algum dos seus instrumentos ao museu da *Hispanic Society of América* de Nova Iorque, do que fora colaborador. Seguindo esta dica pus-me em contato com John O'Neill, conservador do dito museu, cuja resposta, dada por correio eletrónico, passo a transcrever:

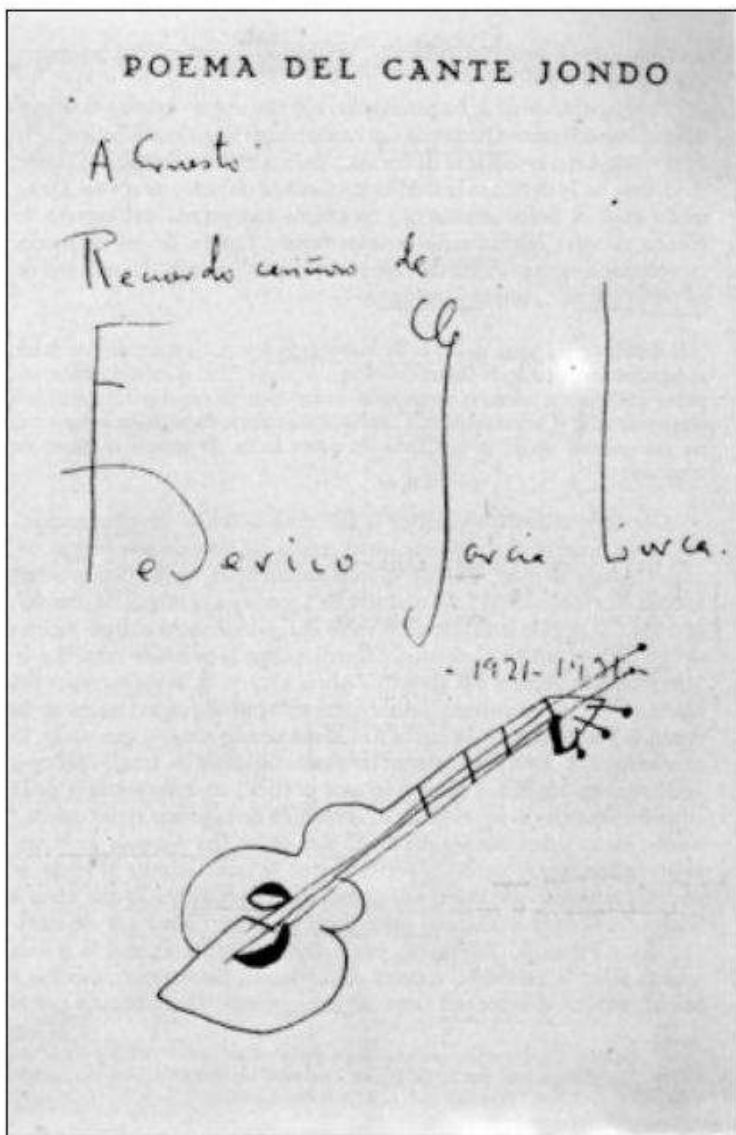
Puedo confirmar que la *Hispanic Society* sí posee la guitarra que nos donó el Prof. Da Cal. De una gaita gallega no tenemos ninguna noticia. La guitarra fue hecha en Valencia en la fabrica de Vicente Tatay Tomas pero no se da el año. No es obra de artesanía y, segun los expertos que lo han mirado, como guitarra, no vale nada. Lamento decir que no tenemos foto.

Atentamente, John O'Neill.

O Dr. Enric Ucelay-Da Cal contou-nos à professora Isabel Rei e a mim que certamente seu pai sabia tocar a guitarra, com que se acompanhava quando cantava com uma voz que ele recordava formosa e bem entoada. A guitarra que conheceu o Dr. Ucelay, e que ele próprio tocara de adolescente, comprara-a GdC em México. Cremos que nada tem a ver com a hoje exposta na *Hispanic Society*.

Dizia Emílio González López que Portugal é a Galiza da guitarra; quiçá também por isso no poeta ferrolano tinham de confluír os gostos pela guitarra e pela gaita de foles.

Nenhuma ilustração melhor para este apartado do meu trabalho que a dedicatória de Federico Garcia Lorca a *Ernesto* sobre a primeira página de *Poema del Cante Jondo*.



Dedicatória manuscrita de Federico Garcia Lorca
a Ernesto Guerra Da Cal. 1931.

2.- A MÚSICA NA OBRA DE ERNESTO GUERRA DA CAL

Os poemas do GdC estão inçados de termos e conceitos musicais. Palavras como *ária, balada, cântico, madrigal... Nocturno em dó de peito, Prelúdio em sol maior...*

Daria para uma tese a análise dos modos que a música constitui uma matéria prima fundamental na arquitetura poética docaliana. Para não me estender de mais, prefiro deixar a palavra ao poeta:

ARS POÉTICA

*The ear is the only true
writer and the only true reader
of poetry*
Robert Frost

O segredo essencial da Poesia
é
que tudo o que o poema comunica
tem a única função
de servir de armação
à mensagem real
(que é exclusivamente musical)
da melodia
E ainda outro segredo adicional
Que é também primacial
patente e positivo:
todo e qualquer motivo
de beleza
para se transformar em Poesia
tem que impor
docemente
a sua própria, absoluta, intransferível
melodia intransigente
que é
a da sua natureza

ESTORIL

21 de outubro 1985

Certamente, é na forma de canção que a música está sempre presente na sua obra. Quando comecei a preparar esta palestra, pus a obra poética de GdC baixo a lente musical e a minha conclusão foi que o poeta ferrolano era, na realidade, um grande letrista de canções.

Um conjunto especialmente significativo de poemas é o agrupado sob o título *Cançonetas do amor em clave de lua*. De teor, na sua maior parte, neotrovadoresco, está na linha da poesia dos *ornitólogos sentimentais*, cantores de melros e admiradores da lírica medieval tais como Fermin Bouza Brey, Xosé María Álvarez Blázquez ou Faustino Rei Romero. O poema V está dedicado a Dora Alencar de Vasconcellos (1910-1973), parceira do *Instituto de Estudos Brasileiros* e letrista da suíte *A Floresta*

do Amazonas de Heitor Villalobos, trilha sonora do filme de Mel Ferrer *Green Mansions*, MGM 1959.

O poema III, dedicado por sua vez ao ator Serafim Ferro, é uma paráfrase duma quadra muito popular da canção *O sacristão de Coimbra*.

ALALÁ DO AMOR DO MAR
CANTADO PELO VENTO

A Serafim Ferro, vivo ou morto —
que não sei.

O Mar
marinho
mareiro
Tem Amores, tem Muller
Tem amores
ai-la-lai-la
lai-la-lei-la
amores tem
Alguns murmuram que é a Areia
Os mais não sabem quem é
Mas eu
lai-la
por Deus!
lei-la
eu bem o sei
Sei que à Areia
lei-la
lai-la
não a quer
Que o vi bailando co'a Noite
moreninha
moreneira
ai-la-lei-la
bem abraçadinho a ela
contando-lhe
o seu querer

O mar também é casado,
o mar também tem mulher,
é casado com a areia
dá-lhe beijos quando quer.

Leite de Vasconcellos, J. (1975), *Cancioneiro Popular Português* Coimbra, Universidade de Coimbra. p. 21.

Guerra Da Cal, Ernesto (1991), *Lua de alem-mar & Rio de sonho e tempo*, Crunha, AGAL, p. 85.

3. OS POEMAS MUSICADOS DE ERNESTO GUERRA DA CAL

A professora e concertista de guitarra Isabel Rei, o maestro Joám Trilho e mais eu, acabamos de concluir uma edição das obras musicais compostas sobre textos de GdC. O volume leva o título *A música de seis poemas universais de Ernesto Guerra Da Cal*. Como já foi entregue para ser publicado, complementa esta secção o exposto nes-

se volume. Apenas ofereço aqui um breve resumo do material por nós consultado e das fontes utilizadas.

a.- *Colóquio*

Cantata para canto, coro (ad libitum), quinteto de sopro, piano e percussão. Música: M. Camargo Guarnieri; Letra: Ernesto Guerra Da Cal em *Futuro imemorial (Manual de velhice para principiantes)*, Lisboa, Livraria Augusto Sá da Costa Editora. 1985 p. 44.

Data do manuscrito autógrafo consultado: 08/09 de setembro de 1959, São Paulo.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre da Universidade da Bahia, São Salvador da Bahia; 20 de agosto de 1959.

Na estreia, a Orquestra de Câmara da Universidade da Bahia foi dirigida pelo Prof. Hans Koellreutter (Freiburg, 2 de setembro de 1915; São Paulo, 13 de setembro de 2005).



Primeira página manuscrita da partitura *Colóquio*.

Expólio M. Camargo Guarnieri, Instituto de Estudos Brasileiros.
Universidade de São Paulo.

b.- *Desespero*

Canção para voz e piano. Música: Vicente Asencio; Letra: Ernesto Guerra Da Cal, tomada de *Lua de além mar & Rio de sonho e tempo* (1991), Crunha, AGAL, p. 186.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

c.- *Cantiga antiga*

Canção para voz e harpa. Música: Matilde Salvador; Letra: Ernesto Guerra Da Cal tomada de *Lua de além mar & Rio de sonho e tempo* (1991), Crunha, AGAL, p. 195.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

Data do manuscrito autógrafo consultado: 14-06-1966, Valencia.

d. *Instante*

Canção para canto e piano.

Música: José [María] Evangelista; Letra: Ernesto Guerra Da Cal tomada de *Lua de além mar & Rio de sonho e tempo* (1991), Crunha, AGAL, p. 227. Também em *Caracol ao Pôr-do-Sol* (2001), Crunha, AGAL, p. 64.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

Data do manuscrito autógrafo consultado: Fevereiro de 1966, Valencia.

e.- *Mais uma vez*

Canção para canto e piano.

Música: José [María] Evangelista; Letra: Ernesto Guerra Da Cal tomada de *Lua de além mar & Rio de sonho e tempo* (1991), Crunha, AGAL, p. 163.

Lugar e data da estreia: Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra; 15 de julho de 1966.

Soprano: Dolores Pérez; Piano: Miguel Zanetti.

Data do manuscrito autógrafo consultado: Junho de 1966, Valencia.

As composições de Vicente Asencio, Matilde Salvador e José Evangelista foram interpretadas em 15 de julho de 1966 no Salão Nobre do Palácio da Deputação de Ponte Vedra, no quadro do *Festival de la Canción Gallega* que se celebrava nesta cidade.

CONCLUSÕES

Normalmente, depois de expor uns dados e explicar uma tese, deveria encerrar-se o discurso com umas conclusões. Porém, nenhum epílogo mais adequado à comunicação que agora apresento, do que o meu contributo na publicação *Seis poemas universais de Ernesto Guerra Da Cal*. No texto historiográfico introdutório, e no resto do volume, feito, como já disse, em parceria com Isabel Rei e Joám Trilho, fica materializado o que aqui só se desenhou sob a forma de rascunho.

Poemas de GdC deram em formosas e semiesquecidas composições, inúteis para a nossa cultura se guardadas em arquivos ou ignoradas pelo público. O fim último de um trabalho sobre a relação de um artista ou/e de um intelectual com a música, é que

na sua honra ou pela sua causa algum músico, alguma vez, faça soar um instrumento.

Por último, considero que, como em tantos outros autores, a música foi para Ernesto Guerra Da Cal matéria prima, não sei se farinha, fermento, água ou sal, mas imprescindível para que o poeta amassasse o seu pão-poema.

Aguardo que o meu trabalho ajudasse a melhor conhecer o particular universo musical docaliano.

Como ilustração musical, no transcurso da minha palestra foram escutadas as seguintes gravações sonoras:

—Monar, Isabel & Bartomeu, Jaume «Desespero» em *Canciones y obras para piano Valencia*, IVM D.L. V-2335-2006

—Rubia, Xoán «Cantiga do neno da tenda» em *Xoán Rubia Edigsa/Xistral* XIS 11 1969.

José Luís do Pico Orjais (Ogrobe, 1969) é professor de Ensino Primário, bibliófilo e músico tradicional. Mais informação no seu blogue <http://ilhadeorjais.blogspot.com.es/>. É diretor da revista *Opúsculos das Artes* <http://commons.folque.com>



De esquerda à direita: a pintora Ángeles Ballester, Ernesto Guerra Da Cal, Matilde Asencio Salvador, o compositor José Evangelista, Margarita Ucelay e o professor Rafael Bosh.
Foto cedida por José Evangelista. Ano 1972.

Artigos

ROSALIA DE CASTRO

Antologia poética

Cancioneiro rosaliano



organização
de
Ernesto Guerra da Cal

Guimarães Editores

Guerra Da Cal: Galiza e Lusofonia

Regina Pires de Brito

Resumo: Ao engrossar as homenagens a Ernesto Guerra Da Cal e ao voltar-se para a diversificada produção e rica atuação do ensaísta, poeta, crítico literário, filólogo e professor de reputação internacional, este artigo destaca o papel fundamental desse intelectual galego que, com brilho próprio, tratou de aspectos da especificidade linguística e cultural da Galiza (melhor dizendo, de uma unidade linguístico-cultural galego-portuguesa), impulsionando o Reintegracionismo linguístico. No âmbito dos Estudos Lusófonos, refletir sobre o pensamento de Da Cal é um contributo significativo para a construção não só de uma ideia de lusofonia ampla, mas, sobretudo, para a definição de uma imagem de identidade lusófona que se alicerçam, ambas, sobre os conceitos de pluralidade e de unidade.

Palavras chave: Guerra Da Cal; Estudos Lusófonos; identidade lusófona.

Abstract: To participate in the tribute to Ernesto Guerra Da Cal and turn to the rich and diversified production activities of the essayist, poet, literary critic, philologist and professor of international reputation, this article highlights the key role that intellectual Galician that with own brilliance, dealt with aspects of linguistic and cultural specificity of Galicia (rather, a Galician-Portuguese language and cultural unity), boosting the linguistic Reintegracionismo. Within the Lusophone Studies, ponder the thought of Da Cal is a significant contribution to building not only an extensive idea of Lusophone, but especially for defining an image of Lusophone identity that are founded on the concepts of plurality and unity.

Keywords: Guerra Da Cal; Lusophone Studies; Lusophone identity.

1.- PARA INICIAR

Diante do desafio para comentar algum aspecto da obra de Ernesto Guerra Da Cal, voltamo-nos, de imediato, para a situação da Galiza no âmbito da Lusofonia. Antes, porém, convém retomar alguns pontos que tratar de lusofonia evocam. Um deles diz respeito ao próprio substantivo *lusofonia* – cuja semântica e etimologia não podem ser desprezadas (embora não nos pareça seja esse aspecto aplicável ao caso da Galiza): fora do espaço “Portugal”, esses fatores acarretam, por vezes, certo desconforto pela evocação que faz à centralidade da matriz portuguesa em relação aos sete outros países de língua oficial portuguesa.

Noutro ponto, desta vez associado à esfera política, a dos discursos oficiais (como de organismos como a *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, o *Instituto Internacional de Língua Portuguesa*) a ideia da lusofonia se apresenta como um sistema de comunicação linguístico-cultural da língua portuguesa e das suas modalidades que, Geo-sociopoliticamente, abarca, num primeiro plano, os países que adotam o português como oficial (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste). Como não se pode limitar a lusofonia ao que as fronteiras dos territórios nacionais demarcam, igualmente acrescentamos as muitas comunidades espalhadas pelo mundo e que constituem a chamada “diáspora lusa” (em agrupamentos significativos em países como França, Suíça, Canadá, EUA, África do Sul, Venezuela, Austrália, Japão) e as localidades em que, embora nomeiem o português como *língua de uso*, na verdade, ela tenha uma utilização restrita: Macau, Goa, Diu, Damão e Malaca. Além disso, na esteira de Eduardo Lourenço – um dos intelectuais portugueses que mais tem refletido criticamente sobre a matéria – a lusofonia é inconcebível sem a inclusão da Galiza:

[...] é o espaço galaico-português onde, com a língua que é ainda a nossa, eclodiu o primeiro e nunca acabado canto que dará à cultura portuguesa [...] um lugar à parte na constelação poética da romanidade. [...] Quer dizer, como imaginar o espaço lusófono, e na medida em que ele é o horizonte onde inscrevemos a *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, sem incluir nele a Galiza? [...] dado o contexto histórico-político da península a que pertencemos, não se estranhou que a Galiza não tenha estado presente e fosse incluída na nova *comunidade* de referência lusófona a que se deseja dar, além da vida formal, vitalidade e futuro. Mas isso significa, pelo menos, que o espaço da lusofonia e o da comunidade de referência lusófona não coincidem. (Lourenço, 2001: 178)

Na verdade, começando a navegar por essas águas - nem sempre consensuais do chamado *mundo lusófono* - há apenas uma década, e tendo não apenas lido, mas também referido em diferentes ocasiões a necessidade da inscrição da Galiza na ideia de uma lusofonia concreta, fato é que não nos debruçamos sobre esse tema com a devida aplicação. Nesse sentido, com o desafio posto, é preciso voltar o olhar para trás a fim de – mais do que conhecer e reconhecer a diversificada produção de Guerra Da Cal - divulgar o papel fundamental de intelectuais que, como ele, enfatizaram aspectos da especificidade linguística e cultural da Galiza (ou seja, da ideia de *unidade linguístico-cultural galego-portuguesa*), aproximando-a da pluralidade de representações, de imagens, de memórias, de sons, de poeticidade... que, considerando as suas variedades, à língua portuguesa creditamos.

2.-

*A Galiza
é para mim
um mito pessoal
maternal e nutrício*

(Guerra Da Cal, “Pátria”)

A biografia disponível sobre Ernesto Guerra Da Cal (nascido em Ferrol, em 1911 e falecido em Lisboa, em 1994) dá conta desse galego apaixonado por sua terra natal, numa memória utópica de antes e de sempre, como tão bem registra no poema “Pátria”.

Com o início da Guerra Civil Espanhola (1936), integra as Milícias Galegas, com -batando do lado republicano. Em 1939, estando em missão nos Estados Unidos, é surpreendido pela derrota dos republicanos. Tem, então, início não só o seu exílio⁸², mas também sua intensa e brilhante carreira acadêmica e sua vasta produção não deixa dúvidas quanto à sua relevância: como professor, crítico literário, ensaísta, poeta, tradutor. Nesse caminho (fisicamente) distante da Galiza, tornou-se reconhecido, tendo recebido inúmeras condecorações e homenagens, de instituições e governos, no Brasil, Estados Unidos e Portugal⁸³, sendo, sem dúvida, o grande divulgador da Língua e da Literatura da Galiza pelo mundo.

Além disso, conforme assinala o estudioso Joel R. Gómez⁸⁴:

[...] há de frisar-se o seu constante posicionamento favorável a um iberismo alicerçado no diálogo e no respeito entre as culturas, o que se reflectiu em actitudes como publicar em espanhol em Portugal ou em português em Espanha. Por dizê-lo com palavras suas, datadas em 1953, sobre Eça de Queirós, de quem assinalava que "talvez melhor do que nenhum outro escritor do período contemporâneo exemplificaria a continuidade da interinfluência das duas grandes literaturas da Península, e ajudaria a esclarecer certos aspectos do ritmo histórico que rege as osmose mútuas de ambas as culturas, as suas afinidades e diferenças, o seu curioso sistema de *paralelidades e assincronias*, as atracções e repulsões das suas respectivas modalidades espirituais -tão próximas e, porém, tão distantes”.

Sua extensa produção bibliográfica aponta, dentre aspectos vários, o intelectual importante no domínio da crítica literária, sobretudo acerca da obra de Eça de Queirós:

⁸² Exílio que Guerra da Cal nunca quis encerrar, pois dos EUA transfere-se para Portugal, em 1977, onde falece em 1994. Vale referir que “foram organizadas desde a Galiza excursões de galeguistas (entre eles Ramón Piñeiro, Fernández del Riego, Carvalho Calero ou Franco Grande) para cumprimentá-lo na fronteira portuguesa, ao se recusar a pisar o país enquanto perdurasse a ditadura de Franco; porém, na parte final dos anos 60 deslocou-se até Vigo, para visitar a sua mãe”. Informações disponíveis em [consultada em 10-09-2011] http://www.diarioliberalidade.org/index.php?option=com_content&view=article&id=18740:a-vida-de-ernesto-guerra-da-cal&catid=15.

⁸³ O sítio do *Portal Galego da Língua* relaciona inúmeras dessas distinções recebidas por Guerra da Cal: <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=Sections&op=viewarticle&articid=6>.

⁸⁴ Em pronunciamento na cerimônia de lançamento do volume *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, na coleção de Ensaio/Filologia, VII Congresso Internacional da "Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura", celebrado na Universidade de Santiago, em 2002. Disponível em [http://byg.udc.es/indice_paxinas.jsp?id_obra=OB_Dideprde1&id_edicion=OB_Dideprde1001&cabecera=%3Ca+href!%3D%22ficha_obra.jsp%3Fid%3DOB_Dideprde1%26alias%3D%22+class%3D%22nombreObraPaxina%22%3EDiscurso+de+presentaci%3F3n+de+Fazer\(-se\)+un+nome+E%27a+de+Queir%27s-Guerra+da+Cal%3A+um+duplo+processo+%3C%2Fa%3E&alias=&formato=texto](http://byg.udc.es/indice_paxinas.jsp?id_obra=OB_Dideprde1&id_edicion=OB_Dideprde1001&cabecera=%3Ca+href!%3D%22ficha_obra.jsp%3Fid%3DOB_Dideprde1%26alias%3D%22+class%3D%22nombreObraPaxina%22%3EDiscurso+de+presentaci%3F3n+de+Fazer(-se)+un+nome+E%27a+de+Queir%27s-Guerra+da+Cal%3A+um+duplo+processo+%3C%2Fa%3E&alias=&formato=texto). Acesso em 10 de setembro de 2011.

Ernesto Guerra Da Cal está considerado como figura cimeira da crítica literária, muito em especial em Portugal, onde hoje nom se discute o seu lugar central no queiro -sianismo. No entanto, os seus contributos atingem outras literaturas (Medieval, Galega, Brasileira, Espanhola e Hispano-americana), para as quais contribuiu com trabalhos considerados de referência, e assim citados por numerosos especialistas. Também tem umha importante produção lingüística, sendo autor de contributos de relevo para a lexicografia e ortografia galega, assim como de vocabulários e de um dicionário Inglês-Espanhol, entre outras produçõns⁸⁵.

Quanto ao valor de sua atividade tradutória, citamos, por exemplo, as traduções para o inglês das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X e de Fernando Pessoa, bem como a tradução de Langston Hughes para o galego.

No tocante à sua obra poética, assinala o ensaísta português Carlos Reis no verbete “DA CAL”:

Nela ecoam temas, paisagens e mitos de uma Galiza que, mesmo durante os longos anos passados no estrangeiro, não se desvaneceu da memória de Guerra Da Cal: é muitas vezes com nostalgia e discreta melancolia que a terra galega é evocada em livros como *Lua de Alén Mar* (1959) e *Rio de Sonho e Tempo* (1963). [...] Já nos últimos anos da sua produção poética, Guerra Da Cal tematiza, sob um olhar um tanto irónico, preocupações próprias de uma idade madura mas sempre serena: o tempo, a morte e o amor. (Reis, 1996)

De fato, sua produção lírica revela um poeta nostálgico, às vezes melancólico, com expressão profunda do sentimento *morrinhento*, de saudade profunda da terra natal, como no excerto abaixo, de “Pátria”:

Amo-a
com saudade antevista de emigrado
que à partida se sabe já
fadado
a ser ausente morrinhento
de nunca mais voltar
Porque ninguém jamais regressa do desterro
à mesma terra que deixou
(O Espaço dissolve-se no Tempo:
os lugares
e as gentes que os habitam
mudam e morrem sempre
e nós também morremos
e mudamos
Posso eu acaso me reconhecer
naquele rapaz loiro
que chorando partiu
um dia crepuscular e montanhoso
de Quiroga
no Sil
há tantos anos
e tantos desenganos?)

⁸⁵

No Portal Galego da Língua, <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=Sections&op=viewarticle&artid=6>. Acesso em 7 de setembro de 2011.

Os parágrafos anteriores dão-nos uma noção do apreço que se dá a Guerra Da Cal, notadamente no que tange aos estudos de literatura (Galega, Portuguesa, Brasileira, Espanhola, Hispanoamericana e Medieval) – reconhecimento este observado especialmente fora do Estado da Espanha.

3.-

*Amo-te
Sobretudo
Como eu te quereria
Como eu em mim te crio
Dia após dia [...]
(de “Pátria”)*

Além das facetas rapidamente apontadas, a que nos aproxima, neste momento, das discussões acerca da amplitude da lusofonia é o de Da Cal como figura central do chamado “reintegracionismo” linguístico da Galiza, aparecendo como primeiro poeta galego a recorrer à ortografia portuguesa, ao publicar *Lua de Além-Mar* (1959) e *Rio de Sonho e Tempo* (1963) – primazia que ele mesmo assume, como se lê no trecho a seguir, ao explicitar sua posição defensora do galego diante da política linguística espanhola:

Eu, sem pejo nenhum, afirmo aqui o meu orgulho de ter sido o primeiro escritor galego, desde o Ressurgimento, a levar a vias de facto essa tão repetidamente desejada aproximação da nossa língua escrita ao português [...] Em 1959 fui de facto “iniciador dessa reintegração” no meu poemário *Lua de Além-Mar*, com o que abri fogo nessa batalha [...] Esse apelo não caiu em saco roto. Nele teve princípio a corrente “reintegracionista” contemporânea - na que hoje enfileira o melhor e mais capacitado da nossa mocidade. [...] os que neste momento detêm o poder autonómico - clientes e agentes do Estado Central [...] Esse é o bando da “Xunta de Galicia” [sic], que, de colaboração com algumas entidades “isolacionistas” esclerosadas, engenhou e “oficializou”, de maneira maleficamente subreptícia, umas aberrantes Normas cujo evidente propósito é condenar o galego ao languescimento como dialecto - do espanhol [...] /eu tenho a convicção de que a única defesa do galego contra a política linguicida dos “espanholizantes” descansa na progressiva adopção do padrão luso-brasileiro que os “reintegracionistas” perfilham. (Da Cal, 1985: 9-11).

Embora seja comum a referência aos termos “reintegracionista” e “reintegracionismo” no âmbito dos estudos galegos, vale, a título de informação geral, assinalar, com as palavras de Montero Santalha:

o reintegracionismo tal e como hoje o entendemos nasce entre finais dos anos 70 e princípios dos 80, com a consolidação de umha prática ortográfica para o galego convergente com a do português⁸⁶.

Significa, portanto, consolidar a reintegração do galego no diassistema do galego-português, considerando que, tal como as demais normas do português, também as especificidades galegas contribuam para a riqueza da língua, como ensina Ricardo Carvalho Calero:

Singelamente, o reintegracionismo supom o razoável reingresso na comunidade de lin-

⁸⁶ Disponível em Portal Galego da Língua:

http://www.agal-gz.org/faq/doku.php?id=pt_agal:historia . Consultado em 07-09-2011.

güística à que realmente pertence o galego, único jeito de evitar a absorção polo hispânico central. Isto implica, desde logo, umha ósmose entre os distintos representantes do antigo romance ocidental, ósmose na que, segundo o meu sentir, o galego nom só pode manter as suas normas dentro do sistema senom que pode propagá-las além das suas fronteiras políticas (...) O que nom parece lógico é dar as costas às normativas irmãs, em troca de aproveitar o que delas nos convenha e mesmo aspirar a aportarmos-lhes o que talvez poda convir-lhes, sequer como variante estilística (1983: 27)

Assim, ao examinar a amplitude do termo lusofonia, em certa medida ousamos aproximá-lo da ideia que subjaz ao *reintegracionismo* galego, já que acabamos por advoogar, com essa atitude, pela inserção da Galiza no escopo espacializável da Lusofonia.

Se pensar a comunidade lusófona significa compreendê-la como um espaço de cultura (cf. Martins⁸⁷, 2006, p. 58) e como um lugar simbólico que a língua em si ocupa e representa (buscando uma integração entre unidade e variedade, tendo em vista o reconhecimento de que são muitos os “proprietários” da Língua Portuguesa), pensar na viabilidade do reintegracionismo galego é entendê-lo como um movimento linguístico, sim, mas também (e sobretudo) cultural, considerando, por exemplo, os laços históricos que remontam ao nascimento da língua, da nossa comum produção literária medieval e, como reclama Da Cal (1985), considerando:

o direito a sonhar com uma estrutura da Hispânia mais em harmonia com a pluralidade dos Povos que a compõem; o direito a sonhar que nessa nova ordenação o Minho deixe de ser uma linha de separação política para passar a ser apenas uma bela fita de prata numa paisagem comum [...].

Ou, nas palavras de Rodrigues Lapa⁸⁸ em que :

V. Exas. sabem que para cima da risca prateada do Minho vive e sofre um grupo de dois milhões de homens, que falam a nossa língua e sentem a nossa alma; e que fora da Galiza, outros dois milhões ou mais mourejam em terra alheia, não raro ao lado de portugueses. Todos eles, presentes e ausentes, desejam a autonomia para a realização integral das possibilidades da sua cultura. Campo e mar andam em luta travada contra as cidades; onde se aninham os temíveis caciques, que recebem ordens de Madrid. E o campo e o mar acabarão por vencer e a Galiza acabará por ser livre, por ser ceibe, porque assim o deseja o povo humilde e a mocidade das escolas.

A síntese do mundo lusófono – que se procura reunir numa noção (ainda que mítica) de lusofonia – e que pretende conciliar diversidades linguísticas e culturais com a unidade que estrutura o sistema linguístico do português precisa repensar a posição da Galiza. Deste modo, uma descrição realista desse espaço deve oferecer uma dimensão geográfica da língua portuguesa distribuída por lugares múltiplos, numa área extensa e descontínua e, que, como qualquer língua viva, se apresenta internamente caracterizada pela coexistência de várias normas e subnormas. Estas divergem de maneira mais ou menos acentuada num aspecto ou noutro, numa diferenciação que, embora não comprometa a unidade do sistema linguístico, possibilita-nos reconhecer uma pluralidade de usos no interior de cada comunidade.

⁸⁷ [...] a lusofonia só poderá entender-se como espaço de cultura. E como espaço de cultura, a lusofonia não pode deixar de nos remeter para aquilo que podemos chamar o indicador fundamental da realidade antropológica, ou seja, para o indicador de humanização, que é o território imaginário de paisagens, tradições e língua, que da lusofonia se reclama, e que é enfim o território dos arquétipos culturais, um inconsciente colectivo lusófono, um fundo mítico de que se alimentam sonhos. (MARTINS, 2006: 58).

⁸⁸ Lembra Ivo Castro, a respeito da ocasião da qual se retira esta citação: “conferência que ficou célebre, pois contribuiu para o seu corte de relações com o regime salazarista e para a demissão da Faculdade de Letras de Lisboa. Intitulava-se a conferência ‘A política do idioma e as Universidades’ (Lapa, 1983) e nela Rodrigues Lapa não deixava de falar da Galiza e do clima de esperança autónoma que então se vivia.

Assim é que se reconhece, por exemplo, o “Português Europeu” e o “Português Brasileiro” (e os muitos falares em cada um), da mesma forma que há estudos da norma do português em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste: “se queremos dar algum sentido à galáxia lusófona, temos de vivê-la, na medida do possível, como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, cabo-verdiana ou são-tomense”. Ou, para Guerra Da Cal (1959):

O verdadeiro meridiano espiritual galego passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro – quanto antes reconhecamos esta verdade, antes se abrirão à nossa antiga voz recuperada as possibilidades de ecoar fora dos restritos confins comarcais nos quais nos estamos fechando, cegos às vastas perspectivas que temos diante dos olhos.

Há muito que fazer para a legitimação dessas variedades do português e, para tanto, é preciso conhecê-las e reconhecê-las como tais. O caso do galego⁸⁹, por obtuso que pareça, tendo sido o berço da língua, carece também desse conhecimento, desse reconhecimento, dessa legitimação. Elementos que, muito além da questão linguística, são, mesmo, parte de uma necessidade identitária, como sonhava Guerra Da Cal (1985):

Em poucas gerações poderá a Galiza contemplar o seu velho rusticado rosto no límpido espelho da língua portuguesa, que lhe devolverá a sua imagem real e ideal de Terra prometida e livre – e orgulhosa da sua voz, que virá então a tornar o seu lugar de antiguidade no coro ecumênico, terceiro do mundo, de europeus, americanos, africanos e asiáticos que se exprimem na língua de Camões, de Rosalia e de Machado de Assis – perto de 200 milhões de almas que ocupam uma sétima parte do Globo.

Refletir sobre o pensamento de um Da Cal acaba contribuindo, sem dúvida, para a construção de não só de uma *ideia de lusofonia*, mas, sobretudo, de uma *imagem de identidade lusófona* que se assentem, ambas, sobre os conceitos de *pluralidade* e de *unidade*.

Pluralidade que nos aproxima, aconchega... e que nos distingue, destaca ... na medida em que a identidade é o que nos faz, ao mesmo tempo, semelhantes e distintos. *Unidade* que supõe certa *flexibilidade*: “unidade não significa [...] uniformidade”, como queria Herculano de Carvalho, ou como Celso Cunha e Lindley Cintra que afirmaram “a superior unidade da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade”. Unidade lusófona que, do nosso ponto de vista, não representa o *uno*, mas sim a convergência de vozes *de* e *para* uma língua de cultura... e que bem pode ser

“A língua portuguesa...
o lar perdido e reencontrado”,

de Da Cal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Herculano de (1968), A língua como Factor de Unidade, Coimbra, p. 12

CALERO, Ricardo Carvalho (1983), *Da fala e da escrita*. Galiza editora. Ourense.

CASTELEIRO, José Malaca (2009) “Intervenção do Professor Doutor Malaca Casteleiro, da Academia de Ciências de Lisboa” na *Instituição da Academia Galega da Língua Portuguesa*. Crônica do 6 de outubro. *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*. Núm. 2. pp. 221-

⁸⁹ Na verdade, o galego, nesta perspectiva que adotamos, é uma variedade linguística de uma língua que nos é comum – que, conforme Malaca Casteleiro (2009, p. 221), “poderia ser língua Galego-Portuguesa, mas que as vicissitudes da história levaram a que fosse apenas língua portuguesa”.

CASTRO, Ivo (2002), "Galegos e Mouros. A língua galega vista pelos filólogos portugueses", Conferência proferida no Congresso dos 25 anos do *Instituto da Língua Galega* (1996), Santiago de Compostela. Lisboa, Colibri/Cátedra de Estudos Galegos da Universidade de Lisboa.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (2002), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, João Sá da Costa, 17.ªed., p. XIV

DA CAL, Ernesto Guerra (1991), "Nota do Autor" a *Lua de Além-Mar*. Ed. Galaxia, 1959. AGAL, 1991.

DA CAL, Ernesto Guerra (1985). "Antelóquio indispensável", in *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, Lisboa, Sá da Costa, pp. 9-11. Recolhido em Vol II, 1986, de *Temas de O Ensino*, núms. 6/10, "Linguística, sociolinguística e literatura galaico-luso-brasileira-africana de expressão portuguesa".

LOURENÇO, Eduardo (2001), *A nau de Ícaro*, São Paulo, Cia das Letras, p. 112.

MARTINS, Moisés de Lemos (2006), "Lusofonia e lusotropicalismo. Equívocos e possibilidades", in Bastos, N. B. (2006), *Língua Portuguesa: reflexões lusófonas*. São Paulo: EDUC, p. 58.

REIS, Carlos.(1996), "DA CAL, Ernesto GUERRA", in *Dicionário de Literatura Portuguesa* (Organização e Direção de Álvaro Manuel Machado), Lisboa, Presença.

Regina Helena de Brito, Pós-doutora pela Universidade do Minho; Mestre e Doutora em Linguística pela FFLCH da Universidade de São Paulo (USP); Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Coordenadora do Decanato de Extensão da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo); Membro do Conselho Diretivo do Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste. Pesquisadora Associada do CELP da USP e do Instituto de Pesquisas da Pontifícia Universidade Católica-SP.

Ernesto Guerra Da Cal:

A sagração da palavra

Beatriz Weigert

Resumo: Ernesto Guerra Da Cal realiza a sagração da palavra, pelo modo superior de elaboração da escrita. Identificando sua poesia como portugalega, a mensagem prevalente é o código. Os temas circundam a tradição da Galiza, nas formas verbais e no enternecimento. A sedução cria ambientes de convívio para os amantes. A fisionomia gráfica complementa a arte da palavra, avultando a descrição como figura significativa para amplificação do pensamento, para vivacidade plástica e prolongamento dos estados afetivos.

Palavras-chave: Literatura da Língua Portuguesa – Ernesto Guerra Da Cal – Tradição - Erotismo

Abstract: Ernesto Guerra Da Cal does the consecration of the word, by the superior way of his writing. Identifying his poetry as portugalega, the prevailing message is the code. The themes round Galiza's tradition, in verbal forms, and tenderness. The seduction creates ambiances for the lovers. The graphical physiognomy complements the art of word, growing the description like significant figure for thinking amplification, plastic vivacity and affective events prolongation.

Keywords: Portuguese Language Literature – Ernesto Guerra Da Cal - Tradition - Eroticism

... verbo ancestral
sacrossanto
da nossa Mater-Alma

Ernesto Guerra Da Cal, professor, pesquisador, escritor, pauta sua vida em difundir cultura e arte. Seu trabalho constitui fonte de saber, enriquecendo estudiosos, dinamizando investigadores, formando e informando gerações. Sua obra poética vem como sacração da palavra. É a palavra da Língua-Mãe, a proclamar o código linguístico, a da morrinha, a aconchegar a infância, e a palavra da sedução a abraçar o amor.

A poesia de Ernesto Guerra Da Cal toca as criaturas no grau superior da sua dignidade: agentes de Deus, homens e mulheres no dia-a-dia de sua condição. E vêm à luz sentimentos de desencanto e incerteza, em que a ironia impede a auto-piedade. E vem à luz o significado da (in)justiça no brado contra a cegueira do autoritarismo. E surge a Pátria ferida — Galiza — extraviada de sua identidade — lembrança, o galaico-português dos ancestrais.

Os versos de Guerra Da Cal são palavras ajuntadas ao longo dos anos, recolhendo sentimentos, erigindo, de construção em construção, o templo de reverência à humanidade.

Sagrado é o espaço da palavra de Guerra Da Cal, no primor do tratamento que o poeta dispensa aos aspectos da vida. Lugar e tempo do poema, lugar e tempo do movimento cênico que, na recriação dos atos humanos, acrescenta-se da atmosfera da arte.

O eu-poético contempla o desenrolar da vida, mas dele participa como a(u)tor que é. Assim, há de manter distanciamento para enxergar, e proximidade para sentir, fazendo coro e sendo porta-voz do rancor diante do árbitro. O verbo gaiato imiscui-se, para tornar leve o que é áspero, e o lamento verte lágrimas.

São composições da palavra em que os quadros se sucedem, desde a pintura do berço-pátrio ao campo minado da guerra Mas é nas composições de amor que a hierofania se expressa em hinos a integrar mitologias, em síncrese original. Funda-se o paraíso no espaço estrito de dois seres: Adão cinzela a sua Eva e é por ela moldado.

Sol, lua, estrelas, mares, flores, verdes, tudo é convocado para compor a moldura do ato essencial da história humana. Em adoração, o sujeito-poético desenha a mulher-amada, na pretensão de prendê-la toda: feitiço inteiro. Em minúcia de matizes sensoriais e anímicos, percorrem-se formas e sonoridades. A voz é água e vegetal. É som e sabor. A sensualidade é imagem de fogo.

O pórtico dos livros antecipa conceitos. *Lua de Além-Mar* (1939-1958), *Rio de Sono e Tempo* (1959-1962), *Futuro imemorial: Manual de Velhice para Principiantes* (até 1984), *Deus, Tempo, Morte, Amor e Outras Bagatelas* (1974-1987) e *Caracol ao Pôr-do-Sol* (até 1991), esses títulos referem o distanciamento da terra natal, a passagem do tempo, a reflexão sobre a existência. A ilustração das capas também sugere o conteúdo a ser lido.— Duas delas vêm assinadas pelo artista gráfico Ragner Caldas, anagrama⁹⁰ de Guerra Da Cal. Particular atenção merece a designação *Lua de Além-Mar*, de sonoridade quase onomatopaica, na aliteração da consoante líquida continuada em nasal, como lamento.

⁹⁰ Outras assinaturas que se leem são anagramas e versões, como W.C.Warrest, D.C.Warrest, Ragner Caldas, Rad Calaguer, Néstore d'Alguecarra, René C. du Regraastal, Ernst Limewar, Ernst Krieg von Kalk.

Os livros de poesia de Ernesto Guerra Da Cal organizam-se em sessões temáticas, demarcando-se com números e nomes. Pela invocação e conclusão, podem exaltar entidades significativas da cultura, tal como *Lua de Além-Mar* que, na abertura, em “Tríptico”, celebra Dom Paio Gomes Charinho, Luís de Camões e Rosalia de Castro e, no fecho, a cena norte-americana.

Lembrar que *Lua* é a primeira publicação lírica de Ernesto, simbolizando esse *incipit* o de toda a obra a seguir: homenagem extensiva. Já *Rio de Sonho e Tempo* abre com lembranças, em “Pombal de Ontens”, e encerra com “Rosalia”. *Futuro Imemorial* inicia com “Museu do Eu” e termina com “Vitrina de Homenagens”. *Deus, Tempo, Morte Amor* começa com “Poesia” e finaliza com “Pro Pátria Galega”.

O poeta é da Galiza e seus poemas, afirma, são poemas galaico-portugueses, ou portugalesgos. Reintegram-se na cultura lusa, abraçam o lusismo integral, na recuperação da verdadeira tradição nacional, no ideal de uma Portugaliza⁹¹, que se reforça na “evidência de que o verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro”⁹².

O escritor tem orgulho em proclamar-se “*urbi et orbi* primeiro escritor galego de expressão portuguesa” (Cal, 1985:11). Diz o poeta:

No português encontro a mesma precisão e riqueza do espanhol e do inglês para a expressão da minha objetividade, mas com uma carga subjetiva emocional incomparavelmente mais intensa, meiga e candente. Porque a minha mais funda *imago mundi* é galega, como galega é a minha basilar *forma mentis* (Cal, 1985:11).

E é da tonalidade dessa “carga subjetiva intensa”, traduzida com expressão precisa e rica, que se constroem os versos portugalesgos de Ernesto Guerra Da Cal.

Com apresentação visual planeada, imprimem-se os versos na página intacta.

O autor explica seu cuidado na “fisionomia gráfica”, na procura de arranjos adequados, no empenho para transmitir ao leitor, através da “imagem tipográfica da página, um guia plástico visual mais apurado”.

Prende, assim, facilitar “a captação estética da totalidade significativa e sensorial do poema”. Limagens e acabamentos, sim, desde que respeitem a vivência emotiva que provocou o “surto lírico” norteador da elaboração artística (Cal, 1991:50).

Teoria da criação no que se refere à mancha gráfica, os versos de Ernesto Guerra Da Cal movimentam-se, passeiam pelo papel, imprimindo a energia que arrebatam.

O poeta tem consciência do ato criador, acompanha o “surto lírico”, conta com a presença do leitor e fornece balizas de compreensão que reúnem ideia e emoção. “Captação estética”, por via do léxico e das sensações. Sentido e sentidos. Uma semântica que se expressa, conferindo os órgãos da visão, audição, tato, olfato e paladar.

Nesse item, avulta a descrição viva e animada, a hipotipose em amplificação alargante, levando à evidência, pela “diérese do pensamento em vários pensamentos parciais coordenados” (Lausberg, 1982:218). Modo de refletir sobre o acontecimento, de esmiuçar a experiência, de prolongar o instante.

E acodem os cinco sentidos, na reposição da intensidade do que deve ser eternizado. A visualidade é a dos desenhos que o artista plástico traça no limite da folha, e é a

⁹¹ Portugaliza – O vocábulo Portugaliza vem em “Antelóquio indispensável”, in: *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, p. 12-13; e em *O Ensino*, nºs: 6-10, p. 20.

⁹² – A afirmação “o verdadeiro meridiano espiritual da Galiza passa por Lisboa e pelo Rio de Janeiro” está escrita em “Nota do Autor” para *Lua de Além-Mar* (1959); em “Antelóquio indispensável”, em *Futuro Imemorial*, op. cit.; e em “Antelóquio indispensável” em *O Ensino*, op. cit.

das imagens que o poeta pinta com palavras. Das figuras, sobressaindo harmonias e ritmos, saltam perfumes, sabores, maciezas.

Ao lado dos muitos versos distribuídos ao modo de desenho, como “guia plástico-visual”, observem-se os poemas “Guitarra Portuguesa”, “Fábula” e “Relógio”.

Este imitando o pêndulo das horas (Cal, 1991:221), o outro medindo o tempo como ampulheta (Cal, 1991:217) e o primeiro reproduzindo o instrumento musical (Cal, 1987:77). A “fisionomia gráfica” pode dar ideia de um estado. “Ego”, de *Rio de Sonho e Tempo*, oferece “Luar de Morte” (Cal, 1991:177) e “Canção Doente”(Cal,1991:180), anotando meditação triste, em traços sombrios.

O pendor para o tema do sagrado aflora desde as reflexões sobre a morte, infletindo para a liturgia, encenação ritual, até à devoção declarada do eu piedoso que reza, invoca, convoca, genuflete: “Roga por nós”(p. 70) “Non sum dignus”(p. 174). Eloim, Eloim (p. 187), confessando ser “católico, apostólico, compostelano” (Cal, 1991:184).

Em oração, repete-se a “Ladainha a Rosalia de Castro”, “roga por nós! Nossa Senhora da Solidão, negra sombra do «mors-amor»” (Cal, 1991:70). Da “Senhora da Solidão”, passa-se à “Folha Velha” apresentando a poetisa que é

Negra Rosa Mística
Mater Dolorosa
do seu Povo-Filho
na
Poesia.
(Cal, 1987:81)

E, a “Negra Rosa Mística” dá lugar à “Trágica Rosa Céltica”, que

Ninguém a compreendeu
porque a língua que usava
era só dela de mais ninguém
Era a que demandava
seu mais íntimo eu
(Cal, 1987:82)

Rosalia de Castro que “ninguém a compreendeu”, dizem os versos. Sim! Porque Rosalia, antes de todos, ousa dar escrita à fala emparedada no meio rural. Eleva a livro, a palavra escondida no recato. Por esse motivo, o verso da poetisa sofre a falha de comunicação.

O código linguístico é domínio do emissor e não do destinatário. A “língua que usava era só dela”, porque expressava “seu mais íntimo eu”. Busca compreensão até estar com Deus e “sabe[r] Tudo”.

Ernesto Guerra Da Cal anota a trágica situação do desaparecimento do código da Galiza.

São muitos os poemas que o autor dedica à Rosalia, e ainda ao idioma. O livro *Deus Tempo, Morte, Amor*, possui a sessão intitulada “Pro Pátria Galega” com o poema “Toque de Rebate” onde há o brado:

Vamos todos berrar
contra o nefando crime,
já quase consumado

da destruição do Verbo
ancestral sacrossanto
da nossa Mater-Alma

Apresenta-se o “Verbo Ancestral”, como vítima em sofrimento, tal como “Ecce Homo, ludibriado, com Coroa de Espinhos, amarrado e açoitado pelos sicários do Imperial Herodes” e “numa infame agonia tecida de apagada e vil tristeza” (Cal, 1987:87).

Assim é “Mãe Galiza” compelida a despertar, para confirmar a Língua Portuguesa, no testemunho de Camões no Canto X de *Os Lusíadas*. É o grito de alerta para reforço da palavra, ligada a instâncias superiores da tradição lusa. É a sentimentalidade galega que se expressa em registo culto, reafirmando o legado linguístico.

Primordial e soberano, o código proclama-se mensagem.

E na fala galega, abre-se a “Fiesta da Saudade” para o enternecimento da “Morri-nha de Rio e Lua” (Cal, 1991:73), em que o neno acompanha o homem para rever, no Sil, o reflexo da lua, e ouvir o melro, “pelos salgueiros”. Mas de “Pombal de Ontens” a desenhar o cálice com o “vinho do recorde”, vem o “Conselho”: “Não toques a lem-brança/branca flor de penugem/que/do sopro mais leve/ se dispersa/ no ar// O cálix que contém/o vinho do recorde/é cristal de saudade/e/quebra/só/ de/ olhar//”. Não voltar do exílio à procura de aromas perdidos, mas deixar “a memória livre inventar a verdade das coisas que passaram sem passar” (Cal, 1991:169).

Sacraliza-se o código linguístico e o enternecimento da fala galega.

A palavra de sedução vem pela memória das relações de amor, cujos poemas vêm em capítulos destacados. *Lua de Alén-Mar* entoia “Cançonetas do Amor em Clave de Lua”; *Rio de Sonho e Tempo*, possui “Eva”; *Futuro Imemorial* recita o “Abecedário — desfalcado — de Venus Victrix (Secção de Paraísos perdidos e achados)”; *Deus, Tempo, Morte, Amor* contém “Eros ainda pede (retrospectivamente) passagem” e *Caracol ao Pôr-do-Sol* regista nomes apelativos, como “Sarça ardente” e “Três Poemas car-nais”.

Seguindo as setas, os títulos traçam o percurso que inclui Eva, Vênus e Eros, entidades mitológicas de simbolização preci(o)sa: Paraíso, Beleza, Amor.

De Eros deriva-se o substantivo erotismo, a condensar os significados da exaltação dos sentidos. É “forma de conhecimento. Conhecimento adquirido através do corpo e em comunicação com outro corpo”.

Respondendo à função de objeto erótico, o corpo ajusta-se a imperativos de atração e desejo. (Alberoni, 1988:218).

O apelo dos sentidos, na sua exuberância, classifica “o momento erótico como o mais intenso.

Assim o erotismo fica situado no ponto mais elevado do espírito humano”. (Bataille, 1987:252).

Apresentação dos sentidos em momentos intensos, lê-se nos versos de Ernesto Guerra Da Cal.

É *Lua de Além-Mar* o livro que inaugura linhas poéticas que se desenvolvem ao longo das obras. A primeira “Cançoneta”, “Bebedeira Lunática”, diz:

Deixai-me passar a mão

pelos cabelos da lua!

Hoje quero embebedar-me
co'a sua beleza nua.

Camaradas
dai-me escadas
para ir beber na sua
boca
mortes aluadas!

(Cal, 1991:83)

Investida de sensualidade, a lua seduz e embriaga pela “beleza nua”. O sujeito poético, pelo tato e paladar, busca a “morte aluada”. Tanto assim, é a tarde húmida e carnosa que, em “Eco”, atrai os lábios que beijam a “rosa/ perfume dolente/presença sonora/p'ra sempre evadida/ perdida/ no ar”. (Cal, 1987:40). Órgãos essenciais do erotismo, mão e boca verbalizam-se nos poemas.

Os elementos cósmicos revestem-se de propriedades humanas para traduzir emoções. E também compõem cenários que se abrem convocando representações do reino animal, vegetal e mineral para realçar a superioridade do ambiente. Adão e Eva convivem no paraíso à sombra da “eterna Macieira genesiaca” (Cal, 1991:203) mas os rituais de “iniciação” (Cal, 1985:74-76) e de “ofício divino” (Cal, 1985:77) celebram-se em devoção sacramental.

Verdadeiras alegorias escrevem-se eternizando sentimentos e emoções. O encontro de amor inspira reverência. Para além do quotidiano, diz Bataille, a experiência erótica e a experiência da santidade possuem intensidade extrema.

Assim comemora-se o

Epitalâmio

O Homem despiu a sombra
e nu
no sol
caminhou.

A Mulher olhou p'ra ele
com sorriso temeroso
e trêmula
se deitou

O Rio tapou os olhos
O Campo voltou a cara
O Ar se petrificou
Coros imensos soaram
pelos cumes
e as searas
Deus no Céu
co'a sua dextra
solene
abençoou.

(Cal, 1991:97)

Transmissão da experiência superior exige linguagem superior. Mas é do mundo natural que o acervo das imagens serve-se. Daí a busca da sugestão, esforçada em traduzir o “*mysterium fascinans*, em que se expande a plenitude do ser”(Eliade, 1995:16).

Essa expressividade superior que se requer vem através da linguagem da arte. Tanto quanto espaço sagrado da experiência, a arte é expressão da humanidade.

Muitos dos atos humanos evocam-se na encenação dos ritos e na proferição dos mitos. Assim, encontro, encantamento, sedução, exaltação sensual, esses momentos da existência são levados à celebração literária.

Os poemas de Ernesto Guerra Da Cal são o desdobramento do respeito que o escritor vota à humanidade: é sagração da palavra.

É espaço de qualidade, já pela concretude da matéria livro, já pelo gênero literário, já pelos poemas que consagram a terra natal e os sentimentos.

REFERÊNCIAS:

- ALBERONI, Francesco (1997), *O erotismo*. 5. ed. Trad: Élia Edel. Rio de Janeiro, Rocco, 234 p.
- BATAILLE, Georges (1987), *O erotismo*. Trad.: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre, L&PM, 255 p.
- ELIADE, Mircea (1995), *O sagrado e o profano a essência das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 191 p.
- GUERRA DA CAL, Ernesto (1985), “Antelóquio indispensável”, in: *Futuro imemorial*, Lisboa, Sá da Costa, pp, 5-11.
- GUERRA DA CAL, Ernesto (1986), “Antelóquio indispensável” in: *O Ensino*, núms. 6-10 *Linguística, Sociolinguística e Literatura Galaico-Luso-Brasileira-Africana de Expressão Portuguesa*, volume II, Braga, Barbosa e Xavier, pp. 15-21.
- GUERRA DA CAL (1991), *Lua de além mar & Rio de sonho e tempo*, Crunha, AGAL.
- GUERRA DA CAL, Ernesto (1991), “Nota do Autor” para *Lua de Além-Mar* in *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, op. cit., p. 63.
- GUERRA DA CAL, Ernesto, “Nota preambular do autor para esta edição” in *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, op. cit. p. 48.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária* (1982), Trad., pref., aditamentos R.M. Rosado Fernandes, Lisboa, Calouste Gulbenkian, 294 p.

BEATRIZ WEIGERT, nascida em Santa Maria - Rio Grande do Sul – Brasil, é professora auxiliar aposentada do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora, membro integrado do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, membro colaborador do Centro de Tradições Populares Portuguesas e do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora. Do país de origem, traz a licenciatura, obtida na Faculdade de Ciências e Letras de Santa Maria e o Mestrado concluído na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O Doutorado realizou-o na Universidade de Lisboa, com tese sobre obras de Nélide Piñon e de Maria Velho da Costa. Seu trabalho de investigação, no campo das Literaturas de Língua Portuguesa, tem sido divulgado, no país e no estrangeiro, em publicações de órgãos especializados e em eventos científicos e culturais.

ABECEDÁRIO – desfalcado – DE VENUS VICTRIX

*(Secção de Paraísos Perdidos
e Achados)*

«L'Amour n'a pas d'Âge; il est toujours
naissant.»

BLAISE PASCAL

«En la A por el Amor
en la B por la Beldad
en la C por la Crueldad
y en la D por mi Dolor.»

JUAN DEL ENZINA

«What are names but air!»

SAMUEL TAYLOR COLERIDGE

ADDENDUM I

Algumas notícias

HOMENAGEM A GUERRA DA CAL

Domingo, 01 janeiro 2012

Como primeira notícia do novo ano 2012 a ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA apresentou o vídeo-resumo do *Colóquio homenagem* ao intelectual galego Ernesto Guerra Da Cal (Ferrol, 1911-Lisboa, 1994) realizado em Compostela, na sede da fundação CaixaGalicia, o dia 11 de outubro de 2011, com a participação dos pesquisadores e professores José-Martinho Montero Santalha, Joel R. Gomes, Carlos Durão Rodrigues, Enric Ucelay-Da Cal, Maria do Carmo Henriques Salido, Xosé Luís Franco Grande e José Luís do Pico Orjais, e dos organizadores e público presente no ato.

No dia a seguir, 12 de outubro, teve lugar o *III Seminário de Lexicologia*, em que participaram os professores Evanildo C. Bechara e J. Malaca Casteleiro, junto do também vindo de terras portuguesas prof. José Pedro Ferreira e outros académicos da AGLP, Isaac Alonso Estraviz, António Gil Hernández, Ernesto Vasques Souza, Ângelo Brea Hernández, Celso Álvarez Cáccamo e Vítor Lourenço Peres.

Prevê-se que a homenagem galega ao professor ferrolano, iniciada no mês de outubro e estendida ao longo dos últimos meses do ano 2011, tenha continuidade com novos eventos e atividades durante o ano 2012.

Dessa continuidade faz parte, como primeiro passo, a edição do DVD comemorativo em que se inclui o vídeo-resumo e as entrevistas realizadas com os professores colaboradores do evento.

Como lembrança do, até o momento, nosso autor mais internacional e prolífico deixamos a parte final do seu poema “Descoberta”, publicado inicialmente em 1964 na revista do *Brazilian Institute* de Nova Iorque com apresentação de Antônio Houaiss, poema que é a um tempo biografia e mensagem, descrição e declaração de intenções bordadas com o leixa-prém camoniano:

Um belo dia
de sol
insuspeitadamente
refloriu-me no peito
a antiga flor
da saudade do Além
e da Boa Esperança
do Descobrimento

Calafetei a minha velha nau
e me lancei ao mar
com todos meus anseios
renovados

E fui direito a dar
ao teu Catai de Amor
por olhos nunca dantes navegados!

“Descoberta” (1964)

GUERRA DA CAL HOMENAGEADO PELA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

O passado 11 de outubro teve lugar em Compostela o *Colóquio Guerra Da Cal*, jornada de palestras dedicadas ao conhecimento e difusão do intelectual ferrolano, Ernesto Guerra Da Cal, com motivo do aniversário do seu nascimento em 19 de dezembro de 1911.

O evento, que foi aberto pelo presidente da Academia, José-Martinho Montero Santalha, decorreu durante a manhã com as palestras do Prof. Joel Gomes, do Prof. Carlos Durão e do Prof. Enric Ucelay-Dacal, filho do homenageado. Na tarde, os convidados oradores foram a Prof.^a Maria do Carmo Henríquez Salido, o Prof. Xosé Luís Franco Grande e o Prof. José Luís do Pico Orjais. Trataram-se temas referentes ao amplo trabalho de Guerra Da Cal no âmbito do reintegracionismo galego e da literatura portuguesa, especialmente em Eça de Queirós, explicou-se a sua poesia, falou-se da sua pessoa no nível da relação familiar e do seu interesse sobre a música e os poemas dele que foram musicados.

No dia a seguir, 12 de outubro, a Academia Galega realizou o seu III Seminário de Lexicologia, a decorrer no mesmo lugar que o Colóquio do dia anterior, na rua do Vilar, sede da Fundação Caixa Galicia, em Compostela. Os oradores convidados apresentaram os últimos trabalhos em léxico e desenvolveram-se novas reflexões sobre o Acordo Ortográfico e a norma galega do português. O Prof. José-Martinho Montero, em representação da Academia Galega, o Prof. Evanildo Cavalcante Bechara, em representação da Academia Brasileira de Letras e o Prof. João Malaca Casteleiro, da Academia das Ciências de Lisboa, abriram o evento da manhã, que foi seguido, já na tarde, da palestra do Prof. José Pedro Ferreira, em representação do Instituto de Linguística Técnica e Computacional, ILTEC, e de duas mesas redondas, formadas por membros da Academia.

Na primeira mesa redonda participaram entre os ainda não nomeados o Prof. Isaac Alonso Estraviz e o Prof. António Gil Hernández, em que se trataram temas do léxico e o dicionário Estraviz. Na segunda mesa redonda, os professores Ernesto Vasques Souza e Ângelo Brea Hernández realizaram a apresentação dos dois novos volumes da coleção Clássicos da Galiza, que a AGLP edita em parceria com Edições da Galiza. O professor Celso Álvarez Cáccamo e Vítor Manuel Lourenço Peres realizaram, para encerrar o ato, a apresentação em primícia do [Arquivo Digital da AGLP](#).

RESENHA DO PROF. CARLOS DURÃO NO SITE *A VIAGEM DOS ARGONAUTAS*

Fortuna a nossa, os que não o pudémos presenciar, a de ter em primeira mão e na escrita de primeira água de Carlos Durão notícias do I Colóquio Guerra Da Cal, organizado pela AGLP - *Academia Galega da Língua Portuguesa* e que teve lugar nos passados dias 11 e 12 de Outubro em Santiago de Compostela, Galiza, com a participação de reputados especialistas galegos, portugueses e brasileiros - uma trilogia sempre acarinhada por Guerra Da Cal.

Este Colóquio, dedicado ao poeta e professor galego Ernesto Guerra Da Cal no centenário do seu nascimento, teve lugar em Santiago de Compostela no dia 11 de outubro de 2011; o dia seguinte, 12, foi dedicado ao *III Seminário de Lexicologia da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa)*. Às intervenções seguiram interessantes debates iniciados pelo público assistente.

Ernesto Guerra Da Cal foi o primeiro poeta galego moderno que tratou temas universais, o que mais eco teve dentro e fora da Galiza, com uma abundan tíssima bibliografia transnacional e transcontinental a que deu origem a sua obra. Foi também o professor galego de maior prestígio internacional, autor de obras amplamente conhecidas e que continuam a ser estudadas, como a *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. Republicano exilado na altura da guerra civil espanhola, foi criador de uma obra viçosa devotada à cultura comum galaico-portuguesa e um dos principais impulsores do reintegracionismo galego, de que a AGLP é continuadora.

O primeiro dia foi dedicado ao estudo e divulgação da obra do homenageado. O especialista Joel Gomes, que fez a sua tese de doutoramento sobre Guerra Da Cal, falou-nos de «A amizade de Ernesto Guerra Da Cal com Federico García Lorca e os *Seis Poemas Galegos*», fazendo um pormenorizado percurso da génese desses poemas, que se tornaram famosos pelo nome do autor que os assinou, o brilhante poeta andaluz que foi assassinado por um esquadrão da morte fascista no 1936. Ele era amigo íntimo de Guerra Da Cal, e este contribuiu profundamente aos poemas, não só na parte lexical, mas também no conteúdo, de um estilo identificável como próprio do poeta galego hilozoísta Amado Carvalho, favorito de Guerra Da Cal; a maioria dos manuscritos são do punho e letra deste.

O autor destas linhas, Carlos Durão, falou de «Guerra Da Cal entre nós»; fez um resumo biográfico e a seguir centrou-se no papel fulcral do nosso homem na participação galega no Acordo Ortográfico, muito mais importante e de mais longa data do que se acostuma a pensar; também traçou as linhas mestras do pensamento de Guerra Da Cal sobre o reintegracionismo.

O filho de Guerra Da Cal, Enric Ucelay-Da Cal, tituló a sua comunicação «Uma lembrança em três episódios», e nela não poupou as caracterizações, digamos menos positivas, do pai quase desconhecido, de quem se sentia deserdado; contudo, as suas pinceladas serviram para completar um retrato com, como reza o dito inglês, “warts

and all”, e a tensão pai-filho foi assim bem entendida pelo público. Enric participou ativamente nos debates e nas conversas posteriores, e voltou ainda no dia seguinte, agora evidentemente mais à vontade a respeito do pai, e já disposto a participar com a AGLP em atos posteriores acerca dele.

Maria do Carmo Henriquez Salido, ex presidenta da AGAL (Associação Galega da Língua), falou de «Ernesto Guerra Da Cal ao longe», lembrando encontros com ele e correspondência sua; foi acompanhada na palestra por José Posada, seu marido, quem igualmente lembrou encontros com Guerra Da Cal, mas também tratou das suas intervenções no Parlamento Europeu como eurodeputado, nas que se expressou num cuidado galego que foi interpretado como português nas cabinas de interpretação; entre o público estava Camilo Nogueira, também em tempos eurodeputado falando galego e sendo interpretado e traduzido como português.

Um grande amigo de Guerra Da Cal, Xosé Luís Franco Grande, académico da RAG (Real Academia Galega), estudou n’ «A poesia de Guerra Da Cal» os seus temas existenciais fundamentais, com um certo ressaibo irónico, e a sua cuidada forma, grafada em português padrão, como líder que ele era do movimento reintegracionista. Se bem na sua poesia primeira talvez havia predomínio das formas, apresenta depois uma poesia mais introspetiva, verdadeiramente metafísica, com os temas mais transcendentes: Deus, Tempo, Morte, Amor, ao tempo que revela um crescente amor pelo valor da palavra poética, a sua flexibilidade, sonoridade e conteúdo. Pensa que Guerra Da Cal é um poeta de incomum magnitude, mas que mal se conheceu na Galiza, e num tempo pouco propício, no que a chamada poesia social era a moda; e a sua fulgurante personalidade como estudioso da literatura cegou-nos em certa maneira, impedindo-nos contemplar o grande poeta que é. Custa a crer a estultícia dos meios “oficialistas” na Galiza, sistematicamente preterindo ou ignorando totalmente este poeta galego de estatura mundial.

O musicólogo e especialista em folclore galego-português José Luís do Pico Orjais foi apresentado por Isabel Rei, professora do Conservatório de Santiago; o orador falou, em «Ernesto Guerra Da Cal e a Música», sobre a relação do homenageado com a música, que confirmou o seu filho. Tinha bom ouvido, cantava bem, podia tocar acordes e acompanhar-se com a guitarra, e aprendeu a tocar a gaita. Orjais analisou o formoso poema dele dedicado a este instrumento. Depois mostrou os poemas que têm sido musicados por diversos compositores, um deles, "Colóquio", é protagonista da obra homónima do brasileiro Mozart Camargo Guarnieri, composta para conjunto instrumental e coro. Pudemos escutar a peça de Vicente Asencio, um dos melhores compositores peninsulares do século XX, e uma versão do poema de Lorca "Cantiga do neno da tenda" interpretada por Xoan Rubia

Online: <http://cancionypoema.blogspot.com/2011/05/parabolas.html>

O segundo dia esteve orientado à lexicologia e lexicografia, com alguns dos mais importantes lexicógrafos da língua portuguesa. José-Martinho Montero Santalha, presidente da AGLP, tratou da «Problemática do léxico galego», referenciando vocabulários de séculos passados, de Olea, Sarmiento, Sobreira, Cornide, Paizal, Segovia, e Leite de Vasconcelos, recolhidos com diferentes critérios lexicográficos.

Evanildo Bechara, o académico responsável pela Comissão de Lexicologia da Academia Brasileira de Letras (ABL), apresentou alguns aspetos do «Acordo Ortográfico: O interior e o exterior», sem poupar os mais controversos em Portugal, como os grupos cultos, ou as ramificações complicadas do AO, como as do hífen, ou grafias ainda discutidas por alguns, como “açoriano” ou “caboverdiano”, com “i” e não com “e”.

Foi de grande interesse a comunicação do professor João Malaca Casteleiro, da Academia de Ciências de Lisboa (ACL), «A norma galega do português e a Lusofonia», tema estrela do Seminário; “norma galega do português”, “variante do português”, “português galego”, foram algumas das caracterizações do conjunto supradialectal codificado das falas galegas; nos debates desta e outras comunicações fez-se referência a essa norma, em construção, que é hoje aceite por todas as pessoas que seguem a filologia clássica e perspetivam um futuro para a língua da Galiza.

José Pedro Ferreira, do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), de Lisboa, veio apresentar pela primeira vez na Galiza «O Vocabulário Ortográfico do Português: critérios, ferramentas e resultados», do léxico oficial de Portugal, bem como a sua colaboração com o IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa, órgão da CPLP) na elaboração do *Vocabulário Ortográfico Comum*.

Numa primeira Mesa Redonda, Isaac Alonso Estraviz falou-nos do *Dicionário Estraviz* e os trabalhos para a sua atualização. António Gil apresentou a última atualização do *Léxico da Galiza* dicionarizado da Comissão de Lexicologia da AGLP, e falou da sua inclusão em dicionários gerais da língua portuguesa (Priberam e Porto Editora), frisando algumas hipóteses etimológicas. Carlos Durão falou brevemente da parte logística, do trabalho no dia-a-dia entre os membros da Comissão, ligados digitalmente, e também frisou alguns exemplos da norma galega, lexicais, sintáticos e ortópicos.

Na segunda Mesa Redonda foi apresentada a novidade do Arquivo Digital da AGLP, por Celso Álvarez Cáccamo e Vítor Lourenço, que fizeram um percurso pelas virtualidades desta útil ferramenta⁹³.

Nessa mesma Mesa Redonda, Ernesto Vasques Souza fez o lançamento de publicações da Coleção Clássicos da Galiza: *Queixumes dos Pinhos*, edição de Ângelo Brea, e *Cantos Lusófonos*, edição de José Luís do Pico Orjais; também foi apresentado o *Boletim da AGLP* número 4 (em homenagem a Malaca Casteleiro, como o no. 3 fora a Evanildo Bechara), cuja direção se deve a António Gil, com diagramação e edição de Joám Evans e Iolanda Mato.

⁹³ Vid <http://www.academiagalega.org/info-atualidade/arquivo-digital-da-academia-galega-dalingua-portuguesa.html>

Estas publicações estavam à venda na mesa do Imperdível, de Através Editora (AGAL), na sala do Colóquio, como também uma breve antologia da obra poética de Guerra Da Cal, preparada por Carlos Durão, junto de outras novidades editoriais.

Também se registou o som de todo o evento, diversos vídeos e fotos do Colóquio.

Com ocasião do I Coloquio Guerra Da Cal e do III Seminario de Lexicologia 11 e 12 de outubro de 2011 fizeram-se entrevistas a alguns dos oradores, hoje compiladas em vídeo-entrevistas, bem como uma vídeo-reportagem dos atos em causa.

Os académicos Concha Rousia, Isabel Rei e Ângelo Cristóvão também participaram ativamente no Colóquio, na sua organização, no relacionamento entre os intervenientes e nas importantes tarefas de logística.

ADDENDUM II

Carlos Durão⁹⁴

Apontamentos para uma biografia do Prof. Guerra Da Cal

⁹⁴ Transcrevemos o *Esboço biográfico* que Carlos Durão antepõe à sua *Breve Antologia Poética* do Guerra da Cal, que publicou a AGLP em abril de 2011.



Ernesto Guerra Da Cal nasceu em 9 de dezembro de 1911, na rua Sagasta, n.º 142, 2.º de Ferrol, onde foi batizado com o nome de Ernesto Román Laureano. Era filho do médico ferrolano Román Pérez Da Cal (sempre conhecido pelo matronímico), que fora companheiro e amigo íntimo de Castelão na Faculdade de Medicina de Santiago, e da mestra quiroguesa Laura Güerra Taboada, cuja mãe fora também amiga chegada de Virgínia Pereira (a que seria esposa de Castelão), e cujo pai era o engenheiro veronês Carlo Guerra⁹⁵.

Quando ainda não tinha um ano de idade morreu-lhe o pai; a sua mãe teve que se deslocar a Madrid para retomar os seus estudos na Escola Normal Superior, deixando os seus dois filhos em Quiroga⁹⁶, ao cuidado da avó e da tia Consuelo, a “Teteyo”⁹⁷, professora da Escola Feminina de Quiroga, situada na rua Da Cal, que inculcou no seu sobrinho o amor pelas letras, especialmente a poesia.

A sua infância e puberdade transcorreram no Vale do Sil (tantas vezes por ele cantado), e também em Castro Verde e Pol, onde a sua mãe exerceu o magistério primário, antes de obter vaga definitiva em Madrid, para onde levará então consigo os dois filhos.

Tinha Ernesto onze anos quando foi viver a Madrid, onde residiu até aos 25 anos, mas vindo passar os verões à Galiza, a do interior e a atlântica: Quiroga, Ferrol, São Martinho do Porto, Ares, Mugar dos, Redes, Ponte d’Eume, Betanços; com o qual o seu ouvido se afaz às diferentes formas de galego.

Em Madrid realiza os estudos secundários, no Instituto General y Técnico de San Isidro, do Barrio de la Latina, e os universitários na Faculdade de Filosofia e Letras, da Ciudad Universitaria (que viria a ser cenário de combates na frente de Madrid durante a *guerra civil* espanhola), onde faz amizade com os professores Américo Castro, Navarro Tomás e José Fernández Montesinos.

No Ateneo de Madrid conhece muitos dos integrantes da *Geração do 98* espanhola, como Manuel Machado, e estabelece amizade com Juan Ramón Jiménez, mestre da *Geração do 27*, como com Luis Rosales, Manuel Altolaguirre, Luis Cernuda e Federico García Lorca.

Participa como ator no Grupo Teatral Anfistora (dirigiam-no Lorca e Pura Maortua de Ucelay, mãe de Margarita Ucelay, a que foi primeira esposa de Ernesto e com quem teria o seu único filho, Enrique) e mais no ambiente cultural; com Lorca colabora na elaboração dos famosos *Seis Poemas Galegos* deste.

⁹⁵ Carlo Guerra Scoppoli formou-se engenheiro em Viena e arquiteto em Roma, e foi contratado por Lesseps para o projeto de construção do Canal do Panamá, depois para a construção de caminhos de ferro na Espanha, dirigindo o de Palencia à Crunha; por sua vez era filho do conde Scoppoli, lombardo de raiz italiana (casado com Paola, lombarda de etnia austríaca), quem, por ter feito causa com Garibaldi, fora despojado do título. Guerra da Cal é nome civil, não pseudónimo nem heterónimo (como errada ou maliciosamente foi assumido em publicações e autores galegos), e assim fica assinalado no *Registo de Nascimentos* de Ferrol, sendo a ordem dos apelidos a natural em Portugal e nos EUA (onde se naturalizou em 1945) e a do seu filho Enrique Ucelay da Cal, e da sua viúva Elsie Allen da Cal (embora não do seu irmão Fernando Pérez Güerra); assinou os seus primeiros trabalhos como Ernesto Pérez Güerra. Vid., p. ex., a *Gran Enciclopedia Gallega*, Silverio Cañada editor, Santiago-Gijón, 1974; o *Dicionario de Escritores en Lingua Galega*, de Francisco Fernández del Riego, Galaxia, Vigo, 1990; *O Correo* [sic] *Galego*, 25 de abril de 1994, e passim; “Adeus a Guerra da Cal”, por Xavier Alcalá, revista *Eco*, novembro, 1994; etc.).

⁹⁶ São Martinho de Quiroga, na casa que os vizinhos nomeavam a “Tabacalera”.

⁹⁷ “Tia e mãe, que gorentou a minha infância no Sil com mundos solerminhos de fantasia poética”, como escreve Ernesto na dedicatória do seu primeiro poemário, *Lua de Além-Mar*.

Faz dobragens com Luís Buñuel; contribui elementos de desenho para cartazes de Luís Quintanilha e outros artistas gráficos; nos anos 28 e 29, da ditadura de Primo de Rivera, participa em greves estudantis, é preso e processado pela sua militância nos confrontos que precederam à queda da Monarquia.

Assiste às reuniões de Pablo Neruda no seu apartamento da Casa de las Flores, onde conhece escritores hispano-americanos, como Nicolás Guillén e Lino Novás Calvo, entre outros.

Nas férias de verão, na Galiza, convive com grupos galeguistas: Ánxel Fole, Álvaro Cunqueiro, Ricardo Carvalho Calero, Luís Pimentel, Evaristo Correa Calderón, Jesús Bal e Gay, Arturo Souto, Álvaro das Casas, Arturo Quadrado; acha-se presente na reunião da *Galeuzca* em Santiago; iça a bandeira galega no edifício do Círculo das Artes de Lugo, no *Dia da Pátria* de 1930, o qual estava interdito por *Real Decreto*. Com os galegos falava exclusivamente galego. Também conheceu Emílio Gonçalves Lopes, mas com ele teve mais relação no exílio de ambos.

Já implantada a República, em 1931, encontra-se em Madrid com os deputados galegos nas Cortes Constituintes, e assiste com regularidade à tertúlia dos galeguistas n o *Café Regina*, onde conheceu Ramom Otero Pedraio, Ramom Soares Picalho, Antom Vilar Ponte, Ramom Cabanilhas, Eduardo Blanco Amor, Serafim Ferro e outros.

Finaliza o Curso de Letras em junho de 1936, e no início da guerra civil assiste ao assalto ao Cuartel de la Montaña, pouco depois alista-se como voluntário nas *Milicias Galegas*, combate pela legalidade republicana na frente de Toledo, e passa à *Secção do Exterior do Serviço de Investigação Militar*, do Ministério da Guerra.

No 1938 aparecem as suas primeiras publicações poéticas, em *Nova Galicia*, semanário patrocinado pelo *Comissariat de Propaganda* da *Generalitat de Catalunya*, destinado aos soldados galegos⁹⁸.

Aprende catalão. Na *Oficina Galega* do governo catalão encontra-se com Afonso Rodrigues Castelão e Serafim Ferro. E conhece Rafael Dieste (diretor da revista), Florêncio Delgado Gurriarán e Ramom Valenzuela, que a distribuíam nas frentes de combate.

Pouco antes da derrocada da frente do Ebro, e sendo capitão do *Exército Popular*, é enviado a Nova Iorque em missão oficial do Governo da República⁹⁹, onde o surpreende o final da guerra.

Instalado o regime fascista em Madrid, e com fracas possibilidades de voltar com vida à sua pátria, fica nos EUA com estatuto de exilado e posteriormente nacionaliza-se norte-americano.

Reúne-se em Nova Iorque com a sua esposa, continua os seus estudos interrompidos, e inicia a sua carreira docente, no 1940, no *Brooklyn College of the City of New York*. E doutora-se em Filologia Românica na Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências da *Columbia University*, com a primeira tese defendida numa universidade americana sobre literatura portuguesa (Eça de Queiroz).

⁹⁸ “Mariñeiro fusilado”, revista *Nova Galiza*, Generalitat de Catalunya, Barcelona, núm. 13, 20 de dezembro de 1937 (reproduzido na antologia dessa revista publicada pelo Col.lec iu de Cultura Popular, Barcelona, 1977, em edição de Xosé Lois García). Um tio-avô seu, Inocêncio, “foi assassinado pelos franquistas em Vigo”, como afirma Ernesto.

⁹⁹ Consistiu em verificar *informes* sobre malversações de fundos recaudados com destino à causa republicana.

Em Nova Iorque encontra-se novamente com Castelão e colabora com hispanistas exilados, como Federico de Onís, diretor do *Instituto Hispánico* da *Columbia University* e ex-alto cargo republicano (que orienta a sua tese de doutoramento), e o ex-ministro Fernando de los Ríos.

No 1951 é professor catedrático, na *New York University*, de Línguas e Literatura Românicas. É então nomeado *Chairman* do *Departamento de Espanhol e Português* do *Washington Square College*.

Em 1958 é Diretor da Secção de Românicas da Divisão Pós-graduada da Faculdade de Artes e Ciências.

Funda e dirige o *Portuguese Language Institute and Center for Luso-Brazilian Studies*. Organiza e supervisa os *NYU Junior Year* nas Universidades de São Paulo e da Baía.

Em 1947, a pedido do *General Editor* do *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, coordenara a Secção de Literatura Portuguesa, e entre os seus contributos inclui um sobre Pessoa que fora o primeiro em língua inglesa.

Desempenha diferentes cargos e responsabilidades administrativas, universitárias e de sociedades científicas e profissionais: da *American Association of Teachers of Spanish and Portuguese*, do *Inter-University Seminar of Latin American Studies*, da *Modern Language Association of America*¹⁰⁰ e do *Institute of International Education*¹⁰¹; da *New York Academy of Sciences*¹⁰¹ e da *Hispanic Society of America* (desde 1960).

Em 1958 funda o *Instituto Brasileiro* na NYU, e em 1959 é distinguido como Doutor Honoris Causa pela Universidade da Baía.

Apesar do seu intenso labor académico desenvolvido ao longo da sua brilhante carreira universitária (na que recebeu as mais altas condecorações e reconhecimentos dos EUA, do Brasil e de Portugal) não deixa de participar na vida cultural da *Casa de Galiza (Unity Gallega)* de Nova Iorque (em cuja Memória Anual publicou muitos dos poemas mais tarde coligidos em *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo*), sempre colaborando com a coletividade dos exilados e os emigrantes galegos de Nova Iorque e doutros lugares¹⁰².

E sempre, por toda a parte, em todas as suas intervenções académicas, internacionais e intercontinentais, propagou e sustentou a causa da emancipação da sua pátria galega oprimida, e defendeu a dignificação da sua língua — a variante mais antiga da expressão lusíada — contra a sua dialetalização organizada.

Leccionou (a pedido do seu antigo professor em Madrid Américo Castro) na *Princeton University* de New Jersey, e na *Universidade de Puerto Rico*; também (no 1960, a pedido das *Ibero-Amerikanska Institutionen, Handelshögskolan*) em Estocolmo e Göteborg. Designado pelo *Council for the International Exchange of Scholars*, leciona na *Universidade Federal do Rio de Janeiro* (pronunciando o discurso inaugural do *I Congresso de Professores Universitários em Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana do Brasil*), na *Universidade de Luanda*, e na *Sociedade de Estudos de Moçambique*, em *Lourenço Marques* (hoje Maputo).

¹⁰⁰ Nesta entidade foi *Chairman* do *Bibliography and Research Committee, Section I: Galician, Portuguese and Brazilian Literatures* entre 1955 e 1957.

¹⁰¹ Ingressa nela no ano 1958.

¹⁰² Cabe mencionar a este respeito as suas emissões semanais na estação de rádio *Voice of America* ("US Information Service"), em espanhol e português.

Em 1954, a Universidade de Coimbra publica o primeiro volume da sua *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* (nas *Acta Universitatis Conimbrigensis*), que recolhe a sua tese de doutoramento (e ao que seguiram outros cinco tomos), em edição espanhola por imperativo do seu trabalho académico, o que favoreceu a sua receção entre os hispanistas; o grande reconhecimento internacional é então testemunhado pelas cerca de 50 recensões e resenhas, em sete línguas e em onze países. E valeu-lhe o *Prémio Dom Manuel II de Bibliografía da Fundação da Casa de Bragança*.

Em 1955, Jacinto do Prado Coelho pede-lhe a colaboração no seu *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, para o qual redigiu artigos sobre temas e autores galegos e portugueses.

Continua a publicar, na década de 50, em diferentes revistas de coletividades de emigrantes galegos, e em 1959 publica o seu primeiro poemário na editora galega Galaxia: *Lua de Além-Mar* (com prólogo de Jacinto do Prado Coelho), no que, como já em publicações anteriores, defende claramente o Reintegracionismo.

Em 1964 transfere-se para a *City University of New York*, na qual organiza, com a colaboração da *Fundação Calouste Gulbenkian*, programas de ensino, cursos de mestrado e doutoramento em português e espanhol. Em 1966, em convénio com a *Universidade Clássica de Lisboa*, inaugura o *Summer Program Abroad at the University of Lisbon* do *Queens College of the City University of New York*. Nesse ano, Stanley Burnshaw pede-lhe a seleção e apresentação crítica de poesias e poetas lusobrasileiros (como Manuel Bandeira, Cecília Meireles e Fernando Pessoa) na antologia *The Poem Itself. 45 Poets in a new Presentation*, trabalho também pioneiro no mundo cultural anglo-saxónico; e com José Rubia Barcia (exilado também ferrolano), propicia e prologa o poemário *Voz Fuxitiva* da escritora norte-americana Anne Marie Morris, publicado na Galaxia.

Nessa década de 60, é *consultant* de literaturas ibéricas e colaborador em diversas enciclopédias, entre elas a *Grolier International Encyclopedia*, *The Encyclopedia Americana*, *The New Catholic Encyclopedia*, a *Encyclopedia of World Literature*, o *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, e contribui para gramáticas, antologias e dicionários hispânicos.

Em 1963 edita o seu segundo poemário na Galaxia, *Rio de Sonho e Tempo*, com um "Limiar" de R. Otero Pedraio, no que saúda "Guerra Da Cal, mestre da nova Galeguidade" (e identifica o Sil como o seu "rio de sonho e tempo").

A relação de Guerra Da Cal com o Brasil patenteou-se na acolhida dos estudos brasileiros na sua cadeira nova-iorquina, e no seu projeto, reiteradamente afirmado, de dedicar à obra de Machado de Assis (anunciado com ocasião do 150 aniversário do seu nascimento) um estudo do fôlego do que lhe dedicara a Eça; o projeto não vigorou.

Em 1960 é chamado a participar como convidado de honra, junto com Jean Paul Sartre, no Congresso de Crítica Literária do Brasil; à morte do literato francês André Malraux abriu-se o debate na *Academia Brasileira de Letras* sobre quem deveria cobrir essa vacante como sócio correspondente, e o nome de Guerra Da Cal foi baralhado junto como o de Sartre¹⁰³.

Em 1966 casou, em segundas núpcias, com Elsie Allen Da Cal, anglo-portuguesa,

¹⁰³ Vide: Rangel, Maria Lucia, "En el té de la Academia de Letras, la mayoría, supersticiosa, prefiere café". *Revista de Cultura Brasileña*, núm. 44 - junio 1977, Embajada de Brasil, Madrid, p. 109

Online: <http://hemeroteca.fundacionhispanobrasilena.es/hemeroteca/ver/954> .

quem devotamente acompanhou as suas atividades intelectuais, e que é autora da versão portuguesa definitiva da *Língua e Estilo de Eça de Queiroz* (4ª edição; há traduções anteriores, de Helena Cidade Moura, Lisboa, e Estella Glatt, do Rio). Na mesma década publicou, na revista *Papeles de Son Armadans*, dous breves poemários, *Poemas e Motivos do eu*.

Continua, na década de 70, a publicar o seu *magnum opus*, a merecidamente qualificada como monumental *Bibliografia Queirosiana* (que é o Apêndice da sua tese de doutoramento). Essa edição demorou até 1984 e consta de seis tomos, com mais de 3.000 páginas e 14.000 verbetes. Foi considerada contributo pioneiro pela crítica literária, não existindo, na altura, trabalho semelhante para qualquer outro autor. Ainda hoje é obra de obrigada consulta, e citada pelos estudiosos de Eça de Queiroz.

Em 1971, no Brasil, Estados Unidos, Portugal, Angola e Moçambique, profere a palestra "*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco", trabalho de crítica literária que consolida um novo discurso sobre Eça.

Em 1977 reformou-se da sua cátedra da City University of New York, como *Professor Emeritus of Romance Languages and Comparative Literature*, e fíxo a sua residência (*Melrose*) em Portugal, no Estoril, culminando quatro décadas de vida professoral em instituições de ensino superior nas Américas e na Europa, nas que visitou 25 países de três continentes, como docente, como congressista, como bolseiro e como conferencista (nesta última capacidade falou em 26 instituições académicas dos EUA).

Recebeu numerosas distinções de instituições académicas e governos, no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Podem salientar-se:

a.- No Brasil, o *Oficialato da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul* e a *Medalha Padre Anchieta*, pelo Governo; a *Chave da Cidade do Rio de Janeiro*, pela Prefeitura do Distrito Federal do Rio; a *Medalha Oskar Nobiling*, pela *Sociedade Brasileira de Língua e Literatura*.

b.- Em Portugal, a *Ordem Militar de Santiago-da-Espada* e a *Ordem do Infante Dom Henrique*, pelo Governo; a *Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila-Viçosa*, pela Casa Real de Bragança; o prémio de bibliografia *Dom Manuel II*, pela *Fundação da Casa de Bragança*; foi eleito sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa (pela monografia "Os navegadores portugueses na descoberta e colonização do actual território dos Estados Unidos"), a *Academia Internacional da Cultura Portuguesa* e a *Academia das Ciências de Lisboa*.

c.- Nos Estados Unidos, a *Hispanic Society of America* concedeu-lhe a sua medalha, e a *University of California* at Los Angeles homenageou-o, em 1972, como "Pioneiro dos Estudos Luso-Brasileiros nos Estados Unidos". Em 1989 recebeu o *Doutoramento Honoris Causa* da Universidade de Coimbra.

Na sua pátria, foi designado *Membro de Honra* da *Associação Galega da Língua*, e nos I e II congressos internacionais da AGAL, de 1984 e 1987, ocupou a Presidência de Honra.

Em 1989, com o ensejo de receber o *Doutoramento Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, as Irmandades da Fala da Galiza e Portugal dedicaram-lhe um número de homenagem da revista *Nós*, núms 13-18.

Também desempenhou a presidência da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada (constituída em 1985), cujas atribuições

delegou, por motivos de saúde, numa delegação de observadores de ONG (IF e AGAL), como também antes delegara nele Lapa¹⁰⁴. Foi assim com o seu respaldo académico que a Galiza conseguiu um posto de observadora nas negociações dos Acordos, da Ortografia Simplificada em 1986, no Rio, não vigorado, e da Ortografia Unificada em 1990, em Lisboa, hoje vigorado.

Em 1984 publicou *Homage to Federico Garcia Lorca*, parte da sua produção inglesa como D. C. Warnest.

Em 1985, com ocasião do centenário da morte de Rosalia de Castro, publicou em Lisboa *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*; e também *Futuro Imemorial (Manual de Velhice para Principiantes)*, precedido de um "Antelóquio indispensável", um texto combativo que não deixa lugar a dúvidas sobre o seu firme posicionamento na questão do Reintegracionismo.

De 1987 data outro dos seus poemários, igualmente publicado em Lisboa, *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*.

Em 1988: *6 Poemas a Rosalia de Castro*. Em 1989, em Málaga, pela sua estreita amizade com os poetas María Victoria Atencia e Rafael León, edita *Espelho Cego*.

Já nos anos 90, a AGAL reedita os seus *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, realmente uma nova edição, de 1991¹⁰⁵. E, também em Málaga, publica *Coisas e Loisas*.

Em 1992, a Universidade de Coimbra publica um ensaio seu sobre a génese do queirosiano "Testamento de Mecenas".

Em 1994, a revista *Agália* publicou o seu derradeiro trabalho, "Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos", no núm. 38, por ele datado poucos dias antes da sua morte; e esta revista da AGAL dedicou-lhe um volume de homenagem, no núm. 39; o mesmo que as Irmandades da Fala da Galiza e Portugal em 1995.

No ano 2000, dentro das atividades oficiais comemorativas do Centenário da Morte de Eça de Queirós, o Governo de Portugal patrocinou o prémio internacional de investigação "Professor Ernesto Guerra Da Cal".

No 2001, a AGAL editou o seu *Caracol ao Pôr-do-Sol*, poemário póstumo que em parte antologiza produção sua anterior, com um prólogo do Professor Carlos Reis¹⁰⁶.

Guerra Da Cal é o cientista galego de todos os tempos com maior reconhecimento no mundo, e o poeta galego do século XX de maior relevo no exterior: o primeiro

¹⁰⁴ Com M. Rodrigues Lapa participou, "como galego", em reuniões a respeito do Acordo Ortográfico de 1945, como também no Congresso Internacional de Estudos Portugueses e Brasileiros, na Baía, em agosto de 1959, e no I Simpósio Lusobrasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea na Universidade de Coimbra em 1967. Em carta de 15 de abril de 1983, escreve Lapa a A. Gil Hernández: "Foi devido à minha incapacidade física que deleguei no amigo Guerra Da Cal a liderança do movimento reintegracionista aqui em Portugal. Fica muito bem entregue a um homem que é poeta e foi capitão antifranquista na Guerra Civil/ O artigo que hoje lhe mando sobre a "Reintegração linguística galego-portuguesa" pode ser considerado como o meu testamento. Já não tenho mais nada a dizer sobre o problema do galego. Cabe agora à Juventude galega levá-lo até às últimas consequências, o que ela fará sem dúvida, pois não tem outra opção".

¹⁰⁵ Depósito legal do 1992; nova ed., revista e anotada pelo autor, num só volume, com apresentação de M^a do Carmo Henriques Salido, introdução de C. Durão, esboço biográfico de E. A. Da Cal, e capa de José M. Aldeia e Ragner Caldas, com reproduções fotostáticas, glossário de galaicísmos e abundante bibliografia; contém, em apêndice, as partituras de várias peças musicais, compostas sobre poemas seus (José M^a Evangelista, Vicente Asencio e Matilde Salvador, com as correspondentes partituras, para canto e piano), e estreadas no VII Festival da Canção Galega, no Salão Nobre do Paço da Deputação de Ponte Vedra, no 12 de julho de 1966; e uma Tábula Gratulatória com que os seus amigos o presenteavam.

¹⁰⁶ O depósito legal é do 2001, mas na primeira pág. diz: Lisboa 1991; contém também uma Tábula Gratulatória.

poeta galego moderno que tratou temas universais, no espaço e no tempo, desde “dentro” e desde “fora”¹⁰⁷; afinal uma das principais figuras da história da Galiza.

Em 1989, por motivos de saúde familiar, transferiu a sua residência para Londres (flat 32 Gordon Mansions), onde o autor destas linhas teve a sorte de se relacionar com ele com assiduidade aproximadamente semanal.

Dali partiu de novo para Nova Iorque no 1992, voltando em 1993 a Lisboa, onde morreu no 26 de julho de 1994, sem nunca retornar à sua pátria.

Desde a Galiza foram ter com ele algumas visitas de galeguistas, como Ramón Piñeiro, F. Fernández del Riego, R. Carvalho Calero, X. L. Franco Grande, para cumprimentá-lo na fronteira portuguesa, ao se recusar ele a pisar a Terra enquanto perdurasse a ditadura de Franco; em Lisboa e no Estoril visitavam-no membros da AGAL, das IF, e da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no *Acordo da Ortografia Unificada*; contudo, no final dos anos 60 Guerra Da Cal deslocou-se até Vigo para visitar a sua mãe.

Pouco antes do seu passamento, estava preparando uma biografia do navegador galego João da Nova (ou João Galego) que, como Capitão-Mor da 3ª Armada da Índia, descobriu as ilhas de Santa Helena e da Conceição, além de realizar outras façanhas. E também tinha preparado outro livro sobre os *Seis poemas galegos* de Lorca (*vide* seção a seguir).

A SUA AMIZADE E COLABORAÇÃO COM F. GARCÍA LORCA

Nos anos em que Guerra Da Cal residiu em Londres, por sorte para mim, pude reatar a relação epistolar com ele, que agora se tornou franca amizade, e troca mútua de opiniões e dados em gostosas conversas, bastante frequentes, no seu lar. Entre os inúmeros temas tratados, talvez interesse aqui o da sua relação com o poeta espanhol Federico García Lorca¹⁰⁸, que foi e é objeto de especulação, por vezes mal-intencionada, para alguns intelectuais da Galiza, incluídos académicos da RAG.

É bem conhecida a estreita amizade que uniu o galego Guerra Da Cal ao andaluz García Lorca, desde a sua convivência na madrilenha Residencia de Estudiantes, da que foi fruto a sua colaboração nos famosos *Seis poemas galegos* lorquianos, também revistos posteriormente por Eduardo Blanco Amor, amigo deles¹⁰⁹.

Guerra Da Cal tem afirmado publicamente que ele se limitou a fazer de dicionário vivente na génese destes poemas (traduzindo livremente ao galego os versos castelhanos de Lorca, para este eleger as opções que lhe parecessem mais evocadoras); mas em comunicações privadas assegurou ter-se manifestado com maior precisão sobre

¹⁰⁷ Tal era a opinião de Eugénio Montes, autor da conhecida “Estética da moinheira”.

¹⁰⁸ Guerra Da Cal conservou com veneração desenhos e outros originais de Lorca a ele dedicados (Federico chamava-lhe “Ernesto del Sil”) e fotos de ambos naquele Madri efervescente da pré-guerra civil. Parte deste material foi reproduzido em publicações das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal (Revista *Nós, Cadernos do Povo* e outras); na revista espanhola *Punto y Coma*; no livro *Rosalía de Castro, Antología poética, Cancionero rosaliano*; no poemário docaliano *Coisas e loisas (Papeles del Alabrán, IV, Málaga, 1992)*; etc.

¹⁰⁹ *Seis poemas galegos*, de Federico García Lorca, Editorial *Nós*, Vol. LXXIII, Santiago, 1935 (prólogo de Eduardo Blanco Amor; há inúmeras edições posteriores). Antes fora publicado o seu *Madrigal á cibdá de Santiago* (depois incorporado aos *Seis poemas galegos*), 11 de dezembro de 1932, no jornal *El Sol*, de Madrid (reproduzido na revista *Yunque*, nº 6, Lugo, 1932, e na *Resol*, nº 6, Santiago, dezembro de 1932); *vid.* “Cronología gallega de Federico García Lorca y datos sincrónicos”, José Luis Franco Grande e José Landeira Yrago, revista *Grial*, nº 45, julho-agosto-setembro, 1974. Não é preciso dizer que os *Seis poemas galegos* lorquianos tornaram-se famosos pela sua autoria, e mais nos anos do após-guerra, particularmente precários e dramáticos para a literatura e a nacionalidade da submetida Galiza.

este tema, numa espécie de depoimento literário que só depois da sua morte devia vir à luz.

À espera desse testemunho, eis o que até hoje nos é possível conhecer. Segundo Carlos Martínez-Barbeito,

[...] Será preciso pensar que sus poemas sufrieron una reelaboración, más importante de lo que pudiera creerse, tal vez una verdadera traducción — por cierto muy afortunada — por mano del prologuista, Eduardo Blanco Amor, o de Ernesto Pérez Güerra, cuya intervención me confesó, siendo él y yo estudiantes de Filosofía y Letras en la Universidad Central, el mismo año de la publicación¹¹⁰.

Mas Blanco Amor diz:

Os Seis Poemas Galegos tiveron un primeiro reaxuste entre Federico e Ernesto Guerra Dacal, o máis íntimo amigo de Lorca [...]. El foi quen tivo o primeiro contacto co manuscrito dos Seis Poemas Galegos [...]. A miña intervención é puramente ortográfica, nalgúns casos métrica [...]¹¹¹.

E também: "Mi complicidad se reduce a un leve paso por las ajetreadas cuartillas, con probidad pendolista y ortográfica"¹¹².

Posteriormente Guerra Da Cal disse que os *Seis Poemas Galegos* "foram o resultado duma colaboração linguístico-literária entre Lorca [...] e quem isto escreve [...]". Quatro desses originais, completos, e as duas primeiras estrofes de outro, são do meu punho e letra [...]¹¹³.

E de Eduardo Blanco Amor diz "repetidamente ter-se atribuído uma participação implícita que nunca neles teve. Teve, isso sim, uma intervenção, 'a posteriori', deturpadora dos textos originais"¹¹⁴.

Por exemplo, a mudança do título autógrafo galego de Guerra Da Cal "Vella Cantiga" para o castrapo "Canción de cuna pra Rosalía de Castro, morta".

[...] não é este o único poema maltratado pela leviana ingerência de Blanco Amor [...] Tem-se repetidamente falado dos meus "silêncios" em relação à parte que me coube na origem e criação dos Seis poemas galegos [...] A recente descoberta dos meus autógrafos no espólio [de E.B.A.] — depositado no Arquivo e Biblioteca da Deputação Provincial de Ourense — e a sua publicação em fac-símile por José Landeira Yrago¹¹⁵ fazem com que a natural reserva por mim até hoje guardada neste assunto já não se justifique. É óbvio que o esclarecimento circunstanciado e pormenorizado, agora imperativo, da minha parte nos Seis poemas galegos, não teria cabimento nesta nota. Essa é coisa que fica para ser feita, como é devido, num futuro próximo¹¹⁶.

Esse “futuro próximo” ficou “imemorial”, por citar o título dum poemário seu.

¹¹⁰ "García Lorca, poeta gallego. Un viaje a Galicia del cantor de Andalucía", no semanário *El Español*, Madrid, 24 de março de 1945 (reproduzido em *Grial*, nº 43, janeiro-fevereiro-março, 1974).

¹¹¹ Vid. Carlos Casares, "Leria con EBA", *Grial*, no. 41, julho-agosto-setembro, 1973.

¹¹² Do prólogo de *Seis poemas galegos*, op. cit.

¹¹³ Vid. a nota sobre "Vella cantiga" em *Rosalía de Castro, Antología poética, Cancioneiro rosaliano*, E. Guerra Da Cal, Guimarães Editores, Lisboa, Coleção Poesia e Verdade, 1985. (Repare-se, por exemplo, na grafia "nubens" nesse poema, que foi corrigida noutras edições para "nubes", caso repetido com as "nubens" do poema "Danza da lúa en Santiago"; também a palavra "adolescente" foi mudada para "adoescente" no poema "Noiturno do adolescente morto"; podem ver-se as grafias originais nos autógrafos de Guerra Da Cal, vid. n. 20).

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ No jornal *La Voz de Galicia*, Corunha, 6 de junho de 1985, e em *Grial*, nº 88, 1985. Com os "silêncios" alude Guerra Da Cal ao académico da RAG Xesús Alonso Montero, quem muitas vezes se tem perguntado em público por que Ernesto não falava mais pormenorizadamente do tema.

¹¹⁶ Vid. n. 18, e também *Punto y Coma*, inverno, 1988-89, Madrid ("Federico García Lorca en el recuerdo"), com documentação gráfica de fotos e desenhos dedicados por Federico ao seu amigo Ernesto.

Mas ainda não é este o remate da história dos famosos poemas galegos de Lorca: pouco tempo depois de mudar a sua residência, mais uma vez, para Nova Iorque, escrevia-me dali:

[...] e sobre a nova especulação, com esse motivo, em relação à verdadeira autoria do [sic] POEMAS GALEGOS, de Lorca, repito-te o que já me ouviste dizer mais de uma vez em Londres. Isto é, que se eu relatasse com veracidade como nasceu a ideia dessas composições e como elas foram elaboradas, seria inevitável -e mais sendo eu poeta, como sou pelos meus pecados- que houvesse pessoas que pensassem que eu estava a fazer pavoneio com plumas alheias, de alta ornitologia. Eu tenho um livro completo, até com capa pronta, ilustrado com abundantes fotografias inéditas de grande interesse histórico, que se publicará quando eu deixar o mundo dos vivos. Entretanto, deixa os especuladores especular! [...]”¹¹⁷.

Seja como for, o certo é que houve nesses poemas uma bela colaboração entre dous poetas, de dous povos da Hispania (o que é a melhor prova de que podemos caminhar juntos se (nos) queremos).

Quanto à verdadeira autoria dos poemas lorquianos, era cousa que Guerra Da Cal não revelou diretamente; mas ele era homem que tinha a delicadeza e a elegância de sugerir, ensinar, influir dum segundo plano, e deixar que “plumas de alta ornitologia” (como ele dizia) assinassem os poemas. Que eu saiba, não se publicou o livro a que ele se referia. Temos que supor que a sua viúva terá disposto ao respeito¹¹⁸.

A minha impressão — mas nunca lho perguntei diretamente, só pelo "discurso" — é que o nosso Ernesto foi "coautor", e em todo o caso iniciador, impulsor, mas deixou que a pluma do seu amigo assinasse e, a meu ver, fez bem.

Sirvam como epitáfio da vida de Ernesto Guerra Da Cal as suas próprias palavras:

Ainda hoje a Galiza chora
Estremecida
o martírio
daquele bravo entre os bravos
paladino
do nosso Reino de outrora
ancestral
e genuíno
E sente a pungente dor
da sempre aberta ferida
da Liberdade perdida
duma Nação soberana
sem estrangeiro senhor
de que ele foi defensor¹¹⁹.

¹¹⁷ Carta de 1 de junho de 1993. Parte do Capítulo I do livro mencionado foi publicada como “Federico, na lembrança”, na revista *Nós*, núms. 4-6, Braga-Ponte Vedra, 1986-87, *vid. n.*, pág. 55.

¹¹⁸ O meu derradeiro contato com ela (com quem naturalmente falava em Londres quando eu ia visitar o Ernesto) foi quando se depositaram as cinzas de Ernesto no Jardim das Cinzas do Cemitério Alto de S. João, de Lisboa.

¹¹⁹ De “Preito mítico a Dom Pedro Pardo de Cela” em “Futuro imemorial (manual de velhice para principiantes)”, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985). *Vid.* também Elsie Allen Da Cal, “Esboço biográfico de Guerra Da Cal, extractado do seu *Curriculum vitae*”, in *Lua de Além-Mar/Rio de Sonho e Tempo*, AGAL, Corunha, 1991; e Joel R. Gómez, *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra Da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada, Eds. do Castro, 2002.

Ernesto Guerra da Cal

«Civro and do
live. - Acredita em Deus para
que Ele possa acreditar em ti. - Brin-
ca com as coisas sérias e viceversa. -
Conhece o talento dos mediocres - eles têm
todos os poderes. - Muda pelo menos uma vez
na vida de mobília e de família. - Cultiva o
teu espírito e a tua couve galega.
Make love to your wife as if she were
somebody else's. Vigia a tua má dis-
posição e a tua ten-
são arterial. - Notear
des de Santa Bárbara

DEUS

TEMPO

MORTE

AMOR

são cuando truenar
Faz uma plástica à
alma uma vez por
mês. - Get the best mi-
leage from your car
and from your
sex. - Não es-
banjes

o amor - é
precioso e es-
casseia. - Get rid
of yourself ar-
ry once in a
while - etc.

e
**outras
bagate-
las**

ADDENDUM III

Joel Gomes:

Produção bibliográfica
de e sobre Ernesto Guerra Da Cal

Crítérios.

A produção de Ernesto Guerra Da Cal é apresentada na continuação atendida aos seus trabalhos científicos, literários e jornalísticos, para além de epistolários. Distribuem-se segundo as diferentes assinaturas que empregou, e tendo em conta os de autoria só dele ou de colaboração com outras pessoas. Também se diferencia entre a publicação em vida ou póstuma; os textos que editou, traduziu ou adaptou de outras produtoras e produtores. No final indica-se o seu epistolário publicado. Para o epistolário inédito, ver o assinalado nas epígrafes finais deste trabalho, II.2.6 (Gómez, 2009, p. 965 e passim) e II.2.7 (Gómez, 2015, 380-382). Também se referenciam trabalhos inéditos.

A respeito da bibliografia sobre Ernesto Da Cal, por causa da magnitude atingida, comentam-se os principais repositórios e estudos publicados sobre ele. Valorizam-se quatro editados em vida dele, três da sua própria autoria, e um volume de homenagem organizado pelas Irmandades da Fala de Galiza e Portugal; e sete mais póstumos: o volume de homenagem da revista *Agália*, da Associação Galega da Língua (AGAL), publicado pouco depois da sua morte; *Atas* de um congresso organizado pelas Irmandades da Fala de Galiza e Portugal; volumes promovidos pela Universidade de Coimbra e pela Câmara Municipal do Ferrol; e, finalmente, três estudos de Joel R. Gómez: de 2002, sobre os estudos queiroianos de Ernesto Da Cal; de 2009 (Tese de Doutoramento sobre Ernesto Da Cal, editada pela Universidade de Santiago de Compostela, indicando aqui os materiais incluídos na mesma como “Apêndice”, pela dificuldade para conseguir muitos deles, alguns mesmo inéditos); e de 2015, a respeito da biografia e trajetória de Ernesto Da Cal.

I.-PRODUÇÃO DE ERNESTO GUERRA DA CAL

I.1.- PRODUÇÃO CIENTÍFICA (ESTUDOS, ARTIGOS, RECENSÕES, TRADUÇÕES, EDIÇÕES, E OUTROS CONTRIBUTOS RESULTADO DE TRABALHO DE PESQUISA OU RELACIONADO COM ELE)

I.1.1.-DA CAL, ERNESTO GUERRA

(V-1942), “Williams, Edwin B., *An Introductory Portuguese Grammar*”, *The Modern Language Journal*, vol. XXVI, nº 5, p. 395.

(1944), “*Eça de Queiroz e o século XX*, de Clodomir Vianna Moog”, *Revista Hispánica Moderna*.

(I/IV-1945), “*Presença de García Lorca*. Florilégio”, “*Brazilian Portuguese from Thought to Word*”, “*A Graded Work Book of Brazilian Portuguese*” e “*Catalan Grammar*”, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XI, pp. 62 e 106-107.

(II-1946), “*Ensaio de Crítica*. Por Guilherme Moniz Barreto”, *The Romanic Review*, Vol. XXXVII, pp. 96-97.

(1946), “*Galician Literature*”, in *Encyclopedia of Literature*, J. Shipley (ed), Nova Iorque, Philosophical Library, Vol. I, pp. 324-327.

(1947), “*Camilo Castelo Branco*”, “*Eugénio de Castro*”, “*Abel Botelho*”, “*João de Deus*”, “*Abílio Guerra Junqueiro*”, “*Fialho de Almeida*”, “*Magalhães Lima*”, “*Wenceslau de Moraes*”, “*António Nobre*”, “*Oliveira Martins*”, “*Camilo Pessanha*”, “*Fernando Pessoa*”, “*Portuguese Literature*”, “*Eça de Queiroz*”, “*Antero de Quental*”, “*Ramalho Ortigão*”, “*Teixeira de Queiroz*”, “*Trindade Coelho*”, in *Columbia Dictionary of Modern European Literature*, Horatio Smith (ed), Nova Iorque, Columbia University Press.

(IX/X-1948), “*Don Segundo Sombra*, Teoría y Símbolo del Gaucho”, *Cuadernos Americanos*, Vol. VII, 5, pp. 248-259.

(1950-1951), “*J.M. de Alencar*”, “*Casimiro de Abreu*”, “*Aluizio de Azevedo*”, “*A. de Castro Alves*”, “*Euclides da Cunha*”, “*Gonçalves Dias*”, “*Machado de Assis*”, in *Colliers Encyclopedia*, Nova Iorque, P.F. Collier&Son. Corp.

(X-1954), “*Siete ensayos sobre Rosalía*”, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XX, nº 4, pp. 328-329.

(1954), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*, Coimbra, Por Orde da Universidade, 393 páginas.

(I-1955), “*Bibliografía de la nueva Estilística*”, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXI, nº 1, pp.44-46.

(IV-1955), “*La iniciación literaria de D. Ramón*”, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXI, nº 2, pp. 143-146.

(1956-1960), “*Acácio*”, “*Alencar*”, “*Amado Carballo*”, “*Manuel Antonio*”, “*Francisco Añón*”, “*Bibliografía Geral da Literatura Galega*”, “*Bilinguismo Galego*”, “*Bilinguismo Castelhana*”, “*Fermin Bouza Brey*”, “*Ramón Cabanillas*”, “*Caracteres da Literatura Galega*”, “*Alfonso R. Castelao*”, “*Cidade (A) e as Serras*”, “*Escritores Contemporâneos na Galiza*”, “*Crime (O) do Padre Amaro*”, “*Ega, João da*”, “*Frad-*

que Mendes”, “Gonçalo Mendes Ramires”, “Aquilino Iglesia Alvariño”, “*Ilustre (A) Casa de Ramires*”, “Jacinto”, “Jose Matias”, “Juliana”, “V. Lamas Carvajal”, “Lorenzo Varela”, “Luísa”, “*Maias (Os)*”, “*Mandarim (O)*”, “Manuel Murguía”, “Noriega Varela”, “Otero Pedrayo”, “Eduardo Pondal”, “*Primo (O) Basilio*”, “*Relíquia, A*”, “Eça de Queiroz”, “Realismo”, “O Renascimento Galego”, “Geração de 70”, “Questão Coimbrã”, “A Saudade na Literatura Galega”, “O Teatro na Galiza”, e “Vencidos (Os) da Vida”, in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Jacinto do Prado Coelho (dir.), Porto, Figueirinhas. (Ed. Brasileira: Rio de Janeiro, M. Aguiar, 1961).

(I-1957), “*Poet in New York*”, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XXIII, nº 1, pp. 50-51.

(1957), “King Alfonso X, the Wise”, in *Las Cantigas del Rey Alfonso el Sabio*, Nova Iorque, Experiences Anonymes (“Music of the Middle Ages”), pp. 1-2.

(I/III-1958), “Galicia al trasluz”, *Revista Hispánica Moderna*, pp. 54-55.

(1958), “Glosas superficiais ao tema do mar da nosa lírica primitiva”, in *Homem a Otero Pedrayo*, Vigo, Galaxia, pp.145-172. (Com versão para espanhol por Margarita Ucelay, “Glosas superficiales al tema del mar en la lírica medieval galaico-portuguesa”, *La Torre*, 1960, VII/XII, pp. 67-106).

(VIII-1959), “Saudação no Palácio da Aclamação”, “Eça, Baudelaire e *Le Parnasse Contemporain*” e relatórios sobre “Eça de Queirós e Machado de Assis” de João Gaspar Simões, “‘O poeta é um fingidor’ (sobre Fernando Pessoa)” de Jorge de Sena; “Variantes de *O Crime do Padre Amaro*”, de Helena Cidade Moura; e “‘Ainda’ *A Ilustre Casa de Ramires*”, de António Antero Coimbra Martins, Bahia, Universidade Federal da Bahia, Arquivos do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (textos inéditos, exceto o indicado na continuação, in VII/IX-1961, traduzido para francês).

(V-1960), “Depoimento”, in “Guerra da Cal, Casais Monteiro, Jorge Amado e a Universidade do Ceará”, *Clã*, pp. 102-104.

(1960a), “Os navegadores portugueses na descoberta e exploração dos Estados Unidos” in *Comemorações Henriquinas em Nova York*, Nova Iorque, *A Luta*, pp. 10-22; (reproduzido como separata, 13 páginas). Reed.: Lisboa, *Revista dos Estados Unidos de América*, Embaixada Americana 1961, vol. V, nº 1, março, pp. 13-16; e como separata de 23 páginas, também pela própria Embaixada em junho 1961.

(1960b), “Manuel Bandeira-Cecília Meireles-Fernando Pessoa”, in *The Poem Itself: 45 Modern Poets in a New Presentation*, Stanley Burnshaw (ed), New York, Rinehart and Winston, pp. 191-197 e 222-226 (ed. europeia em 1964: *The Poem Itself: 150 European Poems translated and analyzed*, Middlesex, Pelican, pp. 194-201 e 228-231).

(VII/IX-1961), “Eça de Queiroz, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*”, *Revue de Litterature Comparée*, pp.401-420.

(1963a) “*Cantigas de Santa Maria*” of King Afonso X. English version from medieval Galician by Professor Ernesto Guerra da Cal, New York. N.Y., Pro-Musica Antiqua, Decca.

(1963c), “Almeida Garret”, “Luís de Camões”, “Camilo Castelo-Branco”, “Eugénio de Castro”, “Inês de Castro”, “Júlio Diniz”, “J. M. Eça de Queiroz”, “António Ferreira”, “Alexandre Herculano”, “*The Lusíads*”, “Abílio Guerra Junqueiro”, “Francisco de Moraes”, “António Nobre” e “Garcia de Resende”, Nova Iorque, *Grolier Inter-*

national Encyclopedia, Grolier.

(VI-1964), “O Renascimento Galego Contemporâneo”, *Luso-Brazilian Review*, Vol I., nº I, pp. 5-18.

(1964), “Apresentazón”, in Morris, Anne Marie, *Voz Fuxitiva*, Vigo, Salnés, pp. 7-14.

(1964), (direção editorial), *The New Appleton-Cuyas Dictionary English-Spanish & Spanish-English*, Doubleday & Company, Inc., Garden City, New York, 575 páginas.

(11-VI-1965), “A ‘Autopsicografia’ de Fernando Pessoa comentada pelo Professor Dr. Ernesto Guerra da Cal”, Lisboa, *Diário de Lisboa*, Página Literária (tradução do comentário de Da Cal a partir da edição europeia de *The Poem Itself*).

(1966a), “Foreword”, in Longland, Jean R., *Selections from Contemporary Portuguese Poetry. A Bilingual Selection*, New York, Harvey House, Inc, pp. 9-12.

(1966b), *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*, Lisboa, Aster (trad. de Helena Cidade Moura), 375 páginas.

(1967a), “J.M. Eça de Queiroz”, Nova Iorque, *European Authors*, pp. 250-252.

(1967b), “J.M.Eça de Queiroz”, Washington, *The New Catholic Encyclopedia*, vol. XII, pp. 17-18.

(1968), “Observaciones sobre ‘Mi hermana Antonia’”, in Zahareas, Anthony (General Editorship), Ramón del Valle-Inclán. An Appraisal of his Life and Works, Nova Iorque, Las Américas Publishing Co., pp. 276-277.

(1969a), *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro e Editora da Universidade de São Paulo (Trad. de Estella Glatt), 249 páginas.

(1969b), “Federico García Lorca”, *The Encyclopedia Americana*, Nova Iorque, 9ª edição, Vol. XII, pp. 680-681.

(18/25-X-1970), “O Impacto da Cultura Brasileira nos EUA”, Porto Alegre, *Correio do Povo*, pp. 33 e 79. (Reprod. em 29-X-1970 in Recife, *Jornal do Commercio*, Caderno IV, pp. 2-3).

(1970a), *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*, Lourenço Marques Sociedade de Estudos de Moçambique. (reed. em separata, com prefácio de Joaquim Montezuma de Carvalho, Lourenço Marques, 1972), 36 páginas.

(1970b), “J.M.Eça de Queiroz”, Nova Iorque, *Encyclopedia Americana*.

(1970-1971), “Acácio”, “Basílio”, “*As Farpas, Uma campanha alegre*”, in *Grande Dicionário de Literatura e Teoria Literária*, J. José Cochofel (coord.), Lisboa, Iniciativas Editoriais.

(1971), *A Relíquia, romance picaresco e cervantesco*, Lisboa, Grémio Literário, 47 páginas.

(1973), *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projecção no Romance Ibérico*, Rio de Janeiro, Universidade Federal de Rio de Janeiro, 95 páginas.

(VII-1974), “Da ambiguidade psicológica em *Lusco-Fusco*”, *Colóquio Letras*, pp. 47-53.

(1975), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografia Queirociana. Tomo I. Bibliografia Activa*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 662 páginas.

(VII/IX-1975), “As cantigas de Pero Meogo”, *Grial*, nº 49, pp. 378-383.

(1976), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografia Queirociana. Vol. II A e II B. Bibliografia Pasiva*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1.207 pá-

ginas.

(1977), “Realismo”, in *Língua Portuguesa*. Lições 21 e 22, Ano Propedêutico 1977-78, Lisboa, Secretaria do Estado do Ensino Superior, pp- 290-294.

(1980), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografia Queirociana. Tomo III. Bibliografia Pasiva*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 618 páginas.

(1981a), “Novo assédio crítico a ‘Fuenteovejuna’. A Cruz de Calatrava como leit-motivo cénico e estrutural”, (Coimbra), *Revista da Universidade*, pp. 301-341.

(1981b), *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*. Coimbra, Almedina (3º versão portuguesa definitiva de Elsie Allen da Cal), 404 páginas.

(1981c), “A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: ‘A Missa do Galo’”, in *In Memoriam. Ruben Andressen Leitão*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 138-154.

(1984a), *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Tomo IV. Addenda et Corrigenda*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 579 páginas.

(1984b), *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Tomo V. Índices de consulta*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 245 páginas.

(25-IV-1985), “Guerra da Cal lembra ao poeta Serafim Ferro. Evocação e Testemunho: Quem foi Serafim Ferro”, *A Nosa Terra*, pp. 1 e 20.

(1985), “Antelóquio indispensável”, in *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, Lisboa, Sá da Costa, pp. (rep. in 1986, *Temas de O Ensino*, nº 6/10, pp. 13-21.)

(1985, ed.), Rosália de Castro. *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*. Lisboa, Guimarães Editores, 367 páginas.

(18/24-VIII-1986), “Federico Garcia Lorca. Rememoração”, (Lisboa), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, pp. 1-3. (Reimp. in *A Nosa Terra*, 23-X-1986, pp. 18-19; *Nós*, III-1987, nº 4-6, pp. 55-67).

(15-21-XII-1986), ““Um trabalho indispensável”, (Lisboa), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, p.5.

(1986), “Anxel Fole. Homenagem”, in *Os Escritores Lucenses Arredor de Fole*, Lugo, Concello de Lugo, pp. 105-106.

(13-X-1988), “Isolina, Poeta Popular”, *Jornal da Costa do Sol* (reprod. in Santos, Isolina Alves, 1988, *Semei Rosas ao Vento, Al-Qabdaq-Boletim Cultural da Junta de Freguesia de Alcabideche*, nº 2, pp. 7-10).

(8-XII-1988), “Eça não queria ser enterrado em Lisboa”, *Europeu*, p.8

(1988), “Mensagem”, Paris, Foundation Calouste Gulbenkian, pp. 11-21 (reprod. em separata)

(1989), “Textos e documentos: A Galiza nos escritores portugueses. I. Fialho de Almeida”, *Nós*, nº 13-18, pp.169-182.

(1990), “Apontamentos sobre as traduções dos principais romances de Eça de Queiroz”, *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 65-74. (nova versão de “Mensagem”, publicado em Paris em 1988)

(IV-1991), “Castelao”, in *Cadernos do Povo*, nº 15-18, p. 96 (reprod. in *Agália*, nº 27, Outono-1991, pp. 399-400).

(1992), “‘Testamento de Mecenas’ (História do manuscrito de uma crónica póstuma de Eça de Queiroz)”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVII, pp. 369-387.

I.1.2.-EDITADA PÓSTUMA

(Verao-1994), “Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos”, *Agália*, nº 38, pp. 189-192.

(1994), “Decálogo Lírico”, in Álvarez Cáccamo, Xosé M., *50 Anos de Poesia Galega. Antoloxía. A Xeración do 36*, A Corunha, Penta, pp. 72-96.

(2009), “Autobiografía” (de 1974); e materiais para o livro inédito sobre os *Seis Poemas Galegos* de Federico García Lorca (de 1987), in Gómez, Joel R., *A trajetória de Ernesto Guerra da Cal nos Campos Científico e Literário*, Santiago de Compostela, USC, Vol. II.

I.1.3.-DE COLABORAÇÃO

Livy, Bernard/ Da Cal, Ernesto Guerra, *et alii*

(1959), *A Grammar of Everyday Spanish*, Nova Iorque, The Dryden Press, 310 páginas.

Da Cal, Ernesto Guerra/ Da Cal, Margarita Ucelay

(1955), *Literatura del siglo XX*, Nova Iorque, The Dryden Press, 468 páginas. (2ª edição revista e aumentada em 1968, Nova Iorque, Holt, Rinehart & Winston, 456 páginas).

Da Cal, Ernesto Guerra, *et alii*

(24-IV-1986), “Adesão da Comissão da Galiza”, documento da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, reproduzido in *O Ensino*, 1986, nº 14-17, pp.278-279; *Temas de O Ensino*, II-1988, nº 11-13, pp. 128-129.

(29-I-1988), “À Comissão da C. E. E. Relatório sobre a língua da Galiza, uma língua maioritária minorizada em território espanhol”, in *Temas de O Ensino*, II-1988, nº 11-13, pp. 151-155.

(30-I-1989), “Parecer da ‘Comissão para Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada’ e da Fundação Europeia Viqueira-Instituto Internacional da Lusofonia sobre ‘As Bases da Ortografia Unificada’ de 1988. Da Academia das Ciências de Lisboa, com vistas ao reinício de uma negociação comum entre os países lusófonos, a Galiza inclusive”, reproduzido in *Nós*, 1989, nº 13-18, pp. 539-544 e 545 (esta última página, reprod. autógrafa de uma do original do documento); e *Temas de O Ensino*, 1990, nº 14-20, pp. 75-79.

(12-VII-1991), Escrito ao Tribunal Superior de Justiça da Galiza, assinado junto com António Gil Hernández e outros.

I.1.4.-TEXTOS EDITADOS DE OUTROS AUTORES

I.1.4.1.-DE EÇA DE QUEIROZ

(1954), “À Duse”, in *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, p.539.

(XII-1960), “Um milagre”, Lisboa, *Escola Portuguesa*, p. 12, com apresentação de Da Cal redigida por Helena Cidade Moura.

(3-III-1978), “Carta de Eça de Queirós a Manuel Macedo”, Lisboa, *O Jornal*. (Reproduzido em *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Junho 1978)

I.1.4.2.- DE FEDERICO GARCÍA LORCA

(1955, 1968), *Amor de Don Perlimplín con Belisa en su jardín*. In *Literatura del siglo XX* (com Margarita Ucelay Da Cal).

(1985), "Velha Cantiga" (edição de "Canción de cuna pra Rosalía Castro, morta", dos *Seis Poemas Galegos*), in Da Cal, Ernesto (ed. e org.), Rosalia de Castro, *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães, pp. 193-199.

I.1.4.3.- DE AFONSO X

Seleção das *Cantigas de Santa Maria* para um disco e uma actuação em Nova Iorque, traduzidas para inglês (ver I.1.1: 1957 e 1963b).

I.1.4.4.- DE ROSALIA DE CASTRO

Poemas incluídos na *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (1985, Guimarães Editora, ver supra I.1.1: 1985ed; e *infra*: I.1.5, I.1.6 e I.2.2 1985 ed).

I.1.5.-PRODUTOS TRADUZIDOS PUBLICADOS

-De Afonso X (ver I.1.1, 1957, 1963a): Seleção das *Cantigas de Santa Maria* para um disco e uma actuação em Nova Iorque, traduzidas para inglês.

De Manuel Bandeira, "Profundamente" e "Temas e Voltas", trad. para inglês, ver Da Cal 1960b, pp. 194-197.

De Cecília Meireles, "De longe te hei de amar" e "Motivo", versão para inglês, ver Da Cal 1960b, pp. 228-231.

De Fernando Pessoa, "Autopsicografia" e "Entre o sono e o sonho", ver Da Cal, 1960b, pp. 198-201.

-De Langston Hughes: (1963) Dois poemas traduzidos de inglês para galego, publicados na *Memória anual de Casa Galicia*, de Nova Iorque

-De María Victoria Atencia: (1987) Versão para galaico-português de "Saudade", Málaga, Imprenta Sur, ao cuidado de Rafael León, 4 páginas, ed. não venal. (Reprod. in *Cadernos do Povo*, nº 2/3/4, V/XII-1987, p. 107).

-De Rosalia de Castro: (1985) Poemas de *En las orillas del Sar*, traduzidos de castelhano para português, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora, pp. 100-116.

-Poemas de Joaquin Rubió i Ors, Teodor Llorente e Salvador Espriu, traduzidos de catalão para português, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora.

-Poemas de Juan Ramón Jiménez, José González Carbalho e Francisco Luís Bernardes, traduzidos de castelhano para português, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora.

-Poema de D. C. Warnest traduzido de inglês para português, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora.

I.1.6.-PRODUTOS ADAPTADOS PUBLICADOS

-De Rosalia de Castro: Poemas de *Cantares Gallegos, Follas Novas* e avulsos, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora, pp. 10-97 e 120-124.

-De Cecília Meireles, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora, pp. 211-213.

-De Miguel de Unamuno: “Galiza”, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora, pp. 163-165.

-Poemas de Eduardo Pondal, Lamas Carvajal, Curros Enríquez, Alfredo Brañas, Ramón Cabanillas, Francisco Rodríguez Marín, Luis Pimentel, F. Bouza Brey, Augusto Casas, F. Delgado Gurriarán, Emilio Pita, Aquilino Iglesia Alvariño, R. Carvalho Calero, Celso Emilio Ferreiro, Luz Pozo Garza, Manuel María, Xohana Torres, Salvador García Bodaño, X. L. Franco Grande, Arcadio López-Casanova, in *Antologia Poética, Cancioneiro Rosaliano*, Lisboa, Guimarães Editora.

I.2.- PRODUÇÃO LITERÁRIA

I.2.1.-PÉREZ GUERRA, ERNESTO

(15-XI-1937), “Mariñeiro fusilado”, Barcelona, Generalitat de Catalunya, *Nova Galiza*.

I.2.2.- DA CAL, ERNESTO GUERRA

(1946), “Procura”, “Barcarola” e “Sagrada Familia”, Nova Iorque, *Memoria Anual de Unidad Gallega (Casa Galicia)*. [Os dois primeiros poemas, reproduzidos na *Memória Anual* no ano 2000, p.67].

(1947) “Canto de Ribeira”, “Ladaíña a Rosalía de Castro”, Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa Galicia*.

(1948), “Traxedia para namorados sen corazón” e “A Volta”, Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa Galicia*.

(V-1955), “Adivinha”, *Lorca, Hojas de Poesía*, nº 2, p. 8.

(VII/IX-1955), “Dos tiempos del amor”, *Asomante*, nº 3, pp- 50-53.

(IV-1959), “Serán mística”, (Rio de Janeiro), *A Ordem*, Vol, LXI, nº 4, pp. 53-54.

(VII/VIII-1959), “Frol de Mágoa, minha Terra!”, *Ínsula*, Vol. XIII, nº 152-153, p. 25.

(VIII-1959), “Colóquio”, Savador-Bahia, *Programa do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, p.2 (reprod. 9-VIII-1959 in *Diário de Notícias*, Salvador, p.9).

(IX-1959), “Disparate miniado da morte do rei sábio”, (Rio de Janeiro), *Jornal de Letras*, pp. 1 e 7.

(1959), *Lua de Alén Mar*, Vigo, Galaxia, 133 páginas.

(XII-1959), “Chamada a Rosalía na Derradeira Noite da Galiza”, Nova Iorque, *Memoria Anual da Casa de Galicia*.

(1960), “Eternidade”, “Non sum dignus”, (Lisboa), *Cidade Nova*.

(1960), “Rosalía. Perfil de Sombra”, Lisboa, *Jogos Florais Galaico-Portugueses*. Paço dos Duques em Guimarães, pp. 15-16

(VI-1961), *Poemas, Papeles de Son Armadans*, pp. 267-290 (em galego, com versão para castelhano de Celso Emilio Ferreiro)

- (1962), “Cantiga a Luís de Camões”, *Gil Vicente*, Vol. XIII (2ª série), nº 5-6, pp.71-72.
- (X-1962), “Broadway, very late...” e “Carta a *Vieiros*”, México, *Vieiros*, nº 2, p. 34.
- (1963b), *Rio de Sonho e Tempo*, Vigo, Galaxia, 120 páginas.
- (1963d), “Dos tiempos del amor”, “Broadway, very late...”, “Sede”, “Elexía II”, in Alejandro Finisterre (org.), *Poesía de Galicia. Antología*, México, Menhir, pp. 197-198.
- (V/VI-1964), “Cantiga a Luís de Camões”, (São Paulo), *Revista Camoniana*, Ano I, nº 1, pp. 197-200.
- (VII/IX-1964), “Ela”, “Vida”, *Grial*, nº 5, pp. 386.
- (1964), *Três poetas em Auto-Leitura: Cassiano Nunes, Dora Vasconcelos, Ernesto Guerra da Cal*, Nova Iorque, Brazilian Institute-New York University, pp. 39-64.
- (VIII-1965), “Compañón”, “Enigma” (com versões de Manuel Bandeira e apresentação de Eduardo Portella), (Rio de Janeiro), *Jornal de Letras*, pp. 1 e 7.
- (XII-1965), “Canto Quinto Elementar”, Lisboa, *Colóquio*, nº 36, p.55. (poema reproduzido no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro em dezembro de 1966, p. 16; no jornal *Notícias* de Lourenço Marques em 23 de novembro de 1970, na página 4; e na revista *Atenea*, de Porto Rico, no Vol X, nº 1-2, p.284).
- (XII-1965), “Enigma”, Nova Iorque, *Memoria Anual*, Unidad Gallega (Casa de Galicia), p. 34.
- (VI-1966), “Seis Motivos do Eu”, Madrid-Palma de Mallorca, *Papeles de Son Armadans*, Tomo XLI, nº CXXIII, pp. 282-291. (Reed. em separata).
- (12-VII-1966), “Instante”, “Desespero”, “Cantiga antiga”, *VII Festival de la Canción Gallega. Jornada de Estrenos*, Pontevedra, Peón.
- (X/XII-1966), “Adivinha”, “Alva em maneira de Proença”, (Lisboa), *Perspectivas*, III. Nº 12, p. 273-274.
- (XII-1968), “Paraíso da memória”, (Lisboa), *Colóquio*, nº 51, p.65.
- (XII-1969), “Dois poemas de Guerra da Cal”, (Rio de Janeiro), *Jornal de Letras*, nº 234, p.14.
- (23-XI-1970), “Canto Quinto Elementar”, (Lourenço Marques, Moçambique), *Notícias*, p. 4
- (30-IX-1971), "Namoro primeiro", (Lisboa) *Diário de Notícias* ("Artes e Letras", p. 1).
- (1972), “Non sum dignus”, “Voltas”, “Compañón”, “Rosario”, “Sagrada Familia Marinheira”, “Pelerinaxe final”, in Francisco Carenas, *Poetas españoles en U.S.A.*, Madrid, Rialp (col. Adonais), pp. 39-51.
- (III/VI-1973), “Que paisaxen é esta?”, “Canto Quinto Elementar”, Porto Rico, *Atenea*, Año X, nº 1-2, pp.280-284.
- (V-1977), “Sonho vivo em paisagem morta”, *Colóquio Letras*, nº 37, pp. 69-73.
- (1978), “Cantiga antiga”, in Dobarro, Xosé María (ed.), *Mostra de Poetas Ferrolanos de Expresión Galega*, Ferrol, p. 8.
- (1980), “Morriña de Rio e Lua”, “Mnemosine”, “Paisaxen viaxeira”, “Auto-retrato”, in Fernández del Riego, Francisco (ed.), *Antoloxía de Poesía Galega. Do pós-Modernismo aos Novos*, Vigo, Galaxia, pp. 230-236.
- (28/X-5/XI-1981), “Conto de Fadas”, Vigo, *A Nosa Terra*, p. 20. (Reed.: XII-1981,

Cadernos de Literatura, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Instituto Nacional de Investigação Científica, pp. 67-72.

(19-XII-1981), “Canção dos primeiros 70 anos”, Lisboa, Luís dos Santos Ferro (ed.), Tipografia Bras Monteiro, 4 páginas.

(16/22-IV-1982), “Preito mítico ao Mariscal Dom Pedro Pardo de Cela, Herói e Mártir da Independência Galega, no 497º Aniversário da sua decapitação”, Vigo, *A Nosa Terra*, p. 20. (reimp. nesse mesmo ano no volume *Homenaxe a Carballo Calero. Cadernos do Medúlio*, Pontedeume, Sociedade Cultural Medulio, pp. 43-44; e na reedição deste volume de homenagem, em 2000, nas pp. 33-35. Incluído em *Futuro Imemorial*).

(V-1982), “Vital”, (Madrid), *Lóstrego. Irmandade Galega*. nº 2, p. 15.

(12/25-IV-1983), “Dois poemas inéditos de Guerra da Cal”, (Lisboa), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 36, p. 17.

(17-V-1983), “Ampulheta”, “Lamento”, (Madrid), *Lóstrego*, pp. 11-12.

(II-1984), “Ritual Pavane for a Murdered Poet” e “Pavana ritual para um Poeta Assassinado. Granada 1936”, in Warnest, D. C., *Homage to Federico García Lorca*, Friendlyville, Nova Iorque, The Crotchety Cricket Press, 8 páginas; (reproduzido in *Nós*, III-1987, nº 4-6, pp. 73-78; Alonso Montero (org), *Os Poetas de Galicia cantan a García Lorca*, 1998, Concello de Santiago, pp.160-166).

(VI-1984), “Vital” e “Pavana Ritual para um Poeta Assassinado”, *Cadernos de Literatura*, Universidade de Coimbra. Instituto Nacional de Investigação Científica, nº 47, pp. 5 e 6-8.

(XI-1984), “Venus hermética e nua”, (Cascais), *Identidade*. Revista de Arte, nº 2, pp. 2-3.

(1984c), “Fim”, in *O Livro do Amor. 69 Poemas do Século XX*, Vigo, E. Vicente, p. 24.

(1985), *Futuro imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 183 páginas.

(1985, ed.), “Rosalia (visão em dois tempos)”, in Rosalia de Castro. *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*. Lisboa, Guimaraes Editores, pp. 261-267 (ver I. 2.5., D. C. Warnest).

(8-VI-1985), “Meendinho, jogral galaico-português do Medieval”, *Faro de Vigo, Suplemento Cultural Artes y Letras*, nº 122, p. 192.

(VI-1985), “Mito”, “Longe”, Marim, *Carel*, Revista de Creación do Ateneu Santa Cecilia, nº 2, p. 27.

(VI-1985), “Rosalia, Visão em Dois Tempos”, (Cascais), *Identidade*, nº 4, pp. 8-9.

(Verao-1985), “Pátria”, *Agália*, nº 2, pp. 213-215 (rep. in *Escrita*, revista da Associação de Escritores en Língua Galega, nº 6, pp. 20-21)

(10-VII-1985), “Conselho de Amigo”, *O Primeiro de Janeiro*, p. 9. (Rep. 1985, *Tempo*, Lisboa, nº 334, p.7; e in *Cá e Lá*. A Bilingual Magazine, 1986, Leeds University, p. 16).

(VII-1985), “Trágica rosa céltica”, *Colóquio-Letras*, pp.53-54.

(2-VIII-1985), “Fé”, (Lisboa), *Tempo*, p. 7.

(27-IX-1985), “Rosalia. Chamada a ela no Apocalipse da Galiza”, (Lisboa), *Tempo*, p. 15.

(10-X-1985), “Posição vital”, *Faro de Vigo*, p. 4.

- (5-VI-1986), “Um poema inédito de Guerra da Cal. ‘Escapadela’”, *A Nosa Terra*, p.18.
- (VII-1986), “Posicionamento”, “Silêncio”, *Colóquio-Letras*, nº 92, pp. 49-51.
- (V/VIII-1986), “Poemas do tempo absoluto e relativo, dedicados a um famoso funámbulo defunto, Henri Bergson” e “Retorno a Tenochtitlan”, *Nós*, Revista Galaico-Portuguesa de Cultura, nº 2/3, pp. 93-96.
- (29-IX/5-X-1986), “Divagação” e “Ambiguidade”, (Lisboa), *Jornal de Letras*, p.8.
- (IX/X-1986), “Ambiguedade” e “Praia Velha”, (Ourense), *Follas Secas*, nº 10, pp. 26-27.
- (V/XII-1987), “Toque de Rebate”, *Cadernos do Povo*, nº 2/3/4, pp. 101-103.
- (1987), “Trágica Rosa Celtica”, *O Ensino*, nº 18-22, pp. 343-344.
- (XII-1987), “Um poema de Guerra da Cal: ‘Ars Poética’”, *Nó*, nº 2, p. 55.
- (31-XII-1987), “Niké”, in Atencia, Maria Victoria, *Os gestos usuais*, Selec. e trad. de José Bento, Lisboa, Assírio e Alvim, pp. 9-10.
- (1987), *Deus, Tempo, Morte, Amor e outras bagatelas*, Lisboa, Livros Horizonte, 94 páginas.
- (28-IV-1988), “Encontro marcado”, *Diário dos Açores*, “Letras”, p. 3.
- (9-VI-1988), “Tetrágramaton”, *Correio do Minho*, Sup. “Literatura e Arte”, p. 6. (reproduzido in *Nós*, XII-1988, nº 7-12, pp. 266-268; e em [Badajoz], *Espacio Escrito = Espaço Escrito*, 1989, pp. 57-59.
- (XII-1988), *6 poemas a Rosalia de Castro*, *Nós*, nº 7-12, pp. 232-247 (reprod. em separata, Pontevedra-Braga, 1988, Fundação Europeia Viqueira-Instituto de Estudos Lusogalaicos, 20 páginas).
- (1990), “Evadão”, “Estória simples e patética acontecida a Leste do Paraíso”, “Amor desabitado” e “Nota do Tradutor”, *Cadernos do Povo* 5-14, pp. 163-166 e 194-195.
- (1990a), “Meendinho”, “Miragem” e “Fado chorado sobre um amor pasado”; “Quatro poetas galegos”, *Temas de O Ensino*, nº 21-26, pp. 106-108 e 140-142. (reed. em separata: *Incipit Liber da Lusofonia*”, *Quatro poetas galegos*).
- (1990d), *Espelho Cego*, Málaga, Plaza de la Marina, 18 páginas.
- (1991), *Lua de Além-Mar, Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Associação Galega da Língua, 291 páginas.
- (IV-1991), “Navegando nas palavras”, “Trágica rosa céltica”, “Toque de Rebate”, “Eu posso contar de mim”, “Navegando nas palavras” e “José Jorge Letria”, in Valente, Maria Rosa da Rocha (org), *Matria da Palavra. Antologia de Poetas Galego-Lusofonos. Incipit Liber da Lusofonia*, *Cadernos do Povo*, nº. 15-18, pp. 27-32 e 96.
- (1992), *Coisas e Loisas*, Málaga, Papeles del Alabrén, 20 páginas.
- (Outono-1992), “Mester de Poesia”, *Agália*, nº 31, pp. 393-410.
- (Primavera-1993), “Entressonho”, “Cavilação”, *Agália*, nº 33, pp. 58-62 e 63.
- I.2.3.-PRODUÇÃO LITERÁRIA EDITADA PÓSTUMA. (VER TAMBÉM 1.4.1)
- (1994), “Decálogo Lírico” e “Poemas”, in Álvarez Cáccamo, Xosé M., *50 Anos de Poesia Galega. Antoloxía. A Xeración do 36*, A Corunha, Penta, pp. 72-96.
- (Outono-1994), “Eucaristia blasfema”, *Agália*, nº 39, p. 307.
- (1995), “Poema inédito”, *Temas de O Ensino*, nº 27-38, p.389.

(2000), “Ramalhete de Poemas Carnais”, in *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia/Universidade de Santiago de Compostela, pp.71-80 (ed. fac-similar).

(2001), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, A Corunha, Associação Galega da Língua, 131 páginas.

(2009), “Unihabited love” de D. C. Warnest e fac-símil de “Andante em Verde Maior para Violino e Coração” (dedicado a Nechama Kramer-Hellinx), in Gómez, Joel R., *A trajetória de Ernesto Guerra da Cal nos Campos Científico e Literário*, Santiago de Compostela, USC, Vol. II.

I.2.4.-PRODUTOS DE COLABORAÇÃO EDITADOS

Da Cal, Ernesto Guerra/ Atencia, Maria Victoria
(1993), *Ménage*, Málaga, Imprenta Sur.

I.2.5.-PRODUTOS SOB OUTRAS ASSINATURAS

D.C. Warnest

(1984), *Homage to Federico Garcia Lorca on 30th Anniversary of his Death*. 1936-1966, Friendlyville, New York, The Crotchety Cricket Press. (Reproduzido in *Nós*, nº 4-6, pp. 73-75; *Os Poetas de Galicia cantan a García Lorca*, 1998, Concello de Santiago, pp.160-166).

(1985) *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, (epígrafe do poema “Mistagogia”, pp. 52-53), Lisboa, Sá da Costa Editora.

(VII-1985), “A tragic celtic rose”, *Colóquio Letras*, nº 86, pp. 51-52.

(1985), “Trágica rosa céltica”, in Da Cal, Ernesto Guerra (org.), Rosalia de Castro, *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano* (nota biográfica e versão do inglês), pp. 249-255.

(1987), “A Tragic Celtic Rose”, *O Ensino*, nº 18-22, pp. 341-342.

(1987 [1988]), *Deus, Tempo, Morte Amor e outras bagatelas* (epígrafe do primeiro capítulo, p. 11; epígrafe do capítulo “Silva de vária lição”, p. 71).

(1990), “Citação” e “Un poema inédito de D. C. Warnest (1911-1977). Unihabited Love”, *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 165 e 192-193.

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe dos poemas “Mulher”, p. 35; “História simples e patética acontecida a Leste do Paraíso”, pp. 49-50; “Dança da morte”, p. 91), A Corunha, Associação Galega da Língua.

Ernst Krieg von Kalk

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe do poema “Velhice”, p. 83), A Corunha, Associação Galega da Língua.

Ernst Limewar

(1990), “Epígrafe”, *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 192 e 194.

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe do poema “Amor desabitado”, pp. 44-45), A Corunha, Associação Galega da Língua.

Nestore d’Alguecarra

(1987 [1988]), *Deus, Tempo, Morte Amor e outras bagatelas* (epígrafe o capítulo “Teleologia banal”, p. 49), Lisboa, Horizonte.

(1991 [2002]), “Epígrafe” do poema “Imago Floris”, in *Caracol ao Pôr-do-Sol*, A

Corunha, Associação Galega da Língua, p. 112.

(2000), “Epígrafe” do poema “Imago Floris” de *Ramalhete de Poemas Carnais*, in Rodríguez, José Luís (Ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Tomo I, p. 79.

Rad Calaguer

(1987 [1988]), *Deus, Tempo, Morte Amor e outras bagatelas* (epígrafe do livro), Lisboa, Horizonte.

(1988) capa de *6 Poemas a Rosalia de Castro, Nós*, nº 7-12, pp. 232-247 (reproduzido em separata, Pontevedra-Braga, Fundação Europeia Viqueira-Instituto de Estudos Lusogalaicos, 20 páginas).

(1990), “Citação”, *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 163-195.

(1991 [2002]), capa do livro *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Neste mesmo livro, epígrafe do poema “As mãos”, p. 31; e epígrafe do capítulo X, “Três poemas carnais”, p. 107), A Corunha, Associação Galega da Língua.

(1992), *Coisas e Loisas* (epígrafe do poema “As Mãos”), Málaga, Cuadernos del Alabré.

(2000), “Epígrafe” de *Ramalhete de Poetas Carnais*, in Rodríguez, José Luís (Ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*, Tomo I, p. 73.

Raguer Caldas

(1985) capa de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*, Lisboa, Sá da Costa.

(1987 [1988]), capa de *Deus, Tempo, Morte Amor e outras bagatelas*, Lisboa, Horizonte.

(1990), “Desenhos”, *Cadernos do Povo*, nº 5-14, pp. 193-194.

(1991 [2002]), *Caracol ao Pôr-do-Sol*, (Epígrafe dos poemas “EvAdão”, pp. 52-53; “Nihil Scitur”, p. 77), A Corunha, Associação Galega da Língua.

I.3.- PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

I.3.1.-PRODUÇÃO JORNALÍSTICA PARA ESTAÇÕES DE RÁDIO

1.3.1.1.-Para a *Voice of America* (Western European Section):

(1952-1953), Revista de Livros e “American Historical Figures” (em português).

(1953-1974), “Aquí Washington” e “The American Cultural Scene” (em espanhol).

(1960-1966), “Cultural Colloquium” (em português).

1.3.1.2.-Para Radio Nacional de España:

(17-I-1969), “Poetas de Galicia. Ernesto Guerra Da Cal”, para *Radio Nacional de España*. Programa dirigido por R. Martínez Anido. Script conservado em Nova Iorque, na Hispanic Society of America.

I.3.2.-PROGRAMAS EMITIDOS NA *VOICE OF AMERICA* REPRODUZIDOS EM JORNAIS E REVISTAS:

(8-III-1958), “Esteban Vicente, Pintor Español”, *El Mundo de San Juan de Puerto Rico*.

(IX/X-1960), “El arte de Eugenio Granel”, (Paris), *Cuadernos*, nº 44, pp. 31-32. (Reprod. in *España Libre*, (Nova Iorque), 2-IX-1960, Vol. XXII, nº 17, p. 2).

(XI-1962), “Federico de Onís: Maestro de Maestros”, (Nova Iorque), *La Voz*, pp. 20-21.

(2-II-1972), “Relances Novaioerquinos. Joan Miró volta a Nova Iorque”, (Lisboa), *A Capital*, Literatura e Arte, pp. 1-3.

(5-IV-1972). “Relances Novaioerquinos. Calder, criador de escultura animada”, *A Capital*, Literatura e Arte, pp. 1-3.

(3-V-1972), “Relances Novaioerquinos. ‘Miss Liberty’ cumpriu 85 anos”, *A Capital*, Literatura e Arte, pp. 1-3.

I.4.-OUTRA PRODUÇÃO DE ERNESTO GUERRA DA CAL

I.4.1.-EPISTOLÁRIO PUBLICADO DE ERNESTO GUERRA DA CAL

(1958), “Carta a Ramón Piñeiro”, com data 14-II-1958, in *Homaxe a Ramon Otero Pedrayo*, Vigo, Galaxia, p.145.

(1962), “Carta a *Vieiros*”, *Vieiros*, nº 2.

(25/V-7/VI-1982), “A Apostila Inútil. Resposta a Alexandre Pinheiro Torres”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, p. 22.

(5-XII-1985), “Carta de Guerra Da Cal”, *A Nosa Terra*, p.2.

(1986), “Carta a Vicente Quiroga Rodríguez, Alcalde de Lugo”, datada aos 23-X-1985, in *Os escritores lucenses arredor de Fole*, Lugo Concello de Lugo, pp. 105-106.

(1987), “Carta a Antônio Houaiss”, datada em 1-V-1986, in Alonso Estravís, Isaac, *Estudios Filológicos Galeoportugueses*, Madrid, Alhena, p. 80.

(13-X-1988), “Carta a Carlos Teixeira, director do *Jornal da Costa do Sol*”, Cascais, *Jornal da Costa do Sol*.

(1990), “Carta a Maria do Carmo Henríquez Salido”, datada aos 28-VIII-1987, in *Actas II Congreso Internacional Galiza 1987*, A Corunha, AGAL, p. 29.

(Inverno-1991), “Carta a Maria do Carmo Henríquez Salido”, datada aos 18-VII-1991, *Agália*, nº 28, p. 520.

(Primavera 1994), “Telegrama a Maria do Carmo Henríquez Salido, presidenta da AGAL, datado aos 23-IV-1994, com ensejo da homenagem de Quiroga a Guerra Da Cal”, *Agália*, nº 37, pp. 111 e 112 (nesta última, reprod. fac-similarmente).

I.4.2.- EPISTOLÁRIO EDITADO PÓSTUMO

(11-VIII-1994) “Carta a *A Nosa Terra*” (fragmento), Vigo, *A Nosa Terra*.

(Outono 1994), “Cartas a Maria do Carmo Henríquez Salido”, datadas aos 26-III-1984, 16-VI-1993 as de 1994] (reprod. fac-similar) in *Agália*, nº 39, pp. 300 e 314.

(Outono 1994), “Dedicatória de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*” para o Grupo Reintegracionista Meendinho, *Agália*, nº 39, p. 370.

(Nadal 1994-Outono 1995), “Carta a Xosé Luís Franco Grande”, datada aos 22-VIII-1991, e “Carta e dedicatória a Luz Pozo Grande”, datadas aos 7-I-1992; *Nordés*, nº 21-22, p. 5 e 6-8.

(1997a), “Carta a V. Paz-Andrade”, in Portela Yáñez, Charo/ Díaz Pardo, Isaac, *Va-*

lentin Paz-Andrade. Epistolario, Sada, Ed. do Castro, p. 295. A carta está datada aos 18 de Março de 1986.

(1997b), “Carta a Manuel Rodrigues Lapa”, 28-IX-1981, in Marques, Maria Alegria, et alii, *Correspondência de Rodrigues Lapa*, Coimbra, Minerva.

(2002), “Carta a Alberto Machado da Rosa”, in Gómez, Joel R., *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra Da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada, Ed. do Castro, pp. 95-96.

(XII-2002), Pérez Rodríguez, Luis, “Oito cartas de Ernesto Guerra Da Cal a Eduardo Blanco Amor”. De datas 20-VIII-1940, VII-1941, 15-XII-1949, 14-VII-1958, 13-XI-1970, e três mais sem data. Conservadas na Biblioteca Blanco-Amor, da Deputação Provincial de Ourense. Reproduzidas in Mera, Luís et alii (Ed.), *Ernesto Guerra Da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol, Concello de Ferrol, pp. 89-110.

(VIII e XII-2002), Seoane, Isabel, “Cartas de Ernesto Guerra Da Cal a Ramón Otero Pedrayo”. Sete cartas, de datas [verão?] 1957, 28-II-1960, 12-III-1960, 15-I-1962, 20-II-1962, “Nadal de 1962”, 18-IV-1963. Conservadas na Biblioteca da Fundação Penzol (Vigo). Reproduzidas in *Ferrol Análisis*, nº 17; e in Mera, Luís et alii (Ed.), *Ernesto Guerra Da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol, Concello de Ferrol, pp. 133-150.

(VIII e XII-2002), Dobarro, Xosé María, “Lembranzas dun amigo ilustre e un epistolario americano”. Nove cartas a José Rubia Barcia, de datas 9-IV-1955, 25-XII-1960, 23-II-1964, 25-III-1964, 23-VII-1964, 4-X-1969, 21-II-1972, e duas mais sem data. Conservadas por Eva L. de Barcia, viúva de José Rubia Barcia, na California. Reproduzidas in *Ferrol Análisis*, nº 17; e em Mera, Luís et alii (Ed.), *Ernesto Guerra Da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol, Concello de Ferrol, pp. 151-176; também em *Ferrol Análisis*, nº 17.

(2002), “Carta a Teresa López”, (fragmentos), in Mera, Luís et alii (Ed.), *Ernesto Guerra Da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol, Concello de Ferrol, pp. 121-123.

(2006), “Carta a María Ángeles Ordaz Romay”, datada aos 25-IX-1988, in Ordaz Romay, M^a Angeles, (2006), “Las Sociedades Hispanas Confederadas en archivos del FBI. (Emigración y exilio español de 1936 a 1975 en EE.UU.)”, *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 32, 227-247.

(2009), Cartas de Ernesto Guerra Da Cal a Manuel Rodrigues Lapa (22-XI-1974, conservada na Hispanic Society of America de Nova Iorque); a Francisco Fernández del Riego (15-III-1980, conservada em Vigo, na Fundación Penzol), a Avelino de Jesus da Costa (do Instituto Cultural Galaico-Minhoto, 2-IV-1984; conservada em Anadia, na Casa Rodrigues Lapa e no Espólio de Elsie Allen Da Cal), in Gómez, Joel R., *A trajetória de Ernesto Guerra Da Cal nos Campos Científico e Literário*, Santiago de Compostela, USC, Vol. II.

(IV-2011), “Carta a Carlos Durão” (fragmento), datada em 1-VI-1993, in Durão, Carlos (Ed.), *Guerra Da Cal. Breve Antologia Poética*, Santiago de Compostela, Academia Galega da Língua Portuguesa, p. 21.

I.5.- PRODUÇÃO INÉDITA DE ERNESTO GUERRA DA CAL (VER II.2.6 E II.2.7).

(1941), “Miguel de Molinos”, trabalho apresentado na NYU.

(1942), “Rosália de Castro”, trabalho apresentado na NYU.

(s/d, 1960?), “ ‘Sugestão’ (Mar Absoluto), 1945”; poesia de Cecília Meireles.

(s/d, década de 60), Texto, em inglês, sobre o teatro de Federico García Lorca.

(1967), (s/t), Texto, em inglês, da conferência proferida em Junho no encontro celebrado na Universidade de Vanderbilt sobre o ensino do português nos EUA.

(1970), “O Ensino do Português e das Literaturas Lusa e Brasileira nos EE. UU.”, Texto de palestra proferida no Rio de Janeiro.

(s/d, década de 80), Textos sobre os SPG de Federico García Lorca.

(s/d, década de 80), “Textos e documentos. A Galiza nos Escritores Portugueses. I. Afonso Lopes Vieira”.

Poemas inéditos.

II.-BIBLIOGRAFIA COMENTADA SOBRE ERNESTO GUERRA DA CAL. REPOSITÓRIOS

II.1.-EM VIDA DE ERNESTO GUERRA DA CAL

II.1.1.- Da Cal, Ernesto Guerra, (1981), *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, Coimbra, Almedina.

É esta a terceira tradução para português do estudo queirosiano de Da Cal, defendido como Tese de Doutoramento na Columbia University de Nova Iorque, em espanhol, e publicado nesta língua, em 1954, pela Universidade de Coimbra. As anteriores traduções foram de Helena Cidade Moura (1967, na editora Aster, de Lisboa) e de Estella Glatt (1969, na Tempo Brasileiro do Rio de Janeiro). Esta de 1981, assinada por Elsie Allen Da Cal, foi qualificada de “definitiva” numa “Nota do Autor” que inclui o livro.

O volume tem acompanhamento, nas pp. 9-36, de um “Pórtico”, que é um estudo redigido pelo brasileiro Euryalo Cannabrava. Este texto estava já, em 1969, na edição brasileira (pp. 15-38) sob o título de “Apresentação”.

Uma novidade desta edição é incluir, no final (pp. 387-391) uma epígrafe de “Notícias, resenhas e recensões críticas sobre as edições anteriores do presente estudo”. Segundo informa na contracapa do livro, foram “47 resenhas e recensões em 7 línguas, repartidas em três continentes”.

II.1.2.- Da Cal, Ernesto Guerra, (1975-1984), *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apéndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra*, Coimbra, Universidade de Coimbra [6 volumes].

No sexto e derradeiro volume deste repositório, dedicado a “Índices de consulta” (1984), na página 116 referenciam-se 110 verbetes respeitantes à produção queirosiana de Ernesto Guerra Da Cal. Ai se incluem os principais produtos por ele elaborados até aquela altura, e a sua recepção internacional.

II.1.3. - Fontenla, José Luís (dir.), (1989), *Homenagem a Ernesto Guerra Da Cal, Nós*, Revista Galaicoportuguesa de Cultura. Revista da Lusofonia, no 13-18, 557 páginas.

Número extraordinário da revista do grupo das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, organizado com ensejo da designação de Da Cal esse ano como doutor honoris causa pela Universidade de Coimbra. Inclui uma fotografia dele, e mais o seu trabalho (pp. 169-182) “Textos e documentos: A Galiza nos escritores portugueses”, em que estuda Fialho de Almeida. Reproduz igualmente um (pp. 539-545) “Parecer da ‘Comissão para a integração da língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada’ de 1988, da Academia das Ciências de Lisboa, com vista ao reinício de uma negociação comum entre os países lusófonos, a Galiza inclusive”, assinada por Da Cal, como presidente da Comissão, juntamente com Genaro Marínhas del Valhe, José Luís Fontenla, António Gil Hernández, J. J. Santamaria Conde e Isaac Alonso Estraviz, Adela Figueroa Panisse, José Paz Rodrigues, Xavier Vilhar Trilho, J. Martinho Montero Santalha, Carlos Durão Rodrigues, José Ramon Rodrigues Fernandes e Yolanda Rodrigues Aldrei.

A revista diferencia capítulos dedicados a “Ensaio”, “Literatura”, “Linguística”, “Sociolinguística”, “Ensino”, “Historia da Educação”, “História” e “Antropologia”, com trabalhos sobre Ernesto Guerra Da Cal ou os diferentes campos em que interveio. Tem 557 páginas. Entre os contributos, merecem destaque:

Direção da revista [José Luís Fontenla], “A nossa homenagem a Guerra Da Cal” (pp. 7-8).

Luís Forjaz Trigueiros, “Guerra da Cal, Poesia, Inspiração, Inteligência” (pp. 9-17).

Isidro-Juan Palacios, “Ernesto, Num só dos seus momentos”, pp. 19-21.

Micaela Ghitescu, “A Lisboa dos meus amigos”, pp. 29-33.

José Luís Franco Grande, “Ernesto Guerra da Cal”, pp. 33-39.

Natércia Freire, “Futuro Imemorial de um grande poeta, Ernesto Guerra da Cal”, pp. 41-48.

Maria Teresa Babín, “Ernesto Guerra da Cal, Amigo no novo e no velho mundo da Poesia”, pp. 49-52.

Domingos Prieto, “Sobre ‘Leliadoura’, cantiga medieval de Pero Anes Solaz”, pp. 53-61.

A.Gómez Yebra,, “Proposta de leitura para uma cantiga de Pero Meogo”, pp. 62-66.

Leodegário A. de Azevedo Filho, “Crítica idealista e crítica realista na lírica de Camões”, pp. 67-72.

Ana Hatherly, “Triângulo amoroso: Aspectos de temática do engano/desengano, em ‘El Curioso Impertinente’ e ‘El Celoso Extremeño’”, pp. 75-86.

María Victoria Atencia, “Noticia malagueña del Cisne de Avis, Pedro Lopes de Santiago”, pp. 87-94.

Nechama Kramer-Hellinx, “Antonio Rodriguez Gomez: Lágrimas e Poesia”, pp. 95-104.

Theodore S. Beardsley, “Traduções hispano-clássicas impressas em Portugal (1521-1657)”, pp. 105-112.

Taborda de Vasconcelos, “Língua e estilo de Eça de Queirós”, pp. 113-120.

José-Augusto França, “Eça em Angers”, pp. 121-126.

Carlos Reis, “Ernesto Guerra da Cal e os Estudos Queirobianos: sobre a Bibliografia Queirobiana”, pp. 127-131.

Luís Fagundes Duarte, “Um novo inventário dos autógrafos d’*A Capital!* De Eça de Queiroz”, pp. 133-137.

Carmela Magnatta Nuzzi, “Análise comparativa de duas versões de *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queiroz”, pp. 138-139.

Evanildo Bechara, “Epifanio Dias e Eça de Queirós”, pp. 140-147.

José-Martinho Montero Santalha, “Texto de seis vilancicos de Natal cantados na catedral de Mondonhedo no primeiro quartel do século XIX”, pp. 149-168.

Araceli Herrero Figueroa, “Cunqueiro e o teatro: o texto de uma representación”, pp. 183-187.

José Blanco, “Ernesto Guerra da Cal, pioneiro pessoano”, pp. 188-190.

M. Rosa Sil Monteiro, “O Universo de Pessoa”, pp. 191-196.

Jorge Dias, “As comemorações do cinquentenário da morte de Fernando Pessoa”, pp. 197-240.

Adela Figueroa, “Uma visão biológico-psicológica de Pessoa, a minha homenagem no cinquentenário do Poeta”, pp. 241-245.

F. Adriano Carlos, “Filomena Cabral: *Maldamor* ou a estereografia das paixões”, pp. 247-253.

Estela Pinto Ribeiro Lamas, “O fazer-se febril do texto *A Tempestade* de Sophia de Mello Breyner Andresen”, pp. 254-267.

José Luís Pires Laranjeira, “A Narrativa de Leonel Cosme: Um testemunho sobre a colonização”, pp. 269-275.

Yolanda Aldrei, “As Literaturas Lusófonas. O caso da Literatura Galega”, pp. 277-279.

Isaac Alonso Estraviz, “Achegas para a historia do pronome ‘che’ no Galegoportuguês”, pp. 281-292.

J. L. Fontenla Rodrigues, “A Língua Galegoportuguesa, Castela e o novo Acordo Ortográfico”, pp. 293-309.

Carlos Durão, “A língua que vai em nós”, pp. 311-313.

Arsénio Mota, “A língua como instrumento de opressão”, pp. 315-330.

Alberto Garcia Vessada, “A Galiza e Portugal em Ramon Pinheiro”, pp. 331-342.

José Luís Valinha Regueira, “Sobre a questão do traço na moderna ortografia do Galego”, pp. 343-360.

António Pedro Gil Hernández e Henrique Rabunhal Corgo, “O conceito de ‘diglossia’ segundo Ch. A. Ferguson e a sua pertinência para a Comunidade Lusófona da Galiza”, pp. 361-388.

Angelo José Brea Hernandez, “A interação dos grupos linguísticos de indivíduos e a recuperação de usos numa comunidade pseudobilingue”, pp. 389-408.

J. J. Santamaria Conde, “A Linguagem administrativa numa perspectiva interdisciplinar”, pp. 409-414.

J. Fernando Fraguela do Canto, “A Informática e a língua Galegoportuguesa”, pp. 415-420.

Álvaro Gomes, “Pedagogia da ortografia: Missão (im)possível?”, pp. 421-434.

Anjo Serafim Porto Ucha, “Bernardino Machado e a ‘Institución Libre de Enseñanza’”, pp. 435-442.

Manuel Afonso Costa, “A Reforma dos Forais em Portugal”, pp. 443-451.

Alfredo Margarido, “A Couve: Raiz e alimento das nacionalidades portuguesa e galega”, pp. 453-458.

Luís Polanah, “Dia de Santa Águeda em Almeida de Sagayo”.

Inclui na continuação (pp. 465-519) produtos literários assinados por Cristina de Mello, José Alberto Oliveira, José Vieira Gomes, Jenaro Marinhos del Valhe, José Ramom Rodrigues Fernandes, Arsénio Mota, Filomena Cabral, Beatriz Berrini, Eulália Moreno de Carvalho, R. Carvalho Calero, J. L. Franco Grande, António Gil Hernández, Yolanda Aldrei, Angelo Brea, M. Alguem, Hugo Beja, José Carlos González, José Ribeiro Ferreira, Pires Laranjeira e João Rodrigues Padrão.

A revista finaliza com notícias, em que destaca a morte de Manuel Rodrigues Lapa, com trabalhos em que também há alusões a Da Cal; e “Documentos” na parte final, en-

tre eles o antes assinalado assinado por Da Cal.

II.1.4.- Da Cal, Ernesto Guerra (1991), *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo*, A Corunha, Associação Galega da Língua.

Este volume inclui a reedição dos dois primeiros livros de poesia de Da Cal, editados por Galaxia em 1959 e 1963, com adaptação da ortografia para a do português padrão.

Leva uma “Nota preambular do Autor para esta edição”, em que Ernesto Da Cal esclarece os critérios e mudanças a respeito das edições anteriores.

Inclui os seguintes elementos:

“Apresentação da edição pela Professora Maria do Carmo Henríquez Salido, presidenta da AGAL”, pp. 11-14.

“Guerra da Cal, Poeta de Aquém e Além-Minho”, por Carlos Durão, pp. 15-28.

“Esboço biográfico de Guerra da Cal, extractado do seu ‘*Curriculum vitae*’”, por Elsie Allen da Cal, pp. 29-39.

“Peças musicais compostas sobre Poemas de *Rio de Sonho e Tempo*, com partituras dos poemas “Mais uma vez” (de José María Evangelista, pp. 251-256), “Desespero” (de Vicente Asencio, pp. 257-261), “Cantiga antiga” (de Matilde Salvador, pp. 263-269) e “Instante” (de José Maria Evangelista, pp. 273-274), para além do programa do “VII Festival de la Canción Gallega” de Pontevedra, em que foram estreada, em 12 de julho de 1966 (pp. 275-279).

Além disso, nas pp. 281-287 inclui-se uma “Bibliografia da obra lírica” de Ernesto Guerra Da Cal, com informação da sua produção e traduções (p. 283), e de bibliografia sobre a mesma (pp. 283-287). Esta “Bibliografia” integra e amplia a que tinha publicado em 1985 no final do volume *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*. Nas pp. 287-288 assinalam-se 16 “repertórios biográficos” internacionais com informação sobre Da Cal.

II.2.-Produtos póstumos.

II.2.1.- Henríquez Salido, Maria do Carmo (dir.), (Outono 1994), *Homenagem a Ernesto Guerra Da Cal, Agália*, nº 39.

Volume de homenagem da revista da Associação Galega da Língua (AGAL) publicado após a morte de Da Cal.

Inclui fotografias na capa e nas pp. 303, 305, 330 [2], 332, 334 (dele só) e nas pp. 299 (com Maria do Carmo Henríquez Salido e Elsie Da Cal) e 336 (com os irmãos Posada), e quatro inéditos de Da Cal, em reprodução fac-similar:

p.300 e 314: Carta para Maria do Carmo Henríquez Salido, datada em 26-III-1984.

p. 307: poema “Eucaristia blasfema”, de *Ramalhete de poemas carnavais* (ver epígrafe I.2.3), enviada para o volume de homenagem a Carvalho Calero.

p.370 a dedicatória de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes* para o Grupo Reintegracionista Meendinho.

Também reproduz o poema “Peregrinação fatal”, de *Lua de Além-Mar* (p. 353).

Inclui os seguintes trabalhos sobre ele:

Henríquez Salido, Maria do Carmo, “Ernesto Guerra da Cal através da sua correspondência (1984-1994)”, pp. 297-315.

Gomes, Joel, “Crónica de um encontro em Lisboa”, pp. 317-322.

Lisboa, Eugénio, “Rugas nas plantas dos pés. Nos oitenta anos de Albano Nogueira e de Ernesto Guerra da Cal”, pp. 323-327.

Posada, José, “Conversa no Estoril com Ernesto Guerra da Cal”, pp. 329-336.

Reis, Joaquim, “Ernesto Guerra da Cal, galego ilustre” (pp. 337-341).

Da Cal, Elsie, “Perfil biográfico de Ernesto Guerra da Cal”, pp. 354-361.

E reprodução de documentos jornalísticos de Joel Gómez (*La Voz de Galicia*, 13-VIII-1994, p. 362), Xan Carballa e Manuel Hortas Vilanova (*A Nosa Terra*, 11-VIII-1994,

p. 363), Reprod. da uma entrevista de F. António de Almeida a Da Cal no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de Lisboa, realizada em 1983; e do poema de Da Cal “Auto-retrato”, na p. 365; artigo de Carlos Reis, publicado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, no número de 17 a 30 de agosto de 1994 (pp. 365-366); artigos de Xosé María Álvarez Cáccamo e de José-Martinho Montero Santalha, publicados em *A Nosa Terra*, 19 de agosto de 1994 (pp. 366 e 367), nota de X. B. [Xoán Bernárdez] e reprod. do poema de Da Cal “Janela na noite”, e fotografia, na revista *Latexo*, de setembro de 1994 (p. 368); artigo de Xavier Alcalá, na revista *Eco*, de novembro 1994 (p. 369).

II.2.2.- Fontenla, José Luís (coord.), (1995), *Atas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literatura Lusófonas. (Homenagem ao Professor Ernesto Guerra Da Cal)*, *Temas de O Ensino*, nº 27-38, 452 páginas.

Atas do Congresso celebrado na Faculdade de Ciências Económicas e Empresarias da Universidade de Santiago de Compostela nos dias 15 a 17 de setembro de 1994, em homenagem a Da Cal, organizado pelas Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, e patrocinado por estas entidades e pelo Conselho Internacional da Lusofonia, Associação de Amizade Galiza-Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal), Centro de Estudos Lusíadas (Universidade do Minho) e Ministério da Cultura da Espanha (Direção Geral de Cooperação Cultural). O volume consta de 452 páginas. Inclui os seguintes trabalhos:

Na p. 22, reprodução fac-similar da Ata de nascimento de Ernesto Román Laureano Pérez Guerra-Ernesto Guerra Da Cal, do Registo Civil de Ferrol, exumada por José-Martinho Montero Santalha. Nela recolhe-se a sua renúncia à nacionalidade espanhola, em Nova Iorque, em 18 de abril de 1945.

Na p. 389 publica “Poema inédito de Guerra Da Cal”

- Mensagem de Abertura do Congresso, por José Luís Fontenla (pp. 9-12).

- Mensagens de Luiz Felipe de Seixas Corrêa (pp. 13-14) e de José Aparecido de Oliveira (p. 15), embaixadores do Brasil em Espanha e Portugal.

Entre as comunicações, estudam questões respeitantes a Ernesto Guerra Da Cal ou aludem a ele, as seguintes:

- “Acta de Nascimento de Guerra da Cal”, por José-Martinho Montero Santalha (pp. 19-22, com reprodução fac-similar).

- “Entrevista ao Prof. Guerra da Cal”, por Beatriz Weigert (pp. 23-25).

- “Post-Data para Ernesto”, por Maria Victoria Atencia (pp. 26-29).

- “Ernesto Guerra da Cal ‘O Português é a Minha Ítaca Perdida e Achada’”, por Natércia Freire (pp. 30-34).

- “A Poesia ‘Metafísica’ de Guerra da Cal”, por Carlos Durão (pp. 35-42).

- “Os Poemas Ingleses de Guerra da Cal, D. C. Warnest, Pseudonímia ou Heteronímia?”, por Esther Lorenzo Fontenla (pp. 43-64).

- “As Ideias Linguísticas de Guerra da Cal e o Novo Acordo Ortográfico”, por José Luís Fontenla (pp. 65-76).

- “A Lusofonia Galega é Inteligível?”, por João Padrão (pp. 133-136).

- “A Lusofonia e a Língua Portuguesa da Galiza: Dificuldades do Presente e Tarefas para o Futuro”, por José-Martinho Montero Santalha (pp. 137-149).

- “O Problema das Línguas Nacionais e da Língua Portuguesa em África Lusófona. Cultura Africana e Identidade Nacional na Comunidade Africana Lusófona dos Palops”, por Ana Fontenla Rodríguez e José Luís Fontenla (pp. 169-183).

-“Mais sobre a Língua Literária da ‘Galegofonia’”, por António Gil Hernández (pp. 206-213)

-“Um ‘traço de união’ entre a Galiza e Portugal: o Tema da Saudade”, por José-Martinho Montero Santalha (pp. 232-249).

-“Dedicatória In Memoriam de Guerra Da Cal da Versão Hebraica do ‘Romance al Divin Martir, Juda Creyente’ de Antonio Enríquez Gómez (1600-1663)”, por Nechama Kramer-Hellinx (pp. 261-280).

-“Rosalia de Castro Festeja Camões”, por Joaquim de Montezuma de Carvalho (pp. 291-296)

Entre os “Textos de criação literária do congresso—poesia e prosa”, para além do já citado “Poema inédito” de Da Cal, merecem destaque:

-“A Ernesto Guerra Da Cal”, poema de Amadeu Torres (Castro Gil), p. 400.

-“Despedida a Ernesto Guerra Da Cal”, poema de Nechama Kramer-Hellinx (Ben-Mashiach), pp.423 (versão para português de João Padrão; com reprodução do original, em língua hebraica, p.424)

II.2.3. - Reis, Carlos e Castro, Aníbal Pinto de (orgs.), (1998), *Homenagem a Ernesto Guerra Da Cal*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, Por Ordem da Universidade, 366 páginas.

-Reprodução de uma tela de Jacqueline Kiang sobre versos de Da Cal (p. 4).

E os seguintes textos:

-“In memoriam de Ernesto Guerra da Cal”, por Aníbal Pinto de Castro (pp. 9-12).

-“Para uma biobibliografia de Ernesto Guerra da Cal (1911-1995)”, por Francisco J. Veloso (pp. 13-20).

-“Guerra da Cal: um homem de estilo”, por Álvaro Manuel Machado (pp. 21-22).

-“Tertúlia com Ernesto Guerra da Cal”, por Carlos Durão (pp. 23-29).

-“Ernesto e Eça. A procura sem fim”, por Helena Cidade Moura (pp. 31-32).

-“Despedida ao português Ernesto Guerra da Cal, nosso amigo”, por Joaquim de Montezuma de Carvalho (pp. 33-37).

-“Conselho de Amigo”, por José Blanco (p. 39).

-“O canapé rejeitado”, por José Manuel Fragoso (p. 41).

-“Recordando Ernesto Guerra da Cal”, por Luís Elias Casanovas (pp. 43-45).

-“Um homem vivo”, por Marcello Duarte Mathias (pp. 47-51).

-“De um dulce trasiego”, por María Victoria Atencia (pp. 53-70).

-“Três poemas traduzidos”, por Micaela Ghitescu (pp. 71-74).

-“Ernesto Guerra da Cal na sua Ítaca achada”, por Xosé L. Franco Grande (pp. 75-90).

-“Uma carta inédita de D. Marcelino Menéndez y Pelayo a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos”, por Américo da Costa Ramalho, pp. 91-95.

-“S. *Frei Gil*: Ecos românticos nas *Últimas Páginas* de Eça de Queirós”, por Amina di Munno (pp. 97-111).

-“A imagem da casa nos livros de viagens de Ramalho Ortigão”, por Ana Luísa Viçela (pp. 113-124).

-“*Prosas Bárbaras* e a génese do tipo queirosiano”, por Ana Teresa Peixinho (pp. 125-153).

-“Sobre *A Relíquia*. Fragmentos”, por Beatriz Berrini (pp. 155-165).

-“Sobre a génese d’O Crime do Padre Amaro: Eça e Zola”, por Carlos Reis (pp. 167-185).

-“Quiroga, *Paraíso da Memória* de Ernesto Guerra da Cal”, por Célia Diaz Núñez (pp. 187-211).

-“Seda, popelín y merino. La importancia del vestido en la novela realista”, por Elena Losada Soler (pp. 213-233).

-“Eça de Queirós no mundo de língua inglesa”, por Eugénio Lisboa (pp. 235-240).

-“Erotismo e olhar em *Alves & Cia*”, por Isabel Pires de Lima (pp. 241-251).

-“Guerra da Cal e a estilística queirosiana”, por Leodegário A. de Azevedo Filho (pp. 253-261).

-“À pesca do Conde de Abranhos”, por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho (pp. 263-276).

-“Caracterização da língua em Ernesto Guerra da Cal”, por Maria do Carmo Henriques Salido (pp. 277-299).

-“Del romance medieval hacia el cuento romántico: A Dama Pé-de-Cabra de Alexandre Herculano”, por Maria Fernanda de Abreu (pp. 301-315).

-“Romance como *Offenbachiade* um exemplo de intertextualidade entre música e literatura”, por Mário Vieira de Carvalho (pp. 317-333).

-“*A Cidade e as Serras*: romantismo extemporâneo”, por Teresa Cristina Cerdeira da Silva (pp. 335-345)

-“As xerfas dun paradiso na praia da memoria”, por Xosé Estévez (pp. 347-366).

II.2.4.- Mera, Luís; com Bores, Fernando e Dobarro, Xosé María (coords.), (2002), *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol, Concello de Ferrol, 223 páginas.

Volume editado pela Câmara Municipal de Ferrol, que saiu dos prelos em dezembro de 2002, segundo o colofon. A maioria dos materiais foram publicados, em agosto desse mesmo ano, no número 17 da revista *Ferrol Análisis*, editada pelo Club de Prensa da cidade. Acrescenta um texto introdutório de Bonifácio Borreiros, relator municipal de Cultura e Campus e promotor desta publicação, entre outros elementos.

O livro inclui valiosa iconografia (sobre ele, e também sobre A. Casal, García Lorca, Otero Pedrayo, revista Nova Galiza; capa de *Voz fuxitiva*, de Anne Marie Morris; capa do número 39 da revista *Agália*) e documentação, além de trabalhos de Da Cal, re-produzindo mesmo algum inédito, e estudos e evocações sobre a sua biografia e trajetória.

Trabalhos de Ernesto Guerra Da Cal:

“Evocaçom e testemunho. Quem foi Serafim Ferro” (pp. 183-188, reprod. do artigo publicado em *A Nosa Terra*, em 25 de abril de 1985).

“Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos” (pp. 189-193, reprod. do artigo publicado, póstumo, no número 38 da revista *Agália*, verão de 1994).

Poemas reproduzidos íntegros:

De Da Cal:

-p. 47.

-“Fuga” (fac-similar do original, assinado por Da Cal).

-“Mariñeiro fusilado” (pp. 65-66).

-“Patria” (pp. 67-70).

-“Preito mítico a Dom Pedro Pardo de Cela” (pp. 71-74).

-“Pergunta tola” (pp. 145-146)

-“Auto-retrato” (p. 200).

De Federico García Lorca e Da Cal.

-“Danza da lua” (pp. 86, o autógrafo, com letra de Da Cal nas primeiras estrofes e de Lorca nas seguintes; e transcrição de Luís Pérez Rodríguez na p. 87)

Epistolários:

De Da Cal a Eduardo Blanco Amor, 8 cartas (transcritas por Luís Pérez Rodríguez,

pp. 90-110)

De Da Cal a Ramón Otero Pedrayo, 7 cartas (transcritas por Isabel Seoane, pp. 134-144).

De Da Cal a José Rubia Barcia, 9 cartas (transcritas por Xosé María Dobarro, pp. 159-174).

Outros epistolários, reproduzidos fac-similarmente:

Carta de Elsie Allen Da Cal, viúva de Ernesto Guerra Da Cal, a Xulia Díaz, presidenta do Clube de Prensa de Ferrol (p. 180).

Cartas de Joaquim de Montezuma de Carvalho a Elsie Allen Da Cal e a Xulia Díaz (p. 181).

Carta de Odón Betanzos-Palacios, presidente da Academia Norteamericana de la Lengua Española, a Julia Díaz (p. 182)

Iconografías:

Caricaturas de Juan J. Veiga (pp. 12 e 150)

Reprod. de capas de libros de Da Cal (*Lingua e Estilo de Eça de Queiroz* [1981] (p.53); *Caracol ao Pôr-do-Sol* (p. 55); *Lua de alén mar* (p. 194); *Rio de Sonho e Tempo, A Relíquia, romance picaresco e cervantesco* e *Lua de Além-Mar e Rio de Sonho e Tempo* (p. 195)

Dedicatória do poema “Pátria” para Pilar García Negro e Xosé María Dobarro (p. 114).

Reprod. da primeira páxina da partitura de Vicente Asencio, sobre o poema “Desespero” de Da Cal (p. 196).

Fotografías:

-Ernesto Da Cal, só (capa e pp. 3, 5, 27, 43, 77, 132)

-Ramón Piñeiro, Da Cal e Fernández del Riego (p. 15).

-Ian Gibson, Elsie Da Cal, X. L. Franco Grande e Ernesto Da Cal (p. 20)

-X. L. Franco Grande e Da Cal (p. 22).

-Alberto Machado da Rosa, Ramón Piñeiro, Celso Cunha, Ernesto Da Cal e Francisco Fernández del Riego (p. 36).

-Ernesto Da Cal e Federico García Lorca (p. 82)

-Ernesto Da Cal e Eduardo Blanco Amor (p. 109)

-Ernesto Da Cal, Pilar García Negro e Xosé María Dobarro (p. 115).

Documentos:

“Partida de bautismo de Guerra da Cal” (p. 178).

“Certificado de defunción do pai de Ernesto Guerra da Cal” (p. 179)

Textos sobre Da Cal.

-“Lonxe da súa terra matricial”, por Bonifacio Borreiros (pp. 9-10).

-“O brillante escritor na memoria”, por Francisco Fernández del Riego (pp. 13-18).

-“A poesía de Ernesto Guerra da Cal posterior a 1962”, por Xosé Luís Franco Grande (pp. 19-24)

-“Despedida ao portugalego Ernesto Guerra da Cal, noso amigo”, por Joaquim de Montezuma de Carvalho (pp. 25-35).

-“Ernesto Guerra da Cal: Recuerdos entrañables”, por Theodore S. Beardsley Jr (pp. 37-40).

-“Resposta apurada a Ernesto Guerra da Cal”, por Xavier Alcalá (pp. 41-46).

-“Un Edén no sil da memoria”, por Xosé Estévez (pp. 47-50).

-“Ernesto Guerra da Cal: um cientista e literato galego para o século XX”, por Joel R. Gómez (pp. 51-58).

-“Ernesto Guerra da Cal, poeta galego”, por Luís González Blasco (pp. 59-74).

- “Ernesto Guerra da Cal, poeta de pós-guerra”, por Armando Requeixo (pp. 75-80).
- “As poesias galegas de Federico García Lorca”, por Luís Pérez Rodríguez (pp. 81-88).
- “Oito cartas de Ernesto Guerra da Cal a Eduardo Blanco Amor”, por Luís Pérez Rodríguez (pp. 89-110).
- “García Lorca en Galicia. Ernesto Guerra da Cal y Lorca”, por Guillermo Escrigas, Marta González, Gloria López, Alfonso Mato, Charo Portela, Xosé Vizoso (pp. 111-112).
- “A Ernesto Guerra da Cal, *in memoriam*”, por Pilar García Negro (pp. 113-115).
- “En ilustre compañía: Os trobadores galego-portugueses na poesía de Ernesto Guerra da Cal”, por Teresa López Fernández (pp. 117-128).
- “Evocação e louvor de Ernesto Guerra da Cal”, por Carlos Reis (pp. 129-132).
- “Cartas de Ernesto Guerra da Cal a Otero Pedrayo”, por Isabel Seoane (pp. 133-149).
- “Lembranzas dun amigo ilustre e un epistolario americano”, por Xosé María Doba-ro (pp. 151-176).
- “Biografía de Ernesto Guerra da Cal”, S/a, (pp.209-211)
- Reprod. de textos jornalísticos:
- “Guerra da Cal”, por Joel Gómez, *La Voz de Galicia*, 7 de dezembro de 1993, (p. 198).
- “Homenaxe de Quiroga a Guerra da Cal”, por Angar, *El Correo Gallego*, 1994 (p. 199).
- “Trabalho sobre a entrevista de F. António de Almeida a Da Cal, publicada no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de Lisboa em 1983”, *A Nosa Terra*, julho de 1994. (p. 200).
- “Muere un poeta”, por Joel Gómez, *La Voz de Galicia*, 13 de agosto 1994. (p. 201).
- “Evocação e Louvor de Ernesto Guerra da Cal”, por Carlos Reis, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, por Carlos Reis, agosto de 1994 (pp. 202 e 203).
- “Ensurdecedor silencio do poeta Guerra da Cal”, por Xosé María Álvarez Cáccamo, *A Nosa Terra*, agosto de 1994 (p. 203).
- “Guerra da Cal, pioneiro do reintegracionismo”, por José Martinho Montero Santalha, *A Nosa Terra*, agosto 1994 (p. 204).
- “Guerra da Cal”, por Víctor F. Freixanes, *La Voz de Galicia*, 27 de agosto 1994 (p. 205).
- “Na morte de Guerra da Cal”, por Nona Inés Vilariño, *La Voz de Galicia*, 5 de setembro 1994 (p. 206).
- “Morreu Ernesto Guerra da Cal” e “Ernesto Guerra da Cal”, artigos de Xan Carballa e Manuel Hortas Vilanova, *A Nosa Terra*, julho 1994 (p. 207).
- “¿Quién es el ferrolano Serafín Fernández Ferro?”, por Fernando Álvarez, *Diario de Ferrol*, 19 de novembro de 2002 (p. 208).

II.2.5.- Gómez, Joel R., (2002), *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra Da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada-A Corunha, Edicións do Castro. 493 páginas.

Inclui o texto prefacial “Guerra da Cal, *Eças* e os valores da Naçom” (pp. 7-12), de Elias Torres Feijó, professor da Universidade de Santiago de Compostela e diretor do Grupo de Pesquisa no Sistemas Culturais Galego, Luso, Brasileiro e Africanos de Língua Portuguesa (Galabra) dessa universidade.

p. 55.-Reprodução fac-similar do relatório de Tomás Navarro, da Columbia University de Nova Iorque, sobre a Tese de Doutorado de Da Cal.

p. 65-66.-Reprodução fac-similar de carta de Alberto Machado da Rosa a Da Cal, de 30-V-1954.

pp. 95-96.-Reprodução fac-similar de carta de Da Cal a Machado Da Rosa, de 30-VII-1957.

p. 274.-Reprodução fac-similar de carta de 14-VI-1983 de João Gonçalo de Amaral Cabral, da Fundação da Casa de Bragança, sobre a entrega do prémio D. Manuel II em Vila Viçosa.

pp. 311-314.-Reprodução fac-similar do Acordo de 21-IV-1988 do Conselho Científico da Universidade de Coimbra, de designar a Da Cal Doutor Honoris Causa dessa Universidade.

Nas pp. 417-460 inclui uma “Bibliografia citada sobre o objeto de estudo”, que são os estudos queirosianos de Da Cal.

Nas pp. 460-462, acrescenta outra bibliografia passiva citada.

Nas pp. 462-471 informa de bibliografia de Ernesto Guerra Da Cal.

II.2.6.- Gómez, Joel R., (2009), *A trajetória de Ernesto Guerra Da Cal nos campos científico e literário*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela. Servizo de Publicacións, (Pesquisa orientada pelo professor doutor Elias J. Torres Feijó; disponível de acesso livre na Internet, no repositório da instituição, na ligação HYPER-LINK <http://hdl.handle.net/10347/2595> h <http://hdl.handle.net/10347/2595>), 2 vol., 990 páginas (mais Apêndices, ver *infra*).

Estudo defendido como Tese de Doutoramento na Universidade de Santiago de Compostela em outubro de 2009, apresentado em 2 volumes. O primeiro, de 981+VIII páginas, inclui nas pp. 820-842 a produção de Da Cal. As pp. 831-842 são dedicadas a “Epistolários e outros documentos autógrafos citados” e referencia 20 publicadas, correspondência com 114 pessoas, além de outros documentos autógrafos de Da Cal e uma relação de entrevistas com ele publicadas em diferentes jornais e revistas de vários países.

Nas pp. 843-981 inclui bibliografia sobre Da Cal. Nas pp. 843-942 refere trabalhos assinados; nas pp. 942-960, trabalhos anónimos; e desde a página 960, epistolários, diferenciando cartas a Da Cal publicadas (4 cartas, p. 965) e inéditas e recebidas de 246 pessoas (até a p. 977, indicando data e onde estão disponíveis para pesquisa), bem como outros epistolários consultados (pp. 977-979), publicados e inéditos; e outros documentos utilizados na pesquisa (pp. 979-981).

O volume 2 inclui 47 “Apêndices”, com documentação reproduzida em cópia ou fac-similar, respeitante aos seguintes episódios:

1.-Programa da encenação de *Lilióm*, de Franz Molnar, com o grupo Anfístora (Madrid, 7-VI-1934; Da Cal, ator dirigido por Federico García Lorca, Manuel Fontanals e Pura Maórtua de Ucelay).

2.-Notícia do *Brooklyn College Vanguard* do seu estatuto de refugiado em Nova Iorque (artigo de Chester Burger, 25-X-1939).

3.-Ator de *La Zapatera Prodigiosa* (*The Prodigious Shoemaker*, 1953) de García Lorca, e em *Don Juan Tenorio*, de Zorrilla (1960), no grupo de Barnard College (Columbia University).

4.-Relação com hispanistas e lusitanistas: cartas de G. Moser (EUA, 1954), R. Ricart (França, 1954), Vicente Gaos (Espanha, 1956), Edmund de Chasca (EUA, 1956), Homero Seris (EUA, 1957), Z. Hampejs (Checoslováquia, 1960), Tomás Navarro (EUA, 1963).

5.-Relação com revistas especializadas: *Ínsula* (Espanha, 1954), *Revista de Occidente* (Espanha, 1960), *Colóquio* (Portugal, 1960), *La Voz* (EUA, 1962).

6.-Publicações de trabalhos de Da Cal: artigo sobre os navegadores portugueses (*Revista dos EUA*, Portugal, 1960) e tradução de poemas de Langston Hughes de inglês para galego (*Memoria Anual* de Unity Gallega-Casa Galicia, Nova Iorque, 1963).

7.-Carta de Otero Pedrayo et alii para Da Cal (Santiago de Compostela, maio de 1957)

8.-Contactos com Galaxia: cartas de Ramón Piñeiro (21 de janeiro de 1958, 21 de janeiro de 1959, 6 de junho 1960).

- 9.-Da Cal, conferencista em Estocolmo (14 de maio de 1959).
- 10.-Contactos com o Brasil: poesia galega na revista *A Ordem*, do Rio de Janeiro (abril de 1959); impacto do Instituto Brasileiro da New York University na capa da revista *Visão* (17 de abril de 1959), participação no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros celebrado na Universidade da Bahia, com musicacão do poema “Colóquio”, de Ernesto Da Cal, por Camargo Guarnieri e valorizacão dos congressistas, agosto 1959).
- 11.-Posicão no Washington Square College da New York University (1961).
- 12.-Condecoracão do Governo de Portugal (2 agosto de 1962, comunicacão do Embaixador de Portugal, Pedro Theotónio Pereira, da concessão da Ordem Militar de Santiago da Espada).
- 13.-Notícia do início da atividade na City University of New York (de Bil Wolf, no jornal *Phoenix*, 24 de novembro de 1964).
- 14.-“Discovery”, poesia de *Rio de Sonho e Tempo* traduzida para inglês por Jean R. Longland.
- 15.-Impacto de Da Cal no Brasil: apresentado por Eduardo Portella e Manuel Bandeira no *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, em agosto de 1965.
- 16.-Três poemas musicados no VII Festival de la Canción Gallega de Pontevedra (12 de julho de 1966).
- 17.-Eleito membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa (maio de 1967).
- 18.-Da Cal na Galiza (*Faro de Vigo*, agosto 1967).
- 19.-Conferência em Moçambique sobre a narrativa de Eça de Queirós *A Relíquia* (25 de novembro de 1970) e receçao oficial por Marcello Caetano em Lisboa (4 de janeiro 1971).
- 20.-Honrado na Universidade de Califórnia Los Ángeles (UCLA) como pioneiro dos estudos portugueses nos EUA (carta de Claude L. Hulet, 27 de janeiro de 1972).
- 21.-Edicão, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projecão no Romance Ibérico* (Rio de Janeiro, 1973).
- 22.- Eleito representante galego na Associação Portuguesa de Escritores (autobiografia de Da Cal enviada para Rodrigues Lapa, datada em 20 de novembro de 1974; e cartas de Lapa a Da Cal de 7 de janeiro e 9 de março de 1975).
- 23.-Relaçao com Galaxia: carta de Da Cal a Francisco Fernández Del Riego (13 de março, 1980).
- 24.-Publicaçao de “Conto de Fadas”, em *A Nosa Terra* (com emendas de gralhas de Da Cal) e em *Cadernos de Literatura* da Universidade de Coimbra (finais 1981).
- 25.-Carta do Presidente da Câmara Municipal de Quiroga a Xosé Estévez, confirmando a rua para Da Cal (que se não efetivará), de 13 de outubro de 1983.
- 26.-Reivindicacão do uso do galego no Instituto Cultural Galaico-Minhoto (carta de Da Cal de 2 de abril de 1984; de Artur Norton de 30 de maio; de Avelino de Jesus Costa, de 3 de junho e 22 de agosto; e de Artur Norton de 23 de agosto, todas do ano 1984).
- 27.-Polémica a respeito dos *Seis Poemas Galegos*, de Federico García Lorca (artigo de Francisco J. Castelo em *Faro de Vigo*, em 7 de abril de 1985; artigo de S. Corral em *Galicía Viva*, em outubro de 1985; artigos de Franco Grande em *Faro de Vigo*, em 8 de novembro de 1985 e 11 de setembro de 1986; e capa, rascunho do capítulo sobre “Madrilgal a la ciudad de Santiago” e “Índice” do livro preparado por Da Cal na segunda metade da década de 1980 sobre esse produto).
- 28.-Versões diferentes de 2 poemas na revista *Carel*, de (Marim-Pontevedra, 1985) e no volume *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes* (Lisboa, 1985).
- 29.-Reproduçao de críticas de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes*: de Luiz Fagundes Duarte (28 de maio de 1985, no *Jornal de Letras, Artes e Idéias* de Lisboa), Xesús Alonso Montero (8 de junho de 1985, em *Faro de Vigo*), Natércia Freire (em 2 de agosto de 1985, em *Tempo*, de Lisboa) e de Leonardo Mathias (em novembro de

1985, no *Semanário*, de Lisboa).

30.-Recepção de *Futuro Imemorial. Manual de Velhice para Principiantes* e de *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*, por Manuel Horta Vilanova (Manuel Maria Fernández Teixeira) no jornal *A Nosa Terra* (Vigo, 13 de março 1986).

31.-Recepção de *Antologia Poética. Cancioneiro Rosaliano*: Gilberto Mendonça Teles no *Jornal de Letras do Rio de Janeiro* (abril de 1986); e Luiz Fagundes Duarte no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de Lisboa (29 de setembro de 1986, acompanhada de 2 poemas de Da Cal, “inéditos”, intitulados “Divagação” e “Ambiguidade”, dedicados a Ian Gibson e a Franco Grande).

32.-Elementos queirosianos: entrevista de Rogério Fernandes (*A Capital*, julho 1973) com ensejo de ter entregue a *Bibliografia Queirociana* na Universidade de Coimbra; valorização de Luís Forjaz Trigueiros (*O Primeiro de Janeiro*, 26 de agosto 1981); polémica por *A Tragédia da Rua das Flores* (12 de abril 1983), lançamento da edição crítica da *Obra Completa de Eça de Queirós em Portugal (Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 15 de dezembro 1986), publicação do artigo sobre “Testamento de Mecenas”, em separata, pela Universidade de Coimbra (1992).

33.-Da Cal na homenagem a Á. Fole: carta ao Presidente da Câmara Municipal de Lugo, Vicente Quiroga, datada em 23 de outubro de 1985, e publicada num volume editado em 1986.

34.-Diploma de Membro da Academia das Ciências de Lisboa (26 de julho de 1988).

35.-Membro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (12 de novembro, 1988).

36.-Diploma do grau de “Doutor Honoris Causa” da Universidade de Coimbra (16 de maio de 1989).

37.-Da Cal (D. C. Warnest) na sua oficina de produção literária: 4 fases do poema “Uninhabited Love-Amor Desabitado”, publicado de autoria de D. C. Warnest.

38.-Colaboração com Maria Victoria Atencia: tradução de “Saudade” (1987).

39.-Documento assinado como presidente da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa (1989).

40.-Gladstone Chaves de Melo valoriza a produção poética de Da Cal (na “Página Cultural” do jornal *Notícias de Guimarães*, novembro de 1993).

41.-Morte de Da Cal: artigo de Carlos Reis “Evocação e Louvor”, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias* de Lisboa, em 17 de agosto de 1994.

42.-Organização do volume de homenagem da Universidade de Coimbra (escrito de Carlos Reis, para pedido de colaboração, de 8 de janeiro de 1996).

43.-Doação realizada de livros de Federico García Lorca dedicados a Ernesto Da Cal, para a Fundação Federico García Lorca (15 de abril de 1999).

44.-Acordo de 23 de fevereiro de 2006 para a dedicatória de uma rua pelo pleno do Exmo. Concello de Ferrol a Ernesto Da Cal.

45.-Homenagem a Da Cal organizado pela Fundación Carlos Casares e o Concello de Ferrol, dezembro de 2004.

46.-Relação de 163 pastas com materiais de e sobre Ernesto Da Cal, e doação de 43 poemas dedicados a Nechama Kramer-Hellinx, que se conservam na The Hispanic Society de Nova Iorque.

47.-Publicidade de *La Voz de Galicia* alicerçada num poema de Da Cal (5 de junho, 2008).

II.2.7.- GómeZ, Joel R. (2015), *Ernesto Guerra Da Cal. Do Exílio a Galego Universal*, Santiago de Compostela, Através. 398 páginas.

Estudo da biografia e trajetória de Da Cal, alicerçada na Tese de Doutoramento assinalada supra, com alguns acréscimos e atualização de informações até finais do ano 2014. O capítulo IV (pp. 337-382) deste estudo é dedicado a “Bibliografias e outras fon-

tes documentais”.

Nas pp. 337-345 inclui bibliografia de Ernesto Guerra Da Cal, diferenciando produção editada em vida, póstuma, produtos de colaboração publicados e sob outras assinaturas, além de textos editados, traduções e adaptações, e trabalhos inéditos consultados e citados.

Da página 345 ao final, cita bibliografia sobre Da Cal, diferenciando trabalhos assinados (até a página 373) e anónimos (pp. 373-378); e na continuação epistolários publicados de Da Cal a outras pessoas, de outras pessoas a Da Cal e entre outras pessoas (378-380), e epistolários inéditos (380-382).

Santiago de Compostela, 19 de dezembro de 2011
(atualizado in setembro de 2015).

Ernesto Guerra da Cal

FUTURO iMEMORIAL



(Manual DE VELHICE
PARA Principiantes

ADDENDUM IV

Carlos Durão,
Breve Antologia Lírica
Guerra Da Cal

Conteúdos

Nota editorial e Apresentação
Antologia
Lua de além-mar
Rio de sonho e tempo
Futuro imemorial
Deus, tempo, morte, amor e outras bagatelas
Espelho cego
Caracol ao pôr-do-sol
Coisas e loisas
Ramalhete de poemas carnais
Inédito

A antologia (que ré-publicamos) reproduz os poemas antologados na publicação isenta: Guerra da Cal: *Breve Antologia Poética*. Editada por Carlos Durão.

Editada pela Academia Galega da Língua Portuguesa no quadro das Comemorações do Centenário do Nascimento do Professor Ernesto Guerra da Cal (1911-1994).

Santiago de Compostela, abril de 2011.- ISBN-13: 978-1461086130 // ISBN-10: 1461086132

Publicado por CreateSpace para a Academia Galega da Língua Portuguesa

Rua Castelão núm. 27

15900 Padrão, Galiza

<http://www.academiagalega.org>

APRESENTAÇÃO

Ernesto Guerra Da Cal (Ferrol, 1911-Lisboa, 1994) foi o primeiro poeta galego moderno que tratou temas universais, no espaço e no tempo, desde *dentro* e desde *fora*. Foi sem dúvida o poeta galego que mais eco teve dentro e fora da Galiza, como teste munha a abundandíssima bibliografia transnacional e transcontinental a que deu origem a sua obra. E foi, em fim, o professor galego de mais prestígio internacional, autor da por muitos conceitos monumental *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, e duma viçosa obra devotada à nossa comum cultura galego-portuguesa, para a que viveu e pela que padeceu até morrer no exílio, conseqüente com as suas ideias e firmes ideais, sem por isso se importar ser sempre proscrito na sua pátria, e até maldito pelos que nela detêm ainda o poder.

Fez os seus estudos universitários em Madrid, onde travou amizade com vultos do galeguismo cultural e político, bem como com outros da cultura espanhola em geral, entre estes o seu amigo F. García Lorca, com quem conviveu na *Residencia de Estudiantes* e com quem colaborou na gestação dos famosos *Seis poemas galegos* lorquianos.

Ao estourar a chamada *guerra civil* em 1936, alistou-se como voluntário nas *Milícias Galegas*, combateu pela legalidade republicana na frente de Toledo, e passou à Secção do Exterior do Serviço de Investigação Militar, do Ministério da Guerra; enviado a Nova Iorque em missão oficial pouco antes da derrocada da frente do Ebro, teve de ficar ali ao rematar a guerra.

Completo os seus estudos universitários na Columbia University, e chegou a ser catedrático na New York University, onde realizou os trabalhos de pesquisa que culminaram no seu *magnum opus*, a *Língua e Estilo de Eça de Queiroz*, pelo que é justamente reconhecido e louvado internacionalmente, e condecorado em Portugal.

Ocupa-se da parte galega do *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Pronuncia conferências, realiza seminários, colabora em trabalhos de investigação para universidades do Brasil e de Portugal, sempre reclamando, em todo o mundo lusófono, o reconhecimento da Galiza como pertencente a esse mundo, e em toda a parte dizendo, sem pejo, que ele era galego.

Nos anos 1959 e 1963 publica os seus seminais poemários *Lua de Além-Mar* (o primeiro livro em que um autor galego aposta pelo reintegracionismo linguístico após o chamado *Rexurdimento*) e *Rio de Sonho e Tempo*, na editora Galaxia, de Vigo.

Reformado da sua cátedra na universidade americana, Guerra Da Cal retornou à Europa, primeiro a Estoril, e posteriormente a Londres. Nesses anos impulsionou o movimento reintegracionista desde o exílio.

Foi graças aos seus contatos com os seus colegas em universidades lusófonas, à sua acessibilidade para a mocidade reintegracionista, e com o seu respaldo académico, que a Galiza conseguiu um merecido posto de observadora nas negociações dos *Acordos Ortográficos*, em 1986, no Rio, e em 1990, em Lisboa.

Com a sua obra, poética e erudita, com o seu prestígio e impulso ao reintegracionismo, Guerra Da Cal deixou um incalculável legado à sua pátria, a “Nação soberana / sem es trangeiro senhor”, da que ele foi cantor. Por isso foi dela banido, por isso merece sobejamente a nossa sentida homenagem, e por isso descansa hoje entre “os bons e generosos”, que cantou o bardo Pondal.

Na preparação dos materiais antológicos para uma edição eletrónica, sequer breve, da obra de Guerra Da Cal, calhou ser eu o encarregado de fazer uma seleção, tarefa ingrata mas necessária. Sendo eu amigo dele, e assíduo assistente a demoradas e gostosas conversas no seu lar na nossa língua, não pude deixar de notar o seu pendor, digamos “metafísico”, aliás comum aos

grandes poetas, e também partilhado por outro amigo comum, X. L. Franco Grande. Eis o porquê de um bom ramalhete dos seus poemas escolhidos serem desse teor. Mas creio ter deixado representados também outros aspectos da sua poesia: belamente amadora, ou linguisticamente lúdica, ou eminentemente evocadora; e todos com o seu forte estilo reconhecivelmente docaliano. Espero que sejam do gosto dos leitores.

NOTA DO EDITOR

Num ato das homenagens comemorativas do Prof. Guerra Da Cal Carlos Durão elegeu alguns dos poemas integrados nesta Antologia. Introduziu-os com estas breves palavras:

Companheiras e companheiros:

Estamos aqui hoje para lembrar e homenagear o nosso Ernesto Guerra da Cal, poeta, investigador e lutador.

Não só nos deixou o seu precioso legado poético, no que foi o primeiro poeta galego que tratou temas universais e teve merecido eco além-fronteiras; mas também foi o grande investigador da obra de Eça de Queiroz, e por isso generosamente reconhecido no irmão Portugal; e foi afinal o lutador incansável, e em toda a parte, pela afirmação da pátria galega, empunhando as armas contra o fascismo espanhol como Capitão do Exército Popular aquando a insurreição militar do 1936, e mantendo sempre uma digna atitude independente das instituições do Estado Espanhol na Galiza.

Nunca voltou do exílio; recusava-se a fazê-lo entanto na Galiza imperasse o franquismo.

Mas desde o exílio contactou com o mais graúdo da mocidade galega, e foi a ele que devemos em grande medida a participação galega nos *Acordos Ortográficos*, que após vários intentos vieram culminar no hodierno *Acordo* de Lisboa de 1990, a cujos princípios aderiu a *Academia Galega da Língua Portuguesa*, ela própria almejada e já prevista por ele, como pelos seus amigos e colegas Rodrigues Lapa e Carvalho Calero.

Afirmou assim a reintegração ao seio comum da variante galega da língua portuguesa internacional.

O seu corpo ficou no exílio, e jaz no Jardim das Cinzas, do Cemitério Alto de S. João, de Lisboa. Mas o seu espírito está e estará sempre connosco, afinal retornado à sua pátria, nas formosas palavras da sua poesia, a que hoje damos vida pelos nossos beijos.

Lua de além-mar

Edição da AGAL, Ourense, 1991

JANELA NA NOITE

A Xosé Luís Franco Grande

Quem está aqui
carão de mim
comigo
na janela na noite
aberta à massa imensa
sem lados
negra
na luz quadrada
da angústia intensa?

Eu só!
Eu só, comigo!

Não
A sombra está comigo
a sombra minha
a minha amiga
sempre submissa
sempre aos meus pés
Tão dócil companheira
na luz quadrada
da noite negra!

A candeia — coitada! —
expira silandeira
parindo a treva plena
E a sombra e a janela
morrem com ela

Ai, triste!
Eu só
Novamente sozinho
vago e perdido
morto e sem morte
Inexistente
Ninguém na noite!

OUTONO

Hoje
dia de chuva
e
húmida languidez
a tarde me circunda
numa atitude noiva
que gorenta e inunda
a minha indefinível viuvez
de velho tormentoso adolescente
e
a faz mais vasta e mais profunda
na outonia
dolente

Chegam
veladas notas
de um teclado gemente
moribundo:
retalhos de pавanas e gavotas
desfiadas e rotas

E
o meu coração sente
que se vai afundando
aveludadamente
num doce e parvo mundo
de janelas fechadas
adeuses ignorados
na partida
paixões inacabadas
e
beijos nunca dados
numa vida
sentimental
inútil
e
falida
de
tolo
vagabundo

Rio de sonho e tempo

Edição da AGAL, Ourense, 1991.

ONTEM DE COR E ÁGUA¹²⁰

Ao Novoneyra, cantor do Caurel

Do Lor ao Sil
que verdor
de orvalho
no mês de abril!

Do Sil ao Lor
que
tremor febril
de cor
ouro, esmeralda e anil
no langor
já de flor primaveril
do
sol-pôr!

Do Lor ao Sil
em
abril
que
rumor
de um orvalho
de águas
mil!

¹²⁰ Este poema foi publicado primeiramente em: *Papeles de Son Armadans*. Madrid-Palma de Mallorca, 1961, no LXIII, junio, pp. 274-275. Acompanhado de versão castelhana da autoria de Celso Emilio Ferreiro. Reproduzido em *La Voz de Galicia*, Crunha, 1985, 11 de junho, p. 2.

CONSELHO

Esconde-me, ó distância, em tua névoa roxa!

Teixeira de Pascoaes

Não toques a lembrança
branca flor de penugem
que
do sopro mais leve
se dispersa
no ar

O cálix que contém
o vinho do recordeo
é cristal de saudade
e
quebra
só
de
olhar

Nunca voltes do exílio
em procura de aromas
do remoto jardim dos tempos idos
o teu retorno os tornará perdidos
e
já mais nunca os poderás lembrar

Deixa a memória livre
inventar a verdade
das coisas que passaram
— sem passar

*BROADWAY, VERY LATE...*¹²¹

Os arranha-céus
se perdem
num teto
de gazas frias
As janelas
cospem noite
cheia
de
estenografias

E
eu
só
sonâmbulo
sorumbático
e
lunático
na esquina triste
e
absurda
da minha errática vida
semi-calva
catedrática
e
bem estabelecida

(As pernas da minha sombra
com susto dum luz viva
guindam-se pelas paredes
querendo alcançar o céu)

E
vagueando
vou pensando
Que diabos faço eu aqui?
Se ao menos fosse judeu

¹²¹ Publicado primeiramente em *Papeles de Son Armadans*. Madrid-Palma de Mallorca, 1961, no LXIII, junio, pp. 276-278, 288-290. Acompanhado de versão castelhana de Celso Emilio Ferreiro. Reproduzido em *Vieiros*, Padroado da Cultura Galega do México, México, D.F., 1962, ano I, no 2, outono, p.. 34: *Poesía de Galicia. Antología*. Por Alejandro Finisterre, México, D.F., Menhir, 1963, p. 94.

ou
lampantim irlandês
ou
um loiro luterano
de carne de bacalhau
puritano

Mas
eu sou Peninsular
e
solar
filho de Nossa Senhora
e
do herege Prisciliano
e
Católico
Apostólico
Compostelano
Que pinto eu por estas ruas
só
no asfalto
a caminhar?

(Já devem ser mais das duas.
E eu, coitado, com este ar
fantasmal e tresnoitado)

Como a gente vai cair
numas terras
ou num mar
como folha de jornal
que leva
leviano
o
vento
sem cuidar
nem perguntar
qual seja o seu pensamento!

Mas
afinal
se o pensarmos
sempre se vive como hedra

apegado a qualquer pedra
mãe
mulher
cidade
ou
lar
E
em verdade
deste ou qualquer outro modo
o mundo universo todo
é sempre o mesmo lugar
Fatal mesmice das coisas!

(Consolado
continuo a passear)

FUTURO IMEMORIAL

Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985

SINA

*How many roads must a man walk
down before you call him a man?*

Bob Dylan

Eu fui na Galiza nado
 Reino que tem por orago
o irmão de Cristo, Sant'Iago
 Apóstolo padroeiro
de todos os viageiros
 e romeiros
e
 divino
 peregrino
da
 sua própria Compostela
 nas terras do Finisterra
 magno evangelizador

E nasci sob essa estrela
 Por isso vou caminhando
co'a minha roda
 rodando
na gaitinha
 assobiando
a afiando
 facas
 tesouras, cutelos
de
 sonhos e pesadelos
 à roda do mundo toda
 vagamundo
 amolador

New York City, 1971

LÓGICA

Os factos

não compõem a Verdade

São apenas os fios de que se faz

o veraz antifaz

com que Ela cobre a cara

para ir foliar

no louco Carnaval da Realidade

Estoril, 1984

CONSELHO DE AMIGO

Cultiva o teu futuro
com amor
 porque ele é o lugar
onde tens que passar
 o resto da tua vida
Cultiva Deus

com um amor
 ainda maior
porque
 com sorte
com Ele irás passar
 o resto da tua morte

Estoril, 1984

PÁTRIA

Porque volvió, sin regresar, Ulises

Miguel Ángel Asturias

A Galiza
é para mim
um mito pessoal
maternal e nutrício
com longa teimosia elaborado
de louco amor filial
de degredado

(E de facto é também
— por que não confessá-lo —
um execrável vício
sublimado)

A Galiza
foi sempre para mim
um refúgio mental
um jardim de lembranças
sossegado
um ninho de frouxel acolhedor
para onde fugir
do duro batalhar e do estridor
da Vida
e do acre ressaibo do Pecado
Subterfúgio subtil
e purificador
de interior evasão
para o descanso da alma
na calma
pastoril
da perfeição de Arcádia
da Terra Prometida
da imaginação

A Galiza
é o meu amor constante
tranquila e fiel esposa
e impetuosa amante
sempre
como Penélope a tecer
na espera
ansiosa e plácida
paciente e palpitante
do retorno final
do seu errante e navegante Ulisses
— outra quimera!

Amo-a
como o náufrago desesperado
ama a costa longínqua e ansiada
que nunca há de avistar
Amo-a
com saudade antevista de emigrado
que à partida se sabe já
fadado
a ser ausente morrinhento
de nunca mais voltar
Porque ninguém jamais regressa do desterro
à mesma terra que deixou

(O Espaço dissolve-se no Tempo:
os lugares
e as gentes que os habitam
mudam e morrem sempre
e nós também morremos
e mudamos
Posso eu acaso me reconhecer
naquele rapaz loiro
que chorando partiu
um dia crepuscular e montanhoso
de Quiroga
no Sil
há tantos anos
e tantos desenganos?)

PREITO MÍTICO A DOM PEDRO PARDO DE CELA

*Herói e mártir da independência galega
no 494.º aniversário da sua decapitação
em 17 de dezembro de 1493*

Da Frouseira
invicto e preso
a sua cadeia arrastando
caminho do cadafalso
desce o Mariscal pensando
nas Frechas e odiento Jugo
do novo e soberbo escudo
daquele grande ladrão
El-Rei falsário e nefário
Dom Fernando de Aragão
que são também armas dela,
aquela víbora vil
tão sutil e tão matreira,
a Rainha
Dona Isabel a Primeira
de Castela
e de Leão

Dom Pedro Pardo de Cella
derrotado
por infame aleivosia
que não em luta leal
por um bastardo sicário
mercenário
da absoluta felonía
do torpe poder real
vai a morrer
degolado

Sempre altivo
e silencioso
desconhecedor do medo
se manteve enquanto vivo
até ao aziago momento
em que desceu o machado
que lhe cortou o pescoço
na praça de Mondonhedo

(O indulto fementido
concedido
pela Rainha traidora
tinha sido
criminalmente quebrado
pelo eclesiástico arдил
da fatídica demora
de uma hora
na Ponte do Passa-Tempo
enganadora)

Sua cabeça
decepada
deu três tombos
pela escada
até rolar no lajedo
A sua boca ensanguentada
deu três vezes este brado:
Credo!, Credo!, Credo!
O prodígio aconteceu
na praça de Mondonhedo

E nesse dia fatal
assinalado,
na distante
sacrossanta Catedral
de Compostela
houve outro grande portentoso:

O sino da Berenguela

deu um dobre de finados
que ressoou pelos Céus
e que o vento
num lamento,
fez chegar até Castela
naquele preciso instante
em que rendeu a alma a Deus
Dom Pedro Pardo de Cela

Ainda hoje a Galiza chora
estremecida
o martírio
daquele bravo entre os bravos
paladino
do nosso Reino de outrora
ancestral
e genuíno

E sente a pungente dor
da sempre aberta ferida
da Liberdade perdida
duma Nação soberana
sem estrangeiro senhor
da que ele foi defensor

Nesta data memorável
do teu suplício
execrável
e imortal
desde esta Galiza livre
sempre irmã na sua doçura
que é Portugal
— ao qual com bravura insigne
permaneceste leal até ao final —
este humilde compatriótico
vem incensar tua figura
de gigantesca estatura
no patíbulo
e no Empíreo sideral
levantando reverente
na Ara da Pátria

presente
a galeguidade ardente
dum turíbulo
ideal

Estoril, 17 de dezembro
Anno Domini MCMLXXXI

DEUS, TEMPO, MORTE, AMOR
E OUTRAS BAGATELAS

Livros Horizonte, Lda. Lisboa, 1987

DIVAGAÇÃO¹²²

For Carole and Ian Gibson

fondly

E Ego é um átomo
Compõe-se de partículas
em movimento e colisão constantes
Todas
— e cada uma delas — impessoais:
electrões
protrões
e neutrões
leptões
e mesões
e outros “ões” variados
que podem ser até animais:
leões e dragões e escorpiões
Todos em desconhecimento
mútuo e total
E em perpétua antagónica harmonia
amigos e figadais
fraternais inimigos
a orbitar
no cerne da matéria do ser nosso

O Ego se dissolve
dia a dia
nesse Cosmos astral
infinitesimal

¹²² Apesar de Carlos Durão não ter transcrito todo o poema, aqui reproduzimo-lo inteiro, mas não segundo a distribuição dos versos original.

em que vagamos
que talvez seja o Deus
que o imaginou

(e que raios O partam!)

Eu cá só sei de mim
neste momento certo
um facto:
Ego scribo, ergo sum
e apenas isso
E acho esquisito
e até cabalístico
que as letras do meu nome sejam
SETE
número primo
e místico

Estoril,
15 de agosto
1986

AMBIGUIDADE

A Xosé Luís Franco Grande,
com velha amizade irmã

TUDO

o que nos acontece
nesta vida

é milagre

Mas ainda é mais milagre

o que não nos sucede

Que é matéria infinita

de outras vidas possíveis

também incompreensíveis

que nós vamos armando

dia a dia

com a livre vontade trans-humana

da franquia

da singular varinha de condão

de virtude satânica

da imaginação

E Deus

com a sua sempiterna

refalsada ironia paternal

— que é o seu natural modo —

desde o cume

da sua imensidade

astral e eterna

sorri

com majestade terna

do nada

e do

TODO

Estoril, 10 de agosto, 1986

ESPELHO CEGO

Plaza de la Marina, Málaga, 1990

ONTOLOGIA ÓTICA

SER
é
ser visto
e
é
ver

O
SER
só
consiste
nisto

É
só
por ver
e
ser visto
que
EU
existo

CARACOL AO PÔR-DO-SOL

Edição da AGAL, 1991

OTHERNESS

*... el eco del silencio
de mi grito*

Octavio Paz

O meu EU
não é meu

Não me pertence
Tem em mim a sua origem
e mais nada

O meu EU é somente
a espuma branca, efémera
do ronsel
deste barco carnal em que navego
sem bússola e sem leme
pelo alto mar da Vida
sem rumo
e
sem sossego

Londres
julho 1990

DESPEDIDA

Para Brites, preteritamente

Quem conhece o umbral de cada hora?

A nossa foi da essência
límpida e transparente
(Quando eu em ti não penso
a tua ausência relumbra
E quando penso em ti
meu relógio te chora)

Quem conhece o invés de cada hora?

Só, na borda do ar
teu perfil se sustenta
e o seu cristal me fere
retendo a minha lenta
lembrança do teu ser
como concha sonora

Quem conhece o já foi de cada hora?

Mas eu sou dessa carne
que persegue os espinhos
Sei mudar em sorriso
o soluço que aflora
E sei os vendavais
que contêm um suspiro

E conheço o Passado do Futuro

do doce adeus sem fim
da Nossa Hora!

Estoril, 15 outubro 1988

INTER UMBRA

Pelas praças minhas
que choram desgraças

TU
branca e nocturna
passas
e
me abraças

Passas
e
deslaças
defuntos amores
e
aérea
destranças
de sombra e de fumo
guirnaldas
de
flores

Flores e sussurros
desertas tristezas
em
mistura
negra
com
soturnas rezas

E
a minha alma antiga
perdida no Tempo

põe-se a cismar
vendo-te
nas praças
minhas
a
vagar

Porque nem a forma
nem a norma
tuas

confuso
confesso
que não reconheço!

Londres, 23 junho 1991

Coisas e Loisas

Papeles del Alabrén, IV, Málaga, 1992

IN VITA ESSE

Para M.^a Victoria e Rafael

Tudo se transfigura
nada dura
Tudo se desmascara e se mascara
consoante à aventura
ventura
ou desventura
da mascarada
Quem não tem máscara
fica sem figura
porque sem máscara
ninguém pode ser nada
Por isso é o destino
de toda criatura
viver num Carnaval
onde a máscara é a exclusiva conjetura
dessa Verdade obscura
trémula, variada
do Ser e do Não-Ser
com que Deus nos tortura
em treta descarada

Londres
12 de outubro
1990

RAMALHETE DE POEMAS CARNAIS

Edição facsimilar em *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*,
Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia/USC, 2000, pp. 71-80.

FADO

CHORADO

SOBRE UM AMOR

PASSADO

*Las pisadas de arena que la ola
soñolienta y fatal borra en la playa*

Jorge Luis Borges

Pelo teu corpo
de limão maduro
desço
seguro
ao fundo
do mais fundo
rincão
do meu adorabundo coração
Que
ainda contigo agora
na saudosa desora
do passado
chora
a fio
com um rio
pelo jasmim errado
cuja doce e equívoca fragrância
amargado está em mim
inveterado
a tal
astral
distância

Estoril, janeiro 1989.

INÉDITO

Incluído como tal na p. 389 de *Temas d'O Ensino*, núms. 27-38,
Ponte Vedra-Braga, 1991-1994, volume de *Homenagem a Guerra*.

ANDANTE
EM
VERDE MAIOR
PARA
VIOLINO E CORAÇÃO

No fundo azar dos teus olhos
sinto que vou me afogar
por ser verdes
bem mais verdes
que as verdes ondas do mar.

Afundo nas águas verdes
do teu limpo verde olhar
penetrando
o mundo verde
da tua alma
a
verdejar.

Teu corpo é verde paisagem
de primavera a brotar
uma flor verde

teu sexo
teus seios
verdes maçãs.

Todo o teu amor é verde
verde de nunca secar
verde perene
de vida
Verde
para me matar!

Janeiro, 1979 / Nova Iorque

Guerra da Cal

Breve Antologia Poética

Guerra da Cal

Edição de Carlos Durão



Academia Galega da
Língua Portuguesa

António Gil Hernández:
Breve Antologia da Prosa
de Ernesto Guerra Da Cal

Antologia

De *Língua e Estilo de Eça de Queiroz* (1981), Coimbra, Livraria Almedina.

Da “Entrevista com Guerra da Cal” in *JL. jornal de letras, artes e ideias*, núm. 56 (12-25 de abril de 1983)

Da “Apresentação” de *Rosalina de Castro. Antologia poética. Cancioneiro rosaliano* (1985), Lisboa, Guimarães Editores.

Do “Antelóquio indispensável” a *Futuro imemorial (Manuel de Velhice para Principiantes)* (1985), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

“Dous lusistas insólitos”, in *Agália*, núm. 38 (Verão de 1994).

Faço minha a advertência de Carlos Durão sobre a antologia poética de Guerra Da Cal, por ele preparada.

Procurei escolher textos e, neles, excertos representativos da preocupação e interesse fundamentais de Ernesto Guerra Da Cal pela Galiza, bem definidos idealmente no poema, acima recolhido, “Pátria”.

Não fui amigo, propriamente dito do Professor, mas sim correspondente epistolar bem gratificado porquanto generoso me enviou, dedicados, os livros de que tiro os textos antologados, salvo, evidentemente, o artigo publicado póstumo em *Agália*.

Língua e Estilo de Eça de Queiroz

Livraria Almedina, Coimbra, 1981, 4.^a edição

IX. A ORIGINALIDADE ESTILÍSTICA DE EÇA DE QUEIROZ

O resultado desta dissecação indagatória do “corpus” linguístico da obra queirozana — limitada aqui aos elementos nucleares e às estruturas básicas — forneceu-nos indícios reveladores da profunda revolução a que Eça submeteu o instrumento de expressão literária em seus próprios alicerces¹²³. O vocabulário e a sintaxe, a lapavra, a frase e o período, ganharam em suas mãos um sentido novo, uma renovada realidade estética. Ao toque mágico da sua imaginativa sensibilidade idiomática, a matéria verbal e as suas combinações e permutações adquiriram uma virtude inédita, inesperada, que teve o carácter de um redescobrimto¹²⁴. Neste seu empenho de actualização da linguagem artística, Eça utiliza [...] fenómenos espontâneos da expressão social comum — que ele transforma em conquistas estilísticas pessoais, quando os estende, exagera, repete e estetiza. Outros processos ele recolhe-os nas suas incursões pelas literaturas estrangeiras, adaptando-os de maneiras diferentes ao génio do idioma próprio, dando-lhes um inalienável acento individual ao naturalizá-los e desenvolvê-los. Noutros casos, recorre à tradição literária nacional para dela extrair formas expressivas já morticças, que ele reaviva ou ressuscita, insuflando-lhes uma nova vitalidade. E, finalmente, os mais interessantes são consequência da sua própria experimentação: misturando, combinando e conciliando todos os ingredientes anteriores, ou criando outros novos, com um profundo sentido da genética da língua e das potencialidades nela latentes. O resultado final dessa rica integração é uma realidade estilística *sui generis* — delicada, precisa e inequívoca imagem virtual da intimidade psíquica do romancista. Através de todos esses fenómenos estilísticos de natureza tão diversa, pode-se ver aflorar a sua identidade artística, de feições tão singulares, expressa numa maneira específica de “desrealizar” a realidade¹²⁵. Isto é a sua estilização mental do mundo, que sendo intransferivelmente própria, tem necessidade de plasmar-se em formas linguísticas personalizadas, inconfundivelmente suas. (pp. 369-370)

¹²³ Reafirmamos aqui a nossa convicção de que a estética da matéria literária é criativamente investigável apenas por aproximação, a despeito de todos os métodos “científicos”.

¹²⁴ Eça, malgrado as acusações de imitação de que tem sido alvo por parte de certos espíritos, uns obtusos, e outros mal-intencionados, tinha, instintivamente, um “horror salutar do *já-dito*, do *já-feito*” [...].

¹²⁵ Ortega e Gasset definiu o estilo como “la peculiar manera que en cada poeta hay de desrealizar las cosas.”



Talvez o mais essencialmente original da personalidade de Eça seja precisamente essa sua capacidade de assimilação. A todos os empréstimos, a todas as apropriações, às influências de toda a espécie, sobrepõe-se, dominando-as e hierarquizando-as, dando-lhes uma nova natureza, a personalidade criadora, rica e contraditória, do romancista.

Como todos os escritores de autêntica originalidade, Eça oferece-nos na própria base de sua língua literária uma fusão de tradição e novidade; que é indispensável,

porque é um facto que toda a inovação artística, para se insinuar nos espíritos e fazê-los assimilar o que ela contém de revolucionário, precisa da cumplicidade de elementos conhecidos que lhe sirvam de ponte. Assim conseguiu [...] introduzir na prosa todo um novo sistema melódico de cadências menores, cortes e dissonâncias, baseado numa mistura subtil com os amplos e sonoros movimentos oratórios do estilo clássico. Soube combinar, em hábil dosificação, processos novos de expressão de um concentrado laconismo com as formas da exuberante magniloquência tradicional. Por isso o seu estilo tem uma dupla vertente, conservadora e revolucionária, que garante a sua vitalidade e explica o seu êxito. (pp. 371-372)

A influência desse estilo foi considerável. Em Portugal e no Brasil virou do avesso a língua artística e foi o factor que mais contribuiu para criar a moderna expressão em prosa. O seu influxo fez-se também fortemente sentir em todo o âmbito das letras castelhanas de aquém e além-mar. Eça foi o precursor da reforma estilística que havia de se impor com o *Modernismo* hispano-americano e espanhol — reforma esta realizada por ele no romance com grande antecedência. Quando, em 1888, Rubén Darío publica *Azul*, já havia aparecido a parte principal da obra narrativa de Eça¹²⁶, que, com o seu delicado esteticismo sensual e a sua irreverente e elegante ironia, oferecia um forte atractivo para os rebeldes ao tradicionalismo no mundo hispânico. Desde 1884 corriam pelas Américas traduções dos seus romances¹²⁷. O próprio Rubén o afirma em 1893, numa conferência em Buenos Aires sobre Eugénio de Castro¹²⁸. Em 1891, Manuel de la Cruz já havia traduzido [*A Relíquia*], para a *Revista Cubana*, de Havana, e, em 1900, a *Revista de Chile* publica uma versão completa de [*O Mandarin*]. Valle-Inclán, a quem se atribui a continuação na prosa espanhola do movimento iniciado por Darío, começa a traduzir Eça em 1902 (com [*A Relíquia*]), justamente no ano da publicação da *Sonata de Otoño*, — a primeira das quatro da série das “Memorias del Marqués de Bradomín”. A influência do estilo do Eça em toda a obra da primeira fase do romancista galego é evidente [...]. Na Espanha, a influência da obra do Eça, que já se fizera sentir na geração realista¹²⁹, continuou depois de exercer-se ainda mais energeticamente, pois o seu estilo resumia muitas das apetências dos *Modernistas* e dos membros da *Geração de 98*. Observa-se isto, depois de Valle, em Gabriel Miró ([*A Relíquia*] está vigorosamente presente nas *Figuras de la Pasión del Señor*), na tónica e na forma das crónicas humorísticas de Júlio Camba, e em muitíssimos escritores de segunda categoria (toda a obra de Wenceslao Fernández Flórez, estilisticamente, é um decalque queiroziano)¹³⁰. Na América espanhola, com excepção de sua acção difusa, que foi enorme, lobrigamos a sua sombra na obra individual de certos escritores. É presumível em Larreta (*La gloria de Don Ramiro*, 1908) e desde logo perceptível em Manuel Gálvez, Roberto J. Payró, Joaquín Edwards Bello e Carlos Lobeira, alguns dos quais praticam o pastiche aberto e confessado¹³¹. (pp. 372-373)

¹²⁶ [*Prosas Bárbaras; O Crime do Padre Amaro; O Primo Basílio; O Mandarin; A Relíquia; Os Maias*]

¹²⁷ Vid. nossa *Bibliografía Queiroziana sistemática y anotada e Iconografía artística del Hombre y la Obra. Tomo 1.º. Bibliografía Activa*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1975, 662 págs.

¹²⁸ Vid. *Los Raros*, Buenos Aires, 1893.

¹²⁹ Assinalou-se repetidamente — sem que tenha sido analisada — a evidente influência que [*O Crime do Padre Amaro*] e [*O Primo Basílio*] exerceram na elaboração de *La Regenta*, de “Clarín” — a quem se acusou abertamente de plágio. [...] De um modo geral, a influência inquestionável de Eça nas literaturas de fala castelhana está ainda por ser estudada como merece.

¹³⁰ Os escritores galegos, como é natural, foram particularmente sensíveis à sua influência.

¹³¹ Vid. Joaquín Edwards Bello, *Don Juan Lusitano. Ejercicios portugueses dedicados a los lectores de Eça de Queiroz*, Santiago de Chile, 1934.

ENTREVISTA COM GUERRA DA CAL

in *JL. jornal de letras, artes e ideias* núm. 56 (12-25 de abril de 1983), pp. 15-17

GUERRA DA CAL AO JL. *A TRAGÉDIA NÃO É OBRA DE EÇA DE QUEIROZ...*¹³²

Fernando António de Almeida

“Galego de nascimento, galaico-português de vocação e americano de nacionalidade”, auto-retrato flash de Ernesto Guerra da Cal, considerado o primeiro especialista de Eça de Queiroz, professor catedrático jubilado, regressou de Nova Iorque, onde exercia o seu magistério, e instalou-se em Portugal em 1977. Acaba de lhe ser atribuído o *Prémio D. Manuel II* pela *Fundação da Casa de Bragança* pela sua monumental obra *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Bibliografía Queirociana* (original redigido em castelhano). Poeta — em língua galega — e combatente antifranquista durante a Guerra Civil de Espanha, exilou-se nos EUA, país aonde também exerceu o jornalismo durante dez anos.

Guerra da Cal vive agora no Estoril. Casado com uma senhora filha de inglês e portuguesa, nascida em Algés, Elsie Allen da Cal, foi ela que traduziu para português a versão definitiva da *Lingua e Estilo de Eça de Queiroz*, publicada em 1981¹³³.

Entretando, Guerra da Cal tem no prelo o volume dos índices da sua *Bibliografía Queirociana*, a qual acrescenta ainda mais dois mil verbetes a somar aos quatorze mil já publicados. (p. 15)

¹³²NOTA DO EDITOR.- Permito-me distribuir em parágrafos diferentes algumas partes do texto-entrevista com o intuito de facilitar a leitura e sobretudo de disinguir das intervenções de Fernando A. de Almeida as respostas do Professor. Também me permito pontuar onde acho que faz falta algum signo.

No fim, transcrevo literalmente os dous poemas inéditos [sic] do poeta Guerra Da Cal, que o JL reproduz a dupla coluna. Advirta-se que na altura o Professor ainda não parece ter decidido de todo a opção *radical*, que dizem algumas gentes na *Comunidad Autónoma de Galicia* (e fora dela), a opção plenamente lusógrafa, aliás, simétrica do que acontece na Hispanofonia, em que a Lusofonia galega foi insitucionalmente incrustada.

¹³³NOTA DO EDITOR.- Na “Nota do autor para esta edição”, Guerra Da Cal explica uma segunda razão de traduzir para português a obra original em castelhano:

foi o desejo de ver em letra redonda uma versão portuguesa que de maneira plena satisfizesse todas as nossas exigências de exactidão e de matização expressiva. Este intuito seria, já se vê, realizável numa situação de completa compenetração mental de autor e tradutor — como no caso presente. A convivência do lar tornou fazível a consulta diária e com ela a possibilidade de pequenas modificações de palavras e frases do original, que redundaram, cremos, numa lição mais claramente elucidativa. (Ernesto Guerra da Cal, 1981, *Lingua e Estilo de Eça de Queiroz. Elementos básicos*, Coimbra, Livraria Almedina, p. 7).

EÇA E O MUNDO HISPÂNICO

Passamos para Eça. As traduções do escritor português em mais de vinte línguas, entre as quais as línguas mais *recônditas* do mundo [...].

Passamos a Gorki que, após a revolução de 1917, insistia para que numa coleção de literatura universal se publicassem, Voltaire, Flaubert e “sobretudo Eça de Queiroz”, segundo referências agora recolhidas por Guerra da Cal. Passamos à edição de *O Crime do Padre Amaro* em checoslovaco que já ultrapassa o meio milhão de exemplares.

Passamos para Eça na Espanha, a Emília Pardo Bazán que introduziu o naturalismo em Espanha e foi quem escreveu o primeiro artigo sério sobre Eça, com quem se encontrou em Paris em 1899. Guerra da Cal salienta o “fascínio que Eça exerceu sobre a *Geração de 98*”. Como já tinha exercido em Espanha a sua influência na *Geração de 70* (a ideia de decadência dos povos peninsulares, prefigurando a perda das colónias espanhola, Cuba, Filipinas).

Eça e a América Hispânica:

Não há um escritor importante da América Latina até hoje, que não se reclame do Eça. Borges fala de Eça. Miguel Ángel Astúrias diz dele: *El árbol grande a la sombra del cual crecemos todos los escritores hispanoamericanos*.

Guerra da Cal acrescenta ainda:

Tenho conhecido hispano-americanos, quem em Nova Iorque, quer nas minhas andanças pela América Hispânica para que falar do Carlos da Maia ou do conselheiro Acácio era como falar de pessoas vivas.

Ou:

Na minha geração, por exemplo, em Madrid, todos éramos *fradificados*. Imitávamos as frases, as atitudes, aquele 'dandismo' do Fradique.

Além de literária, a influência chegou a ser social, chegou a condicionar toda uma série de comportamentos.

A GALIZA É UM PAÍS SEMICONQUISTADO

Ernesto Guerra da Cal, poeta, *Lua de Além-Mar*, recolha de 1939-1958. Em 1963 a mesma editora publica-lhe *Rio de Sonho e Tempo*. Estas duas recolhas vão ser agora reeditadas conjuntamente com um novo livro de poemas: *Memorial do Futuro. Manual de Velhice Para Principiantes*.

O final da Guerra Civil de Espanha encontrou o combatente integrado nas milícias galegas em missão oficial nos Estados Unidos. Era a última ofensiva do Ebro. O exército republicano iria ser vencido pelos franquistas, pelos fascistas de Mussolini, pela *Legião Condor* de Hitler. Pergunto a Guerra da Cal se não pensou em estabelecer-se em Portugal:

Na altura não me poderia ter fixado em Portugal porque teria sido logo localizado pela PIDE, devolvido a Espanha e encostado à parede. Salazar estava totalmente ao lado do franquismo, embora soubesse que a tese de Franco para obter o *brevet* de oficial do

Estado Maior, em Saint Cyr, era um plano para a conquista de Portugal em 15 dias.

Perante o nosso espanto Guerra da Cal reitera-nos o facto, sublinhando que a ideia de conquista não tinha sido abandonada por Espanha:

Nem ainda foi, acrescenta.

Reformado, Guerra da Cal recusou voltar à Galiza:

A Galiza é um país semiconquistado e eu não posso conviver com uma Galiza mediatizada pelo Estado central. Estou aqui numa Galiza livre, onde falo a minha língua, estou rodeado de pessoas que falam a minha língua e só tenho que ouvir de vez em quando um turista falando em castelhano. Mas, se for à Galiza, tenho que estar a ouvir os galegos a preferirem, muitos deles, serem espanhóis de quarta classe que galegos de primeira.

O Prof. Guerra da Cal realça o facto de ser sido — nos seus poemas — o primeiro escritor a utilizar o sistema gráfico português para transcrever o galego. Esse facto, aliás, trouxe-lhe inimizades e acusações de estar vendido, como diz ironicamente, aos *dobrões portugueses*. E acusa o poder político local, dominado pela direita, por Fraga Iribarne, galego como Franco (*não há pior cunha do que a da mesma madeira*), de querer dialectalizar o idioma galego “para que seja, mesmo como língua escrita, um dialecto do espanhol”, o que significa uma “condena à morte”. Para Guerra da Cal, à semelhança do flamengo que se apoia no holandês, o galego deveria apoiar-se no português.

A LÍNGUA GALEGA

É muito difícil para uma língua que não foi cultivada literariamente desde o final do século XV até meados do século XIX, sem partilhar meios de difusão, sem canal de televisão, subsistir. O galego manteve-se porque as comunicações antes eram difíceis. Mas agora que a televisão chega, em castelhano, às aldeias mais perdidas, como se aguenta uma língua que só está no ensino como cadeira de opção, que não se ensina nas escolas primária e secundária, que não está presente nos meios de comunicação de massas, nem tem uma bagagem de cultura para lutar contra uma língua que tem Cervantes, Lope de Vega, Quevedo, García Lorca, etc., etc. Como alguns dos seus exponentes?

Uma outra questão básica é o da normatização e normalização do galego:

Por um lado sujeita a anarquia de uma língua que perdeu a sua tradição escrita; por outro lado porque não ocupa o lugar na vida galega que é ocupado pelo castelhano.

Surge o fundo social e sociológico:

As classes superiores foram sempre avessas a aceitar o galego, como uma língua em pé de igualdade com o castelhano. No melhor dos casos era uma língua familiar e de proletários, de camponeses e marujos, de labregos, uma língua de ilotas. Tudo isto faz ainda parte do complexo de inferioridade galego.

Guerra da Cal compara o galego ao basco (*reliquia neolítica*) e ao catalão. Computa em cerca de 80 por cento a percentagem dos galegos que falam o seu idioma natal.

A expressão faz-se na Imprensa periódica através do semanário *A Nostra Terra*, “marcado” por pertencer à esquerda revolucionária. No Parlamento autonómico começou por falar-se só galego. Mas a maioria dos deputados que é da direita tem começado a introduzir o castelhano e a utilização do galego tem descrecido. Aliás, dentro dos próprios galeguistas, há divisões profundas, particularmente no que concerne aos princípios de normalização da língua galega.

Há duas tendências: uma delas, sediada na *Real Academia de Lengua Gallega* [sic],

fez aprovar normas dialectais que tendem a separar o galego da sua área natural que é o mundo luso-brasileiro e africano lusófono.

Esta tendência defende a manutenção de fenómenos ruralizantes, expressos como padrão (“probe” por *pobre*, por exemplo) e a tomada de empréstimo do vocabulário culto, científico ao castelhano. Para o professor Guerra da Cal isto significa

condenar o galego a um ruralismo que o situa numa posição dialectal em relação ao castelhano.

A este respeito o nosso interlocutor defende a posição — da outra tendência de que deve ir buscar-se ao português este vocabulário — que teria sido o do galego se a sua evolução se tivesse dado normalmente. Quanto à transcrição fonética, Guerra da Cal defende a utilização da grafia portuguesa — utilização de *lh, nh, ç* — critério utilizado por ele nos dois livros de poesia que publicou e que explicitava numa nota a *Lua de Além-Mar*:

Empregamos grafia portuguesa para todos os fonemas que podem ser representados sem se deturpar o carácter da nossa peculiaridade idiomática.

Guerra da Cal põe em relevo o contributo positivo dado pela *Associação* [sic] *da Língua Galega* [sic] que defende o escrever em *reintegrado* e a universidade que considera, “apesar de tudo”, como “um foco de resistência”.

A reintegração na área lusófona apresenta ainda uma enorme vantagem para a pujante literatura em galego: ganhar a um vastíssimo público; ela que está confinada a um público galego — onde o índice de analfabetismo é já por si elevado e onde os alfabetizados o são em castelhano e não em galego. (pp. 16-17)

DOIS POEMAS INÉDITOS DE GUERRA DA CAL (p. 17)

SUICÍDIO

*Pode-se morrer mais de uma vez
A sepultura é que é uma para cada homem*
Camilo Castelo Branco

Encontraram-me morto
em Washington Square
no frio rosieler
da madrugada:
os olhos bem abertos
e a carta
ali ao meu lado
preparada

Pola flor da ferida do meu peito
ainda fluía
a eito
a minha infância morna e esvaída
e no cham se encharcava
vermelha
coalhada
arrefecida

O Tempo
meu pobre cam leal
triste animal
que era tudo quanto eu
insofismavelmente possuía
— e que eu acarinhava dia a dia —
lugubrememente
uivava
para o Céu

GUERRA — AO LONGE

Na noite inacabada
dos derradeiros tiros
da vaga madrugada
quase calma
todo o meu camarada
aqui
ao meu lado
na trincheira avançada

Morto!

E quero preservar
no arquivo da minha alma
a sua cara
Nom a cara fechada
já desactualizada
do seu agora
frio
senom aquela outra
que sempre tinha aberta
em perene risada
quando vivo
nom podó
e fico absorto

E vejo que no mundo nom hai nada
mais cruel
e difícil de fixar
que um rosto vivo
morto
penetra como espada
espectral
e difusa
e mortuória
no recanto mais íntimo e atroz
do espanto
da desmemória

ROSALIA DE CASTRO

Antologia poética

Cancioneiro rosaliano



Organização
de
Ernesto Guerra da Cal

Guimarães Editores

ROSALIA DE CASTRO.
ANTOLOGIA POÉTICA. CANCIONEIRO ROSALIANO
Lisboa, Guimarães Editores, 1985, pp. XI-LI

APRESENTAÇÃO

[À MANEIRA DE INTRODUÇÃO]

Rosalia é mistério porque ainda não sabemos *quem* foi no seu dia a dia essa *wise and sad little Celtic woman*¹³⁴, simples, natural, desprovida de qualquer afectação e de encantos físicos, agudamente inteligente e invulgarmente sensível, com escassa bagagem cultural, avessa à popularidade e desdenhosa da glória; que acabou os seus dias enterrada no seu lar rural, esquiva ao contato social, prematuramente marcada pelo dedo canceroso da Morte, escrevendo só para si [...]. (pp. XI-XII)

Rosalia é milagre porque foi capaz, pela força do seu génio poético, de despertar uma língua e um Povo. Pelo condão do seu poder lírico, um idioma olvidado do seu remoto passado de culta grandeza, degradado à condição de rude dialecto oral, confinado num *ghetto* de hilotas do trabalho, adquiriu subitamente foros de veículo de expressão artística escrita. [...] (p. XII)

Rosalia é mito, porque sendo mistério taumatúrgico, sendo a sua realidade mortal tão incerta e evanescente, e tendo a sua mensagem poética tão estimulantes refracções e tão intrigantes contraluzes, era fatal que fosse objecto de transfigurações. [...] (p. XII)

E em todas as transformações de que foi objecto, tanto as oriundas do fundo popular anónimo, como as procedentes da elaboração literária culta, habita sempre uma fracção considerável da sua verdade. [...] (p. XII)

[...] A explicação disto reside em que Rosalia tem *duende*, esse misterioso e inapreensível espírito que seduz a cultos e iletrados, sem distinção. Esse *daimon* indefinível, que García Lorca tão bem assediou, presente em toda a grande arte, que, como incubo ou súcubo, possui nocturnamente os seus eleitos¹³⁵. Esse *duende* ibérico — que o poeta granadino, significativamente, nos diz que enche de sangue, pela primeira vez na escultura, as faces dos Santos [*no Pórtico da Glória*] de Mestre Mateus, de Compostela — era o que possui Rosalia, e é o que ouvimos lançar seu grito *de cores ne-*

¹³⁴ S. Griswold Morley, *Beside the River Sar*. Selected Poems from *En las Orillas del Sar*, by Rosalia de Castro. Translated from the Castilian with Annotations and Preface. Berkeley, California, University of California Press, 1937, pág. ix.

¹³⁵ "A virtude suprema do poema é estar sempre *enduendado*, para baptizar com água escura todos aqueles que o olham, porque como *duende* é mais fácil amar, entender, e é certo ser amado, ser entendido; e esta luta pela expressão e pela comunicação da expressão adquire por vezes caracteres mortais". "Teoría y juego del *duende*". *Obras completas de Federico García Lorca*. Madrid, Aguilar, 4.ª ed., 1962, p. 4.

gras pela voz de sombra da Poeta. É esse *duende* galego, que Federido viu em Santiago, o que canta em Rosalia fazendo-a soluçar banhada em luz escura de treva transparente. E é o que a fez subir e descer, desvairada na sua canção, as arruinadas escadas e as galerias solitárias do seu castelo interior.

Os registos desse canto — pranto, lamento, soluço, grito, macio alarido — foram muito diversos. Mas todos eles, duma forma ou doutra, mostram, como um denominador comum, a dimensão mais definidora da sua personalidade: a rebeldia. Rosalia foi rebelde, uma dissidente de corpo inteiro, dos pés à cabeça. (pp. XIII-XIV)

Rebelde como mulher, que se insurge, levantando o seu protesto de contestação aos paradigmas de conduta e de vida que a sociedade do seu tempo impunha, asfiantemente, à dignidade da condição feminina.

Rebelde como galega, que com viril energia reivindicativa desfraldou a bandeira em defesa da sua Pátria — reduzida à condição de colónia cultural pela Castela, dominadora assimilista, e à de feudo político-social pela Espanha opressora.

A sua voz acusatória foi a primeira que se alçou para denunciar o genocídio legal dum povo exangue; massa de párias obrigados a procurar em terra alheia o pão que na própria se lhes negava [...]

Rebelde como escritora que, para cantar a silenciosa *epopeia heroica* dos miseráveis, dos despossuídos, dos deserdados do seu património nacional e humano, opta pela desprezada língua desses espoliados, esses camponeses e pescadores que ela indignamente considera *a só e única verdadeira gente de trabalho do nosso país*. [...]

Rebelde finalmente como criatura humana, tragicamente castigada pelo *Fatum* inexorável, que a condenou a uma breve vida de obscuros infortúnios, desde o nascimento até à morte: origens infamantes, infelicidade amorosa, insatisfação conjugal, existência nomádica de *viúva de vivo*¹³⁶, trágica perda de dois filhos, penúria económica — e finalmente a doença implacável e cruel que fez dela um enlutado fantasma físico, e com longo tormento lentamente a matou. Contra esse destino ela se revolveu. [...]

Foi, portanto, uma rebelde total contra as leis, humanas e divinas, da circunstância temporal em que viveu inserida. Mas há aqui uma nova contradição, misteriosa, entre pensamento-sentimento duma parte e conduta da outra.

Porque o seu desafio foi essencialmente teórico. Na vida social não foi nunca uma *activista*. Conduziu-se sempre da maneira mais convencional. O seu único atrevimento público foi escrever — e escrever em galego. (pp. XIV-XV)

[CANTARES GALEGOS]

A unidade do livro é [...] evidente. Todos eles refletem uma visão de íntima saudade telúrica e um intuito de recuperação poética do mundo da meninice do Poeta, do qual ela nunca se desprendeu, conservando-o sempre a flor da alma. Todos eles [...] têm uma leitura imediatamente acessível; mas todos eles também podem ser lidos em profundidade, no seu sentido de morte, de saudade existencial, de trémula consciência do tempo irreversível, do *ubi sunt* dramático e de trágica despedida de tudo o que foi

¹³⁶ Vid. Maria da Graça Azambuja, *Evocação de Rosalia de Castro*, Lisboa, Edição de Álvaro Pinto ('Ocidente'), [s/a, 1955], pág. 14.

vida e é agora apenas sombra de lembrança¹³⁷.

Referindo-se a *Cantares* Rosalia [Murguia?] disse que *Um livro de 300 páginas, escrito no doce dialecto do país, era, naquela altura coisa nova e ultrapassava por isso todo o atrevimento*. Só por si, este livro teria sustentado a celebridade da autora entre os seus compatriotas. Livro crucial, com que ela não apenas segurou e afirmou o que então era apenas um balbuciante e vacilante início de ressurgimento literário ver-náculo, mas [por palavras de Carvalho Calero]

Deu aos galegos um Evangelho poético onde aprenderam a boa nova da sua dignidade, o que poderosamente contribuiu para a formação da consciência galega moderna¹³⁸

O seu *pathos* pessoal e artístico passou a constituir-se em elemento placentário da reanimação do nosso *ethnos* amortecido. A alma lírica de Rosalia, sem deixar de ser dela, passou, a partir da publicação dos *Cantares Galegos*, a ser, mística e miticamente, continente e conteúdo da galegidade. Deu nova significação, irrevocável, à nossa língua e à nossa Nação. (pp. XXVI-XXVII)

[FOLHAS NOVAS]

Folhas novas não apresenta a unidade temática dos *Cantares*. Está dividido em cinco livros: “Vaguedades”, “Do íntimo!”, “*Varia*”, “Da Terra” e “As viúvas dos vivos e as viúvas dos mortos”. Rubricas estas que nem sempre parecem corresponder muito precisamente aos poemas por cada uma delas abrangidos¹³⁹; mais parecem pertencer a composições individuais.

De facto em *Folhas novas* encontramos poemas que indicam maneiras diferentes — que fariam supor uma procedência de diversas épocas¹⁴⁰. Há alguns que parecem resíduo dos *Cantares* (por constituírem glosas de cantigas ou adágios populares). Há poemas de protesto social violentíssimo (Vid, “A justiça pela mão”). E há outros que pela forma e fundo se situam no ciclo que chamaríamos intimista-metafísico. Que são os da mais alta Rosalia, a dos trágicos mergulhos nas profundezas abissais da sua alma; a que virilmente encara a Esfinge e títanicamente luta contra o Anjo do Nada; a Rosalia ávida de morte e faminta de imortalidade que em ocasiões desafia o próprio Deus que a sua mais íntima natureza lhe pede cegamente rverenciar. A Rosalia cuja comunicação com a Natureza deixou de ser um alegre diálogo matutino para ser uma sombria e dolorosa comunhão crepuscular. O estilo continua a ser simples — os limitados recursos da línguas continuaram a obrigá-la a uma severa disciplina de austeridade expressiva. (p. XXIX)

¹³⁷ Como exemplo dessa segunda leitura vid. o comentário que o poeta americano John Frederick Nims fez à sua versão inglesa de “Nasci quando as plantas nascem”, em *The Poem Itself. 45 modern Poets in a new Presentation*, Edited and with an Introduction by Stanley Burnshaw, New York, Holt, Rinehart & Winston, 1960, págs. 162-163; 2 nd ed. Meridian Books, New York, 1965; European ed. London, Penguin Books, 1960. Nesta famosa antologia, Rosalia abre a secção dedicada aos poetas ibéricos e ibero-americanos.

¹³⁸ R. Carvalho Calero, “El legado de Rosalia”, *El País*. Extra. En el Centenario de Rosalia de Castro, Madrid, 1985, Martes/Lunes, 22 de Julio, pág. II.

¹³⁹ Sabendo a intervenção que Murguia teve na obra de sua mulher, ficamos com a suspeita, cautelosa, de que a estruturação interna do poemário seja da lavra dele.

¹⁴⁰ A quase total ignorância existente no que diz respeito à cronologia dos poemas rosalianos é aflitiva. A vaga datação geral que Murguia atribui ao conteúdo de *Folhas novas*, não é nem satisfatória nem digna da mais leve confiança.

[EN LAS ORILLAS DEL SAR]

Pouco antes da sua morte veio a lume, em 1884, o cancionero *En las Orillas del Sar*, em língua castelhana. Os críticos desconhecem ou pretendem ignorar a peculiar situação linguística de Rosalia — o bilinguismo [...] — encaram este livro, em confronto inevitável com a sua obra em galego, como indicador de uma acentuação da tendência reflexiva, que traduz um serenamento “uma espécie de sublimação pela conquista da sabedoria”¹⁴¹. Bem, para começar, não temos certeza nenhuma de que a data de publicação deste volume suponha que a composição dos poemas que o compõem seja posterior à dos dois livros em galego, pois, também no caso deste, a penúria de informação cronológica é total¹⁴².

Mas aceitemos, de ânimo leve, que o factor de amadurecimento seja um elemento explicativo da diferença de *ambiente* lírico que qualquer leitor pode aperceber neste livro. O que também é evidente que o *ambiente* linguístico é outro. Em primeiro lugar porque cada língua impõe a quem a usa o seu espírito e a sua idiossincrasia lírica. E nada mais polarmente oposto, de qualquer ponto de vista, que o clima e espírito das línguas galaico-portuguesa duma parte e espanhola da outra. Se ainda por cima o utente, como no caso de Rosalia, não domina essa língua e sente-se nela um tanto “no ar”, insegura dos seus meios, a sua expressão terá por força que ter um certo distanciamento, uma frieza, uma desconfiança, no seu instrumento expressivo que por força virá a se manifestar¹⁴³. Maneja uma língua *superior*, que lhe infunde respeito e lhe coíbe o *vontade* no uso literário. Com o *dialecto* permite-se toda a sorte de liberdades — com o castelhano nenhuma. (pp. XXXII-XXXIII)

[A SOMBRA]

A sombra do Thanatos projectou-se sempre sobre Rosalia. O Anjo negro da Morte sempre caminhou ao seu lado. E paira sobre a sua poesia com uma presença constante e múltipla. Evidentemente que a Espanha da sua época, ainda nos últimos degraus da

¹⁴¹ Vid. Jacindo do Prado Coelho, *Op. cit.* Pág. 111. [“Rosalia e as lições do desengano”. *Graal. Poesia-Teatro-Ficção-Ensaio*, Lisboa, 1956, núm. 2, Junho-Julho, pp. 109-113]

¹⁴² De facto a única informação neste sentido — proveniente de um biógrafo coevo da escritora — afirma o contrário. Com efeito, Augusto González Besada, amigo da família, diz terminantemente: “As poesias castelhanas de Rosalia, colecionadas anos depois pela autora no volume *En las Orillas del Sar*, tinham visto a luz, na sua maior parte, no jornal *El Progreso*, de Pontevedra”. Rosalia de Castro. Notas biográficas. Madrid, Biblioteca Hispania [s/a 1916], pág. 103, nota 32. Se isto for assim, estes poemas castelhanos seriam anteriores aos de *Folhas Novas*, ou contemporâneos deles. Por sua parte E. Carré Aldao afirma que estes versos foram escritos muito antes dos da obra galega (Vid. “Estudio bio-bibliográfico-crítico de Rosalia de Castro”. *Boletín de la Real Academia Gallega*, XVII, 16) e que muitos apareceram no periódico *La Nación Española*, de Buenos Aires, em 1880, (*ibid.*, xvi, 133). Por sua parte Murguía, organizador do volume, numa carta publicada por Naya Pérez (Vid. “Murguía y su obra literaria”, *ibid.* 289-293) corrobora este último dado. Por inconcebível que possa parecer, ninguém ainda investigou estes assertos, salvo erro. Os dois únicos poemas datados do livro são de 1867 e 1883 — ambos acrescentados por Murguía na 2.ª edição. [...]

¹⁴³ Já falamos da deficientíssima ortografia castelhana de Rosalia. Não é apenas a ortografia a que dá o índice da falta de intimidade da Poeta com a língua do Estado. Mesmo numa leitura superficial os galaicísmos involuntários vêm à tona: “*las fantasmas*”, “*de suyo*”, tradução literal de *de seu* galego, “preferir de” por *preferir* a, a flexão verbal “-ra” com valor de mais-do-que-perfeito, etc.

descida do Romantismo, cultivava a necrofilia teatralizada característica daquele movimento. Mas as fontes desse tema tão prevalescente na lírica rosaliana não vêm daí. Porque não é uma Morte literalizada e espectacularmente fúnebre ou macabra. Bem ao contrário, é uma morte imediata, familiar, proveniente do fundo das poéticas crenças e superstições milenárias do povo galego. Rosalia canta os cemitérios, amáveis, onde mortos e vivos intimamente convivem; canta os repiques e os dobres de finados dos campanários das igrejinhas rurais, canta os seus próprios mortos, sempre vivamente presentes, que ela vê — e que a acompanham. Ela a si própria descreve-se como uma pessoa *que cada vez foge mais dos vivos / cada vez fala mais com os mortos*. Rosalia simplesmente compartilha com a sua Galiza a antiga familiaridade com os *defuntinhos*. O seu diálogo com a morte foi vitalício; inclusivamente mesmo com a dela própria, com o seu próprio enterro e o do seu coração; que ela presencia no extraordinário [...] poema “Sem terra”. Há na sua poesia uma longa dialéctica da morte, na que entram como elementos simbolizadores a *Sombra* e o *Mar*, que sempre aparecem a assobrá-la e a tentá-la, de diferentes modos, com o convite sedutor do suicídio. (pp. XX-XIX-XL)



FUTURO IMEMORIAL
(*MANUAL DE VELHICE PARA PRINCIPIANTES*)

Lisboa, Sá da Costa Editora, 1985, pp. 5-13

ANTELÓQUIO INDISPENSÁVEL

[POETA E POEMAS GALEGOS]

Este livro carece de um esclarecimento prévio. Porque não é, como poderia parecer ao leitor desavisado, um livro de poemas portugueses. Em primeiro lugar porque o autor não é português. E em segundo, porque embora escrito em português — com alguns elementos diferenciais — o sentimento último que palpita por baixo das palavras, as atitudes líricas, e mesmo a temática em repetidos casos, evidenciam um carácter que sendo muito afim do lusitano é, porém, distinto. O poeta é galego — parente muito próximo. E os poemas são, portanto, galaico-portugueses. (p. 5)

[APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA GALIZA]

A Galiza, reino insubmisso e, como Portugal, centrífugo, foi sanhudamente subjulgado pelas sucessivas hegemonias leonesa, castelhana e imperial — modernamente pelo ferrenho e obtuso centripetismo da *Espanha* unitária. (p. 6)

Nos alvares do Renascimento o velho reino galetto, perdida — não sem heroicas resistências — a soberania, foi definitivamente submetido e sistematicamente colonizado. As classes dominantes, vencidas, viram-se obrigadas, pelo assimilismo que lhes era imposto, a abandonar o uso da língua vernácula, adoptando gradualmente a do dominador castelhano. A língua escrita definha e morre e com ela se apaga no silêncio a voz literária, outrora vibrante. (p. 6)

O País entra na Idade Moderna inerte e isolado, governado por umas classes dirigentes e uma burocracia alheias, servidoras dos distantes centros de poder da centralizadora Coroa austríaca. Com uma nobreza abatida e empobrecida, sem burguesia, com uma Igreja castelhanizada ao serviço da Monarquia Habsburguesa, a Galiza vai ficar sem vontade própria. E durante longos séculos ensimesmada e dividida interiormente em dois grupos: a um lado, numericamente minoritário, o das *classes superiores* da cultura urbana, cujo carácter distintivo passará a ser o uso exclusivo da língua importada — a única escrita — entre os elementos com elas identificados; e do outro o bloco social, esmagadoramente maioritário, constituído pelas classes trabalhadoras do agro e do mar, iletradas, cuja comunicação diária, oral, era e continua a ser no vernáculo, *sermo rusticus*, marginalizado e estigmatizado como de servos da gleba; que que essas camadas humildes da população teimosamente conservaram, com miraculoso empenho, até hoje. (p. 6)

Durante as escuras centúrias do silêncio galego essa cultura riral e marinheira foi a única Pátria que sobreviveu. Nesse *ghetto* linguístico se conservou religiosamente intacto tudo o que de substantivo havia no nosso *etnos*. O resto da sociedade sucumbiu ao colonialismo, vivendo uma vida falsa e estéril de papalva imitação dos figurinos de conduta vital que atrasados chegavam da longínqua e ancilosa Corte madrilena. A língua nativa ficou privada de norma culta. Essa função perdida foi preenchida por um castelhano de probre importação, eivado de galaicismos — vitimado, como a língua nativa, pela erosão mútua desta diglósia. (pp. 6-7)

No Iluminismo, porém, já dois sábios beneditinos galegos, os P.es Martim Sarmiento e Jerónimo Feijóo — figuras gradas das letras espanholas — defendem ardorosamente a língua materna, a estudam e cultivam, afirmando a sua independência do castelhano e a sua comunidade com o português. (p. 7)

No século XIX, sob o violento impacte físico da Guerra Peninsular e a influência espiritual do Romantismo, acontece algo insólito: a Galiza acorda do seu letargo plurissecular. E com esse despertat, a *fala* agráfica tão longamente desprezada começa a ser escrita: primeiro como meio de propaganda patriótica contra o invasor francês; mais tarde como arma de ataque das novas ideias liberais. E logo a seguir vai ser usada nos primeiros intuitos do seu restabelecimento como instrumento literário. (p. 7)

Com o advento da República em 1931 pareceu que iam concretizar-se pela primeira vez as aspirações autonómicas. (p. 7)

Essas esperanças foram esmagadas pela guerra civil de 1936 — e a repressão que se seguiu à vitória do Fascismo. Triste foi para as nacionalidades periféricas a *longa noite de pedra* do Franquismo. Toda e qualquer manifestação de exaltação cultural catalã, basca ou galega era reprimida com ferocidade, como atentatória à sacrossante unidade do *Estado Imperial*. (p. 7)

Desmontado o aparelho totalitário, o novo *Estado de las Autonomías* viu-se obrigado a reconhecer na Constituição a existência das *nacionalidades históricas* e a outorgar-lhes um cauteloso, e astucioso, direito ao *bilinquismo* — cujo propósito real, na sempiterna política de rígido unitarismo, é o de provocar o desaparecimento das três incômodas culturas diferenciadas por paulatina “morte natural”. (pp. 7-8)

[FUTURO DO GALEGO]

Ninguém pode profetizar oracularmente qual virá a ser o futuro destino do catalão e do *euskera*, em luta de vida ou morte com a prepotente *língua do Estado Espanhol*. Quanto ao galego, eu arrisco-me a reiterar o prognóstico, feito repetidamente por figuras várias de sucessivas gerações do nacionalismo galego, isto é: enquanto o português estiver vivo, o galego não pode morrer. Como não morreu, nem morrerá, o flamengo, cuja pervivência é garantida pela contiguidade holandesa. Porque, a diferença da Catalunha e de Euskádi, a Galiza tem na outra beira do Minho, e do outro lado da raia, a sua própria língua, trabalhada e enriquecida por séculos de aprimorado cultivo, pronta-a-vestir, e bem cortada. Um sermo politus, que também é historicamente nosso, servido, *em salva de prata*. (p. 8)

[RESSURREIÇÃO OU REINTEGRAÇÃO DA LÍNGUA]

Por pura osmose dessa possante cultura consanguínea, a vida da nossa está assegurada. Esse é o apoio que nos há-de ajudar a triunfar nessa pugna heróica do pastor Da-

vid galaico contra o colossal Golias guerreiro, armado de todas as armas, linguística — e não só — que é o Estado Espanhol. Porque convém não esquecer que a que nós brandimos é uma simples funda, pois esse idioma renascido, que os poetas tomaram dos lábios do povo iletrado, ainda não deixou de ser uma *fala* impressa, plena de rica expressividade e de encantador aroma silvestre, mas, como muito bem disse Rodrigues Lapa:

A circunstância de ela aparecer escrita há cem anos não lhe tira a qualificação de fala: é uma simples transposição do idioma falado para o papel dos livros, uma estenografia da expressão vulgar, dialectal; mas não é nem poderá ser uma escrita literária. Por uma razão muito simples: a língua literária do galego está feita desde os séculos XII e XIII e chama-se hoje português¹⁴⁴.

Verdade esta tão patente como a de que no galego escrito *entram formas arcaicas e populares do galego-português com mistura aberrante de castelhanismos de toda a espécie*¹⁴⁵. Contudo, não deixa também de ser verdade que desde os dias de Rosalia esta língua escrita adquiriu notável polimento, afastando-se um tanto do cru dialectalismo localista dos primeiros tempo e criando certa koiné unificadora; e que, nas duas últimas décadas, tem recebido, principalmente no vocabulário, um sensível influxo do português [...]. (pp. 8-9)

[REINTEGRACIONISMO vs. ISOLACIONISMO]

O momento actual é de conflito, e de uma certa confusão, mas conflito promissor, de efervescência actuante — com o problema da língua como cavalo-de-batalha e assunto de relevo candente. Dois bandos se degladiam diariamente: num alinham os que neste momento detêm o poder autonómico — clientes e agentes do Estado Central, com todos os seus recursos, o seu nepotismo e os seus meios de comunicação de massas na mão. [...] Do outro lado, contra esta armadilha da colonização de novo estilo, levanta-se em onda cada vez mais alta a mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega.

À cabeça dessa juventude militam os *reintegracionistas*, em cujo triunfo final eu tenho uma fé inabalável — até por razões biológicas. Porque num dia não distante hão-de ser eles os que virão substituir os velhos caciques nas estruturas *autonómicas*, sucursalistas de Madrid, infundindo-lhes sangue novo e renovado sentido nacional. Em poucas gerações poderá a Galiza contemplar o seu velho rusticado rosto no límpido espelho da língua portuguesa, que lhe devolverá a sua imagem real e ideal de Terra redimida e livre — orgulhosa da sua voz. Que virá então a tomar o seu lugar de antiguidade no coro ecuménico, terceiro do mundo, de europeus, americanos, africanos e asiáticos que se exprimem na língua de Camões, de Rosalia e de Machado de Assis [...].

Fui pioneiro do *reintegracionismo* e hoje dou um novo passo à frente: como primeiro escritor galego a abraçar o *lusismo integral*; sem ter para isso [...] que abjurar da minha identidade galaica. Bem ao contrário, é assim que eu completo a minha integração individual no mundo lusíada — que é a última etapa da minha peregrinação íntima. E posso respirar bem fundo. Porque a língua portuguesa é o meu lar perdido e reencontrado. (pp. 10-11)

¹⁴⁴ *Estudos Galego-Portugueses*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1979.

¹⁴⁵ *Ibid.*

Ernesto Guerra da Cal
“Nótula lisbonense. Dois lusistas insólitos”¹⁴⁶

Agália. Revista Internacional da Associação Galega da Língua,
Núm 38, Verão de 1994, pp. 189-192

O Sr. Presidente da *Xunta de Galicia* [sic] deslocou-se mais uma vez a Lisboa. O Dr. Fraga Iribarne veio tratar de assuntos de índole governamental — como seja, novas pontes sobre o Minho, novas estradas de comunicação rápida entre a Galiza e Portugal, além de outras matérias que tinham a dizer dos abundantes investimentos galegos neste país¹⁴⁷ e em geral as relações económicas bilaterais, cada vez mais estreitas. Não deixou de nos causar certa satisfação íntima ver o Presidente da Galiza tratar desses negócios internacionais como um Chefe de Estado e ser recebido como tal pelas figuras cimeiras da hierarquia oficial lusa.

Também foi motivo de prazer constatar que o Presidente Fraga, naqueles seus contatos com os meios de comunicação portugueses que tivemos o ensejo de ver na TV, sempre usou da sua língua materna, contrariamente ao que costuma[va] fazer o 1.º presidente, o Sr. Fernandez Albor, que, mas atravessava a *raia*, apossava-se dele o complexo linguístico tradicional e virava mais castelhanos que D. Isabel a Católica¹⁴⁸.

Mas voltando ao actual [1994] Presidente e à sua recente visita a Lisboa,

¹⁴⁶ NOTA DO EDITOR:

Passo a nota de rodapé e em itálico os textos que figuram entre colchetes no artigo publicado por *Agália*. Também me permito redistribuir os parágrafos, segundo a proposta do autor que entendo achar no seu texto. Sobre o particular, julgue o leitor, se, assim procedendo, fui respeitoso com o autor e com o seu texto.

¹⁴⁷ *Associação dos Empresários Galegos.*

NOTA DO EDITOR:

De facto existe a AEGAP - ASSOCIAÇÃO DE EMPRESÁRIOS GALEGOS EM PORTUGAL, “pessoa jurídica de Direito Privado, sem fins lucrativos, que se constituiu por escritura pública de 24 de Maio de 1994, por iniciativa de 14 empresários, profissionais liberais e quadros superiores de empresas”, cujos objetivos são: “O intercâmbio com associações congêneres e entidades similares espalhadas pelo mundo.- A cooperação com o Instituto Galego de Promoción Económica (IGAPE).

A participação em Encontros de Empresários e Profissionais Galegos em Rede.- A assessoria às empresas, em particular de origem galaica, fixadas em Portugal.” Ignoro se ainda se acha vigorada.

Online: <http://www.aegap.org/index.php/apresentacao-aegap/apresentacao-aegap>

¹⁴⁸ Quanto ao 2.º Presidente, Sr. González Laxe, seria impiedoso fazer referências aos seus usos linguísticos; apenas uma vez o ouvimos falar na TV portuguesa, numa entrevista na que se exprimiu num *castrapo* requintadíssimo.

haverá que, em justiça, apontar o facto de que nela as suas actividades não ficaram reduzidas ao terreno pragmático das relações económicas. Também no campo das Humanidades o Dr. Fraga Iribarne marcou presença e bem marca-da. Para começar, assinou um protocolo com a *Universidade Nova de Lisboa*, por virtude do qual, fundar-se-á nesse Centro de Ensino Superior um *Programa de Estudos Galegos* — que esperamos não morra no papel¹⁴⁹.

Mas não ficou por aí a acção cultural desenvolvida em Lisboa pelo mais alto Magistrado da Galiza; pois, atendendo o convite que lhe foi feito pelo *Círculo Eça de Queiroz*¹⁵⁰, proferiu no auditório daquele clube — perante um público onde se viam figuras gradas da intelectualidade lusa — uma conferên-cia sobre o grande poeta galego, Álvaro Cunqueiro. Estranha escolha de tema, se considerarmos que a literatura não é disciplina que se encontre representada na rica bibliografia com a que o Escritor atingiu renome, no campo das ciên-cias político-sociais. Poderia ser essa, ao menos em parte, [p. 190] a expli-cação de que um tribuno com tão longa experiência no uso público da palavra, despachasse a sua prelecção, como quem está com pressa, a uma velocidade tão vertiginosa que amiúde tornava difícil a compreensão.

Ora bem. Até aqui nada relatámos da digressão lisbonense do nosso com-patício que permita, sem injustiça, que a ele faça referência o título desta co-municação.

O primeiro facto a assinalar que merece o epíteto de *insólito* é o que — não sem grande surpresa da nossa parte — o texto da palestra do Dr. Fraga Iribar-ne — fosse da autoria própria ou da um *ghost writer* — enxameada de ele-mentos lexicais portugueses. Vocabulário esse cuja presença em qualquer pu-blicação que na Galiza aspirasse ao subsídio legal, provocaria a imediata e ful-minante negação do apoio oficial.

¹⁴⁹ Não seria o primeiro.

NOTA DO EDITOR:

“Fundado em 1994, o Centro resulta de um convénio assinado entre a *Consellería de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia* e a *Universidade Nova de Lisboa*, e tem como objectivo promover a docência e a investigação, e também a língua, a literatura e a cultura galegas junto do público interessado. Nesta página poderá encontrar informação sobre as actividades do centro e consultar alguns **recursos** que disponibilizamos online [...].

Online: <http://ceg.fcsh.unl.pt/site/software.asp>

¹⁵⁰ NOTA DO EDITOR:

“*Círculo Eça de Queiroz* é uma agremiação de carácter intelectual e social, fundada em 1940, por iniciativa de António Ferro, (o nome do patrono foi sugerido por António Lopes Ribeiro), com o objectivo de fomentar o bom convívio entre os seus sócios e convidados e também o gosto pelas letras e as artes, por meio de conferências, exposições e concertos. [...] Em 1994, contamos com a presença, como conferencistas, do Prof. Fraga Iribarne, Presidente do Governo da Galiza, e do Presidente da Academia Brasileira de Filosofia, Prof. Miguel Reale. [...] *Círculo Eça de Queiroz* tem um número de associados na Categoria A restrito a 202. Este foi o número de uma mansão imaginária nos Campos Elísios, onde uma das personagens ficticiais do escritor português Eça de Queiroz, Jacinto, viveu no século XIX, em Paris. Ao longo do tempo, o clube decidiu admitir um pequeno número de membros acima de 202, que gozam de todos os direitos sociais, excepto do voto. Esses associados, supranumerários, aguardam vaga na Categoria A. Pelo clima cultural que vamos criando na zona histórica do Chiado e pelo património artístico existente na sede do *Círculo Eça de Queiroz*, é bem justificado o estatuto de Utilidade Pública que lhe foi conferido em 2005.”

Online: <http://www.circuloecadequeiroz.com/Historial/>

Mas não só por isso. O que elevou a nossa surpresa a grau superlativo foi comprovar que o orador, em todo o momento, se exprimiu num galego que ele tentava aproximar tanto quanto lhe era possível do português, indo nesse tentame muito além do que defenderia um radical *reintegracionista*. Porque o Sr. Presidente usou os ditongos nasais *ã* e *õe* — embora na sua pronúncia resultassem oralizados —. Ora, se toda essa conduta linguística não é *lusista*, eu não sei que outra cousa possa ser.

Três dias depois, no 28 de Maio, numa entrevista concedida ao semanário *Expresso*¹⁵¹ na que desenhou nos seus traços principais os planos galego-portugueses do *Eixo Atlântico*, fechou as suas declarações com a afirmação de que todos esses projectos tornar-se-ão realidades vivas porque sempre é *melhor trabalhar com vizinhos imediatos que falam basicamente a mesma língua*.

Quem não conheça, no seu dia a dia, a acirrada — e por vezes grotesca e maldosa — perseguição, profissional, social e até pessoal a que são submetidos na Galiza todos aqueles cidadãos que, no uso do seu direito, de qualquer maneira propugnem a aproximação linguística galego-portuguesa, pensaria, à luz do seu comportamento em Lisboa, que o Presidente Fraga Iribarne é um *lusista* — alcunha pejorativa com que as autoridades linguísticas da *Xunta* designam os partidários dessa aproximação —. Nada mais longe da realidade.

O Dr. Fraga é inimigo figadal declarado dos lusistas na Galiza. O que ficou claro é que o ilustre Presidente fala de um lado da boca ao Norte do Minho e do outro ao Sul do belo rio: um discurso antilusista, habitual, em Santiago, e outro, pelo menos agora, *insólito*, em Lisboa.

Temos confiança de que num dia não longínquo e por todas as razões de toda a índole que ele sabe tão bem — ou melhor do que nós — este segundo discurso deixe de ser *insólito* para se tornar em habitual de ambos os lados do Minho — e de ambos os lados da boca do Sr. Presidente da *Junta da Galiza* [sic].

Tudo isto trouxe-nos à memória outro episódio, do mesmo género, que teve como protagonista nada menos que o Generalíssimo D. Francisco Franco Bahamonde, Caudillo de España por la Gracia—¹⁵² de Dios. Seria óbvio lembrar até que ponto ferino o Caudilho considerava as culturas periféricas de carácter diferenciado como daninhas para *la sagrada unidad de la Patria*. O que tinha por corolário que a eliminação draconiana das línguas catalã, basca e galega era ineludível para a criação da *España una, grande y libre*, que gloriosamente haveria de ressurgir das cinzas fumegantes da *Cru-* [p. 191] *zada*. Que trouxe como consequência a sanguinolenta ceifa realizada na nossa Terra contra todos aqueles que militavam, ou mesmo tivessem manifestado simpatia

¹⁵¹ Núm. 1.226.

¹⁵² NOTA DO EDITOR:

Nas moedas apenas tinham gravado *Caudillo de España por la G. de Dios*, o qual ainda me põe em confusões por me sentir incapacitado de achar um G na palavra *Dios*.

pela afirmação da língua e dos valores culturais do *ethos* galaico. Vêm logo à mente os nomes de alguns dos mártires vitimados pelo furor unitarista: Alexandre Bóveda, Ángel Casas, os irmãos Gerardo e Dario Álvares Limeses — e tantos outros: a lista é longa.

Torna-se evidente que o Generalíssimo, por educação, por profissão e por convicção considerava o galego — independentemente da sua significação política — como um rude *patois*, de gente iletrada, principalmente camponesa, impróprio para uso das pessoas *educadas*. Língua que ele, até aos 15 anos — terna idade com que partiu para a Academia de Infantaria, de Toledo — só teria ouvido de lábios dos serviçais do lar materno, ou de peixeiras e vendedeiras. Alheio a preocupações intelectuais, com certeza ignorava tudo quanto se referisse ao *Rexurdimento* da literatura e cultura galegas — nessa altura já bastante desenvolvido. Talvez conhecesse, de ouvido, o nome de Rosalia, mas é improvável que a tivesse lido, nem sequer folheado; pois é sabido que a cultura humanística de Franco, mesmo em castelhano, era rudimentar.

O assunto histórico que serve de pano de fundo para o interessante — e pouco conhecido — incidente que passamos a relatar é o chamado *Pacto Ibérico*¹⁵³ ou *Bloco Peninsular*, que de 1939 até ao fim da II Guerra Mundial aproximou os Regimes de Espanha e Portugal num *Tratado de Amizade e não-Agressão* que tinha em vista ajudar as duas nações vizinhas a definir e manter as suas respectivas neutralidades — que foram para os dois Ditadores, dois difíceis equilíbrios de corda bamba.

Os contatos diplomáticos relativos a esse *Tratado* culminaram num primeiro encontro dos dois *homens-fortes*, em Sevilha, onde Salazar foi recebido por Franco, em 13 ou 13 de Fevereiro de 1942. Em Dezembro, este envia o seu novo Ministro dos Negócios Estrangeiros a Lisboa. E no outono de 1949 ele próprio fez uma visita de grande espectáculo a Portugal: entrou no Almirante Cervera, Tejo acima, desembarcando no Terreiro do Paço com toda a *pompa e circunstância*, indo depois a Coimbra para receber da Universidade um *Doutorado Honoris Causa em Ciência Jurídica*, etc., etc., etc.

Não são, porém, estes aspectos aparatosos destas visitas oficiais o que aqui nos interessam. Interessa-nos, isto sim, um pequeno acontecimento linguístico do encontro dos dois Ditadores que passou despercebido da grande maioria dos cronistas destas entrevistas e mesmo dos biógrafos, numerosos, destas duas figuras históricas. Mas que, curiosamente, foi registado — e posto em destaque — pelos dois biógrafos de língua inglesa mais categorizados do Cau-

¹⁵³ NOTA DO EDITOR:

Vid. Ángel Rivero (2010), "Espanña, Portugal y los falsos amigos" in *Relaciones Internacionales* núm. 13 (febrero) pp. 87-103.

Online: <http://www.relacionesinternacionales.info/ojs/article/view/195.html>.

Também Belén Rodrigo (2013), "Franco y Salazar, una relación de conveniencia" in ABC 31 de julho.

Online: <http://www.abc.es/espana/20130721/abci-franco-salazar-relacion-conveniencia-201307201249.html>

dilho¹⁵⁴. Ambos autores são em geral objectivos — embora ambos manifestem uma certa simpatia pelo biografado. Os dois livros apareceram em 1967 e contaram com a colaboração, e a aprovação, do Regime — oito anos antes de Franco abandonar este mundo, e o Poder.

[p. 192] Hills faz a crónica da entrevista em Sevilha. E depois de considerar as respectivas razões político-diplomáticas do encontro, e informar-nos de que Salazar se tinha deslocado a Sevilha a convite do Generalíssimo e de que Serrano Suñer (que nessa data era ainda Ministro dos Negócios Estrangeiros) estava presente — fornece este pormenor:

Franco spoke to Salazar in Galaico-Portuguese which Serrano could ill understand. The cuñadísimo complained to his friends that he felt absolutely “on my own”¹⁵⁵.

Estes factos são confirmados por Crozier nestes termos:

Dispensing with an interpreter, Franco talked to Salazar in his native Gallego dialect, which is so close Portuguese that communication was easier than ins usually between Iberians of different nationality¹⁵⁶

Ficam claros, sem sombra de dúvida, vários factos importantes:

- 1.º que o Generalíssimo, coisa surpreendente, sabia falar galego;
- 2.º que fez espontaneamente uso do vernáculo nas suas entrevistas com Salazar;
- 3.º que evidentemente pensava que o galego e o português eram praticamente a mesma língua;
- 4.º que considerou que empregando o galego em vez do espanhol criava no seu relacionamento com o líder luso um clima de intimidade linguística que favorecia o seus objetivos diplomáticos.

Além de permitir-lhe, como um dividendo adicional, distanciar o seu Ministro de Estado, representante das tendências filo-Nazis na Corte franquista¹⁵⁷. Temos, porém, de supor que esse inesperado impulso por parte de Fran-

¹⁵⁴ Brian Crozier, *Franco*, Boston-Toronto, Lit le, Brown & Co., 1967, 190 págs. Versão castelhana: *Franco, historia y biografía*, Madrid, Col. Novelas y Cuentos, 1970.

George Hills, *Franco. The Man and his Nation*, New York, The MacMillan Co., 1967, 464 págs.: Versão castelhana: *Franco. El hombre y su Nación*, Madrid, San Martín, 1975.

¹⁵⁵ *No encontro, Franco dirigiu-se a Salazar em galaico-português, que Serrano [Suñer] mal podia perceber. O cuñadísimo queixou-se aos seus amigos que se tinha sentido totalmente posto de parte.* (Op. cit. págs. 355-356)

¹⁵⁶ *Dispensando um intérprete, Franco dirigiu-se a Salazar no seu nativo dialecto galego, que é tão próximo do português que a comunicação foi muito mais fácil do que normalmente é entre ibéricos de diferente nacionalidade* (Op. cit. Pág. 599) Hill, linguisticamente mais bem informado do que Crozier, não se refere ao galego como dialecto na ivo, senão como galaico-português. Anteriormente (págs. 19-20) já tinha informado o leitor de que a língua falada na Galiza era uma língua românica, com uma antiga e refinadíssima tradição lírica, superior às do resto da Europa.

¹⁵⁷ Que viria a ser afastado do Gabinete do Caudilho antes de findar esse ano de 1941.
Já em nota de rodapé assinala o Professor:

co, de dar estatuto diplomático a uma língua pela que ele devia de nutrir profundo despreço classista, foi com certeza uma manobra da raposia que o caracterizava. Teve consciência de que Salazar apreciaria favoravelmente a dispensa de intérprete e a mudança para o galego como um acto de aproximação amiga, como, aparentemente, de facto aconteceu.

Ora, seja como for a interpretação que se queira dar à motivação psíquica do acto, ela não destrói os factos acima enumerados — que hoje, em visão retrospectiva, — temos que qualificar — com os critérios dos sequazes do Dr. Fraga Iribarne na *Xunta de Galicia* — de lusismo. Nesse dia de Fevereiro de 1942, Franco comportou-se como um *lusista avant la lettre*, mas lusista à mesma. E *insólito*, como foi o Presidente da *Xunta* há poucos dias em Lisboa.

Em relação a ambos quadra aqui bem o ditado popular do Madrid dos meus anos moços — tirado da proverbial *Biblia en verso* do Padre Carulla¹⁵⁸:

*Jesucristo nació en un pesebre
— donde menos se piense, salta la liebre!*

Irreverente, mas certíssimo!

Lisboa, 13 de Junho / 94

Ambos biógrafos indicam a fonte donde tiraram o incidente em causa [*Documents secrets du Ministère des Affaires Étrangères de l'Allemagne*, Paris, 1947, 1955. Trad. Eristov], onde se reflectem as conversas havidas entre Serrano Suñer e o Embaixador do Reich, Eberhard von Stohrer. O Ministro espanhol informava regularmente o Embaixador alemão de todas as actividades internacionais do Governo, tanto as públicas como as secretas.

¹⁵⁸ NOTA DO EDITOR:

José Maria Carulla (Igalada – Barcelona 1836-1912) não foi padre, mas advogado, católico fervente, que mereceu ser assessor do papa Pio IX e receber uma importante distinção papal. Entre outras obras, a que lhe deu mais fama foi o intento de pôr em verso a *Biblia*; conseguiu-o com quatro dos sessenta e dois livros sagrados. O resultado foi díspar, porque os rípios e mesmo a sintaxe nos seus versos fizeram com que popularmente a monumental empresa “literário-piedosa” fosse objeto de brincadeiras e piadas até a expressão *la Biblia en verso* ser usada para se referir a comentários sem grande sentido.

Online: <http://manuelblasmartinezmapes.blogspot.com/es/2007/12/personajes-carulla-y-la-biblia-en-verso.html> ou <http://www.1de3.es/2004/09/11/biblia-en-verso/>